

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Fernando Seffner

**DERIVAS DA MASCULINIDADE:  
REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E DIFERENÇA  
NO ÂMBITO DA MASCULINIDADE BISSEXUAL**

Porto Alegre  
2003

Fernando Seffner

**DERIVAS DA MASCULINIDADE:  
REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E DIFERENÇA  
NO ÂMBITO DA MASCULINIDADE BISSEXUAL**

Tese de Doutorado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Guacira Lopes Louro

Porto Alegre  
2003

Fernando Seffner

**DERIVAS DA MASCULINIDADE:  
REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E DIFERENÇA  
NO ÂMBITO DA MASCULINIDADE BISSEXUAL**

Tese de Doutorado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 24 de outubro de 2003.

---

Profª Drª Guacira Lopes Louro, Orientadora – UFRGS. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

---

Prof. Dr. Richard Guy Parker – Columbia University / New York - Program on Gender, Sexuality & Sexual Health in Latino Communities & Cultures - Center for Gender, Sexuality & Health - Department of Sociomedical Sciences - Mailman School of Public Health.

---

Profª Drª Vera Paiva – USP. Instituto de Psicologia. Núcleo de Estudos para Prevenção da Aids.

---

Prof. Dr. Veriano Terto Júnior – UFRGS. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia. Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde. Professor Visitante.

---

Profª Drª Dagmar E. Estermann Meyer. UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Educação. Grupo de Estudos em Educação e Relações de Gênero.

## AGRADECIMENTOS

---

A escrita da tese significou para mim, como imagino para quase todos que se aventuram nesta trilha, um considerável esforço pessoal, pontuado por momentos de indecisão, vontade de desistir, de modificar tudo, de trocar de tema ou de referencial teórico, de adiar, de sentir-se pequeno frente à magnitude da tarefa. Mesmo os elogios dos colegas e amigos, em frases do tipo “que belo tema tens, imagino o belo trabalho que poderás fazer” me provocavam calafrios. Se cheguei ao final, com certeza não foi sozinho, mas amparado por uma rede de pequenos e grandes auxílios, na qual se contam muitos personagens, que quero aqui agradecer.

A parte mais complicada – não a mais difícil, simplesmente complicada – de todo este trabalho foi feita antes de ingressar no Programa de Pós Graduação em Educação, e consistiu na aproximação ao conjunto de homens bissexuais, e no estabelecimento de uma relação produtiva e de confiança com cada um deles. O auxílio financeiro e o clima de colaboração intelectual proporcionados pela bolsa do Programa de População da MacArthur Foundation, no período 1995/1999, foram fatores indispensáveis para a realização da tarefa. De toda forma, ela não teria sido possível sem a ajuda do Marquinhos (Marcos Renato Benedetti), mais que bolsista um parceiro de pesquisa. Richard Parker, que foi meu primeiro orientador nesta bolsa da MacArthur, e posteriormente co-orientador, também membro da banca de avaliação do projeto de tese e professor nas disciplinas cursadas no Instituto de Medicina Social da UERJ teve grande influência na definição das principais questões de pesquisa, bem como Vera Paiva, minha segunda e até hoje mentora. Por caminhos diferentes, continuei ao longo destes anos a me beneficiar de sua amizade e companhia intelectual. Também Sônia Corrêa e Jurandir Freire Costa, nos encontros anuais promovidos pela MacArthur Foundation, contribuíram com preciosas sugestões, mas a nenhum deles devem ser creditados os erros e equívocos que porventura aqui se encontram. O convívio com os colegas bolsistas da Fundação, especialmente José Ricardo Ayres e Wilza Vilela, ajudou a resolver inúmeros impasses da pesquisa.

Já no Programa de Pós Graduação em Educação da UFRGS, minha dívida principal é para com a professora. Guacira Lopes Louro, minha orientadora, que contribuiu de muitas e suaves formas para que eu realizasse um trabalho original e criativo, o que creio ter consegui-

do. Mais do que isso, sua orientação levou-me a ingressar em novos territórios de conhecimento, novos modos de pensar e novos métodos de trabalho, bastante desafiadores para quem vinha de um pensamento marxista militante. Também os colegas do grupo de orientação, em particular Alex, Rosângela, Cláudia, Ruth, Rosemary, Jimena e Cíntia colaboraram com preciosas sugestões na definição de temas e recortes, e a eles e elas sou muito agradecido. Com certeza, afirmações, pensamentos, pedaços de frases quando não frases inteiras desta tese foram inspiradas nos debates nos encontros do grupo de orientação. No momento da defesa do projeto de tese, pude contar também com as observações preciosas dos professores Tomaz Tadeu da Silva e Dagmar Estermann Meyer.

O estudo, a leitura e a redação desta tese aconteceram em numerosos locais, mas especialmente na casa de praia gentilmente cedida por Maria Helena e Mário, onde pude passar momentos de tranquilidade e leitura intensas. Da mesma forma, desfrutei da possibilidade de escrever partes deste trabalho na casa de praia de Maria Stephanou e na casa de Arcanjo Pedro, locais onde já uma tese havia sido escrita, e dali pude tirar boas energias.

Agradeço a UFRGS, em especial a chefia e aos meus colegas do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação, pela licença de dois e meio anos, e agradeço especialmente às minhas colegas mais próximas, do Mnemosyne, pela substituição nas minhas atividades: Maria Stephanou, Maria Aparecida Bergamaschi, Simone Valdete dos Santos e as professoras substitutas Sônia Marques, Hilda Jaqueline e Gabriela Rodrigues.

Sem bibliotecárias, o trabalho científico seria impossível, especialmente a feitura de uma tese. Quero agradecer a Joaquina Sene, bibliotecária da FAPA, Rosane Hammel, bibliotecária do UNILASALLE, Iara e Eroni, do Núcleo de Integração Universidade & Escola, pela dedicação incansável em obter livros e selecionar bibliografias para mim, e a Maria Amazília da biblioteca da Faculdade de Educação pela revisão do texto.

Ao longo dos últimos anos, venho mantendo um produtivo vínculo de pesquisa com o UNILASALLE, tendo-me beneficiado da estrutura e da boa vontade dos funcionários e funcionárias que ali trabalham. De maneira direta, agradeço aos bolsistas de iniciação científica e aperfeiçoamento Maria Erotides, Carlos Eduardo Ávila, Voldinei Vargas e Jairo Hepp Drews, e de maneira indireta aos demais colegas professores e funcionários, que se mostraram sempre prestativos em resolver todo tipo de problemas.

Desde o início desta pesquisa, ainda sob a forma de uma bolsa da MacArthur Foundation, tive a oportunidade de ser convidado a participar em numerosos seminários, encontros e cursos promovidos pela ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar da Aids, que se constituíram em momentos de troca de experiências muito importantes, e agradeço a Carlos Passarelli, Jane Galvão, Aline, Juan Carlos, Cristina e Wilma pelo auxílio em diversos períodos. Sobretudo agradeço a Veriano Terto, que além de coordenar a ABIA, posteriormente tornou-se mais um morador de Porto Alegre, possibilitando longas e produtivas conversas.

Ao longo da escrita desse trabalho, o estudo dos temas da identidade e da masculinidade mexeram comigo, e tive a ajuda da terapeuta de muitos anos Salete Jacques, a quem devo certa tranqüilidade emocional necessária ao bom andamento do trabalho. A rede de amigos na qual estou inserida também facilitou em muito a vida neste período, ora lembrando que a vida não se resume à escrita de uma tese, ora perdoando as sucessivas ausências minhas em encontros, ora estimulando a continuidade da tarefa. Agradeço em especial àqueles amigos que, embora o afastamento por longos períodos, continuam mantendo a disposição do encontro e da troca. Em particular, agradeço o convívio divertido e afetivo com Beto Zambonato e Gustavo.

Um agradecimento e um pedido de desculpas vai para Ricardo, que não conseguiu desfrutar de sua identidade de filho tal como gostaria, pelos prolongados períodos em que o pai esteve ocupado em estudos e seminários, e também para Gustavo, que igualmente não desfrutou de sua identidade de sobrinho. A Cláudio e Lourdes, pai e mãe, agradeço a disponibilidade generosa e contínua em resolver uma série infindável de pequenos problemas da minha vida cotidiana, possibilitando que eu alargasse as horas dedicadas ao trabalho acadêmico.

O maior agradecimento vai para os numerosos homens, e também algumas mulheres, que se dispuseram a falar acerca de suas vidas, relatando tudo o que lhes foi solicitado, no âmbito desta investigação. Sem essa disposição pessoal, mesmo protegida pelo anonimato, esse trabalho de tese teria sido impossível de ser escrito.

Imbé, setembro de 2003.

**A**o escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou que sabemos mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância *e que transforma um no outro*. É só deste modo que somos determinados a escrever. (DELEUZE, 1988, p. 18, grifo do autor)

## RESUMO

---

O objetivo desta pesquisa é tratar das identidades vinculadas às representações da masculinidade bissexual, a partir de material coletado num período de tempo bem marcado – 1995 a 2000 –, num espaço delimitado – Brasil – e através de uma forma específica – uma rede postal integrada por homens informantes espalhados em numerosas cidades do país. A análise do material é feita dentro do paradigma do construcionismo social, e tomando como referência as construções culturais de gênero, sexo, sexualidade, identidade, representação e masculinidade, que auxiliam a entender a situação não apenas dos indivíduos que vivem esta particular forma de masculinidade, mas a sexualidade de forma ampla. A ancoragem teórica desta investigação situa-se nos campos dos estudos culturais, dos estudos de gênero e do pós-estruturalismo, que justamente propiciam a construção de explicações sobre a sexualidade não restritas ao referencial biológico e psicológico, e radicam suas análises no campo cultural, entendendo a cultura como um horizonte de luta por representações e significações. Todo esse esforço de compreensão é trazido ao campo da educação, uma vez que nesta área as reflexões sobre identidade e representação são estratégicas, pois que a construção da identidade é sempre fruto de pedagogias postas em ação, no caso aqui, as chamadas pedagogias da sexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** masculinidade bissexual – identidade cultural – representação – sexualidade – gênero.



## ABSTRACT

---

The present thesis has as its aim the study of identities associated to the bisexual masculinity representation, from material assembled within a determined period of time – from 1995 to 2000 – in a particular location – Brazil – and through a specific system – a postal network composed of informant men spread through several cities in the country. The analysis of the material is done within the social constructional paradigm, considering the cultural constructions of gender, sex, sexuality, identity, representation and masculinity, which help understand the situation not only of the individuals who live according to this particular masculinity approach, but sexuality in a wide way. The theoretical foundation of this investigation lies on several fields such as cultural studies, gender studies and post-structuralism, which properly enable the construction of explanations for the non-biological or non-psychological sexuality and consolidate their analyses on the cultural field, seeing culture as a horizon of representation and signification struggle. All this effort of comprehension is brought into the educational field, since the pondering on identity and representation is strategic in this area, inasmuch as the construction of identity is always the result of the pedagogy in practice, in this case the so-called pedagogy of sexuality.

KEY-WORDS: bisexual masculinity – cultural identity – gender – sexuality – representation.

## SUMÁRIO

---

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	10
<b>2 DO CAMINHO, DA APROXIMAÇÃO E DO MÉTODO</b> .....	16
<b>3 A CONSTRUÇÃO DA REDE BIS-BRASIL</b> .....	21
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS FONTES DE PESQUISA</b> .....	36
<b>5 A MASCULINIDADE BISSEXUAL: MUITAS FORMAS DE DIZER</b> .....	42
5.1 DA PSICANÁLISE E DA BIOLOGIA, DAS FIGURAS MÍTICAS E DAS FÁBULAS .....	45
5.2 CIRCULAÇÕES DA BISSEXUALIDADE EM VÍDEO E TELEVISÃO .....	55
<b>6 INVESTIGAÇÕES SOBRE A BISSEXUALIDADE MASCULINA NO BRASIL</b> .....	59
<b>7 PÓS-ESTRUTURALISMO, IDENTIDADE CULTURAL, REPRESENTAÇÃO, DIFERENÇA E DISCURSO</b> .....	73
<b>8 IDENTIDADE CULTURAL, REPRESENTAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE</b> ...	99
<b>9 GÊNERO, SEXUALIDADE E IDENTIDADES MASCULINAS</b> .....	120
<b>10 MASCULINIDADES, MASCULINIDADE BISSEXUAL</b> .....	146
<b>11 DOS MODOS DE REPRESENTAR A MASCULINIDADE BISSEXUAL</b> .....	167
<b>12 A MASCULINIDADE BISSEXUAL COMO INDEFINIÇÃO, AMBIGÜIDADE OU FASE TRANSITÓRIA</b> .....	173
<b>13 A MASCULINIDADE BISSEXUAL COMO SEXO DO FUTURO</b> .....	194
<b>14 A MASCULINIDADE BISSEXUAL COMO MASCULINIDADE INTENSIFICADA</b> .....	209
<b>15 A MASCULINIDADE BISSEXUAL COMO ESTRATÉGIA DE AMIZADE MASCULINA</b> .....	224
<b>16 CONCLUSÕES</b> .....	239
<b>17 REFERÊNCIAS</b> .....	250

## 1 APRESENTAÇÃO

---

A função desta apresentação é fornecer ao leitor uma visão ampla do caminho que foi percorrido na escrita dessa tese, facilitando a leitura das seções que seguem. Esta tese trata de investigar os processos de construção de representações acerca da masculinidade bissexual, bem como mecanismos de produção da identidade e da diferença entre homens que mantêm relações afetivas e sexuais com homens e mulheres, nomeados aqui como homens bissexuais.

A partir de uma diversidade de materiais coletados no âmbito de uma pesquisa financiada pela MacArthur Foundation (1995-2000), abordo aqui o estudo das representações e das identidades produzidas no campo da masculinidade bissexual. Desta forma, e seguindo posição tomada por outros autores nas pesquisas no terreno da sexualidade, “não pretendo discutir o comportamento sexual em si. Basicamente estou, neste momento, interessado em discutir o que é que as pessoas dizem que fazem e o que acham que deveria ser feito e menos preocupado com o que as pessoas fazem de fato” (FRY, 1982, p. 88-89). Portanto, abandono, já de início, qualquer pretensão em “desvendar” o “verdadeiro” comportamento sexual de homens bissexuais no Brasil, e admitimos a possibilidade de numerosas representações acerca do mesmo comportamento, concorrentes ou concordantes.

O objetivo aqui é aprofundar reflexões não somente sobre a masculinidade bissexual, mas sobre a identidade e sexualidade masculinas de uma maneira mais ampla, ao mesmo tempo em que se tenta perceber as diferentes pedagogias da sexualidade que são postas em ação para a construção de uma forma particular de masculinidade. Justamente o tema da masculinidade bissexual parece propiciar isto, porque se apresenta como um espaço de transitoriedade com relação a diversas questões do mundo masculino, especialmente aquelas que envolvem relações de poder: quem é ativo e quem é passivo; quem é heterossexual, homossexual ou bissexual, e quais os diferenciais de poder aí existentes; quem busca um outro homem para manter relação sexual, e quem é buscado/procurado; quem é casado e quem é solteiro; quem mantém relações com outro homem na presença de uma mulher, e quem mantém relações exclusivamente entre homens; quem “*assume*” isso em casa, e “*a esposa participa*”, ou quem “*não assume*”, e “*a esposa não participa*”; etc. Em outras palavras, a masculinidade bissexual

é boa para pensar e questionar a masculinidade hegemônica e a heteronormatividade, e a partir delas as diversas formas de construção da identidade.

Buscando dar conta do objetivo acima explicitado, esta tese estrutura-se em três grandes partes, cada uma com um número variável de seções. A primeira parte corresponde, grosso modo, a “palavra dos outros” (quando se trata do “objeto bruto”) e a “primeira palavra do autor” (quando abordo minha aproximação ao tema, quando eu também era um outro), e engloba as seções numeradas de dois a seis. Na segunda parte, onde se alinham as seções numeradas de sete a dez, procuro entender, interpretar e me apropriar da palavra dos autores com quem compartilho paradigmas e posições teóricas e metodológicas. Nesta segunda parte, à medida que as seções se sucedem, vou cada vez me autorizando mais como autor, e termino apresentando minha definição de masculinidade bissexual, a categoria teórica criada para designar o tema de pesquisa. A terceira parte é dedicada, enfim, inteiramente à “palavra do autor”, quando se apresentam quatro grandes representações que estruturam o conceito de masculinidade bissexual, agrupadas nas seções numeradas de onze a dezesseis.

Pensada de uma forma tradicional, cada uma destas partes pode ser compreendida como a revisão da bibliografia (as seções da primeira parte), o referencial teórico (as seções agrupadas na segunda parte) e a apresentação dos dados empíricos comentados (seções da terceira parte e mais as conclusões), seguida, é claro, da bibliografia. Embora guarde muito dessa estrutura, na medida do possível busquei fugir do clássico esquema em que a teoria é apresentada nas primeiras seções, e depois esquecida, ou que os dados “empíricos” são apresentados apenas do meio para o final. Para tanto, utilizo, desde o início, informações colhidas no âmbito da Rede Bis-Brasil, e faço discussões teóricas ao longo de todas as seções. Dada a diversidade de fontes de estudo, estas se encontram apresentadas e discutidas em seção própria, onde também foi possível efetuar uma comparação com as fontes utilizadas em outras investigações acerca do mesmo tema.

Esta não é uma tese preocupada centralmente com a questão da aids, mas a doença ronda o trabalho e o texto em muitos momentos, tendo inclusive fornecido o motivo inicial de interesse pelo tema e de construção da Rede Bis-Brasil, a principal origem da maior parte das informações aqui analisadas. Isto se explica pelo fato de que grande parte do interesse que a masculinidade bissexual atualmente desperta está associado à disseminação da aids, na qual os homens bissexuais teriam desempenhado – ou ainda estariam desempenhando, conforme a

versão – o papel de vetores da infecção. Mas numerosos outros motivos apontam para um certo sucesso de mídia da bissexualidade, em especial a masculina, em suas vinculações com a idéia de “sexo do futuro”.

A nomeação de práticas sexuais, a produção de “sujeitos sexuais”, a identificação de novas doenças sexualmente transmissíveis, enfim, a “invenção da sexualidade”, é um processo que opera de modo constante na sociedade, e no qual cada um de nós pode funcionar ora como sujeito, ora como objeto. A progressiva visualização de sujeitos e práticas bissexuais é apenas um dos componentes desse processo, e que vai ser aqui problematizado, mas com certeza não de modo exaustivo. O processo de “entronização da sexualidade”, conforme já demonstrado por Foucault (1985a, 1985b), teve início em um período histórico bem determinado, e talvez possamos assistir, no futuro, ao esgotamento dessa categoria, conforme alerta Weeks (1999). A visualização dos sujeitos sexuais está acompanhada de um processo de produção e de controle (FOUCAULT, 1977), e neste trabalho essa tensão também está presente. É a tensão do “conhecer para controlar”, especialmente se levarmos em conta que o processo de investigação que deu origem a esta tese partiu de uma questão epidemiológica clara: os homens bissexuais como importantes vetores de transmissão do HIV. O problema dessa tensão não se dá tanto no nível da apropriação do texto, mas no nível da produção, na percepção da situação em que me vi muitas vezes a pesquisar aquilo que reiteradamente me era perguntado sobre o tema, e apenas lentamente pude principiar a formular questões próprias de pesquisa, e construir respostas próprias.

Neste trabalho, resisto ao máximo a responder a pergunta “o que é?”, bem como em investigar exaustivamente “o que causou isto?”, perguntas clássicas que em geral aparecem nas pesquisas sobre sexualidade, especialmente quando o que está sendo investigado é uma modalidade sexual percebida como divergente do suposto padrão normal. Mais do que saber o que “causa” a bissexualidade destes homens, o que me interessou foi perceber de que forma eles dizem viver este desejo, de que estratégias lançam mão para construir a satisfação do desejo em suas vidas. Trata-se de saber como os indivíduos se narram, como dizem de si, como se representam e se nomeiam, como contam histórias e descrevem cenas e situações que lhes parecem importantes, quando perguntados sobre seus modos de viver a masculinidade bissexual. Também se busca saber como outras instâncias representam estes sujeitos. Importa saber mais das aproximações ou não com a homossexualidade, ou com os modelos da masculinidade hegemônica, do que propriamente saber o que causou tal ou qual comportamento, embora

esta pergunta apareça nos materiais de que dispomos, e vou para ela apresentar possíveis respostas ensaiadas pelos próprios sujeitos.

Tratando-se de uma modalidade de viver a masculinidade considerada divergente, esta tese se vê envolvida em questões como: o que há de transgressivo na vivência da masculinidade bissexual? Será mesmo que a masculinidade bissexual corresponde a uma possibilidade mais ampla, mais intensa e mais erótica de exercício da vida sexual? Será que a bissexualidade é de fato a superação das barreiras todas da sexualidade? Como se sentem os homens que se acreditam bissexuais frente a estes discursos? Porque a masculinidade bissexual é exaltada e demonizada, quase ao mesmo tempo? Procuo me manter o mais possível dentro do tom da análise cultural, articulando os discursos que provém de diferentes instituições e práticas sociais, para construir um quadro, este sim de minha autoria, no qual organizo as informações coletadas. Evito, a todo custo, o tom de diagnóstico de quem explica o depoimento de um sujeito em particular, extraindo dali uma verdade escondida desde sempre.

Esta tese ancora-se na área de educação por, pelo menos, três motivos diferentes. O primeiro deles é por abordar os conceitos de identidade e representação, centrais em qualquer processo educativo, tendo-se presente que os processos educativos são formadores de identidades, e não simplesmente mediadores. A pedagogia visa formar indivíduos, lida, portanto, diretamente com identidades e representações. A identidade aqui é sempre identidade cultural, mesmo quando não está assim adjetivada no texto. Em segundo lugar, a abordagem dos temas do gênero e da sexualidade – no presente caso, gênero e sexualidade masculina – permite gerar dados e informações que subsidiem a educação sexual, onde o tema da diferença sexual é sempre tomado como um “problema”, em particular quando se fala da homossexualidade, e onde a masculinidade bissexual nem sequer é comentada. Em terceiro lugar, considerando que a preocupação central na criação e organização da Rede Bis-Brasil foi com a vulnerabilidade dos homens bissexuais à aids, esta tese, ao refletir sobre esta experiência de organização, insere-se também no campo da educação em saúde, em especial quando trata de investigar as representações e suas conseqüências para os agravos de saúde.

Aquilo que eu chamo de “tese propriamente dita” corresponde fortemente à já definida terceira parte, onde está a “novidade”, a criação conceitual que foi possível construir articulando teoria e informações coletadas no âmbito da Rede Bis-Brasil. É nesta parte que espero ter demonstrado familiaridade com o conhecimento disponível na área, intimidade no manejo

dos conceitos, qualificação para estabelecer uma problemática e maneiras originais de operar com o tema. Imagino também que é nesta parte da tese que o leitor encontrará novos conhecimentos sobre o tema, e ficará – talvez – surpreendido. É nela que imagino ter conseguido fazer uma análise teoricamente argumentada da fala dos informantes, e uma proposição de organização do material que tenha coerência interna e validade para o avanço do conhecimento na área. É também nesta parte que ficam mais claras as respostas que tenho para os dois grandes problemas enfrentados por esta tese: um de natureza mais propriamente conceitual, que diz respeito a verificar como se comportam os conceitos de identidade cultural, diferença e representação para pensar a questão que escolhi, e outro que corresponde a um problema mais propriamente “prático”, que diz respeito a fornecer novos elementos para pensar a masculinidade bissexual no Brasil.

Ainda antes de passar à leitura do trabalho por inteiro, creio ser interessante levantar alguns conjuntos de perguntas para os quais imagino aqui se encontrem respostas, embora por vezes apenas respostas parciais. Um primeiro conjunto de perguntas diz respeito à questão: como, em nossa sociedade, tem-se constituído o lugar social da masculinidade bissexual, ou do homem bissexual? Ou, perguntado de outra forma: que discursos são feitos sobre esse lugar, ou sobre esta posição de sujeito? Como esses discursos posicionam os homens que praticam a bissexualidade? Tendo em conta o material de que disponho, esta questão pode ser respondida por duas abordagens principais, a primeira que leva em consideração o discurso da mídia, e a segunda que leva em consideração o discurso médico. Que representações da masculinidade bissexual têm sido postas em circulação pela mídia e na Internet? Para responder a essa indagação busco como fonte o acervo de artigos de jornais e revistas (tanto impressas como eletrônicas), bem como as anotações do diário de campo relativas a programas de TV (por exemplo, uma edição do Globo Repórter) e os materiais fruto de navegação por sítios na Web. Em relação à questão das representações de identidade masculina bissexual construídas pelo discurso médico, em especial aquele relacionado à aids e a epidemiologia das DSTs, é possível valer-se de entrevistas feitas com médicos, profissionais de saúde e autoridades de vigilância sanitária.

Um segundo conjunto de perguntas diz respeito à questão: o que dizem sobre a masculinidade bissexual seus próprios praticantes, ou seja, os associados da Rede Bis-Brasil? Que representações de bissexualidade circulam entre esses informantes? Que representações de masculinidade? Um terceiro conjunto de perguntas poderia ser: o que dizem da masculinidade

bissexual os indivíduos que se identificam como homossexuais? De que modo a cultura da homossexualidade, reconhecidamente mais sólida do que aquela da masculinidade bissexual, processa a relação com os homens bissexuais?

Esses conjuntos de questões – e ainda outras que estão construídas ao longo do estudo – parecem encaminhar para uma indagação mais ampla, qual seja, a de se existe uma *identidade* masculina bissexual. Trata-se de saber se – e como – os sujeitos se reconhecem neste lugar, o que implica reconhecer-se como um homem bissexual. Perguntado de outra forma, a questão mais abrangente desta pesquisa é: existe uma identidade masculina bissexual? Esta questão permite discutir as diferentes representações da masculinidade bissexual, qualificando as instâncias que possibilitam a construção das identidades culturais a elas associadas, entendendo-se a identidade cultural como uma posição de sujeito (HALL, 2000), fruto de um conjunto de interpelações.

Por fim, um alerta e uma confissão: estou consciente de que meu texto é repetitivo em muitas partes, ou seja, caracteriza-se por uma retomada constante das questões. Procurei fazer estas repetições, ou retomadas, de forma a acrescentar sempre algo novo, procedendo por acréscimos de conhecimento. Entretanto, estou ciente de que a repetição foi, pelo menos para mim, necessária, configurando uma estratégia de aproximação ao referencial dos Estudos Culturais e do pós-estruturalismo, que representam paradigmas muito diferentes da tradição marxista onde estive inserido nos anos anteriores, tanto na face da militância quanto naquela da produção teórica.



## **2 DO CAMINHO, DA APROXIMAÇÃO E DO MÉTODO**

---

**G**rande parte daquilo que um indivíduo pode saber sobre um determinado tema está relacionado aos caminhos que o conduziram até este tema, e também aos caminhos por ele trilhados “dentro” do tema. Caminho pode ser também uma metáfora para falar do método de trabalho. Falar sobre o caminho implica falar também um pouco sobre quem caminhou, sobre o autor da caminhada. Coerente com essas afirmativas, explico nesta seção um pouco do meu interesse pelo tema da masculinidade bissexual, como ele se gestou, e de que forma foi possível dedicar-me a ele a ponto de montar uma rede de homens bissexuais em todo o Brasil. Tratar disso insere-se também na tentativa de ser crítico, entendido aqui o termo crítico como a capacidade de analisar as condições do meu próprio conhecer e dizer sobre a masculinidade bissexual.

Minha dissertação de mestrado foi feita no período 1992 a 1995, investigando trajetórias de vida de indivíduos soropositivos. Durante aqueles anos todos, coordenei as atividades de um grupo de mútua ajuda para soropositivos, que funcionava na sede do GAP/RS - Grupo de Apoio à Prevenção da Aids, em Porto Alegre. Ao iniciarmos as atividades, em março de 1992, o grupo compunha-se majoritariamente de homossexuais e de algumas mulheres. A partir de meados de 1993, principiaram a participar nele também alguns homens heterossexuais. Instados pelo grupo a contar como haviam se infectado pelo HIV, estes homens apresentavam sempre duas histórias bem marcadas. Ou eram usuários de drogas injetáveis, haviam se infectado pelo compartilhamento de seringas com os companheiros da “roda de pico”, e falavam disso abertamente e com facilidade, ou eram homens que tinham uma certa dificuldade em explicar sua infecção, negando-se a comentar o assunto, ou então contando histórias com algumas passagens nebulosas. Exemplo disso foi o relato de um bancário casado, que explicou, logo no primeiro encontro em que participou do grupo, que havia se infectado por ter “transado” com uma antiga namorada, com quem havia se encontrado diversas vezes, há dois verões atrás, enquanto sua esposa estava com a filha na praia. Entretanto, logo no encontro seguinte do grupo, ele afirmou que sempre usava o preservativo quando mantinha relações extra conjugais, mas que algumas vezes o preservativo prevenia a gravidez, mas deixava passar o vírus HIV, e era isto que tinha acontecido com ele. Esta explicação, claramente em desacordo com o que se conhece sobre os modos de infecção pelo HIV, foi rejeitada pelos demais

participantes do grupo, e o homem não quis, nesse momento, dar mais explicações, preferindo refugiar-se na argumentação de que *“é muito difícil saber como eu me infectei, fiz muita coisa sem pensar nos últimos anos, tem coisas que nem me lembro direito, só sei que estou infectado pelo HIV, e pronto, agora tenho que tratar de viver com isso”*. Quase um ano depois, ele praticamente “confessou” ao grupo que mantinha relações sexuais com outros homens, e que com certeza havia se infectado numa dessas relações. Foi esta a primeira vez que um homem pronunciou a expressão *“eu sou bissexual”* no grupo, pois até este momento a figura do homem bissexual aparecia apenas nos relatos de algumas aventuras sexuais dos participantes homossexuais, bem como em poucas referências feitas pelas mulheres, quando desconfiavam que poderiam ter-se infectado com *“fulano, porque ele parecia manter relações com outros homens também”*. Algumas semanas depois, um outro homem, solteiro, negro, que trabalhava como entregador de revistas e jornais, pediu a palavra e contou, igualmente num tom próximo ao da confissão, que provavelmente havia se infectado por conta de relações sexuais com travestis, e utilizou a mesma frase, *“eu sou um homem bissexual”* para definir-se.

A partir destes dois momentos marcantes no grupo de mútua ajuda, os homossexuais presentes passaram a relatar casos em que haviam mantido duradouras relações afetivas e sexuais com homens casados, acontecidos com eles próprios ou narrados por amigos. Mesmo descontando-se um certo exagero em alguns pontos de vista manifestados por alguns destes homens homossexuais, do tipo *“não há homem casado que não queira ter relações com as bichas”*, ou *“está cheio de homem casado que é bicha enrustida”*, o volume de relatos não deixava margem a dúvidas: a figura do homem bissexual existia em suas narrativas. Mas ali, naquele pequeno grupo, já apareceram dois modos diferentes de valorização e construção dessa preferência sexual. Alguns homossexuais comentaram, enfaticamente, o gosto que tinham por manter relações com homens *“verdadeiramente homens”*, ou seja, casados e com filhos, e afirmaram que estes homens gostavam de ter um amante homossexual, mas não tinham vontade de ser, eles próprios, homossexuais. Eram, em suas palavras homens bissexuais. Já alguns outros homossexuais posicionaram-se frontalmente contra esse modo de ver as coisas, dando relatos, supostamente verídicos, de numerosos casos em que, *“obviamente”*, o homem casado era um homossexual *“frustrado”*, ou estava mantendo um casamento de fachada por razões de conveniência, ou no mínimo estava em fase de transição em direção a uma homossexualidade assumida e completa, não faltando exemplos, dentro do próprio grupo, de alguns homossexuais que haviam mantido namoros e noivados com mulheres, mas depois se tinham *“assumido”*, não voltando mais a ter relações com mulheres.

Algumas mulheres presentes no grupo de mútua ajuda tendiam a identificar estes homens bissexuais como sendo os vetores da disseminação do vírus da aids dos homossexuais para outros grupos, fazendo coro à opinião predominante na mídia na época, e até hoje bastante difundida. Aos poucos, foi-se revelando uma situação muito sofrida destes homens, pois enfrentavam a discriminação que vinha das mulheres, dos homens homossexuais e dos homens heterossexuais, bem como das autoridades de saúde que lidavam com a epidemia de aids.

Desta forma, minha “apresentação” ao tema deu-se no meio do processo de elaboração da dissertação de mestrado, que versava sobre os modos de viver sendo portador do HIV, a partir de trajetórias de vida onde analisava seus medos, suas formas de reconstruir a vida, seus amores e seus afetos, as mudanças na vida profissional e familiar. Encerrada a etapa do mestrado, passei a me aproximar do tema da bissexualidade, e com isso, de forma mais ampla, do tema da masculinidade.

No segundo semestre de 1995, tendo concluído a dissertação de mestrado, participei do processo de seleção para bolsas individuais do programa de população da MacArthur Foundation no Brasil. No edital, eram estimulados os pesquisadores que pretendessem dedicar-se ao tema das diferentes formas de construção da masculinidade, especialmente em assuntos como o exercício da paternidade, o cuidado com a disseminação das doenças sexualmente transmissíveis, a violência masculina, etc.

Elaborei um projeto vinculando masculinidade e epidemiologia da aids, e ele foi aprovado para financiamento, inicialmente no período 1995-1998, havendo depois um prolongamento até 2000. Por sugestão da banca examinadora, restringi minha abordagem especificamente ao universo da bissexualidade masculina, abandonando as pretensões quanto à compreensão da masculinidade “em geral” e sua relação com a aids. O propósito inicialmente formulado do projeto de intervenção junto aos homens bissexuais financiado pela MacArthur Foundation era de

[ . . . ] investigar comportamentos, hábitos e atitudes entre homens bissexuais, buscando identificar, descrever e analisar sua vulnerabilidade frente ao HIV/aids, visando gerar instrumentos de comunicação efetiva no sentido de favorecer sua capacitação em estabelecer estratégias de prevenção à infecção pelo HIV/aids, tanto para si como na relação com seus/suas parceiros(as). (SEFFNER, 1995, p. 1)

Para a manutenção de um interesse pessoal de pesquisa neste tema por tanto tempo concorreram diversos fatores. De foro íntimo, estudar a masculinidade, e em especial a masculinidade bissexual, colaborou para uma indagação mais profunda sobre minha própria masculinidade, o que explica o interesse sempre renovado que tenho tido pelo tema. Por outro lado, minha permanente dedicação ao trabalho voluntário junto a uma organização não governamental de luta contra a aids tem permitido perceber a persistência da infecção entre homens bissexuais e homossexuais, em geral ligada a problemas de baixa auto estima, tensão para a manutenção do anonimato e violência estrutural. Desta forma, verifico que estamos ainda longe de compreender inteiramente os impactos da aids no mundo da cultura sexual. Um fator importante esteve relacionado à manutenção da fonte de financiamento, no caso a bolsa da Fundação MacArthur, bem como o apoio técnico, representado pela supervisão do mentor, do avaliador, das possibilidades de apresentação e debate nos encontros anuais e da troca de experiências com outros bolsistas.

O longo período de duração da bolsa, associado à diretriz da Fundação MacArthur de que os bolsistas deviam conjugar uma atividade de pesquisa com uma atividade de intervenção social, terminou propiciando a construção de uma rede de homens bissexuais, cujas características, organização e origem serão detalhadas adiante, e que forneceu a base para coleta de dados sobre o tema desta tese. Fruto desse percurso, ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação, no segundo semestre de 1998, encontrava-me numa situação bastante diferente da maioria dos colegas: eu já possuía grande quantidade de material coletado sobre o tema que me propunha investigar, em que pese, da mesma forma que os demais, necessitar de uma aquisição teórica e, fundamentalmente, necessitava construir um problema de pesquisa.

Durante todo o período de estudo e escrita desta tese, estive mergulhado em ações e atividades junto aos homens bissexuais, embora este ritmo tenha diminuído após o encerramento das atividades da rede, mas com certeza não se esgotou. Conviver com esta quantidade imensa de material e de estímulos, diálogos, novos dados, fruto dos anos de existência da rede, originou uma igualmente imensa quantidade de percepções, intuições, pressentimentos, dúvidas e opiniões, as quais procuro nesta tese dar a forma de conclusões, mesmo que precárias.

Tudo isto me colocou na situação de um pesquisador que desfruta de intimidade com o tema antes de iniciar uma investigação sobre ele. Mais ainda, a quase totalidade dos processos

a serem investigados, e que produziram os dados que aqui se pretende analisar, foram resultado de uma intervenção social junto aos homens bissexuais construída sob a orientação direta do pesquisador. Esta situação traz possibilidades e problemas ao pesquisador. Parece-me que o principal desafio é o esforço de estranhamento em relação ao tema que necessitei fazer, não tomando como triviais coisas que me acostumei a ver ao longo do tempo, mas realizando um exercício de problematização. O corpus de material me é familiar, os homens informantes também, a questão da aids que permeia muitos relatos também. O estudo e a investigação de uma problemática de pesquisa buscaram deslocar meu olhar sobre tudo isto, o que penso ter obtido através da montagem de uma estrutura teórica que possibilitou um adensamento na reflexão até aqui feita. O longo convívio com o tema trouxe também vantagens, especialmente a facilidade de acesso na busca de informações e o vínculo de confiança construído pelo pesquisador junto aos homens informantes. É importante ressaltar que ao longo desta trajetória, e especialmente no momento da escrita desta tese, muitas informações foram deixadas de lado, e isto se refere tanto à parte dos materiais coletados (diversos depoimentos, cartas, artigos de revistas, etc.) como também a questões e dúvidas que acompanharam o trabalho até aqui, e que foram deixadas para investigação posterior.

O saber aqui construído sobre a masculinidade bissexual é um saber informado por uma certa perspectiva, e que se assume como parcial, deliberado, intencional, fruto de determinadas conjunturas históricas e de opções pessoais. A individualidade do autor está marcada a cada passo desse trabalho, e sua história de vida anterior aqui comparece por inteiro, mesmo quando não explicitada, porque no fundo é sempre de nós mesmos que falamos. Desta forma, quem mais fica surpreso com o que aqui está escrito é o próprio autor, antes de seus leitores.

### 3 A CONSTRUÇÃO DA REDE BIS-BRASIL

---

Nesta seção, busco explicar e descrever a Rede Bis-Brasil, problematizando a questão da formação de uma rede para pesquisa, especialmente na linha das preocupações de Foucault com o binômio saber-poder; discutindo a rede como um recurso de método de pesquisa; descrevendo a gênese e o processo de criação, montagem e funcionamento da Rede Bis-Brasil e agregando informações sobre ela, inclusive de natureza quantitativa, permitindo perceber sua dimensão. De maneira breve, efetuo uma comparação entre esta amostra populacional e aquela de duas outras pesquisas sobre bissexualidade masculina no Brasil.

A Rede Bis-Brasil foi um projeto desenvolvido em boa parte com financiamento do Fundo de Capacitação e Desenvolvimento de Projetos da MacArthur Foundation, no período 1995/2000, através de uma bolsa individual. Os projetos financiados por este fundo apresentam um duplo movimento e se propõem a uma dupla tarefa. Por um lado, buscam a produção de conhecimento científico, envolvendo intensa atividade de pesquisa, o que exige do bolsista leitura, estudo, discussão, montagem e aplicação de instrumentos de pesquisa, interpretação de dados, consultorias específicas, acompanhamento do mentor, produção e apresentação de *papers*. Por outro, buscam uma intervenção social, visando criar estratégias originais e eficientes de transformação da realidade pesquisada, no sentido de se alcançar patamares mais elevados de cidadania e qualidade de vida com a população envolvida. A intervenção social está, em geral, associada ao trabalho de formação ou qualificação de grupos, envolvendo os indivíduos mais diretamente atingidos pela problemática estudada. Estimula-se também uma relação com a mídia, que visa assegurar que os êxitos e/ou fracassos da experiência de organização social, bem como os principais resultados da pesquisa, se tornem acessíveis ao grande público, configurando aqui também uma modalidade de intervenção social e discussão coletiva.

A intensidade de trabalho em cada um desses três componentes (intervenção, pesquisa e divulgação) foi variável ao longo de cada semestre do período indicado, mas as atividades propriamente de pesquisa, especialmente aquelas elaboradas a partir das informações coletadas, foram ganhando importância no decorrer do tempo, terminando por originar o projeto de

tese que serviu para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, e que ora analisa uma parcela das informações acumuladas.

Qualquer trabalho de pesquisa, especialmente quando se debruça sobre um grupo ou população, configura uma forma de conhecer, portanto uma determinada modalidade de poder. Analisando os poucos trabalhos que tratam da bissexualidade masculina no Brasil, em especial Lago (1999) e Valdeci Gonçalves da Silva (1999), neles aparecem claros nexos da bissexualidade com aids, prostituição e homossexualidade. Se formos pesquisar na Web, a maior parte dos artigos e citações que envolvem o personagem “homem bissexual” faz referência à epidemiologia da aids e de outras doenças sexualmente transmissíveis. Não foi diferente com este pesquisador, que iniciou seu caminho de aproximação ao tema da bissexualidade masculina a partir da aids, da homossexualidade e da epidemiologia, conforme já narrado na seção anterior.

A suposta “descrição” de um objeto de pesquisa, no caso as representações de masculinidade bissexual no Brasil, regulam aquilo que pensam descrever, ou, mais propriamente, constroem aquilo que supostamente descrevem. Ao fazer isto, estabelece-se um modo de controle sobre aquilo que se escreve, e nunca simplesmente descrevemos algo. Esta investigação sobre as representações da masculinidade bissexual no Brasil inseriu-se inicialmente no campo da saúde pública, claramente animada por um interesse de descrição e controle – conhecer as identidades dos homens bissexuais para melhor encaminhar campanhas de prevenção à aids entre eles. Esta descrição é fruto de relações de poder. Desta forma, torna-se relevante analisar os caminhos de construção da Rede Bis-Brasil, uma vez que a montagem desta estrutura de acesso ao grupo de homens bissexuais, de muitas formas os constituiu nessa posição.

O projeto, iniciado em agosto de 1995, testou diversos caminhos de relação com o universo dos homens que mantêm relações afetivas e sexuais com homens e mulheres, e terminou fixando-se na construção de uma rede, que se revelou uma modalidade frutífera de relação com o público alvo, tanto para o encaminhamento de ações de prevenção à aids quanto para a pesquisa sobre identidade e modos de subjetivação destes homens.

Antes de passar a uma resenha historiando as principais etapas de construção da rede, cabe discutir uma questão fundante: que problemas exatamente estão envolvidos no ato de realizar uma intervenção social junto a um grupo de homens, e conduzir uma pesquisa combi-

nada a isto? Construir uma rede, a alternativa escolhida para realizar a intervenção social junto a este grupo de homens representa um projeto prático que, segundo o que nos esclarece Foucault (1977, 1985a, 1985b), ao mesmo tempo em que estuda e conhece, localiza e pode controlar aqueles que são objeto do estudo. Se, por um lado, as estratégias de exclusão são marginalizadoras, punitivas, fundamentalmente negativas, a inclusão aparece como seu reverso: incluir é trazer para o centro, valorizar, positivar. Se exclusão é desconhecimento, inclusão é uma estratégia de conhecimento: “Enquanto a exclusão é o afastamento, o desconhecimento, a inclusão, cujo modelo inicial é o controle da população vítima da peste na Idade Média, é o modelo do conhecimento, do exame.” (PINTO, 1999, p. 37). Aqui o poder aparece na dimensão que Foucault mais trabalhou: aquela de produtor de verdades. De forma semelhante, a Rede Bis-Brasil estimulou um processo de agregação de homens com preferências sexuais e afetivas por homens e mulheres, trouxe-os para o centro de uma rede, produziu um conjunto de verdades acerca da masculinidade bissexual brasileira, quanto mais não seja pela quase absoluta ausência de trabalhos mais sistemáticos sobre este grupo no país. As “verdades” produzidas estão ligadas ao dispositivo de produção, no caso uma rede de contatos por via postal. O uso de outro dispositivo teria, provavelmente, produzido outro conjunto de verdades, algumas próximas daquelas que serão apresentadas, outras mais distantes, algumas talvez até mesmo em contradição com o que vai ser afirmado aqui.

Os homens bissexuais que se transformaram em informantes desta pesquisa o fizeram via rede, estimulados por anúncios publicados em jornais, ou então selecionados por busca ativa, através de cartas enviadas pela coordenação da rede. A Rede Bis-Brasil implicou uma forma de regulação dos indivíduos, uma vez que lhes deu critérios de aproximação, códigos de conduta, canais para expressarem-se, questões para refletirem, perguntas para responderem. O poder aqui, na linha de Foucault, não atuou como repressão, mas na face produtiva: a rede propôs questões, sugeriu atividades, apontou caminhos de solução para determinados problemas e demandas, possibilitou aos homens sua exposição através de uma coluna de anúncios, estimulou-os a escreverem suas experiências sexuais, para fins de publicação em um boletim periódico, colocou-os em contato, uns com os outros, para troca de experiências. Em suma, a ação da rede fez com que algo de novo surgisse na vida desses indivíduos. Para a “ciência”, ou, mais modestamente, para o campo de conhecimento a respeito desses homens que existia até então, abriu-se uma nova forma de acesso e de “coleta de dados”. A rede pode ser entendida como uma determinada tecnologia política, que possibilitou um “avanço” em termos de poder (dos homens bissexuais para reivindicarem espaço, como se vai detalhar logo



adiante; e em termos de poder ao pesquisador, como via de acesso às histórias de vida) e em termos de saber (o saber sobre a masculinidade bissexual, que o pesquisador assume através da análise das histórias narradas).

Também devemos levar em conta que a rede configurou-se como uma instância dinâmica na vida desses homens, propondo-lhes ações e reflexões diversas, possivelmente de natureza muito diferente daquelas que até este momento lhes haviam sido propostas pela vida, pelo menos em relação ao tema da masculinidade bissexual, o que pode ser verificado pela correspondência. Dessa forma, ao pesquisar, “mexemos” no objeto de pesquisa, de maneira intencional, e com isso “transformamos” os sujeitos que visávamos pesquisar. Eventualmente, podemos ter “fabricado” novas identidades, que antes da existência da Rede Bis-Brasil também não existiam.

Ainda seguindo de perto as considerações de Foucault acerca das relações entre saber e poder, é possível afirmar que a rede, instrumento de poder, esteve também envolvida na produção de saberes, uma vez que:

[ . . . ] o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); [ . . . ] poder e saber estão completamente implicados; [ . . . ] não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder [ . . . ] (FOUCAULT, 1977, p. 30).

Todo saber que este trabalho de pesquisa pretende “expressar” não pode ser entendido desvinculado de uma expressão de poder, inicialmente derivada de uma razão de saúde pública: saber sobre a sexualidade desses homens para encaminhar ações de prevenção à aids. Mais ainda, se para Foucault sujeitos como o louco e o homossexual não existiam antes de um aparato discursivo e institucional que lhes construiu, numa dada época histórica, um certo relato de si, também se pode dizer o mesmo do homem bissexual: ele praticamente não existia antes da epidemia de aids. Os próprios sujeitos que tenho como informantes, que talvez tenham práticas e desejos idênticos a outros homens que faziam isto antes da aids, têm hoje uma maneira de compreender-se a si próprios que é totalmente diferente dos que lhes antecederam, uma vez que as condições de produção cultural e social da bissexualidade estão consideravelmente dependentes do conjunto de significados postos em ação pela epidemia da aids e seus desdobramentos. A categoria mesma de “masculinidade bissexual” foi construída ao longo desta pesquisa, e mais adiante será explicitada.

Se o sujeito é produto de dispositivos históricos, a fala daqueles que se auto identificam como homens bissexuais não pode ser vista como auto referenciada, ou auto explicativa, pois isto remeteria à noção de um sujeito centrado, autônomo e racional. Desta forma, opero nesta tese também com informações retiradas da mídia, na forma de artigos, anúncios e charges; depoimentos de médicos, psicólogos e agentes de saúde que trabalham com a aids; depoimentos de homossexuais homens e mulheres, no sentido de mostrar a fluidez e as diferentes representações que a masculinidade bissexual adquire, quando falada a partir de diferentes lugares de enunciação.

Segundo as idéias de Foucault, discutir as condições de criação, montagem e manutenção da Rede Bis-Brasil – uma instância de exercício de poder – é falar das condições de possibilidade do saber sobre os homens bissexuais, nos limites dessa investigação. Outras condições de acesso aos homens bissexuais talvez nos levassem a outros saberes a respeito desses sujeitos. Por outro lado, discutir os resultados dessa investigação – saber – é falar das possíveis aplicações práticas do que aqui se “descobriu”, tais como as aplicações em termos de campanhas de prevenção à aids entre esses homens – poder.

A estratégia de montar uma rede, e colocar um conjunto de homens a falar sobre suas relações afetivas e eróticas com homens e mulheres, opera no sentido de auxiliar a constituir um campo de saber, no caso um campo de saber acerca da masculinidade bissexual. Desta forma, discutir as estratégias de montagem, funcionamento e “extração” de depoimentos operadas pela Rede Bis-Brasil é importante para entender o saber produzido a partir daí, expresso nas diversas seções desta tese.

Outra forma de abordar a construção da Rede Bis-Brasil é enxergá-la como uma operação estratégica e política que configurou um determinado recurso de método para esta pesquisa. Entretanto, da forma com foi construída esta rede, descrita abaixo, talvez método seja uma palavra muito forte. Preferimos então abordar esta estratégia segundo uma polaridade definida por Barthes:

Desde o início do primeiro curso, Barthes retoma e redefine a oposição nietzschiana: método e ‘paidéia’. O método é uma decisão premeditada, visando chegar a um objetivo, a um saber; a ‘paidéia’ é ‘um traçado excêntrico de possibilidades, uma viagem entre blocos de saber’. Nenhuma dúvida sobre a opção barthesiana pela ‘paidéia’. (PERRONE-MOISÉS, 2002, p. 7, grifo do autor)

As idéias de “viagem” e “traçado excêntrico de possibilidades” dizem muito das vicissitudes de se fazer uma pesquisa combinada com intervenção social. A todo o momento, em função de ações que foram feitas, produziram-se alterações na montagem e nas operações da Rede Bis-Brasil. A divulgação na mídia, por exemplo, da existência da rede, abriu possibilidades de trabalho, e obrigou a mudanças de percurso em diversos momentos.

Em outro modo de aproximação, pode-se dizer que, ao montar a rede, estava o pesquisador armado da chamada razão técnico-científica, que associa conhecer com manipular: “O objeto de investigação científica já é percebido sob a forma de sua funcionalidade virtual.” (ROUANET, 2001, p. 16). Pode-se afirmar que a estratégia “funcionou” no sentido de aproximar estes homens, organizá-los para algumas atividades de caráter prático, dar-lhes alguma visibilidade preservando seu anonimato, colocar cada um deles em contato com numerosos outros, etc. Organizar os homens em uma rede implica construir uma identidade, ou seja, buscar o idêntico neles, de alguma forma “padronizá-los” enquanto indivíduos. Dois fatores parecem concorrer para isto. Em primeiro lugar, uma certa necessidade, derivada da modernidade, de construir identidades, o que inclusive dá um determinado poder a quem “possui” uma identidade, tal como discutido por Castells (2000a) no segundo volume de sua trilogia, vinculado à noção de rede, de certa forma semelhante a situação que aqui temos. Por outro lado, ao lidar com políticas públicas de saúde, temos necessidade de imaginar um sujeito alvo destas políticas, com razoável grau de previsibilidade de suas ações. Neste sentido, buscar “entender” as diferentes identidades dos homens bissexuais e as diversas representações da masculinidade bissexual, no âmbito deste trabalho, necessariamente passou por constituí-los enquanto objetos da política pública de prevenção à aids, uma vez que foi no âmbito destas preocupações que este trabalho se gerou. Essa observação em nada diminui a pertinência dos resultados a que se chegou, apenas serve para iluminar um determinado percurso metodológico que foi seguido, fruto de certas escolhas, conscientes ou não.

Feitas estas considerações iniciais, passemos à descrição do processo de montagem da Rede Bis-Brasil, necessário à compreensão das possibilidades de utilizar esta rede como uma instância produtora de saber. No primeiro ano de trabalho (agosto de 1995 a agosto de 1996) foi desenvolvido um esforço inicial de compreensão acerca da identidade bissexual masculina, a partir da coleta de propagandas de revistas, jornais e outdoors, literatura nacional e estrangeira sobre o tema, vídeos pornográficos auto intitulados bissexuais, filmes do circuito comercial abordando a temática, reportagens de revistas do tipo *Veja*, *Isto É*, *Marie Claire*,

Contigo, etc., o que permitiu avaliar melhor as possibilidades de trabalho do projeto original. Possibilitou também perceber que um certo “apelo” à masculinidade bissexual se encontra presente em muitos materiais de mídia atualmente, sendo isto muito evidente em determinadas propagandas de roupas, especialmente masculinas. Nestas, a roupa é apresentada num cenário onde aparecem homens e mulheres, colocados em situações de triângulo, e onde a proporção de dois homens para uma mulher é freqüente. Mais ainda, se observarmos a direção dos olhares, encontraremos muitas propagandas onde os homens se olham entre si, enquanto a mulher está presente, mas não interage com os homens, olha para outra direção, ou está de costas para eles. Numa constatação um tanto impressionista, é possível dizer que está sugerida uma possibilidade de relação entre os dois homens, que fica de certa forma “autorizada” pela presença da mulher, garantia da heterossexualidade de cada um deles. No segundo semestre deste primeiro ano iniciamos as tentativas de reunir os homens para conversar a respeito do tema da bissexualidade, não de maneira direta, o que nos parecia impossível, mas através de encontros para abordagem de temas mais genéricos da masculinidade – tais como paternidade, violência, trabalho, etc. –, procurando partir depois para o tema mais específico que nos interessava.

Foram completamente frustradas as tentativas de reunir os homens em grupos, em oficinas sobre o tema da masculinidade, em encontros em escolas da prefeitura, associações de moradores e centros comunitários, sub-sede de sindicato, ambulatório de aids, etc. Todas as tentativas feitas, variando o horário, o local, o tipo de chamada, tiveram resultado praticamente nulo, atraindo apenas alguns poucos homens, sempre mais interessados em conversar a respeito de futebol do que dos temas por nós propostos. Fizemos então publicar anúncios em jornais, em colunas de classificados ou de recados, inicialmente de Porto Alegre, manifestando nosso interesse em reunir um grupo de homens que estivesse interessado em conversar sobre o tema da bissexualidade masculina. Desta vez, atingimos o alvo. Um expressivo número de homens entrou em contato por carta, dizendo-se interessados em fazer parte do grupo. Mas isso não se efetivou, uma vez que a quase totalidade não compareceu às reuniões marcadas, e aqueles que compareceram tinham interesse exclusivamente em manter contatos sexuais com outros homens, eventualmente com os próprios organizadores. Entretanto, todos se mostravam ativos correspondentes, desejando entrar em contato conosco, ou com outros homens, não apenas para marcar encontros para sexo, mas também para trocar informações e impressões pessoais. Daí nasceu a idéia de organizar uma rede postal, possibilitando nosso

acesso a esses informantes, e a troca de informações entre eles, resguardando o anonimato de cada um.

A partir do segundo semestre de 1996, o principal eixo de atividades do projeto esteve representado pelas ações no sentido de constituir e ampliar a rede de homens bissexuais, batizada de Rede Bis-Brasil, designação sugerida pelos próprios participantes, e que permitiu associar cerca de 500 homens de todos os Estados do Brasil, e alguns poucos de países do Mercosul. Uma vez definido que o trabalho se daria pela via da correspondência postal, realizamos um mapeamento das possibilidades, encontrando e catalogando revistas dedicadas à publicação de anúncios do tipo classificados sexuais, bem como jornais e seções de revistas e jornais dedicados a encontros e anúncios. O trabalho de ampliação da Rede estruturou-se então a partir de algumas etapas bem definidas: 1) levantamento minucioso e permanente de nomes e endereços de homens (e eventualmente casais homem/mulher) que manifestavam desejo de contatos bissexuais, basicamente a partir dos anúncios em revistas do tipo *Brazil Export*, *Private*, *Ele&Ela*; 2) envio de uma correspondência inicial a esses homens, explicando resumidamente nossos propósitos e convidando-os a entrar na rede (inicialmente, ainda sem um nome definido); 3) havendo retorno por parte do indivíduo contatado, envio de um questionário, impresso dentro de um aerograma, na forma de uma “ficha de inscrição” na rede, e onde perguntávamos a respeito de itens básicos, do tipo idade, estado civil, frequência de contatos sexuais, ganhos salariais, nível de escolaridade; 4) havendo retorno, envio de carta mais longa, após a devolução da “ficha de inscrição”, comentando aspectos gerais do comportamento bissexual, estimulando a participação e troca de correspondência; 5) envio de cartas específicas, respondendo a questões levantadas na correspondência (dúvidas, pedido de informações, relatos de casos, etc.); 6) envio de cartões de Páscoa, de Natal e de Ano Novo e do dia primeiro de dezembro – dia mundial de luta contra a aids – a todos os homens vinculados à rede, nas datas devidas; 7) envio de um questionário longo, abordando numerosos aspectos da vida dos informantes, de resposta não obrigatória, e onde ficava claro que havia uma pesquisa em andamento na rede; 8) envio de materiais de prevenção à aids, solicitando a opinião acerca do conteúdo e da forma das mensagens; 9) envio de matérias de jornal acerca do tema, estimulando um posicionamento dos associados acerca das opiniões ali emitidas, especialmente de articulistas de alguns grandes jornais, médicos e autoridades sanitárias em relação ao papel dos homens bissexuais como “vetores” da disseminação do vírus.

Com o crescimento do número de interessados, e a enorme demanda de cartas e pedidos de respostas ou informações diversas, tivemos a idéia de criar um boletim de periodicidade regular. Solicitamos opiniões aos associados da rede, via aerogramas para facilitar a resposta de cada um, e o nome escolhido pela maioria foi boletim Frente&Verso. A periodicidade ficou estabelecida em cerca de dois meses, e ele passou a servir como instrumento de informação, troca de idéias e recados. Outra forma de entrar em contato com os homens de comportamento bissexual foi através de anúncios, divulgando a rede, em revistas e jornais de todo o país. Nesta modalidade, esses homens, ao tomar contato com o anúncio, escreveram para nossa caixa postal, e a partir daí estabelecemos uma troca regular de cartas, tal como na modalidade anterior, quando tomamos a iniciativa. Com o crescimento da Rede Bis-Brasil, esta passou a ser matéria de notícias em jornais – como a Folha de São Paulo de 4 de janeiro de 1998 –, revistas e boletins, o que contribuiu para ampliar o número de associados.

A troca de correspondência, a sistematização dos dados constantes nas fichas de inscrição, a tabulação no software SPSS dos dados coletados no questionário longo (que envolvia mais de 100 itens) proporcionaram excelente material para escrever artigos no boletim, ou então para consultar os associados a respeito de temas recorrentes na pesquisa, como a culpabilização dos bissexuais pela infecção das mulheres com o vírus HIV ou as situações de constrangimento enfrentadas tanto no relacionamento com homens heterossexuais quanto com homens homossexuais. A coleta de material da mídia, especialmente revistas e jornais, permitiu estabelecer uma espécie de olhar do outro sobre a bissexualidade masculina, e também alimentou a redação de cartas e artigos no boletim. Todo este material se encontra arquivado, e parte dele foi utilizada na elaboração da presente tese.

As cartas enviadas pelos inúmeros associados nos permitiram perceber que a Rede constituiu-se num espaço em que eles se sentiram valorizados e respeitados, contribuindo para elevação de sua auto-estima e aceitação. Estes elementos proporcionam o cenário ideal para o estabelecimento de estratégias de prevenção ao HIV/aids. Nessa medida, o vínculo estabelecido entre estes homens possibilitou ações efetivas de organização social e visibilidade do tema da bissexualidade masculina, na maioria das vezes mantendo o anonimato daqueles que não desejavam “mostrar a cara”.

Enquanto experiência de articulação entre homens que mantém relações sexuais e/ou afetivas com homens e mulheres, a Rede Bis-Brasil apresentou um alto potencial de atração

dos indivíduos, e mostrou-se uma experiência de baixo custo financeiro. Para tanto, bastou alugar uma caixa postal do serviço de correios, e as principais despesas ficaram por conta de compra de envelopes e papel, impressão e envio de boletins e cartões, despesas com postagem de materiais e envio de selos para garantir o retorno das cartas. A participação na rede e o recebimento de materiais foram sempre gratuitos para os associados. De toda forma, para um país com graves problemas na área da leitura e da escrita, a simples manutenção de uma caixa postal e a disposição para manter contato por carta com outros indivíduos não é característica que se possa encontrar na maioria da população, o que aponta para limites nesta experiência, bem como para uma característica da amostra.

A maior parte da correspondência enviada pelos associados à rede diz respeito a suas vidas, misturando questões de gênero – modos de viver a masculinidade – e questões de sexualidade – modos de buscar o prazer, diferentes formas de viver o desejo de relação sexual com homens e mulheres. Isso mostra que desejos e práticas sexuais têm uma importância maior em nossas vidas do que muitas vezes se imagina. Talvez estes homens associados à rede não tenham muito mais a trocar entre si além da conversa a respeito de suas vidas sexuais, mas isto já será muito, uma vez que as diferentes disposições sexuais tem um impacto profundo na construção de muitos outros aspectos de suas vidas, conforme abordado por Dowsett (1996). Temos a criação de vidas ao redor da bissexualidade masculina, a possibilidade de ver como a estruturação da vida sexual influencia a construção da vida em geral.

Por outro lado, falar das práticas sexuais não deve nos levar a valorizá-las em excesso, desassociando-as dos sistemas de crenças, relações de gênero, classe social, etc. Muitas vezes, as práticas são semelhantes, mas as construções identitárias, os modos de pertencimento ao universo da masculinidade bissexual são diversos. Em nossa sociedade, a sexualidade é um elemento muito importante na estruturação da vida individual e de relações dos indivíduos, e podemos quase afirmar que sem esta dimensão não há como alguém construir sua identidade.

Apresentada a Rede Bis-Brasil e sua forma de construção e funcionamento, nosso recurso de método para interagir com os homens bissexuais, nos interessamos em conhecer melhor o caminho e o método de outros pesquisadores. Dois trabalhos sobre bissexualidade masculina, resultado de dissertações de mestrado, seguiram caminhos ora coincidentes, ora claramente divergentes, do caminho aqui trilhado, efetuando algumas associações que são esclarecedoras de comentar.

A dissertação de mestrado de Regina Ferro do Lago, defendida em 1999 junto ao Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, intitula-se “Bissexualidade Masculina: dilemas de construção de identidade sexual”. A autora se debruça sobre dois tipos de dados: 1) questionários respondidos por homens participantes de um estudo epidemiológico de acompanhamento de uma coorte de 1000 homens no Rio de Janeiro, intitulado Projeto Praça Onze; e 2) entrevistas do tipo histórias de vida, feitas com informantes selecionados do referido estudo epidemiológico, que se auto identificaram como bissexuais e consentiram em ser entrevistados. O estudo opera claramente com a preocupação de investigar a vulnerabilidade dos homens bissexuais à aids e outras doenças sexualmente transmissíveis, servindo-se de métodos qualitativos e quantitativos de análise. Quanto à noção de rede utilizada, a autora refere-se à rede criada pelo estudo epidemiológico, o que não implica que os participantes se conheçam entre si, o que contrasta vivamente com a estrutura de rede implantada em nossa pesquisa.

O trabalho de Valdeci Gonçalves da Silva é também fruto de uma dissertação de mestrado, esta defendida junto ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. Intitula-se “Faca de dois gumes: percepções da bissexualidade masculina em João Pessoa”, e trata de investigar os personagens que denomina de “bissexuais pessoenses”, referência a uma suposta identidade dos homens bissexuais da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. Os dados foram colhidos a partir de quatorze entrevistas semi-estruturadas, com os informantes divididos em dois grupos de sete indivíduos: bissexuais michês e bissexuais não michês. A investigação prioriza a relação destes homens bissexuais com outros homens, quase deixando de lado a problematização de sua relação com mulheres. Temos aqui várias diferenças com relação à modalidade de coleta de dados. Em primeiro lugar, a Rede Bis-Brasil agrega homens bissexuais de muitas cidades do Brasil, não sendo possível estabelecer um recorte identitário por região, estado ou cidade. Nem mesmo generalizar conclusões para o Brasil como um todo, pois não temos tal pretensão nem acreditamos em sua viabilidade. O recorte entre sexo pago e sexo não pago, expresso nas categorias michês e não michês, não configura um determinante de nosso estudo. Pelo contrário, perguntados a respeito da prática de sexo pago, a maioria dos homens desta pesquisa respondeu não desejar acesso a esta prática. Também não tivemos notícia na rede de homens que se dedicassem à prostituição masculina.



Conforme já explicitado anteriormente, a Rede Bis-Brasil, embora ainda não com este nome, iniciou a ser divulgada no primeiro semestre de 1996, a partir de anúncios em classificados de jornais e de revistas, que indicavam uma caixa postal para correspondência em Porto Alegre. A existência ativa da rede, assinalada pelas edições regulares do boletim Frente&Verso e atividades descritas acima, encerrou-se de maneira formal em dezembro de 2000, coincidindo com o término do financiamento da MacArthur Foundation, tendo funcionado por quatro anos e meio. Por medida de prudência, a possibilidade de comunicação por via caixa postal foi mantida até dezembro de 2001, quando então a caixa postal foi definitivamente encerrada, após numerosos avisos aos informantes para que não mais enviassem cartas. Manteve-se apenas o endereço de correio eletrônico, que apresenta, até hoje, uma correspondência residual.

Um período tão longo de funcionamento, com abrangência de todo o Brasil, propiciou grande número de adesões. Desde o início o trabalho foi acompanhado por uma preocupação quantitativa, que se materializou no envio de questionários aos informantes, e da coleta de dados tais como estado civil, raça, nível de escolaridade e de renda, número de parceiros e parceiras ao longo dos últimos doze meses, utilização do preservativo nas últimas cinco relações com homens ou com mulheres, etc. A coleta desses dados revelou-se positiva e necessária para o encaminhamento das ações da Rede Bis-Brasil, tanto para ampliação do número de associados quanto ações de informação e prevenção das DST/aids. Na feitura desta tese, este viés quantitativo não será trabalhado. Entretanto, entendi que seria esclarecedor comentar aqui alguns aspectos quantitativos, que permitam compreender melhor as dimensões da rede de onde saíram os informantes que têm seus depoimentos utilizados ao longo deste trabalho.

Gostaria que os dados abaixo não fossem compreendidos como “fatos” acerca da Rede Bis-Brasil e dos homens bissexuais, em oposição à análise de suas falas, classificada então como “interpretação”, caindo-se na tentação de opor a uma ciência dos fatos uma ciência das interpretações. O que estou pretendendo é associar duas perspectivas, uma quantitativa, de menor expressão, e uma qualitativa, que ocupa a maior parte das preocupações desta tese. Acredito que as informações abaixo permitam compreender melhor como funcionou este recurso de pesquisa representado pela Rede Bis-Brasil (que indivíduos atingiu, que indivíduos sensibilizou, a quem atraiu).

Ao longo de todo o período, foram feitas quinze edições regulares do boletim Frente&Verso, com uma periodicidade que variou entre três e cinco meses. Foram também editados quatro números especiais do boletim, destinados exclusivamente à publicação de anúncios de homens que desejavam encontrar parceiros ou parceiras. O número total de anúncios classificados publicados chegou próximo de 400, havendo homens que se anunciaram mais de uma vez, com textos diferentes, inclusive manifestando preferências sexuais diversas.

Cerca de 500 informantes buscaram contatos com a rede, basicamente homens auto intitulados bissexuais, algumas mulheres, alguns casais e alguns homens homossexuais que buscavam relações com homens bissexuais. Permaneceram como correspondentes ativos 305 informantes. O que denomino aqui de correspondentes ativos são aqueles informantes que, ao longo do período de vinculação com a rede – que pode ter sido mais longo ou mais curto, dentro do limite de quatro anos e meio – realizaram pelo menos três das atividades a seguir: enviaram mais de seis cartas, responderam e enviaram os questionários propostos, enviaram cartões ou pequenos comunicados, agradecendo o envio de boletins, folhetos de prevenção à aids, cartões de Natal, Páscoa ou aniversário, e buscaram anunciar-se nos classificados do boletim Frente&Verso. O restante dos informantes enviou apenas uma carta, manteve-se recebendo o boletim, nunca enviou anúncio para os classificados, respondeu apenas a ficha de inscrição, algumas vezes nem isso.

Dentre os informantes, vinte e um foram entrevistados, sempre de maneira informal, apenas duas vezes com o recurso do gravador. Além dos informantes, foram entrevistados também alguns médicos, psicólogos, enfermeiras, homossexuais do grupo de convivência do Nuances – grupo pela livre expressão da sexualidade de Porto Alegre, que foram em geral gravadas, mas não utilizadas diretamente na redação desta tese.

Finalizando esta descrição do principal instrumento de coleta de dados para esta investigação, cabe-nos discutir a pergunta: o que leva o sujeito a falar, a escrever, a querer se corresponder, e, mais ainda, a dispor-se a responder longos questionários, numerosas consultas, a enviar cartas com descrições minuciosas de seus sonhos, fantasias, relatos de casos, problemas, etc.? Não fosse essa disposição por parte dos informantes, não apenas a Rede Bis-Brasil teria talvez ficado inviável como estrutura de aproximação entre indivíduos, como também não teríamos acesso a tantas informações.

O material que disponho para análise são basicamente cartas, relatos de situações vivenciadas e relato de fantasias e desejos em termos das relações destes homens com outros homens e mulheres, constituindo um dos gêneros de escrita que Foucault (1985) chamou de escrituras de si: "tais formas materiais de escrita oferecem uma espécie de tecnologia da produção do contato consigo mesmo, ou da autopercepção como unidade indivisível e singular." (SOUZA, 1997, p. 109) Nessas cartas, podemos dizer que temos o relato de confidências, em oposição à idéia de confissão: "pela confidência constitui-se e mantém-se, pela confissão revela-se o segredo, conforme as injunções do sistema institucional do poder." (SOUZA, 1997, p. 110) Como todo o trabalho da rede se move no regime do anonimato (cartas enviadas e recebidas numa caixa postal anônima, uso intensivo de pseudônimos por parte dos informantes, correspondência enviada de forma discreta, anúncios em linguagem cifrada no boletim e nas revistas, etc.), é possível a confidência, revelando informações que ainda assim permanecem como segredo.

O desejo de confidenciar fica mais bem entendido quando observamos a queixa recorrente dos homens informantes de que não encontravam ninguém para conversar acerca de sua situação, apontando fatores como falta de locais de encontro de homens bissexuais, falta de reconhecimento do indivíduo bissexual por algum atributo visível, falta de jornais, boletins e revistas dirigidos a este público, etc. Através da confidência, o que verificamos é que muitos destes homens "se reinventaram", estavam isolados, foram interpelados pela correspondência enviada pela Rede Bis-Brasil, e a isso responderam num processo ativo de construção da sua masculinidade bissexual.

Este desejo de confidenciar fica mais bem explicado quando lembramos a necessidade de conhecer "o próprio eu", uma das tecnologias mais importantes para a constituição de si, em especial no Ocidente onde, conforme nos aponta Foucault (1993, p. 203) "[ . . . ] uma das mais importantes obrigações morais, para qualquer sujeito, é o conhecer-se a si próprio". Na maioria dos casos, conforme já salientamos, estes indivíduos encontravam-se isolados nos seus locais de moradia, não tendo parceiros para conversar a respeito do assunto mais importante de suas vidas sexuais, qual seja, o desejo de relações eróticas com outros homens. Dessa forma, o boletim Frente&Verso e outras publicações da rede serviram de suporte para reflexões e reinvenções nos seus modos de viver a masculinidade bissexual, o que foi apontado por muitos como um conhecimento mais aprofundado de si mesmo. Pensando na questão da identidade sexual como resistência, talvez se pudesse considerar a construção da Rede Bis-

Brasil como intervenção a favor de uma política de identidades, pois foram discutidas questões como organização e visibilidade, vinculadas a gênero e sexualidade.

#### 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS FONTES DE PESQUISA

---

Nesta seção, aborda-se e qualifica-se cada um dos materiais que serviu de fonte para esta tese, bem como apresentam-se algumas informações acerca do uso das informações colhidas no âmbito da Rede Bis-Brasil. Tudo isso equivale, de certa forma, a explicitação do posto de observação dentro do universo da bissexualidade, os lugares que escolhi para observar e problematizar o tema da pesquisa.

Os materiais de que disponho, originados do trabalho de construção da Rede Bis-Brasil, já apresentada, me permitem pensar num mosaico de fontes, de olhares ou de janelas sobre o tema, percebendo suas potencialidades para uma explicação cultural e construcionista da sexualidade dos homens que fazem sexo com homens e mulheres. As principais fontes utilizadas são: 1) anúncios publicados em diversas revistas de encontros e classificados de jornais, nos quais os homens – mas também alguns casais – buscam parceiros e parceiras para relações sexuais; 2) cartas de homens integrantes da rede – mas também de algumas mulheres e casais – das quais faço um uso intenso nas citações e depoimentos; 3) relatos de iniciação sexual enviados pelos homens informantes da rede, feitos para publicação no boletim Frente&verso da Rede Bis-Brasil; 4) relatos de desejos e fantasias de relação bissexual; 5) poesias escritas por alguns dos membros da rede, sobre o tema da bissexualidade masculina ou sobre seus desejos; 6) artigos de jornais e de revistas sobre o tema da aids, onde se faz referência à bissexualidade masculina ou ao bissexual masculino, relacionando ou não a questão da aids; 7) filmes pornográficos que se apresentam como de temática bissexual, especialmente para análise das trajetórias de alguns homens na seqüência de cenas, disponíveis em locadoras abertas ao grande público; 8) filmes não pornográficos que apresentam cenas ou problematizações que envolvem temas como a amizade masculina e relações sexuais entre homens; 9) charges publicadas em jornais e revistas que enfocam questões diretamente ligadas à masculinidade e à bissexualidade; 10) respostas dos questionários enviados aos homens informantes da Rede Bis-Brasil; 11) matérias feitas em revistas e jornais de grande circulação, enfocando diretamente a bissexualidade; 12) um conjunto de anotações minhas, que configura um diário de campo, registrando fatos e impressões basicamente de 1995 a 2000; 13) transcrição de algumas entrevistas não estruturadas, feitas com homens bissexuais informantes da Rede, médicos e profissionais de saúde da área da aids, bem como homossexuais masculinos; 14) contos,

crônicas e outros materiais literários, que enfocam os assuntos bissexualidade masculina e aids e masculinidade e sexualidade; 15) descrição comentada de alguns programas de televisão acerca do tema da bissexualidade no Brasil; 16) textos e materiais oriundos de coleta pela Internet, especialmente em sítios dirigidos ao grande público, visando oportunizar encontros entre pessoas, discussão de temas ligados à sexualidade, aconselhamento sobre aspectos da vida sexual, resposta à perguntas dos internautas, publicação de narrativas de episódios da vida sexual, etc.; 17) material obtido através da correspondência com internautas que escrevem para o sítio <http://camanarede.terra.com.br/>, a partir de negociação feita com a organizadora do sítio, Regina Navarro Lins, que disponibilizou informações sobre o tema da bissexualidade, oportunizando um processo de discussão aberto numa das seções do sítio.

Tendo em vista que grande parte das fontes desta pesquisa constitui-se num expressivo volume de cartas e outros materiais escritos pelos informantes, na forma de relatos, depoimentos, cartões, resposta a questionários, bilhetes, anúncios pessoais, poesias e outras modalidades de escrita, estive às voltas o tempo todo com questões de ortografia, estilo, sentido e significado, especialmente no caso dos termos que se referem ao tema da sexualidade e à descrição das relações sexuais.

Duas decisões nortearam a transcrição dos textos dos informantes. A primeira delas foi de atender, sempre que possível, a forma ortográfica dada como correta, constante em algum dos dicionários mais importantes da língua portuguesa, tendo sido consultados em especial o Houaiss (2001) e o Aurélio (FERREIRA, 1986). Desta forma, introduziram-se eventualmente correções na escrita dos informantes, que serão comentadas mais abaixo. A segunda decisão foi a de fazer modificações nos modos gramaticais, especialmente para solucionar problemas relativos ao uso do plural e do singular, regência e concordância verbal e nominal, sempre que isso nos pareceu que seria importante para clareza das idéias expressas pelos informantes, embora o estilo narrativo de cada um tenha sido preservado.

A correção ortográfica incidiu principalmente no uso de palavras como vocês (no lugar de vós), interessado (no lugar de interessado), seja (no lugar de seja), e assim por diante, num sem número de casos que não cabe detalhar aqui. Mas a situação se complicou no campo do palavreado utilizado para falar da vida sexual, onde constatou-se que os dicionários seguem bastante atrás com relação à criatividade e costumes da população. De parte dos informantes, verificou-se que os termos utilizados podem ou apresentar um elevado grau de uni-

formidade ortográfica – todos escrevem errado a palavra, mas escrevem errado do mesmo jeito – ou então podem experimentar uma variação acentuada de formas – todos escrevem errado, mas escrevem errado de diferentes formas.

Por esses motivos, acredito ser necessário proceder, nesta seção, a uma breve discussão da ortografia e significação de determinados termos, que serão adotados no restante do trabalho. Ao tomar as decisões ortográficas abaixo enunciadas, estive sempre oscilando entre seguir a norma e transcrever a fala dos informantes utilizando palavras que por vezes não foram utilizadas por nenhum deles em momento algum, ou transcrever a fala dos informantes utilizando termos que estão grafados de forma flagrantemente incorreta, do ponto de vista ortográfico. Foram tomadas decisões caso a caso, algumas vezes atendendo a norma, outras atendendo a demanda manifestada pelos informantes, outras solucionando o problema com alguma outra alternativa, conforme apresentamos abaixo para os casos mais problemáticos.

No sentido de designar comportamentos femininos adotados por homens, os informantes utilizaram um conjunto variado de termos, tais como afeminado, efeminado, afemiado, afemeado, femiado, femeado, afiminado, fiminado, etc. Atendendo aos dicionários, e tendo em vista a dispersão de formas utilizadas na correspondência, optei por grafar sempre a palavra como efeminado, e efeminar no caso de verbo, ou afeminado, e afeminar no caso de verbo, consideradas ambas corretas pelas obras de referência consultadas.

Com relação aos termos fuder, fudido e foda, verificou-se que os informantes adotam sempre a palavra foda, que está correta do ponto de vista gramatical, referindo-se ao ato sexual que implica penetração. Entretanto, em que pese os dicionários registrarem como corretas as formas foder e fodido, estas não foram utilizadas quase nunca pelos informantes, e mesmo a quase totalidade das revistas de anúncios, no texto dos anúncios e no texto das reportagens, utilizam as formas fudido e fuder. Mesmo com este uso generalizado, optou-se quase sempre por grafar fodido e foder no texto dos informantes, atendendo a norma. Caso parecido, mas com decisão contrária deu-se com a palavra buceta, que em momento algum foi grafada como boceta pelos informantes, em que pese ser esta a forma correta dada pelos dicionários. Optou-se aqui em favor dos informantes, entre outros motivos por verificar que o termo buceta consta inclusive em folhetos de prevenção à aids e outros materiais de timbre oficial, além de ser de largo uso nas revistas e jornais de anúncios.

Dos termos ligados à homossexualidade, tanto os informantes quanto os dicionários dão como corretas, e com sentido adequado, as formas bicha, bicha louca, bichice, bichices. Apenas quanto ao termo bichinha, deve-se registrar que algumas vezes o dicionário dá apenas o sentido de “bolo de farinha, açúcar e ovos”, ou “mulher mocinha”, não referindo o sentido de indivíduo efeminado jovem, largamente utilizado pelos informantes. Mas a grafia está correta. O mesmo não acontece com a palavra veado, dada no dicionário, na forma chula, como designativo de homossexual, mas que é grafada, pela quase totalidade dos informantes e em outras fontes, como viado, com seu derivativo viadagem, dada pelo dicionário como veadagem – atos ou trejeitos de certos homossexuais, bichice. Atendeu-se aqui a grafia dos informantes, copiando solução já adotada em outros trabalhos, como na dissertação de mestrado de Rosimeri Aquino Silva (1999), e concordando com a argumentação apresentada por Golin e Weiler:

[ . . . ] está escrito com ‘i’ e não com ‘e’ porque, ao ser assim escrito, aproxima-se da representação construída no dia-a-dia, ou seja, oralmente. Se é verdade que a língua está viva, e os dicionários engordando, sentimo-nos à vontade para propor a grafia que melhor contempla nosso reconhecimento. Utilizando o ‘i’, acreditamos estarmos nos aproximando do imaginário social brasileiro. (GOLIN; WEILER, 2002, p. 9, grifos dos autores)

Problema de difícil solução se deu com a palavra que designa a participação de um homem ou uma mulher numa relação de casal. A expressão encontrada nos dicionários é *ménage à trois*, de origem francesa, cujo sentido está dado como “relacionamento amoroso entre três pessoas, geralmente um casal e o amante de um deles. Por extensão, qualquer relação a três”. Os informantes grafaram, em cartas e anúncios, esta palavra como *ménage* ou *menagem*, sendo esta última forma a mais comum, o que parece indicar um aportuguesamento da expressão. Entretanto, os dicionários dão *menagem* como antônimo de homenagem, com outra definição técnica, que nada tem a ver com o assunto em pauta (prisão fora do cárcere, sob a promessa de que o preso não sairá do lugar que lhe for designado). Também o uso apenas da palavra *ménage*, feita por muitos informantes, incorre em erro, uma vez que *ménage*, segundo os dicionários, refere-se ao “conjunto dos trabalhos domésticos; todos aqueles que compõem uma família; o marido e a mulher, na vida comum; a vida doméstica”. Optou-se então por grafar sempre a expressão como *menagem*, por dois motivos: foi esta a expressão mais utilizada, e ela parece corresponder a um aportuguesamento da expressão original francesa *ménage à trois*. Embora com isto tenha sido utilizado termo que no dicionário encontra outro significa-



do, acredito ser muito difícil que alguém confunda, na leitura dos materiais que seguem, menagem com algo relativo a prisão domiciliar.

Outro termo que revelou uma certa dispersão foi a palavra norte americana que denomina os homossexuais – gay –, e que apareceu grafada em geral desta maneira, mas também como gai, guei, gei ou gaye. Aqui, adotamos como princípio grafar sempre gay, embora atentos às diversas tentativas de aportuguesamento deste termo, já constantes em materiais jornalísticos e textos acadêmicos de mais de 20 anos, e que grafam guei, termo da nossa preferência, mas que foi pouco utilizado pelos informantes, e mesmo em revistas, boletins e outros materiais consultados.

Quanto à identificação dos informantes, foram tomados alguns cuidados no sentido de manter o anonimato, presente desde o início no contrato que estabelecemos com todos eles, e que permitiu mergulhar na intimidade de suas vidas, seja por carta, seja nas entrevistas e contatos informais. Os nomes que constam nas citações são fictícios, e a localização de moradia está dada apenas como cidade do interior, capital, zona urbana ou rural, litoral, região do Brasil, poucas vezes citando uma cidade em particular. Mantive a idade, a profissão e informações relativas à classe econômica, nível cultural e escolaridade tais como foram declaradas nos questionários, e fiz uso dessa caracterização sempre que pareceu necessário para maior clareza da opinião do informante. Optei por inventar novos nomes para as pessoas, evitando o recurso de identificá-los como Informante A, ou Informante 14, na tentativa de preservar um traço pessoal que pareceu importante. Mais que informantes, são indivíduos que se dispuseram, corajosamente, a falar de suas vidas, respondendo a tudo que foi perguntado, colaborando de maneira geral com muita dedicação.

A preocupação desta tese não é aquela de fazer a construção de trajetórias de vida, e foi feito um uso bastante livre das citações, sendo que o mesmo informante pode ter partes de suas cartas citadas em diferentes seções, a propósito da discussão de diferentes temas. Dessa maneira, utilizou-se uma grande quantidade de cartas, de um grande número de diferentes informantes. O trabalho assemelha-se a montagem de painéis a partir de fragmentos, estabelecendo relações entre os fragmentos que constituem a “invenção” dessa tese, e aonde o fragmento vale mais pelo lugar que ocupa no painel do que propriamente pelo lugar onde estava originalmente. Sempre que não estão citados nomes de informantes após as citações, trata-se de partes de cartas, que constituem a maior parte do material utilizado. Sempre que estiverem

citados depoimentos colhidos na Internet, ou fruto de entrevistas, eles estão devidamente caracterizados. A mesma regra vale para depoimentos de mulheres e de casais, que estão sempre identificados, sendo o restante sempre depoimentos de homens, que constituem a maior parte do material disponível. Como regra geral para os depoimentos dos informantes, estes se encontram marcados por aspas e com uso de itálico, quando no corpo do texto, ou, quando mais longos ou mais numerosos, apresentados com o recuo típico de citação, e em itálico e tamanho de fonte menor do que o restante do texto. Afora estas situações, o itálico foi utilizado apenas para marcar os grifos dos autores quando das citações. As citações de livros, revistas, jornais ou outros materiais aparecem marcadas por aspas e identificadas, quando no corpo do texto, ou apresentadas de forma recuada em fonte de tamanho menor do que o texto, quando mais longas, também devidamente identificadas.

No que se refere às convenções gráficas desse trabalho, esclareço que as aspas duplas estão utilizadas em três tipos de situações: para indicar transcrições de outros autores acerca do tema; para indicar transcrição de falas dos informantes e para assinalar o emprego de algum termo ou expressão, meu ou de algum dos informantes, que está utilizado de forma a forçar um pouco seu sentido. Nesta tese, por opção deliberada, não foi utilizado o recurso às notas de rodapé, preferindo-se citar, no corpo do texto, a referência bibliográfica, bem como os comentários pertinentes de livros e outras obras, de forma a não interromper a leitura.

As cartas, que constituem uma parte importante do material analisado nesse trabalho, foram em sua grande maioria enviadas a Rede Bis-Brasil no período entre maio de 1996 e dezembro de 2000. O material extraído de todas estas fontes permitiu constituir as quatro grandes representações que estabeleço acerca da masculinidade bissexual. A quase totalidade destes materiais foi coletada, de forma sistemática, entre os anos de 1995 e 2000. De forma não sistemática e aleatória por vezes, foram coletados materiais a partir de 2000 até a finalização da escrita desta tese. O conjunto de fontes de que disponho para a escrita, e o modo como elas foram utilizadas, aproxima meu trabalho do livro de Marjorie Garber (1997), que lida também com uma diversificada gama de fontes.

## **5 A MASCULINIDADE BISSEXUAL: MUITAS FORMAS DE DIZER**

---

Como primeira aproximação ao tema traço aqui um quadro sobre a bissexualidade agregando muitos e diferentes autores, muitas e diversas áreas de conhecimento, fruto de uma coleta persistente realizada ao longo dos anos de montagem e funcionamento da Rede Bis-Brasil. Isto é feito como quem olha o tema da bissexualidade pelos olhos dos outros, no caso, aqueles que já falaram sobre o assunto. Esta seção é em parte fruto da minha perplexidade, ao iniciar o trabalho com a bolsa da Fundação MacArthur, frente à abundância e a diversidade de material existente sobre o tema, que eu imaginava tão pobremente investigado e comentado. Nesta forma um tanto impressionista, com fronteiras difusas entre diferentes áreas do conhecimento, esta seção serve a vários propósitos. Um deles é o de mostrar um pouco da gênese, da história e dos usos, em outros contextos, de algumas idéias e termos que estão utilizadas pelos informantes desta tese, tais como as noções de terceiro sexo, bissexualidade originária e universal na raça humana, as vinculações entre hermafroditismo e bissexualidade, alguns “mitos” de origem da bissexualidade ou o conceito de homoerotismo. Designo esta abordagem de impressionista porque não estou preocupado em chegar à conclusão alguma aqui, e abordo desde a astrologia até a medicina, passando pela psicanálise e epidemiologia, procurando ver de que forma se produziram e se produzem conhecimentos acerca da categoria homem bissexual e da bissexualidade masculina, ou de que forma se designam estes comportamentos, segundo outras denominações, tais como homoerotismo e práticas homoeróticas, ou homens que fazem sexo com homens.

O tema da bissexualidade masculina está aqui visto pela ótica da sexologia, da astrologia, da psicanálise, das ciências humanas e da medicina, a partir de informações coletadas em consultas médicas, estudos epidemiológicos, consultórios de psicanalistas, entrevistas aleatórias, opiniões de profissionais de saúde, pesquisa bibliográfica, observação da movimentação dos astros celestes ou filmagem de cenas de relação sexual. Isto nos fornece um mosaico de aproximações, que será útil como porta de entrada ao tema. Na escrita desta seção foram utilizadas diversas fontes, entre livros, artigos, dicionários e material colhido em pesquisa na Internet. Os materiais coletados propriamente através da Rede Bis-Brasil não serão aqui utilizados, a exceção de sucintos comentários para ilustrar contrastes, estando reservados para análise em seções posteriores. Esta seção serve também para mostrar como são variados os campos

do conhecimento que se ocupam da sexualidade. São muitas as instâncias de poder que se ocupam de nomear, explicar, reger a sexualidade, em especial a masculina, objeto de nossa investigação. Portanto, o que se apresenta abaixo não é uma mera listagem e resenha de campos que falam da bissexualidade masculina, mas existe uma certa tensão entre as diferentes explicações, uma vez que elas muitas vezes implicam delimitação de territórios.

Conforme já anunciada na apresentação, a designação que utilizo para meu objeto de pesquisa é masculinidade bissexual. Entretanto, nesta seção fala-se do objeto genérico, do “objeto bruto” (CORAZZA, 2002), aquele do qual muitos autores já trataram, e que existe nas páginas da Internet, na fala de médicos e autoridades de saúde, no discurso do movimento homossexual, nas fitas de vídeo pornográfico, nos filmes do circuito comercial, em obras de literatura, nas notícias de jornal, na astrologia, nas fábulas de animais, etc. Foi esse o objeto do meu primeiro contato, e é a partir dele que se constrói, nesta tese, o objeto de pesquisa. Por isso, importa aqui mostrar um pouco a circulação deste objeto, em diversos meios. Este objeto é a bissexualidade, ou a bissexualidade masculina. É possível afirmar, ainda seguindo a definição de Corazza (2002), que este é o objeto inicial, não construído por mim, desta tese. Ao principiar o trabalho com a bolsa da Fundação MacArthur, também eu falava em bissexualidade. Portanto, esta seção serve para que o leitor, e mesmo o autor possam reconhecer o ponto de onde partiu o envolvimento com o tema, um pouco o modo como o autor pensava acerca do tema ao principiar este percurso.

Ao discutir os problemas envolvidos na revisão da bibliografia em teses e dissertações, Alves-Mazzotti, numa bem humorada classificação, estabelece alguns tipos mais comuns destes textos. A revisão temática que aqui se apresenta oscila entre dois extremos perigosos: o tipo “patchwork”, definido pela autora como uma revisão “que se caracteriza por apresentar uma colagem de conceitos, pesquisas e afirmações de diversos autores, sem um fio condutor capaz de guiar a caminhada do leitor” (ALVES-MAZZOTTI, 2002, p. 34), e o tipo “caderno B”, em que o autor “procura tratar, mesmo os assuntos mais complexos, de modo ligeiro, sem aprofundamentos cansativos” (ALVES-MAZZOTTI, 2002, p. 36). Espero ter evitado estes extremos, e construído um texto que, embora tocando num grande número de referências diferenciadas, faça sentido quando da leitura das próximas seções, onde temas aqui tratados reaparecem na fala dos informantes ou em situações vividas no âmbito da Rede Bis-Brasil.

Seguramente foi a partir do advento da aids que a bissexualidade masculina tornou-se cada vez mais visível e comentada, tanto para o “bem” (ela seria o sexo do futuro, portanto algo moderno e “avançado”) como para o “mal” (os bissexuais masculinos seriam os “culpados” por transmitir o HIV às mulheres casadas monogâmicas). Talvez se possa afirmar que a bissexualidade masculina vem passando por um processo que se poderia denominar de “aceitação tácita”: ela é aceita como sexo do futuro; como manifestação de preferência sexual de artistas em geral (cantores de rock, por exemplo); como fase da vida sexual de homens em direção à homossexualidade ou em período de definição sexual; como alternativa viável quando homens se encontram em situação de confinamento, em ambientes estritamente masculinos, tais como quartéis, presídios, seminários, esporte profissional, etc. No processo de negociação com as formas normativas de viver a masculinidade, ou com a masculinidade hegemônica, a bissexualidade masculina alterna posições hierárquicas de relativa superioridade (ou avanço) e de inferioridade (masculinidade menor, depreciada). De toda forma, se a bissexualidade ocupa nos últimos anos um espaço maior do que antes na mídia e nas representações sobre a sexualidade masculina em particular, passando por uma reconstrução cultural, o termo bissexualidade e a própria noção de relação com os dois sexos não são novos. Entretanto, sabemos que o fato de um homem manter relações sexuais com homens e mulheres é um comportamento que pode ser lido e valorizado de forma diferenciada em cada cultura e em cada período histórico, e mesmo em diferentes grupos culturais dentro da mesma cultura.

O primeiro passo dado para adentrar nos sentidos dos termos bissexual e bissexualidade foi uma visita aos dicionários correntes da língua portuguesa. Consultadas diversas obras de referência, notadamente o Aurélio (FERREIRA, 1986) e o Houaiss (2001), e agrupados os diversos significados por aproximação, temos que o termo bissexual em geral é dado como se referindo:

1. ao que abrange ou reúne os dois sexos, ambisséxuo;
2. ao que ou o que apresenta características de ambos os sexos, diz-se do indivíduo, da espécie, etc. (biologia);
3. ao mesmo que hermafrodita (biologia);
4. que ou aquele que sente atração sexual por, ou que mantém relações sexuais com indivíduos tanto do sexo masculino como do feminino;
5. andrógino, bissexo, ginandro, ginantropo, hermafrodita, monóico;

Dos cinco conjuntos de significados acima expostos, a idéia de hermafroditismo está presente na maioria deles. Se considerarmos a definição mais precisa de hermafroditismo, que diz respeito a possuir uma dupla anatomia, verificamos que, pelo menos dentre os homens informantes de nossa amostra, não há nenhum que assim se apresente. A definição dada no item quatro é aquela que mais se aproxima da forma de entender o tema aqui adotada. O dicionário Houaiss (2001) também registra o surgimento da palavra bissexualidade na língua portuguesa, em 1913, em um dicionário português, como sinônimo de bissexualismo. A extrema recorrência na associação entre bissexualidade e hermafroditismo presente nos dicionários é reveladora de um certo descompasso com o uso cotidiano destas palavras, que em geral não se apresentam assim tão associadas. Podemos até afirmar que quando se fala em hermafroditismo, em geral a idéia de bissexualidade aparece, mas o inverso não é verdadeiro, nem nos relatos de informantes, nem nos materiais da mídia.

No sentido de melhor organizar a exposição de informações que agora segue, estabeleceu-se uma divisão em duas partes. A primeira, intitulada “Da psicanálise e da biologia, das figuras míticas e das fábulas” investiga um conjunto de discursos mais antigos e de forte presença nas falas dos informantes, tanto referido a investigações científicas (psicanálise e biologia) e suas apropriações pelo senso comum, quanto idéias provindas da astrologia, mitologia grega e fábulas de Esopo. A segunda parte, intitulada “Circulações da bissexualidade em vídeo e televisão” busca captar, em especial em matérias televisivas dirigidas ao público GLS e filmes, incluindo-se aí vídeos de caráter pornográfico, a ocorrência de situações e personagens que retratam a bissexualidade masculina. Talvez algumas afirmações aqui não façam sentido nesta primeira leitura, mas mais adiante, quando confrontadas com os ditos e escritos dos informantes, e mesmo com o conteúdo de outras fontes desta pesquisa, elas devem ganhar outra dimensão.

## 5.1 DA PSICANÁLISE E DA BIOLOGIA, DAS FIGURAS MÍTICAS E DAS FÁBULAS

Pensada desde os referenciais da psicanálise, em autores especialmente como Freud, Fliess e Adler, a bissexualidade ocupa lugar de destaque na estruturação teórica da sexualidade. Embora o referencial de análise adotado nesta tese esteja vinculado às identidades culturais, uma discussão breve de como o tema da bissexualidade foi tratado por Freud e colabora-

dores mais diretos nos auxilia a traçar a origem de pelo menos duas afirmações que aparecem de maneira recorrente em diversas fontes utilizadas para colher informações sobre a bissexualidade: a idéia de que “todo mundo no fundo é bissexual”, e a idéia de um “terceiro sexo”. Também nos auxilia a entender de que forma entraram em circulação alguns mitos gregos, que atuam como mitos fundadores da bissexualidade e de temas a ela associados, como a androginia, o transexualismo, o hermafroditismo e a homossexualidade, e que encontram discreta referência nas cartas e entrevistas dos informantes desta pesquisa, mas que são mais frequentes quando se buscam informações sobre a bissexualidade na internet, e mesmo em algumas declarações de médicos e especialmente psicólogos que lidam com os temas da sexualidade e da aids.

A partir dos trabalhos dos sexólogos do final do século XIX, como Krafft-Ebing e Hirschfeld, criou-se o conceito de terceiro sexo, “para designar ao mesmo tempo o andrógino (bissexual), o invertido (homossexual) e o hermafrodita psicosexual (transexual).” (ROUDINESCO, 1998, p. 72) A idéia da bissexualidade recebe novo impulso a partir dos estudos da embriologia ao microscópio, que mostraram um embrião humano “dotado de duas potencialidades, uma masculina e outra feminina. Daí a idéia de que a bissexualidade já não era apenas um mito, porém uma realidade da natureza.” (ROUDINESCO, 1998, p. 72). A partir daí, a idéia da bissexualidade vai ser desenvolvida em mais de uma direção, mas ocupando sempre uma posição de destaque no cenário da psicanálise nascente. Segundo Roudinesco (1998), com Fliess, a bissexualidade embriológica vai servir de base para apoiar a idéia de uma bissexualidade psíquica, vinculada à bilateralidade do corpo, associando lado direito e lado esquerdo com a existência de dois sexos, no mesmo corpo, metáfora próxima daquelas de “frente e verso”, ou “vice e versa”, ou “na frente e atrás”, muito utilizadas por informantes da Rede Bis-Brasil quando se trata de situar no corpo algum indício de sua bissexualidade, e tão recorrente a primeira que inclusive foi a escolhida para nomear o boletim da Rede, “Frente&Verso”, na grafia selecionada.

Freud estabeleceu uma diferenciação entre o biológico e o psíquico, recusando-se a ver um como causa de outro. É na obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” que Freud apresenta a bissexualidade como fundamento da homossexualidade e de outras inversões. Segundo Freud, o senso comum com relação ao instinto sexual está referenciado na idéia de que homem e mulher são duas metades, que se procuram para se completar, através do amor. Causa espanto, portanto a descoberta de que “há homens cujo objeto sexual é outro homem, e

não uma mulher, e mulheres cujo objeto sexual é outra mulher, e não um homem” (FREUD, 1972, p. 136). A designação escolhida para esses indivíduos é a de invertidos, chamando-se ao fenômeno de inversão.

Com relação ao comportamento dos invertidos, Freud esboça uma pequena classificação. Os invertidos absolutos seriam aqueles que elegem como objeto sexual exclusivo indivíduos do próprio sexo. Os invertidos anfigênicos, ou hermafroditas psicosexuais, tanto podem ter objetos sexuais do próprio sexo como do sexo oposto. E finalmente podemos ter os invertidos ocasionais, em que a influência de certas condições exteriores seria a responsável pela adoção de objetos sexuais do mesmo sexo, obtendo com ele satisfação através de relações sexuais. Aqui observamos o uso do termo hermafrodita associado à idéia de bissexualidade, o que pode ajudar a explicar uma noção presente no senso comum e de forma insistente em dicionários da língua portuguesa, de que a bissexualidade esteja vinculada necessariamente ao hermafroditismo biológico ou físico.

Freud também esboça uma outra classificação dos invertidos, tendo como base o que se poderia denominar de convivência com essa característica: há aqueles que aceitam isso de forma natural, tal qual uma pessoa normal aceita a orientação de sua libido, e há os que “se revoltam contra a própria inversão, que consideram uma compulsão patológica” (FREUD, 1972, p. 137). Com referência ao momento em que a inversão se manifestou, também se faz outra classificação, que comporta as seguintes categorias: a inversão pode datar do princípio da vida do indivíduo, ou de época tão remota quanto a memória possa alcançar; pode ter se manifestado em torno da puberdade; pode persistir por toda vida; pode constituir evento episódico no processo de desenvolvimento normal; pode surgir pela primeira vez depois de um longo período de atividade sexual normal; pode apresentar um caráter oscilatório entre um objeto sexual normal e um objeto sexual invertido. Os casos mais interessantes, segundo Freud (1972, p. 137), seriam aqueles “em que a libido se transfere para um objeto sexual invertido após ter tido uma experiência penosa com um normal”. De qualquer forma, entre essas diversas categorias haveria articulação do tipo “série interligada”, comportando exemplos intermediários de cada tipo.

Fundamental para compreendermos as falas que situam a bissexualidade como indefinição, que será abordada mais adiante, é lembrar as reiteradas afirmações de Freud, especialmente no artigo “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, mas também em “Uma criança



está apanhando” e “Psicopatologia da vida cotidiana”, que afirmam a existência de “elementos e características masculinas em todas as mulheres, e elementos e características femininas em todos os homens”, ou uma “disposição bissexual geral dos animais superiores”. Sendo assim, temos desde autores que situam a repressão sexual como derivada desta necessidade de reprimir um dos sexos – o sexo subordinado – para que o outro se afirme, até considerações sobre a natureza intrinsecamente bissexual de todos os indivíduos, o que não deveria lhes causar problema, uma vez que está inscrita de certo modo em sua própria anatomia, na forma de centros cerebrais masculino e feminino, que só se desenvolvem na puberdade, sob a ação de glândulas sexuais:

[ . . . ] a atitude sexual definitiva do indivíduo não se define senão depois da puberdade e é o resultado de numerosos fatores, nem todos ainda conhecidos: alguns são de natureza constitucional, os outros, porém, são acidentais. [ . . . ] geralmente, a multiplicidade dos fatores determinantes se reflete na variedade das atitudes sexuais manifestas com que se expressam nos seres humanos. (FREUD, 1972, p. 146)

Uma idéia freudiana importante, derivada da noção central da bissexualidade, foi a de que “ambos os sexos recalavam o que dizia respeito ao sexo oposto: a inveja do pênis, na mulher, e, no homem, a revolta contra sua própria feminilidade e sua homossexualidade latente” (ROUDINESCO, 1998, p. 74). Mesmo reservando para a bissexualidade uma posição central no processo de estruturação da sexualidade, Freud manteve a idéia de uma libido única, essencialmente masculina. A bissexualidade foi retomada por sucessores de Freud, “estudando os distúrbios da identidade sexual a partir de uma separação, muito mais radical do que a efetuada por Freud, entre a sexualidade no sentido biológico e anatômico, por um lado, e o gênero (*gender*) como representação social e psíquica da diferença sexual, por outro” (ROUDINESCO, 1998, p. 74, grifo do autor).

De forma bastante transformada, ou às vezes de maneira direta, mas descontextualizada, algumas das idéias expostas aqui aparecem nas falas dos informantes, nas reportagens de jornais e revistas, na fala de médicos e outros profissionais de saúde. Não apenas as categorias e termos que Freud criou para dar conta da questão da sexualidade, mas os modos de análise e de organização dos tipos encontraram seguidores, ressaltando-se que a explicação que numerosos informantes encontram para a emergência de sua bissexualidade faz uso muitas vezes de elementos do pensamento psicanalítico.

No campo da astrologia, uma pesquisa a partir da palavra chave bissexualidade, em diversos sítios da Web, mostrou uma associação entre o termo escolhido e o signo de gêmeos. Narra-se ali a história de Hermes, deus grego, também conhecido pelo nome romano de Mercúrio. Após algumas aventuras, Hermes foi sagrado por Zeus como mensageiro, que viajava constantemente entre o Olimpo, a Terra e as regiões inferiores, lidando com os deuses e os homens:

Hermes pode ser considerado o grande solteirão do Olimpo. Nunca se casou e tampouco teve uma companheira constante. Porém teve inúmeras aventuras amorosas e muitos filhos. O seu caso amoroso mais importante foi com Afrodite. Desta união de uma noite só nasceu Hermafrodito, um ser bissexual representado como um jovem com seios femininos e longos cabelos, cujos genitais são masculinos. (<http://www.patio.com.br/astro/signos/signo03.html>, acesso em 27 de junho de 2002)

Em outros materiais, conta-se uma história semelhante para o nascimento de Hermafrodito, a partir de uma relação entre Afrodite, deusa do amor e da beleza, e de Hermes, filho de Zeus e mensageiro dos mortais. Entretanto, sua “transformação” em homem (ou semi Deus) de características bissexuais está explicada como episódio ocorrido mais adiante na vida, e não no momento do nascimento:

Criado pelas ninfas na floresta de Ida, na Frígia, começou a correr mundo aos 15 anos. Chegando à beira de um lago, Salmácis, uma ninfa, viu-se perdidamente apaixonada por ele. O inocente Hermafrodito rechaça suas investidas. Ela se esconde e, quando ele se despe para banhar-se nas águas do lago, ela o agarra, prendendo-se a ele. Ele tenta se livrar, mas Salmácis pede aos deuses que seus dois corpos não sejam nunca mais separados, no que é prontamente atendida. [ . . . ] Surge, então, um novo ser de natureza dupla. É o retorno do andrógino primitivo quando, após muitas vicissitudes, intercâmbios e transformações entre os dois sexos, o ideal de união das duas metades é finalmente realizado. (<http://www.tafalado.com.br/isis/anteriores/hermafro.htm>, acesso em 27 de junho de 2002)

As duas citações acima tratam de explicar o surgimento da característica principal de Hermafrodito de duas formas diferentes, reproduzindo tendência presente em numerosas outras fontes. Num dos casos, ele “nasceu” assim. Noutro, isso aconteceu em um episódio da sua vida, envolvendo a recusa do assédio feminino. São modalidades bastante diferentes de explicar a gênese deste comportamento, e assemelham-se àquelas presentes em depoimentos dos informantes, examinados em seções posteriores. Na segunda citação, ao falar em “retorno do andrógino primitivo” e “ideal de união das duas metades”, de uma certa forma se expressa uma idéia de “sexo do futuro” ou de manifestação de preferência sexual situada acima da polaridade masculino/feminino, também presente em falas de informantes. O “sexo do futuro” é

visto aqui como uma retomada da condição inicial, primeira, que é a da bissexualidade original. As gravuras que acompanham estas descrições, em alguns sítios da internet, mostram a ninfa dominando o rapaz, o que lembra, de certo modo, a ênfase dada ao papel feminino em algumas situações de iniciação sexual entre homens, quando mulheres estão presentes, em arranjos do tipo dois homens e uma mulher, muito freqüentes também em materiais pornográficos de temática bissexual. Para pensar o papel da mulher frente a situações de bissexualidade masculina, convém saber um pouco mais acerca das ninfas:

Na mitologia grega, ninfas eram as divindades femininas secundárias associadas à fertilidade e identificadas de acordo com os elementos naturais em que habitavam, cuja fecundidade encarnavam. [ . . . ] Belas, graciosas e sempre jovens, as ninfas foram amadas por muitos deuses, como Zeus, Apolo, Dioniso e Hermes. Quando uma ninfa se apaixonava por um mortal, podia tanto raptá-lo, como aconteceu com Hílas; fundir-se com ele, como Salmácis com Hermafrodito; ou se autodestruir, como fez Eco por amor a Narciso. (<http://www.pegue.com/grecia/ninfas.htm>, acesso em 27 de junho de 2002)

Seguindo os passos da mitologia clássica, verificamos que Hermafrodito teve um meio irmão, fruto da união de Hermes com a ninfa Dríope, que é Pã, ser muito feio, com pés de bode e chifres na cabeça, imortalizado pela flauta que toca de maneira maravilhosa. O nome Pã significa todo, e daí deriva um termo encontrado em associação com a bissexualidade, que é pansexualismo, também presente em depoimentos que vamos analisar nas seções adiante. Em verdade, verifica-se que os termos hermafroditismo, bissexualismo e pansexualismo têm uma trajetória comum, desde seu nascimento nestes mitos gregos, passando pelos dicionários, conforme já verificamos mais acima, até as falas dos informantes, reportagens na mídia e outros materiais contemporâneos.

Outra narrativa importante acerca de Hermafrodito é aquela que está feita por Ovídio (1983) em “As Metamorfoses”, no Livro IV, do qual separamos alguns trechos, retirados de diversas páginas:

Um menino filho de Mercúrio e da deusa Citeréia foi criado pelas náíades nas grutas do Ida; seus traços fisionômicos permitiam reconhecer quem era o pai e quem era a mãe; também o seu nome foi tirado de ambos. Quando completou três lustros, abandonou as montanhas pátrias, e, saindo de onde se criara, alegrou-se em viajar por lugares desconhecidos [ . . . ] Viu um lago cuja água é transparente até o fundo. [ . . . ] Uma ninfa mora ali, [ . . . ] ora banha na fonte o seu formoso corpo, ora, muitas vezes, penteia os cabelos com um pente citóreo, e consulta a água onde se mira sobre o que lhe convém. [ . . . ] viu o adolescente e, vendo-o, desejou conquistá-lo. [ . . . ] Então, assim falou: [ . . . ] ‘Se tens alguma (prometida), que seja o meu um prazer furtivo; se não tens, que seja eu, compartilhemos o mesmo leito’. A náíade calou-se. O rubor cobriu o rosto do adolescente; ainda não sabia o que era o amor. [ . . . ] En-

tão, verdadeiramente extasiada, Salmácida arde de desejo por aquele corpo nu. [ . . . ] precipita-se no meio das águas, agarra o jovem que resiste, rouba-lhe beijos enquanto luta, abraça-o, acaricia-lhe o peito contra a sua vontade, e ele se vê envolvido, ora de um lado, ora de outro. Afinal, apesar da resistência do jovem e de suas tentativas de escapar, ela o aperta, como a serpente que a águia agarra e levanta nos ares suspensa [ . . . ] Resiste o descendente de Atlas e nega à ninfa o prazer que ela espera. Ela o retém com mais força, e com todo o corpo unido ao dele, pareciam pregados um no outro. [ . . . ] ‘Ordenai, ó deuses, que jamais ele possa se separar de mim ou eu dele!’ Os deuses ouviram sua súplica. Eis que os corpos dos dois foram juntados intimamente e se tornam um só corpo. Do mesmo modo que, quando se juntam dois ramos na mesma casca de árvore, eles crescem juntos, como um mesmo galho, assim também depois que os membros dos dois se uniram em um forte amplexo, já não são dois, mas têm uma dupla forma, não se pode dizer que seja uma mulher ou um adolescente, o aspecto não é nem de um nem de outro, e é, ao mesmo tempo, de um e outro. Quando viu que aquelas águas, nas quais entrara homem, o haviam tornado um andrógino, disse Hermafrodita, erguendo os braços, mas com uma voz que já não era viril: ‘Concedei, meu pai e minha mãe, a vosso filho que tem o nome de ambos, que, quem quer que chegue a esta fonte como homem, dela saia só metade homem e quem tocar nestas águas perca metade de seu vigor’. Comovidos, ambos os pais ouviram a súplica do filho tornado biforme e derramaram na fonte um filtro maléfico. (Ovídio, 1983, grifos do autor)

A leitura dos trechos acima, retomando os pontos principais da narrativa que faz Ovídio, nos mostra uma fusão entre adolescente e mulher, sobreposta a uma fusão entre homem e mulher. A mulher, ao abraçar e seduzir violentamente o adolescente o transforma em homem, e em seguida se une a ele, a partir de um enlaçamento. É quase uma cena de estupro, a ninfa enlaçando e dominando o adolescente, que não conhecia o amor, enquanto a ninfa era nisso perita. A associação entre masculinidade e vigor, está clara neste último pedido que faz Hermafrodita a seus pais, dizendo que ao entrar na água, qualquer indivíduo que seja, mas referindo-se obviamente a homens, sairá dali metade homem e perderá metade de seu vigor. Nesta obra, de larga divulgação, a tradução do nome do adolescente está dada como Hermafrodita, ao contrário de outras fontes consultadas, onde aparece Hermafrodito. Com relação ao corpo, algumas fontes citam transformações no peito e nos cabelos do adolescente, em outras, como na citação acima, estão apresentadas alterações na voz do rapaz, que deixa de ser viril, talvez no momento mesmo em que ela pudesse transformar-se em viril, uma vez que era um adolescente que se estava fazendo homem, em sua primeira relação com mulher.

Retornando à astrologia, ao listar as características dos nascidos sob o signo de gêmeos, é interessante deter-se no item que fala dos relacionamentos amorosos, escrito a partir da visão de que “os astros comandam o amor”. Dentre muitas outras coisas, diz-se do geminiano:

Bem poucos são os nativos de Gêmeos que conseguem desviar-se da miríade de disfarces e desejos conflitantes de suas naturezas. Gêmeos é regido pelo ardiloso Mercúrio, planeta de relampejante velocidade, que força este homem, mulher ou criança a experimentar mil faces, para em seguida rejeitá-las, em busca incansável pela iden-

tidade pessoal. (<http://www.patio.com.br/astro/signos/signo03.html>, acesso em 27 de junho de 2002)

Desta citação é interessante reter a idéia de indecisão, acompanhada da sensação de eterna insatisfação, talvez incompletude, que também vai aparecer em depoimentos mais adiante analisados. Nesta pequena citação, a freqüência de termos como ardiloso, relampejante velocidade, mil faces, busca incansável, pode nos indicar associação com a idéia de extrema variação de parceiros, relações sexuais em extrema quantidade e velocidade, um elemento que é central no senso comum para entender a bissexualidade masculina, e especialmente para promover sua aproximação com a epidemia de aids. De forma bastante antagônica, mas mostrando um outro modo de significar a bissexualidade, temos a idéia de algo completo, inteiro, que contém em si os dois pólos da sexualidade, sem indecisões, e que está presente em Hermafrodito, conforme se verifica ao pesquisar no significado das cartas de Tarô, que aparecem em geral próximas ao tema da astrologia:

O Mundo (Hermafrodito, filho de Hermes e Afrodite): Hermafrodito é a imagem da experiência de sermos inteiros, completos. Masculino e feminino representam muito mais do que simples identificações de órgãos genitais. São as grandes polaridades que circundam todos os opostos da vida. Ele se realiza em razão das várias experiências dessa viagem dos Arcanos Maiores que conduzirão o indivíduo a totalização do próprio ser. As qualidades do cuidado maternal e do código de ética paternal, da intuição e da expressão física, da mente e do sentimento, do relacionamento e da solidude, do conflito e da harmonia, do espírito e da matéria, todos estes opostos que continuamente lutam dentro de nós e que, justamente por causa dessa grande batalha, conseguem aperfeiçoar nossa personalidade, estão contidas na carta do Mundo, unidos, convivendo harmonicamente dentro do grande círculo da Serpente que simboliza a vida eterna. Essa carta implica num período de realizações e de totalização. É o momento de sucesso, da finalização positiva de um processo ou de uma questão; o instante de alcançarmos um objetivo, de atingirmos um ideal pelo qual lutamos durante muito tempo. (<http://www.magnifica.com.br/taro/cartas17022.htm>, acesso em 27 de junho de 2002)

Uma determinada concepção que aparece entre os homens informantes da Rede Bis-Brasil articula bissexualidade e complementaridade entre o masculino e o feminino. Associa-se em geral às idéias de força e domínio ao homem, e às idéias de fraqueza e submissão à mulher. Desta forma, alguns homens sentem que, na relação com um homem, manifestam os atributos femininos, enquanto na relação com uma mulher – eventualmente sua própria esposa, namorada ou noiva – manifestam os atributos masculinos. Dessa forma, sentem-se mais “completos” do que os outros homens. Aqui se cruzam também elementos que lembram o hermafroditismo, uma vez que a posse de órgãos genitais masculinos e femininos pode levar a pensar num modelo de completude, algo intensamente explorado em materiais pornográficos que apresentam hermafroditas. Se o indivíduo tem apenas os órgãos sexuais masculinos,

mesmo assim pode sentir-se completo ao entregar-se de forma feminina a um homem, e depois de forma masculina a uma mulher, o que pode configurar uma espécie de hermafroditismo.

Passando a outro conjunto de fontes, verifica-se que a associação de identidades masculinas com figuras de animais é processo recorrente e bem conhecido. Todos identificam veados com homossexuais, embora a grafia mais utilizada nessa transposição seja a de viado. Homens heterossexuais que apresentam ótimo desempenho sexual são identificados aos garanhões. Um homossexual jovem pode ser chamado de bambi, numa referência ao veado jovem do filme da Disney. Um homossexual muito afeminado pode ser chamado de marreca. Um rapaz jovem e bonito é um gato, podendo ser também um gatinho, designação encontrada tanto para heterossexuais quanto para homossexuais. No meio homossexual, também encontramos a designação de galinha para referir-se a alguém que está transando com muita gente ao mesmo tempo.

Para os homens bissexuais, ou mais propriamente para a bissexualidade, tanto masculina quanto feminina, encontramos também um animal: a hiena. Isto se pode verificar através das fábulas de Esopo, dentre as quais reproduzo duas que enfocam o tema, às quais não falta inclusive a conhecida lição de moral:

#### **A Hiena e a Raposa**

As hienas, dizem, mudam de sexo periodicamente: o macho se torna fêmea e vice-versa. Ora, como uma hiena repreendia uma raposa por rejeitar sua corte, a raposa respondeu: 'Não é por mim, mas por tua natureza, pois não posso saber se me tomarás como um amante ou como uma amante'.

Cuidado com o homem ambíguo. (ESOPO, 1999, p. 20, grifo do autor)

#### **As Hienas**

Dizem que as hienas mudam de sexo de um ano para o outro: ora são machos, ora são fêmeas. Como uma hiena macho copulava por trás com uma fêmea, esta lhe disse:

- Estás me fazendo o que vão fazer contigo em breve.

Isto vale para o magistrado que te ultraja e a quem sucederás logo depois. (ESOPO, 1999, p. 130)

As lições de moral aqui apresentadas são por demais óbvias, mas é preciso registrá-las: a ambigüidade é explicitamente condenada, e a posição comumente chamada de passiva no ato sexual é equiparada a um ultraje, do qual somente podemos nos recuperar ocupando a posição ativa em outro momento. Ao analisar mais adiante alguns filmes pornográficos que se auto intitulam como bissexuais, vamos encontrar este movimento pendular nos personagens masculinos, entre passivos e ativos, configurando as cenas de penetração uma espécie de re-

cuperação do indivíduo, que logo na cena anterior estava sendo penetrado. A condenação da ambigüidade é especialmente presente em numerosas declarações de médicos e autoridades de saúde, afirmando que o problema da infecção das mulheres por maridos bissexuais se resolveria se estes homens resolvessem sua ambigüidade, ou assumindo de vez sua homossexualidade latente, ou então abandonando esta prática, e dedicando-se a uma vida sexual exclusiva com mulheres, de preferência apenas com a esposa, quando casados.

A busca de padrões de vida sexual entre os animais, e sua transferência ao reino humano como regra ou possibilidade, demonstrando o que seriam condutas normais e condutas anormais – aqui entendidas como contrárias à natureza – e o processo contrário, de buscar entender a sexualidade dos animais a partir de categorias presentes no estudo da sexualidade humana, é processo recorrente e rotineiro, especialmente encontrado em revistas de grande circulação, mas com certeza muito presente na pesquisa científica também. Ao estabelecer um continuum entre o comportamento sexual dos animais e o comportamento sexual de seres humanos, em geral o que está presente é a possibilidade de estabelecer regras para os seres humanos de como deveriam se dar às relações sexuais, regras essas que são retiradas da natureza, do mundo animal.

Uma longa matéria, publicada em um sítio GLS, reuniu informações acerca dos hábitos homossexuais e bissexuais dos animais, buscando com isso pôr em xeque algumas restrições que são feitas especialmente à homossexualidade e a bissexualidade. A matéria abre com o seguinte comentário:

Animais como o gorila, o carneiro montanhês, o golfinho, bichos domésticos e até aves foram objeto de laboratório de pesquisadores que descobriram por exemplo como cada espécime citado alterna acasalamentos homossexuais, heterossexuais e bissexuais ao longo de sua vida adulta. Enquanto a sociedade dos homens ainda considera este comportamento uma aberração, na natureza a coisa é bem diferente. ([http://www.glsplanet.com.br/artigo\\_raro/news\\_arquivos.htm](http://www.glsplanet.com.br/artigo_raro/news_arquivos.htm), acesso feito em 25 de outubro de 2001)

A partir daí, a matéria dedica-se a abordar a vida sexual de orangotangos, golfinhos, gorilas selvagens e carneiros montanhês, buscando extrair situações de normalidade e aceitação de práticas homossexuais e bissexuais. Ao final, pergunta-se:

Os diversos comportamentos sexuais dos animais levam certamente a uma questão central: na natureza, os rituais de sexo homo e bissexual são aceitos com naturalidade pelos grupos, por que o homem, e a sociedade não conseguem encarar como tal?

Por que será que os animais, abençoados pelo “criador” têm a tolerância da natureza, e o ser humano também tutelado pelo criador, recebe uma carga de culpa do mundo e merece ir para o Inferno? Será que a culpa de tudo é por que fazemos parte da casta dos ditos civilizados, por uma herança cultural, ou isto é consequência de uma restrição auto-imposta às diferenças?  
 ([http://www.glsplanet.com.br/artigo\\_raro/news\\_arquivos.htm](http://www.glsplanet.com.br/artigo_raro/news_arquivos.htm), acesso feito em 25 de outubro de 2001)

Na mão contrária ao que muitas vezes encontramos, aqui a referência aos animais serve a fins que se poderia designar de progressistas, pois visam à aceitação da diferença. De todo modo, o que interessa fixar com estas citações é o processo de construir uma determinada argumentação “natural” sobre a sexualidade, amparada em exemplos retirados de animais, o que pode ser usado tanto com a finalidade de propor níveis maiores de aceitação da diferença quanto para restringir o exercício da diferença.

## 5.2 CIRCULAÇÕES DA BISSEXUALIDADE EM VÍDEO E TELEVISÃO

A série de TV norte americana intitulada “Os Simpsons” tem um episódio cujo enredo envolve o Brasil, intitulado “*Blame it on Lisa*” (O Feitiço de Lisa), e onde a conhecida família americana vai ao Rio de Janeiro. Suscitou, na imprensa brasileira, uma onda de pequenas notas de protesto, dando conta do modo preconceituoso como o Brasil e os brasileiros foram representados, bem como do desconhecimento de características elementares da geografia brasileira. Um dos aspectos mais citados em todas estas notas foi o fato da sexualidade carioca – e por extensão a brasileira – ser representada como predominantemente ambígua e fruto da quebra das inibições, oportunizando um comportamento bissexual, especialmente entre os homens. O personagem Homer Simpson, ao chegar ao Brasil, imediatamente fica seduzido pelas possibilidades sexuais com homens e mulheres, pela exposição do corpo quase nu na praia de Copacabana, pela flexibilidade dos costumes. Por ocasião da exibição do episódio, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, em algumas das muitas notas de jornais e pequenas matérias nos principais provedores de Internet, havia uma confusão entre os termos gay, utilizado para fazer a chamada da matéria, e a descrição da sexualidade masculina como bissexual.

Pesquisando em locadoras de vídeo, é possível localizar numerosas fitas que se auto intitulam bissexuais, algumas delas trazendo uma logomarca resultante da fusão entre o espelho



de Vênus e a flecha de Apolo, os símbolos do feminino e do masculino. Estas logomarcas, que visam identificar coleções de vídeos, revistas pornográficas, seções de revistas de encontros e sítios dedicados ao tema da bissexualidade, não são idênticas, mas resultam de uma combinação de elementos que se repete: elas podem aparecer como um símbolo que junta ao mesmo tempo a flecha e o espelho referidos; podem aparecer como um símbolo quase duplo, onde se reconhecem tanto a flecha quanto o espelho, unidos normalmente por um círculo central, e pode aparecer como espelho mais flecha unidos por uma ligadura do tipo nó central, um x central ou duas linhas curtas e paralelas centrais, servindo como conexão. Também é comum aparecer um agrupamento que mostra, enfileirados e se tocando, dois símbolos masculinos (a seta) e um símbolo feminino (o espelho), o que alude a dois homens e uma mulher, uma combinação bastante freqüente nos vídeos analisados a seguir. Algumas vezes, todo este conjunto está colocado sobre um triângulo equilátero com a base para cima e a ponta para baixo, que lembra o famoso triângulo gay, utilizado nos campos de concentração da Alemanha nazista, e hoje incorporado como símbolo da cultura gay.

Pesquisando em locadoras, foi possível encontrar uma grande quantidade de fitas com temática bissexual, mas aqui está analisado um conjunto bem menor delas, extraídas quase ao acaso desta verdadeira montanha de vídeos que se anuncia como bissexual. Os títulos das fitas analisadas são: Fogo em Alto Mar (Heatwaves), Adolescentes Bissexuais (The Big Switch), Medicina Bissexual (Bi Medicine), Um mundo exótico (World of sexual oddities) e Jogos Sexuais (The Mating Game). O que se chama de bissexualismo nestas fitas refere-se em geral ao bissexualismo masculino, ou seja, a cenas em que um homem pratica relações sexuais com uma mulher e um homem ao mesmo tempo. O fato exclusivo de duas mulheres manterem relações sexuais entre si ao longo de uma narrativa não constitui motivo para que uma fita de vídeo seja considerada bissexual, e incluída nas coleções a este tema dedicadas, o que se verificou em cem por cento dos casos consultados.

O que faz estes vídeos serem agrupados na categoria bissexual são alguns elementos na estrutura narrativa que se repetem, com variações, em todas estas fitas. Uma delas “condensa” muitas dessas situações: Fogo em Alto Mar. A situação passa-se num barco, envolvendo os convidados a um passeio e a tripulação. Três cenas de bissexualismo masculino acontecem, seguindo quase a mesma estruturação: dois homens e uma mulher, os homens transam com a mulher, antes ou depois de terem tido uma relação sexual entre si, sempre envolvendo sexo oral e penetração anal. Dentre os personagens masculinos, temos aqueles que são ativos e

passivos, e alguns que são apenas ativos, nenhum deles é apenas passivo, e isto é quase uma regra nos filmes. Neste *Fogo em Alto Mar*, não por acaso, os marinheiros da tripulação são apenas ativos, enquanto aqueles que são ativos e passivos são os homens convidados para o passeio. Outra regra de ouro desses filmes é que não existem cenas em que os homens façam sexo entre si sozinhos. Ou seja, isto só acontece na presença de uma ou mais mulheres. Já as cenas em que as mulheres fazem sexo ou se excitam entre si muitas vezes acontecem na ausência de homens, e algumas vezes os homens estão apenas observando, não participam. Nas cenas em que homens transam entre si a mulher nunca é uma espectadora passiva, pelo contrário, em geral ela não apenas sugere posições e estimula a adoção de práticas, mas participa ativamente, muitas vezes coordenando, assumindo nítidas posições de comando, obrigando os homens a realizarem ações entre si que, aparentemente, eles não fariam em sua ausência. Os motivos que levam os homens a obedecer aos ditames da mulher são vários. No referido *Fogo em Alto Mar* numa das cenas os homens obedecem porque a mulher sugere um jogo de cartas, e na medida em que ganha as partidas passa a ter o direito de dar ordens a eles, exigindo a retirada das roupas, e a partir daí ela encaminha a transa entre eles. Em outras situações, os homens simplesmente obedecem à mulher, sem maiores motivos, fazendo cara de sofrimento quando estão sendo penetrados, mas obedecendo. São comuns cenas em que a mulher faz perguntas em tom de humilhação ao homem, do tipo “está gostando?”, “então é disto que você gosta não?”, e até mesmo perguntas bastante explícitas, do tipo “você gosta mais disso do que de fazer sexo comigo, não?”, ao que o homem responde afirmativamente.

Se observarmos, em todas estas fitas analisadas, as trajetórias dos personagens masculinos, verificaremos que, na quase totalidade dos casos, o homem que fez um papel passivo na relação com outro homem numa cena, na cena seguinte estará envolvido em situações do tipo possuir uma ou mais mulheres, ser desejado e acariciado por mulheres, possuir uma mulher na presença de outros homens, recebendo deles um estímulo quanto à sua potência. Parece ocorrer um processo de “recuperação da masculinidade”, que ficou arranhada na cena em que ele foi possuído por outro homem. Os homens negros, quando aparecem, são em geral garanhões, possuindo homens e mulheres, e sendo intensamente dominadores, subjugando os demais, em todas as fitas analisadas.

Outra cena clássica nestes filmes é o homem ser penetrado por uma mulher, que usa um consolo, atado ao corpo ou manuseado livremente. Em geral, nestas cenas o homem está com duas ou três mulheres. Ele transa com uma delas, enquanto a outra se ocupa em efetuar a pe-

netração. Algumas vezes, esta cena é montada de forma a parecer que as mulheres, por estarem em maioria, em geral uma relação de três mulheres para um homem, pensam em divertir-se com aquele corpo masculino, fazendo com ele coisas que normalmente não fariam. São então comuns cenas em que, enquanto o homem se ocupa em relacionar-se sexualmente com uma das mulheres, as outras duas – às vezes, as outras três – passam a lhe dar pequenos tapas na bunda, depois enfiam o dedo em seu ânus, depois passam a fazer isto com consolos, por vezes aumentando o tamanho, e finalmente podem chegar a oferecer o ânus do parceiro a algum outro homem que ingressa na cena. O comportamento do homem que está sendo objeto dessas ações varia, indo de uma total indiferença – em um dos filmes, as mulheres fazem praticamente tudo que se possa imaginar em termos de penetrações no ânus masculino, e o homem em momento algum se vira para ver o que se trata, ou mesmo faz algum gesto, seja de repulsa ou de aprovação, ocupando-se exclusivamente na relação sexual com uma das mulheres – até um comportamento de nítida aprovação por parte do homem, que se entrega cada vez mais às brincadeiras das mulheres.

Em matérias de jornais e revistas, a palavra bissexual aparece por vezes associada com alguma dessas outras: travesti, transexual, homossexual, hermafrodita. Esta associação, na maioria das vezes, redundando em confusão, uma vez que esses termos são utilizados como se fossem sinônimos, e são intercambiáveis nas frases construídas pelos jornalistas. A bissexualidade, em muitas notícias, aparece subsumida a outras identidades, em frases como “estes homossexuais por vezes mantêm relações com mulheres, então se comportam como bissexuais”, onde se percebe que a bissexualidade aparece como um componente da vivência da homossexualidade, mas não como uma identidade, pelo menos não no mesmo nível que a homossexualidade.

O relato apresentado acima constitui uma pequena amostra das circulações dos termos bissexualidade e bissexualidade masculina em diferentes materiais, correndo o risco de assemelhar-se a um artigo de almanaque. Talvez estes não sejam os materiais mais recorrentes sobre o tema, ou talvez alguns desses não sejam os mais recorrentes, mas eles guardam conexão com modos de ver o assunto que estão presentes nas falas dos informantes da Rede Bis-Brasil, analisadas mais adiante. Cumpre a seção então a função de ambientar o leitor com usos do termo que serão retomados a seguir. Na próxima seção, apresentam-se pesquisas brasileiras que enfocam o tema da bissexualidade masculina.

## **6 INVESTIGAÇÕES SOBRE A BISSEXUALIDADE MASCULINA NO BRASIL**

---

**E**sta seção agrega pesquisas e pesquisadores que trataram, de forma direta ou indireta, do tema da bissexualidade masculina, antes e depois da era da aids, no Brasil. Acredito que desta forma esta seção cumpre a função de ambientar o leitor com os modos de circulação do tema mais especificamente vinculados ao Brasil e ao tema da aids. Também serve ao propósito de perceber de que forma, e segundo que métodos de coleta de dados, os diferentes autores chegaram aos informantes homens bissexuais, e deles “extraíram” informações, seja pela aplicação de questionários, seja pela realização de entrevistas, seja pela coleta de materiais na mídia, seja pela leitura de prontuários médicos, seja pela manipulação de séries de dados estatísticos, etc., o que serve para cotejar com a modalidade de aproximação aqui adotada, a constituição da Rede Bis-Brasil. Diferentes métodos de coleta de informação acerca do tema estabelecem também, como não poderia deixar de ser, diferentes encaminhamentos dados pelos pesquisadores para as investigações, e diferentes pontos de chegada, ou conclusões, a que chegaram, permitindo contrastar a pesquisa aqui desenvolvida com outros trabalhos. Por outro lado, apresento também aqui alguns autores que já se debruçaram sobre o tema da masculinidade bissexual, algumas vezes sob outra denominação.

A busca por trabalhos que investiguem a problemática da bissexualidade masculina dentro da produção brasileira nas áreas de ciências humanas, psicologia e medicina foi longa e revelou uma pequena quantidade de produções. Quase como regra, a questão da bissexualidade masculina aparece estreitamente vinculada a da homossexualidade masculina na maioria dos trabalhos das ciências humanas, e igualmente quase como regra a bissexualidade masculina aparece vinculada a aids nos trabalhos de psicologia e medicina, havendo trabalhos em que temos a bissexualidade masculina duplamente vinculada, tanto a aids quanto a homossexualidade masculina. A bibliografia anotada organizada por Guimarães, Terto Jr. e Parker (1992) é representativa deste enfoque para as áreas de psicologia e ciências humanas: embora intitulada “Homossexualidade, bissexualidade e HIV/AIDS no Brasil: uma bibliografia anotada das ciências sociais e afins”, dentre os mais de cem trabalhos comentados não há nenhum que se refira diretamente ao tema da bissexualidade, masculina ou feminina. A bissexualidade masculina aparece de forma muito diluída no interior de outros trabalhos, em que o enfoque principal é a homossexualidade masculina ou a questão da aids, especialmente a vulnerabilidade

de grupos e populações. De todo modo, através desta bibliografia comentada chegamos aos trabalhos de Peter Fry e Néstor Perlongher que, embora não tematizando a bissexualidade de modo direto, fornecem elementos para pensar o tema.

Ao analisar a prostituição viril em São Paulo, Néstor Perlongher (1987b) debruça-se sobre histórias de vida de prostitutas (michês) que mantém relações sexuais com homossexuais, no caso mediadas por pagamento em dinheiro ou outra contrapartida material. Em momento algum do livro se nomeiam a estes michês ou garotos de programa como bissexuais, mas o autor descreve numerosas cenas e modos de relação entre estes garotos, nos seus encontros com homens, quando não mediados por dinheiro ou pagamento em qualquer espécie, que se assemelham aos relatos dos informantes da Rede Bis-Brasil. Ressalto aqui dois desses pontos de contato. O primeiro diz respeito aos romances e paixões que podem nascer entre os michês, ou entre michês e “bichas”, em que o pagamento inexistente ou passa a segundo plano, e que dá margem a depoimentos semelhantes aos da atração entre homens descrita pelos informantes bissexuais da Rede Bis-Brasil. O outro ponto de contato diz respeito à leitura que fazem de si mesmos os michês que são sempre ativos nos relacionamentos com as bichas, nomeando-se como “duplamente machos”, expressão também utilizada por alguns informantes da Rede Bis-Brasil que descrevem sua vida bissexual como sendo constituída de relações em que são sempre ativos, gostando tanto de possuir um homem quanto uma mulher, e isso lhes dá uma sensação de masculinidade ampliada, conforme vamos tratar com mais detalhes em seção própria.

Peter Fry (1982), a partir de uma experiência de pesquisa na cidade de Belém do Pará, problematizou num texto célebre as várias formas de compreender a sexualidade masculina brasileira. Para organizar cinco sistemas na forma de tabelas, onde analisa as diferentes construções de identidade masculina possíveis, o autor se vale de quatro componentes básicos, mobilizados socialmente para construir identidades sexuais e afetivas. São eles: sexo fisiológico (os atributos físicos, dividindo os seres humanos em machos ou fêmeas); papel de gênero (comportamento, traços de personalidade, expectativas sociais quanto ao que sejam o masculino e o feminino); comportamento sexual (organiza-se a partir do ato da penetração, dividindo os indivíduos em ativos e passivos) e orientação sexual (busca saber o sexo fisiológico do objeto de desejo sexual, organizando os indivíduos em homossexuais, heterossexuais e bissexuais). Como fruto das diferentes articulações entre estes componentes podemos ter diferentes sistemas de relação, do tipo homem versus bicha; homem versus entendido e outros.

No sistema homem versus bicha, aparece a visão tradicional de que o homem é sempre ativo e masculino, enquanto a bicha é passiva e feminina. No sistema homem versus entendido, temos um mundo que não se divide mais entre homens másculos e homens afeminados, mas a divisão agora é entre heterossexuais e homossexuais. A expressão “entendido”, trabalhada por Guimarães (1977) refere-se a homossexuais de camadas médias, que constroem uma identidade homossexual tida como normal, e que situam os afeminados como sendo as bichas, os “doentes” ou “anormais”, em oposição a si próprios, que partilham de referências culturais que lhes permitem construir sua homossexualidade como sendo uma opção “tão natural quanto outras”, e portanto desfrutando de uma normalidade. Aqui faz-se a defesa de relações sexuais e afetivas entre entendidos, o que lembra algumas falas de informantes, que falam de que os homens bissexuais deveriam relacionar-se com outros homens bissexuais, uma vez que isso contribuiria na preservação do anonimato da relação, pois esta se daria entre pessoas que tem situação idêntica, o que assegura também um certo grau de igualdade e compreensão mútua. Na questão de ativo e passivo, os entendidos optam pela construção de um modelo que privilegia a simetria e a igualdade, o que implica que podem – ou devem – ser desempenhados os dois papéis, pelos dois indivíduos.

Neste ponto, o autor dedica várias páginas para traçar a história da construção da categoria homossexual, na Europa e no Brasil, desde os finais do século XIX, mostrando a transição da homossexualidade como pecado para a homossexualidade como doença, e assinalando a emergência histórica da categoria bissexual:

Há uma mudança radical de perspectiva: se o mundo do final do século XIX ainda se dividia entre homens e mulheres, ou entre homossexuais ativos e passivos, por volta de 1960 o mundo masculino estará inexoravelmente dividido entre ‘homossexuais’ e ‘heterossexuais’, com a categoria intermediária do ‘bissexual’. (FRY, 1982, p. 103, grifos do autor)

O autor inclui então em seu sistema D, o chamado modelo médico moderno, pela primeira vez, o homem bissexual neste inventário das formas de sexualidade masculina. O homem bissexual é visto como sendo macho, no que se refere ao sexo fisiológico, e como masculino, no que se refere ao papel de gênero, da mesma forma como o homem denominado normal e o homossexual entendido. No que se refere ao comportamento sexual, as questões de ativo e passivo são vistas como irrelevantes para o homem bissexual, à semelhança do que ocorre com o homossexual entendido, e diferente do homem normal, em que o comportamento sexual é sempre ativo, ou da bicha, em que o comportamento sexual é sempre passivo. E

finalmente, no que se refere à orientação sexual, o homem normal é heterossexual, o homem homossexual é homossexual, e o homem bissexual é dito como sendo hetero e homossexual.

Ao fazer a crítica do discurso dos militantes do modelo igualitário, Fry afirma que

[ . . . ] por mais ‘revolucionária’ que essa posição possa parecer, ela não deixa de ser conservadora num outro sentido, uma vez que não consegue pôr em questão os fundamentos da taxinomia que divide o mundo em ‘heterossexuais’, ‘homossexuais’ e, marginalmente, ‘bissexuais’. Ao reivindicar uma ‘identidade homossexual’ que rejeita os papéis de ‘bicha’ e ‘homem’ do Sistema ‘A’, essa posição não deixa de *reforçar* a taxinomia de identidades sexuais que tem como origem o trabalho dos médicos e dos militantes da pureza do século XIX. (FRY, 1982, p. 107, grifos do autor).

Em outras palavras, o movimento de militância homossexual estaria promovendo uma política de identidades, baseando estas identidades na taxinomia médica.

A respeito da categoria homens bissexuais, Fry afirma que:

[ . . . ] a categoria ‘bissexual’ como ‘marginal’, dado que por um lado não corresponde a nenhuma identidade claramente definida e por outro, a tendência dos movimentos é enxergar quem se classifica como ‘bissexual’ como quem é *de fato* um ‘homossexual’ sem a ‘coragem’ de ‘assumir’. A noção de ‘assumir’ (*coming out*, em inglês) é uma das mais poderosas armas na luta para a desestigmatização da homossexualidade, mas também para a solidificação da identidade do ‘homossexual’. (FRY, 1982, p. 113, grifos do autor)

Para abordar os trabalhos de pesquisa mais recentes sobre o tema da bissexualidade, importa falar do impacto da aids no campo de estudos da sexualidade. Uma parte importante do campo de estudos da sexualidade foi redesenhada a partir da emergência da epidemia de aids. Se hoje temos uma percepção diferente do que é a sexualidade, isto ocorreu em boa medida porque a epidemia de aids modificou nossa visão sobre esse tema, porque novas questões e indagações foram feitas à sexualidade, características da sexualidade que anteriormente não dávamos atenção passaram a ser enfatizadas, práticas sexuais banais – como a relação de penetração entre homem e mulher – se tornaram notáveis e objeto de investigação ou preocupação, e por outro lado práticas notáveis e tidas como equivocadas – a masturbação, por exemplo – se banalizaram. Alguns temas e algumas orientações sexuais despertaram interesse crescente, e passaram a ser mais intensamente estudadas, devido a questões levantadas pela epidemia. É dentro desse raciocínio que se insere uma parte importante das investigações sobre a bissexualidade masculina que abaixo passo a resenhar, e em parte esta pesquisa mesmo é fruto deste novo ambiente de pesquisa das sexualidades na era da aids. A necessidade de saber so-

bre o comportamento sexual humano, para traçar estratégias de prevenção da epidemia, está clara desde muito tempo:

A disseminação da pandemia internacional de aids chamou a atenção para a necessidade urgente de dados sobre o comportamento sexual humano; entretanto, a ausência de uma tradição teórica e metodológica estabelecida em pesquisas sobre sexo limitou o desenvolvimento de iniciativas nesta área. [ . . . ] A ausência de uma tradição teórica e metodológica definida para a realização de pesquisas sobre a sexualidade humana legou aos pesquisadores da aids pouca ou nenhuma base para a avaliação das práticas sexuais relevantes à disseminação da infecção pelo HIV e limitou sua capacidade de contribuir, de forma significativa, para o desenvolvimento de estratégias mais significativas de prevenção contra a aids [ . . . ] (PARKER; HERDT; CARBALLO, 1995, p. 17-18)

Isso explica a grande quantidade de pesquisas sobre a bissexualidade masculina que se apresentam duplamente vinculadas: diretamente à problemática da aids (quando se enfoca, por exemplo, a transmissão do HIV do homem para a mulher casada, e as implicações da aids pediátrica posterior), e indiretamente com a aids, quando se aborda a bissexualidade a partir da homossexualidade, investigada esta última por conta de suas notórias relações com a epidemia de aids, fantasiosas ou reais. A reconstrução experimentada pelo tema da bissexualidade passa pela discussão da identidade bissexual, da subjetividade bissexual, e da existência ou não de uma cultura da bissexualidade no Brasil. A bissexualidade masculina foi vinculada à epidemia de aids, e isto estabeleceu novos modos de lidar com o tema, incluindo-se a culpabilização dos homens bissexuais pela disseminação da epidemia.

Levantamento mais recente realizado junto a bancos de teses e dissertações revelou poucos trabalhos na área de humanidades, sexualidade e aids que versassem diretamente sobre o tema da bissexualidade masculina. Destacam-se dois defendidos no ano de 1999, cujos autores se valeram de modalidades bastante diferenciadas para coleta dos dados, conforme já comentado anteriormente. Regina Ferro do Lago (1999), em “Bissexualidade masculina: dilemas de construção de identidade sexual”, debruçou-se sobre a análise de questionários de participantes de um estudo epidemiológico realizado no Rio de Janeiro, batizado de Projeto Praça Onze, complementado por entrevistas com informantes selecionados dentre esta amostra, dos quais foi possível traçar histórias de vida. Tal organização das fontes permite a autora construir dois grandes capítulos. No primeiro, intitulado “Bissexualidade em números: a denominação instável”, a partir dos dados dos questionários, e fazendo-se acompanhar de grande número de tabelas, a autora investiga a vulnerabilidade à aids dos informantes homens bissexuais. Embora encontrando uma correlação positiva entre sujeitos discriminados e maior vulnerabi-



lidade à aids, de resto válida para lésbicas, homossexuais, prostitutas, garotos de programa, travestis e outros grupos discriminados, a autora conclui afirmando que “no entanto, na população estudada não se verificou a idéia tão difundida de que os bissexuais, percebidos como ‘homossexuais não assumidos’, sejam mais vulneráveis do que os homossexuais” (LAGO, 1999, p. 66, grifo do autor). No segundo capítulo, intitulado “Bissexualidade em prosa: a identidade secreta”, a autora apresenta e discute os relatos de trajetórias de vida de seus entrevistados. Aqui, a autora lida com temas próximos aos que serão abordados em nossa pesquisa, tais como a questão do segredo e do sigilo, as diferentes modalidades de parceria com homens e mulheres e o medo de confundir-se com a homossexualidade. De forma bastante semelhante, embora por outros caminhos, chegamos nesta tese a algumas conclusões parecidas com a autora, dentre elas a constatação de que o gênero masculino tem um potencial organizador muito forte nos discursos do grupo estudado.

Também em 1999 foi defendida a dissertação de mestrado de Valdeci Gonçalves da Silva, intitulada “Faca de dois gumes: percepções da bissexualidade masculina em João Pessoa”. Os informantes são em número de quatorze, divididos em bissexuais michês (garotos de programa ou prostitutas) e bissexuais não michês (alguns clientes destes prostitutas e outros homens não relacionados a eles), numa amostra aleatória, definida basicamente pela oportunidade de acesso do pesquisador a estes homens. O recurso metodológico utilizado foi análise do discurso. A estrutura do trabalho, a metodologia escolhida para constituição da amostra e especialmente as conclusões estão marcadas por uma contraposição entre bissexuais michês e não michês, critério básico que difere muito das formas de constituição da amostra da Rede Bis-Brasil. Esta forma de abordar o tema leva o autor a outros caminhos, que se distanciam da investigação aqui feita, tais como: a aproximação privilegiada da bissexualidade com a androginia – que é enfim apenas uma dentre as numerosas possibilidades de compreensão da masculinidade bissexual; a construção da categoria de “bissexual pessoense” (homem bissexual residente na cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, local da pesquisa); a construção da categoria de “verdadeiro bissexual” – que parece carregada de um forte essencialismo, e que termina por levar a consideração de que as outras modalidades de vivência da bissexualidade seriam necessariamente “falsas” ou “incompletas”.

A área da psicologia responde pelo maior número de trabalhos encontrados nas buscas sobre bissexualidade no geral e bissexualidade masculina em particular, ressaltando-se que a predominância são trabalhos acerca da bissexualidade masculina, havendo inclusive referên-

cia explícita em mais de um trabalho acerca da necessidade de pesquisar-se a bissexualidade das mulheres, ou bissexualidade feminina, mas esta não parece despertar a atenção da maioria dos pesquisadores. Uma ênfase importante dos trabalhos da área de psicologia a respeito da bissexualidade está na busca das origens deste comportamento, seja na teoria freudiana, seja no discurso dos entrevistados, quando aparece com a expressão “teoria própria sobre a origem”. Esta origem pode estar associada a um dos modelos clássicos da psicanálise, como na compilação de depoimentos feita em Risson e Migott:

Os resultados da análise da teoria própria sobre a origem da condição bissexual aponta os seguintes aspectos: os sujeitos não tem uma teoria a seu respeito, mas atribuem a sua condição uma constelação familiar especial na infância, ou vivência de alguma situação infantil importante, mas não sabem especificar que condições especiais são essas. [ . . . ] Cada pessoa conta um pouco de como foi esta vivência: falam de um pai distante, ausente, mas percebido como autoritário, violento, agressivo e, ao mesmo tempo, desvalorizado como homem, um pseudo-macho, pouco viril. [ . . . ] Assim, os entrevistados referem que a situação familiar mais marcante foi o fato de possuírem uma mãe forte, super cuidadosa, opressora, dominante, ocupada e com pouco tempo para os filhos, mas vista como sensível, com sensibilidade feminina. (RISSON; MIGOTT, 1996, p. 21)

Reconhecemos aqui, sem dificuldade, elementos da teoria clássica freudiana a respeito das origens da homossexualidade, enfatizando os acontecimentos do período da infância como definidores, a figura de um pai ausente e de uma mãe forte como protagonistas principais. Procurando situar a origem do comportamento bissexual na vida do indivíduo, estas pesquisas enfatizam também alguns outros fatores que são importantes de serem listados, uma vez que estão presentes, em maior ou menor grau, nos relatos dos informantes de nossa pesquisa também. A primeira relação sexual, tendo sido com homem ou mulher, e tendo sido satisfatória ou não, é valorizada como elemento de origem do futuro padrão bissexual. Situar o início da atividade bissexual antes ou depois da adolescência, antes ou depois do casamento com mulher, antes ou depois de algum episódio traumático no casamento, e antes ou depois de um episódio de separação da mulher, também são conjunturas valorizadas no sentido de explicar as origens deste comportamento. Esta problemática da origem de um suposto “impulso” bissexual também está presente nos ditos e escritos de numerosos informantes, conforme mais adiante se analisará, sendo com certeza fator de ansiedade e caminho de busca para uma explicação deste desejo.

Outra característica presente em diversos trabalhos da área da psicologia acerca da bissexualidade é uma aproximação entre homossexualidade masculina e bissexualidade masculina, lembrando o que comentamos logo acima acerca de trabalhos na área das ciências huma-

nas. Em muitas investigações, a via de acesso para os homens bissexuais foi o contato com homens homossexuais, mais dispostos a falar e indicar caminhos que os homens bissexuais. Por vezes, o trabalho versa sobre a homossexualidade masculina, e comenta a bissexualidade de passagem. Por vezes, os termos bissexual e homossexual aparecem quase como sinônimos, ou utilizados de forma que podem ser trocados na frase sem problemas, como no trecho abaixo, que serve de introdução a um artigo intitulado “O bissexual casado e sua vivência familiar”:

Na antiga Grécia, o homem dominava todos os aspectos da vida. Os valores sexuais eram muito diferentes para homens e mulheres e considerava-se a bissexualidade uma atividade natural. O grego era francamente homossexual, amava sua mulher e seu amigo. (MARTINS; MIGOTT; RISSON, 1996, p. 17)

Dentre os trabalhos que investigam o tema da bissexualidade do ponto de vista da psicologia, vale a pena destacar o de Vânia Maria Congro Teles (1999), intitulado “Bissexualidade – identidade, identificações e comportamento sexual: um estudo de casos”, estudo que, como o próprio nome indica, teve como objetivo analisar a identidade, as identificações e o comportamento sexual de pessoas que se identificam como bissexuais. Também em 1999 tivemos a defesa do trabalho de Fernando Luiz Cipriano, intitulado “Dinâmica das propriedades da sexualidade de nove pacientes HIV soropositivos em dois anos de investigação”, dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social da Universidade de São Paulo. O autor, ao analisar o impacto da soropositividade na vida sexual e afetiva de nove pacientes, coloca em questão importantes considerações sobre os conceitos de masculino e feminino, o conceito de perversão e a noção de bissexualidade, através dos conceitos chave de modo de ser e modo de funcionar.

A bissexualidade masculina aparece também em trabalhos médico-epidemiológicos, e aqui é interessante assinalar que na maioria dos casos está associada ao coito anal como fator de transmissão do HIV, como é o caso de “Anal Intercourse: a risk factor for HIV infection in female partners of bisexual men” (SION et al., 1989), ou em “Low rates of condom use and male bisexuality are contributing to heterosexual transmission of HIV to women in Rio de Janeiro, Brazil” (PASSMAN et al., 1994). De resto, na procura através de palavras chave em bancos de teses e dissertações, bem como em bancos de currículos, como é o caso da Plataforma Lattes e do banco de teses da CAPES, a associação entre bissexualidade e HIV/aids ou soropositividade é de quase cem por cento.

Na área da epidemiologia, aparecem trabalhos em que temos a tríplice associação: bissexualidade masculina, homossexualidade masculina e infecção pelo HIV. É o caso de “Homo/bissexualidade masculina: um estudo sobre práticas sexuais desprotegidas em Fortaleza”, (KERR-PONTES; GONDIM, 2001), bem como de artigos em congressos de epidemiologia, comentando os estudos de coorte de homens que fazem sexo com homens em São Paulo (Projeto Bela Vista), Belo Horizonte (Projeto Horizonte) e Rio de Janeiro (Projeto Praça Onze), e que invariavelmente, por força da categoria teórica que utilizam de “homens que fazem sexo com homens”, aproximam a discussão da homossexualidade com a da bissexualidade, o que se manifesta em títulos de artigos e comunicações em congressos tais como “caracterização das práticas sexuais de homossexuais e bissexuais masculinos na cidade de ...”

Os estudos de coorte de homens que fazem sexo com homens, desenvolvidos nas três maiores cidades do país, e acima nomeados, foram as investigações quantitativas mais amplas que abarcaram homens bissexuais em suas amostras. Estes estudos tinham como objetivos, dentre outros, determinar a incidência e a prevalência da infecção pelo HIV entre homens que fazem sexo com homens, realizando um mapeamento das práticas sexuais e avaliando as possibilidades de acompanhamento destes indivíduos no largo prazo. A partir dos bancos de dados originados dos estudos de coorte entre homens que fazem sexo com homens, tivemos a publicação de trabalhos científicos. O mais completo deles para o tema da bissexualidade masculina é o já referido estudo de Regina Ferro do Lago, a partir dos dados do Projeto Praça Onze, do Rio de Janeiro. Temos também o trabalho de Ana Paula da Silva (2000), intitulado “Caracterização das práticas sexuais dos voluntários bissexuais acompanhados no Projeto Horizonte”, desenvolvido em Belo Horizonte. Nas conclusões desse estudo, a autora permite perceber a aproximação, ou relativa confusão, entre homens homossexuais e homens bissexuais:

Apesar de relatarem ter relações com pessoas de ambos os sexos, a metade dos entrevistados tiveram somente parceiros homens nos últimos seis meses que antecederam a entrevista. Dos 116 questionários analisados, 58 (50%) eram de voluntários que afirmavam ter tido só parceiros do sexo masculino, ou seja, as relações homossexuais foram mais vistas que as relações heterossexuais. Os outros 50% equivalem àqueles que tiveram parceiros de ambos os sexos (43,1%); aos que só tiveram parceiras mulheres (3,5%) e aos que não tiveram parceiros (3,4%). O fato de se ter um número significativo de relações homossexuais fica mais evidente quando observamos o comportamento sexual dos voluntários, onde a maioria relata transar *principalmente* com homens e *ocasionalmente* com mulheres (75,8%). Quanto ao sentimento sexual, a maioria relata sentir tesão *principalmente* por homens e *ocasionalmente* por mulheres (61,7%). Os que sentem tesão *igualmente* por homens e mulheres são 22,5% dos entrevistados. (SILVA, A. P., 2000, p. 5, grifo da autora)

Mais uma vez, o comportamento que está nomeado como bissexual, termina por se aproximar tanto do comportamento homossexual, que nos indagamos sobre a pertinência dessa construção, que talvez ficasse mais adequada se o conceito chave fosse homens que fazem sexo com homens, sem estabelecer identidades específicas. De toda forma, também na amostra de informantes desta tese encontra-se esta modalidade de vivência da bissexualidade, caracterizada pela baixa densidade de relações com mulheres, e alta densidade e desejo nas relações com homens. Entretanto, o caminho seguido na presente pesquisa não implicou em contagem da frequência do número de relações com homens e mulheres para definir as representações acerca da masculinidade bissexual.

Uma preocupação evidente nos estudos de coorte é ter informações acerca do uso do preservativo e das condutas de sexo seguro adotadas pelos homens que fazem sexo com homens. A respeito disso, verificamos, em mais de um trabalho, que as relações desprotegidas acontecem com a parceria fixa ou estável, no caso, com as mulheres, e as relações protegidas acontecem com os parceiros variáveis, no caso, com os outros homens:

[ . . . ] o envolvimento emocional com os parceiros fixos acaba sendo o principal fator que fragiliza o uso do preservativo nas relações homo e heterossexuais: 31% dos entrevistados (N = 116) não usaram a camisinha em sua última relação sexual por estar com um parceiro fixo e “confiável”. Outros motivos também lembrados pelos voluntários foram sentir paixão, tesão e envolvimento emocional pelo parceiro (16,3%) e não ter o preservativo à mão na hora da transa (15,5%). Ao contrário, os motivos que levaram à prevenção (uso do preservativo na última relação sexual) mais citados pelos entrevistados foram a prevenção da aids e DSTs (62,9%) e estar com parceiros ocasionais (25%). [ . . . ] As relações homossexuais estão sendo cada vez mais protegidas, e as práticas sem proteção acabam sendo transferidas para as relações heterossexuais. Reflete-se, então, diferentes percepções de risco da infecção com homens e mulheres, o que acaba evidenciando a questão da vulnerabilidade da população feminina frente ao HIV. (SILVA, A. P., 2000, p. 5-6)

O conceito que permite a estes autores operar com a associação direta entre bissexualidade e homossexualidade é o de “homens que fazem sexo com homens”, o que aparece claramente em “Self-reported sexual behaviour and risk taking among men who have sex with men in Fortaleza, Brazil” (GONDIM et al., 1999). Dentre os descritores do presente trabalho, tal como acontece em outros que se ancoram na categoria homens que fazem sexo com homens, temos sempre a expressão bissexualidade masculina, ou homem bissexual.

Sob a denominação de homens que fazem sexo com homens, conhecida pela sigla HSH, os trabalhos de prevenção à aids patrocinados pelo Ministério da Saúde muitas vezes confun-

diram ou aproximaram excessivamente a bissexualidade com a homossexualidade, observação que vale especialmente para a mídia. Uma amostra recente disso foi a campanha de prevenção ao HIV realizada no primeiro semestre de 2002, e a forma como foi noticiada pela imprensa. No jornal Folha de São Paulo, por exemplo, na edição de 21 de maio de 2002, o título da reportagem era: “3 milhões de gays são alvo de campanha”. No primeiro parágrafo da matéria, esclarecia-se que “o Brasil tem 3,04 milhões de homens entre 15 e 59 anos que fazem sexo com homens. São homossexuais e bissexuais, assumidos ou não, que equivalem a 5,9% da população masculina nessa faixa”. Outra prova da evidente confusão está dada algumas linhas abaixo, quando a reportagem afirma que “concluiu-se que a probabilidade de um homossexual ou bissexual estar infectado é onze vezes maior que no grupo de homens que fazem sexo só com mulheres”. Ora, considerando-se as enormes diferenças entre a vida sexual de homens homossexuais e bissexuais; a existência de uma cultura homossexual com locais definidos de encontro na maioria das cidades de tamanho médio e grande do país, e a inexistência dessa estrutura para a bissexualidade masculina; a existência de figuras públicas que se assumem como homossexuais, e a total inexistência de homens que assumam publicamente sua bissexualidade; dentre outras flagrantes diferenças, fica difícil acreditar que compartilhem dos mesmos índices e dos mesmos modos de infecção pelo HIV homens homossexuais e homens bissexuais.

Uma contribuição importante das pesquisas que relacionam sexualidade e aids foi dada pela discussão da relação entre auto estima, preconceito, discriminação e vulnerabilidade à aids. O conceito de vulnerabilidade articula-se ao redor de três eixos. O primeiro deles diz respeito aos aspectos propriamente sociais da vulnerabilidade de um indivíduo aos agravos de saúde, tais como restrições em termos econômicos, sociais, culturais, legais. A possibilidade de não poder expressar opiniões, sentimentos e pensamentos acerca de sua própria sexualidade, devido aos padrões vigentes para o exercício da masculinidade hegemônica, enquadra-se neste eixo. O segundo eixo engloba os aspectos programáticos que acarretam maior vulnerabilidade a uma doença, tais como a ausência de programas específicos de disseminação de informações, prevenção e tratamento dirigidos a determinados grupos sociais. No terceiro eixo agrupam-se os aspectos de caráter mais propriamente individual e subjetivo, que dizem respeito a auto estima, aceitação de si, trajetória de vida de cada um. Olhando-se por esta lente a questão da bissexualidade masculina em sua relação com a aids, verifica-se que:

Os grupos com sexualidades alternativas (às vezes chamados de “minorias sexuais”) experimentam, na maioria dos países da América Latina, distintos níveis e formas de discriminação social que os convertem em cidadãos de segunda categoria e os fazem mais vulneráveis à epidemia de HIV. A maior parte dessas minorias, a de homens e mulheres homossexuais e bissexuais, assim como de pessoas transexuais, experimenta limitações no acesso à proteção social frente a problemas de saúde. Não só tem um menor acesso a fontes de trabalho formal (e por isso a recursos econômicos), mas também que com frequência devem enfrentar um sistema de saúde homofóbico ou, ao menos, com poucos serviços desenhados de acordo com as necessidades de populações não heterossexuais. Os sistemas legais designados para lhes proteger da discriminação nos serviços de saúde também tendem a lhes discriminar. Finalmente, as redes pessoais que são tão úteis para enfrentar as dificuldades na vida da população geralmente são pequenas e distantes em razão da homofobia. (CÁCERES, 2000, p. 11, grifo do autor)

A epidemia de aids, vista como um marcador social, permitiu que se vislumbrassem aspectos importantes da vivência da bissexualidade masculina nos países da América Latina. Por outro lado, subsiste uma pergunta bastante freqüente: a bissexualidade masculina é no Brasil mais intensa do que em outros países? Se isto é verdade, que explicação pode ser encontrada? Seria a bissexualidade uma característica da sexualidade brasileira? Esta é uma questão que insistentemente foi colocada por repórteres, colegas, outros pesquisadores, trabalhadores da saúde na área da prevenção à aids. João Silvério Trevisan, em *Devassos no Paraíso*, vincula o jeitinho brasileiro à bissexualidade masculina:

Na verdade, as relativas facilidades culturais e a brandura da punição legal permitem, no Brasil, uma prática homossexual sem obrigatoriedade de se identificar a um novo grupo divergente e visível. [ . . . ] Além do mais, considerando a relação predatória que o Brasil tem consigo mesmo, é evidente que o fenômeno da invisibilidade acontece como tentativa de contornar um estigma social – que, aliás, faz parte da mesma tábua de valores de quem compartilha o estigma. É sempre fácil dar um *jeitinho* e contornar a situação, para evitar rupturas: não por acaso, a prática bissexual é tão comum no país. Afinal, o mais importante é não ser “chamado de”. (TREVISAN, 2000, p. 408, grifo do autor)

Segundo este raciocínio, o mais importante é não ser chamado de bicha, homossexual, veado, boiola, entendido ou gay. Mas o ideal também não é ser chamado de bissexual, e sim fazer tudo às escondidas. O anonimato é uma característica importante, relatada por praticamente todos os informantes, e constituiu-se num elemento fundamental para o sucesso das iniciativas da rede, construída com base no lema “sigilo e discrição”. Aproximar a noção de “jeitinho brasileiro” com a bissexualidade masculina permite que se pense também em um modelo de homem que, conforme a situação se apresenta, dá um jeitinho de extrair prazer dela, mostra-se flexível entre quatro paredes, disponível a transgredir limitações do modelo de masculinidade hegemônica, podendo aceitar uma relação sexual com outro homem, mas sem vincular-se de modo definitivo a esta ou aquela identidade. Se pensarmos em termos de com-

portamento sexual, envolvendo as dinâmicas do penetrar ou ser penetrado, podemos ter a valorização da flexibilidade:

Isso não significa dizer que, no Brasil, o limite entre os papéis ativo/passivo para os homens que fazem sexo com homens é necessariamente absoluto ou exclusivo. Ao contrário, concede-se um valor erótico relativamente alto a uma certa flexibilidade nos encontros sexuais, uma disposição de transgredir regras e proibições, e isso não é menos verdadeiro na dinâmica da atividade e passividade sexual do que em qualquer outra área. Na verdade, dados preliminares no estudo do comportamento homossexual e bissexual entre homens no Rio de Janeiro, por exemplo, sugerem que a troca dos papéis ativo/passivo pode ocorrer com frequência – especialmente se comparada a outras sociedades latinas. (PARKER, 1994, p. 58)

A idéia do jeitinho brasileiro pode ser associada a algumas das explicações sobre o Brasil e os brasileiros. Uma delas é a idéia presente em Sérgio Buarque de Holanda de que somos “uns desterrados em nossa terra”. O brasileiro estaria sempre querendo sair do Brasil, sempre pensando no futuro, sempre escamoteando o presente, o que pode ser feito pela aplicação do jeitinho. Os problemas do presente podem ser contornados por uma dose certa de jeitinho. Na medida em que não precisamos enfrentar de forma definitiva os problemas do presente, podemos então eternamente pensar no futuro sem qualquer conexão com o presente. Isto talvez vincule a idéia de jeitinho com a idéia de sexo do futuro, que corresponde a uma das representações fortes em torno da masculinidade bissexual.

Outra área em que aparecem referências à bissexualidade de maneira geral, e à bissexualidade masculina em particular, são os congressos e encontros de sexologia e sexualidade humana realizados no Brasil. Trabalhos e comunicações apresentadas tem como títulos “Bissexualidade: opinião e prevalência em estudantes de administração” (BRENER, 1990), mas dirigem sua proposta investigativa em direção muito diferente daquela que aqui adotamos, de forma que consideramos desnecessário efetuar uma resenha destes artigos.

Uma coleta de artigos de jornais e boletins na área da psicologia e psicanálise ou artigos de psicólogos em jornais correntes revela textos que discutem a questão da possível indefinição dos homens bissexuais, o que se reflete em títulos como “Bissexualidade: uma realidade indigesta” (BRUNS, 2000) e “Bissexualidade: opção ou indefinição sexual? Um estudo sobre a bissexualidade com base na psicanálise (BENZ, 1997). A questão do ato da penetração também é abordada, como em “'Ativo' e 'Passivo': Categorias Fundamentais da Identidade Masculina Analisada A Partir dos Usuários do 'Disque-Amizade' Que Apresentam Comportamento



Bissexual” (FREITAS; AZEREDO, 1997). Estabelecendo pontes entre a psicanálise e a literatura temos o artigo de Joachim (1994), “Bissexualidade psíquica e narratologia”.

Finalizando estes comentários, creio ser possível afirmar que a tradição brasileira recente em abordar a bissexualidade, em especial nas ciências humanas, parece se caracterizar pelos seguintes traços: a) vinculação recorrente da bissexualidade masculina com a homossexualidade, tanto na forma mais direta, quanto através do conceito de homens que fazem sexo com homens, funcionando a homossexualidade masculina sempre como a categoria mais estudada, através da qual se pode compreender, mesmo que de maneira incompleta, a bissexualidade masculina; b) vinculação recorrente da bissexualidade masculina com a vulnerabilidade à aids. Os trabalhos de pesquisa recentes oriundos das áreas de medicina e psicologia caracterizam-se pela associação recorrente entre bissexualidade masculina e HIV/aids, ou entre bissexualidade masculina e soropositividade. Em resumo, todos os trabalhos tratam de aproximar a bissexualidade masculina da homossexualidade masculina, e não enfocam a bissexualidade como uma forma distinta de viver a masculinidade, ou mesmo não a vinculam com um determinado modo de viver a heterossexualidade.

A resenha aqui feita buscou apresentar diferentes modalidades de trabalhos acadêmicos que problematizaram a questão da bissexualidade e da bissexualidade masculina em particular. A presente tese de doutorado não seguiu nenhum dos caminhos apontados acima, mas sua trajetória própria de pesquisa com certeza será mais bem compreendida uma vez que cotejada com esta gama de trabalhos.

## 7 PÓS-ESTRUTURALISMO, IDENTIDADE CULTURAL, REPRESENTAÇÃO, DIFERENÇA E DISCURSO

---

Nesta seção se buscam examinar mais detidamente alguns conceitos centrais para a construção do objeto de tese, – em particular identidade cultural, representação, diferença, discurso e fala – bem como situar o leitor quanto à perspectiva teórica adotada, qual seja, a dos estudos culturais. Inseridos no contexto mais geral do pós-estruturalismo, abordo aqui a questão das identidades culturais e da representação vistas por esta ótica. Trata-se não apenas de nomear e definir conceitos e posições teóricas, mas também de estabelecer as relações entre eles, o que é o caso especialmente das relações entre identidade cultural e representação.

Dado o grande volume de produção teórica acerca das categorias conceituais que constituem o centro das preocupações desta seção, seria muita pretensão apresentar algo próximo mesmo de um simples resumo daquilo que existe. Mais modestamente, selecionei autores e fontes levando em conta preferências teóricas e vinculação teórica-política, bem como as formulações que pareceram mais adequadas à construção de hipóteses e explicações para o objeto de tese. Portanto, o que aqui se apresenta é algo totalmente parcial e intencionado. Por outro lado, disposto a não exilar a discussão teórica em capítulos específicos, reservo uma parte das considerações teóricas para o momento de análise das cartas e relatos dos informantes.

A perspectiva teórica mais geral dentro da qual este trabalho se move é a do pós-estruturalismo, que guarda estreitas relações com o pós-modernismo. Estas duas perspectivas, por sua vez, fazem referência a eventuais modos de superação, negação, ultrapassagem, aprofundamento, permanência, ênfase ou composição com aspectos do estruturalismo e do modernismo, respectivamente. Interessa mais de perto a problemática pós-estruturalista, mas ao comentá-la abordo também discussões acerca do pós-modernismo. Como referência abrangente do que entendo por pós-modernidade, inicio discutindo a definição dada por Terry Eagleton:

Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a idéia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. Contrariando essas normas do iluminismo, vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da

verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e a coerência de identidades. (EAGLETON, 1998, p. 7)

Inspirados pela definição acima, os conceitos de identidade cultural, diferença, cultura e representação que servem de ferramentas analíticas para o exame das falas dos informantes precisam incorporar em especial a idéia de interpretação intencionada – com intencionalidade – da suposta realidade. A noção de interpretação permite também afirmar que a linguagem produz as representações, e o sujeito é uma estrutura lingüística em constante transformação. Estas ferramentas conceituais não são neutras e nem unânimes, e seu uso não implica a busca de uma verdade absoluta sobre a vida sexual ou quaisquer outros atributos dos homens informantes desta investigação. A identidade se apresenta instável e contingente, quando não contraditória. Esta postura não invalida o trabalho de investigação, apenas o coloca num patamar de modéstia com relação às conclusões, que não podem ser tomadas como “explicação última” da suposta realidade. A posição pós-moderna, com sua ênfase no “contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível”, é às vezes tomada como recusa completa dos códigos da modernidade, encontrando-se autores que trilham esta modalidade de interpretação. Minha atitude pessoal na presente investigação é aquela de quem efetua a todo o momento complexas negociações entre o patrimônio de conhecimentos da modernidade e as tensões atualmente existentes em seus conceitos, derivadas do reconhecimento da contingência, da gratuidade, da diversidade, da instabilidade e da imprevisibilidade do mundo e dos indivíduos. Mais uma vez, Terry Eagleton define à perfeição a – difícil – posição em que procuramos nos situar: “[ . . . ] se dizer ‘pós-modernista’ não significa unicamente que você abandonou de vez o modernismo, mas que o percorreu a exaustão até atingir uma posição ainda profundamente marcada por ele” (EAGLETON, 1998, p. 8, grifo do autor).

Assumo uma posição pós-moderna em relação ao saber e à produção do conhecimento, e esta posição está ancorada em duas afirmações: 1) segundo Lyotard (1986, p. xvi), “simplificando ao extremo, considera-se ‘pós-moderna’ a incredulidade em relação aos metarrelatos”, também chamados de grandes narrativas ou meta narrativas, e 2) segundo Peters (2000, p. 18), “as grandes narrativas são, pois, histórias que as culturas contam sobre suas próprias práticas e crenças, com a finalidade de legitimá-las. Elas funcionam como uma história unificada e singular, cujo propósito é legitimar ou fundar uma série de práticas, uma auto-imagem cultural, um discurso ou uma instituição”.

A incredulidade em relação às grandes narrativas passa pelo abandono da busca de leis gerais, de uma verdade absoluta e das relações fixas entre elementos componentes de uma identidade. Com essa atitude, todo o terreno de pesquisa torna-se mais movediço, mais fluido, e o caminho de pesquisa – o “método” – passa a estar mais claramente dependente das decisões do pesquisador e, portanto, de suas crenças pessoais e profissionais. Por esse motivo, em seção anterior, foi apresentada a trajetória de aproximação ao tema, com a construção da Rede Bis-Brasil, procurando marcar as opções feitas a cada momento.

Na medida em que acredito que não há uma essência a ser descoberta, e também não há um padrão de regularidade já demonstrado a priori e que devemos encontrar no objeto, a problemática da produção de conhecimentos como uma modalidade de invenção assume a preocupação central. O “inventar” aqui não deve ser entendido como uma atitude leviana de simplesmente levantar afirmações, mas como um exercício de produção de conhecimentos sobre o tema que assume a intencionalidade da produção, e seu caráter de não perenidade. Embora com limites ainda imprecisos neste momento do texto, assumo que pretendo criar uma categoria – a masculinidade bissexual – que tenha força explicativa. O que denomino de força explicativa se relaciona à capacidade de, com esse conceito, estabelecer caminhos e marcar localizações, auxiliando a pensar ações como, por exemplo, de redução da vulnerabilidade à aids junto a esse grupo de homens. Na medida em que se cria um conceito, coloca-se algo no mundo, inventa-se algo. Um caminho possível seria verificar se este conceito inventado “encontra correspondência” na realidade. Pelo que já foi afirmado acima, fácil será concluir que também não concordo com esse modo de ver as coisas, que busca a correspondência entre o conceito e uma suposta realidade – algumas vezes denominada de “o empírico” – e que estaria lá fora de modo “objetivo”, esperando para ser organizada por um determinado conceito, que verificaria sua pertinência na medida em que está “adequado” a ela.

A pós-modernidade não está pensada aqui como um paradigma, e nem mesmo como uma nova estrutura de pensamento, mas como um aprofundamento das questões da modernidade. Este aprofundamento das questões da modernidade não implica ruptura com a modernidade, mas uma sensação de grande afastamento com muitas afirmações da modernidade, em especial o caráter de verdadeiras “sentenças” com que se revestiam – e muitas vezes ainda se revestem – as afirmações científicas do tipo diagnóstico, prognóstico, previsão ou análise. Conforme Peters, necessitamos diferenciar o pós-modernismo do pós-estruturalismo, pois “o pós-estruturalismo toma como seu objeto teórico o ‘estruturalismo’, enquanto o pós-

modernismo toma como seu objeto o ‘modernismo’. Cada um desses movimentos constitui uma tentativa de superar, sob vários aspectos, aquilo que o precedeu” (PETERS, 2000, p. 9).

O rompimento com a noção de progresso é também importante:

A que se refere comumente a pós-modernidade? Afora o sentido geral de se estar vivendo um período de nítida disparidade do passado, o termo com frequência tem um ou mais dos seguintes significados: descobrimos que nada pode ser conhecido com alguma certeza, desde que todos os ‘fundamentos’ preexistentes da epistemologia se revelaram sem credibilidade; que a “história” é destituída de teleologia e conseqüentemente nenhuma versão de ‘progresso’ pode ser plausivelmente defendida; [ . . . ] (GIDDENS, 1991, p. 52, grifo do autor)

As posturas teóricas e os modos de encaminhar a construção do conhecimento do pós-estruturalismo são bem vindos nesta investigação, em particular pela dimensão de humildade frente ao problema do conhecimento que produzem. Entretanto, um certo desconforto se traduz pela dificuldade em pensar nas aplicações deste conhecimento, que não goza mais do status de verdade científica de caráter generalizante, e parece, portanto ter muitas limitações para ser transformado em produto ou tecnologia disponível para, por exemplo, a criação de campanhas de prevenção à aids e programas de redução da vulnerabilidade entre homens que mantêm relações afetivas e sexuais com homens e mulheres.

Na perspectiva teórica que estamos adotando, a discussão das identidades encontra-se vinculada com o estudo da diferença e das representações. O processo de investigação aqui conduzido pauta-se por uma diretriz de pesquisa em que “pesquisam-se [ . . . ], sobretudo, as conexões entre identidade cultural e representação, com base no pressuposto de que não existe identidade fora da representação” (SILVA, T. T., 2000a, p. 97). Pesquisar as representações da masculinidade bissexual significa investigar traços, marcas, discursos, representações visuais e textuais, depoimentos, práticas, modos de dizer e outros elementos que servem de matéria prima no sentido de interpelar as identidades, construindo-as como posições de sujeito. Em nosso caso, estes elementos foram organizados a partir daquilo que estava presente nas cartas enviadas pelos homens informantes da Rede Bis-Brasil, mas também são fruto de depoimentos gravados a partir de entrevistas semi estruturadas, charges e notícias de jornal, relatos de histórias de vida e um farto material, já apresentado em seção anterior. Estabelecido isto, passo agora a examinar mais de perto outro aspecto do conceito de representação:

Na perspectiva pós-estruturalista, conhecer e representar são processos inseparáveis. A representação – compreendida aqui como inscrição, marca, traço, significante e

não como processo mental – é a face material, visível, palpável do conhecimento. (SILVA, T. T., 1999, p. 32)

No caso da presente tese, esta pode ser compreendida como um processo de construção de conhecimento sobre homens que mantém relações afetivas e sexuais com homens e mulheres, processo esse que visa consolidar um ponto de apoio para efetuar o exercício de análise. Conhecer a masculinidade bissexual passa necessariamente por estabelecer quais as representações a ela associadas, e que posições estas representações desfrutam. A produção das identidades liga-se estreitamente ao processo de construção de representações acerca de grupos sociais e indivíduos, feitas pelos próprios interessados e por outros em seu nome, num processo que tem evidentes implicações com as questões da política e do poder, uma vez que as representações experimentam posições de hierarquia e valorização diferenciada no mundo social. Em particular, são as lutas produzidas no interior das políticas de identidade que operam no sentido de construção de representações, articulando conquista de direitos com difusão de modos de ser socialmente aceitos, e desta forma se compreende que “a ‘política de identidade’ se situa, pois, na interseção entre representação – como forma de conhecimento – e poder”. (SILVA, T. T., 1999a, p. 33, grifo do autor)

A noção de representação que foi difundida pela modernidade falava da possibilidade de representar com fidelidade uma suposta realidade que seria concreta e real. Percorrido até o final o caminho da modernidade, percebe-se que não temos condições de estabelecer uma representação como “a mais correta”, pois que a realidade, sendo discursivamente construída, não comporta uma dimensão única e singular, mas é construída, discursivamente, pelo observador. Desta forma, abre-se espaço para a chamada “crise da representação”, vivenciada por muitos como uma falência da possibilidade de operar com representações. Não creioi na idéia de falência, mas sim na possibilidade de operar com representações que são frutos de um certo processo de conhecimento, que mobiliza também relações de poder.

A representação, entendida como forma de conhecimento, diz respeito fundamentalmente a possibilidade de descrever determinado grupo, situação ou indivíduo. Esse descrever opera em dois movimentos, o que está relacionado às duas acepções principais da palavra representação – construir a imagem de algo, ou estar no lugar de –, conforme é possível verificar nos dicionários. O primeiro movimento é aquele de construir a imagem ou a reprodução de algo. Na perspectiva pós-estruturalista adotada nesse trabalho, as possibilidades de construção de imagens – entendidas como representações – são infinitas, e sempre intencionadas,

não havendo uma “mais verdadeira” que outra. Entretanto, este não é o único significado da palavra representação. O conhecimento produzido colabora na formação de identidades, no caso desta investigação aquelas que se localizam no campo da masculinidade bissexual. Aqui, o eixo do conhecimento se encontra com o eixo do poder, a representação produzida nesta tese autoriza o autor a falar sobre estes indivíduos, mesmo reconhecendo que ele não comunga do mesmo desejo sexual que os integrantes do grupo. Em outras palavras, o pesquisador não é “um deles”. Mesmo não sendo “um deles”, o pesquisador termina por ter uma certa delegação de poder para falar acerca destes indivíduos, que deriva não de seu pertencimento ao grupo, mas de seu conhecimento sobre o grupo. Ao fazer isso, fica evidente o segundo significado importante do termo representação, também posto nos dicionários: estar em lugar de, substituir. Isso explica os sucessivos convites feitos ao pesquisador para participar em programas de rádio e TV, bem como entrevistas em jornais e revistas: na impossibilidade, ou grande dificuldade, de convidar um homem bissexual “de verdade”, chama-se seu representante mais autorizado, o pesquisador. É também na conexão entre estes dois significados do termo representação, “descrever” e “estar em lugar de”, que se localiza a chamada política das identidades. Mais uma vez, fica claro o nexos entre construção de representações e poder: “quem fala *pelo* outro controla as formas de falar *do* outro” (SILVA, T. T., 1999a, p. 34, grifo do autor).

Refinando as afirmações feitas no parágrafo acima, pode-se dizer que o que se faz na presente investigação não é exatamente criar representações da masculinidade bissexual, mas organizar, a partir de um referencial teórico e um acervo de materiais disponíveis, um conjunto de representações da masculinidade bissexual. As diversas formas pelas quais um determinado “real” pode-se fazer presente para nós são as diversas representações que sobre ele se constrói. Os diversos materiais que servem de fonte a esta tese “dizem” da masculinidade bissexual. O que fiz foi organizar estas muitas representações de uma determinada forma. Outras organizações poderiam ser feitas com as mesmas fontes. O que faço mais adiante é efetuar a construção de quatro grandes representações que dão corpo à masculinidade bissexual, ela própria uma das possíveis representações da masculinidade.

Opera-se aqui com a idéia de que o conceito de representação passa por uma crise, derivada da quebra da noção de que existe a possibilidade de selecionar uma representação que seria “a mais correta”, e também pela convivência com a idéia de que podem existir múltiplas representações de um mesmo suposto “real”. No caso, sabe-se que podem existir diferentes

representações em torno da masculinidade bissexual, e cada uma delas vai desfrutar de diferentes posições de poder frente à masculinidade hegemônica, e frente às hierarquias de gênero, isto tudo constituindo o conteúdo das seções que se dedicam ao tema da masculinidade bissexual logo adiante. A possibilidade de construção de um sem número de representações leva alguns autores a propor o fim da noção de representação, mas não compartilho a opinião destes autores, preferindo operar com o conceito de representação da mesma forma que será feita com o conceito de identidade: seguir utilizando a palavra, mas reconhecendo a diminuição de seu alcance explicativo, o que não considero exatamente um problema, mas uma limitação inerente ao ato de conhecer.

As conexões entre representação, identidade e poder são um constituinte fundamental do modo como entendo a construção de representações. A identidade que possam ter entre si os homens que mantêm relações sexuais e afetivas com homens e mulheres, agrupados nesta particular representação da masculinidade que estamos denominando de masculinidade bissexual, não pode ser entendida como fruto de características imediatamente visíveis, dadas desde sempre, tidas como evidentes ou como atributo natural. Há um processo ativo de exercício de poder por parte de quem nomeia e de quem é nomeado no campo das masculinidades. Afirmar que a masculinidade bissexual é o sexo do futuro, que a humanidade caminha em direção a esta modalidade de vida sexual, como fazem reportagens de revistas e numerosos informantes dessa tese, a par de ser um modo de representar este desejo de um grupo de homens em manter relações sexuais com homens e mulheres, constitui também uma poderosa estratégia de legitimação destes homens frente às demais masculinidades, e frente à sociedade como um todo, uma vez que os coloca acima e adiante dos demais. Na contramão dessa positividade, imputar à masculinidade bissexual o atributo de indefinição, de masculinidade que não conseguiu constituir-se na plenitude, e que enfrenta um processo de ambigüidade, constitui-se em outra poderosa estratégia, desta vez para empurrar para o terreno das patologias este desejo, o que pode ser feito tanto pelos próprios homens que se incluem nesta situação – saindo da condição de sujeitos e ingressando na condição de pacientes – como por médicos e autoridades de saúde, especialmente aquelas encarregadas do controle das doenças sexualmente transmissíveis, da aids em particular, que reivindicam estes indivíduos como potenciais vetores de disseminação do vírus HIV.

Desta forma fica claro que não considero a construção de representações como meros mecanismos pelos quais se descreve um grupo, um indivíduo ou uma particular manifestação



de sexualidade, mas sim representações como armas de luta no sentido de obter reconhecimento, legitimar práticas ou discriminar e estigmatizar indivíduos e grupos: “por meio da representação travam-se batalhas decisivas de criação e de imposição de significados particulares: esse é um campo atravessado por relações de poder” (SILVA, T. T., 1999a, p. 47). Um aspecto particularmente interessante nesse processo pelo qual os grupos buscam forjar suas identidades, conhecido como políticas de identidade, é que os homens que manifestam desejo sexual e afetivo por homens e mulheres não constituem um grupo social de luta, pelo menos no Brasil, onde a presente investigação foi feita. Dessa forma, difere esta masculinidade da masculinidade homossexual, que busca sempre mais se organizar, constituindo grupos e associações para reivindicação de direitos, editando jornais específicos, construindo sítios na Internet, organizando manifestações massivas de seus militantes e simpatizantes, entre outras estratégias. Fruto dessa situação, também, onde praticamente apenas existem indivíduos isolados, a masculinidade bissexual pode-se dizer que é muito mais representada do que representa a si própria, no sentido de quem fala em nome destes indivíduos, constrói representações sobre eles.

Um dos desafios enfrentados na escrita desta tese é aquele de conciliar um certo lado “criativo”, derivado da necessidade de inventar – ou simplesmente construir – categorias e conceitos, com os rigores da escrita acadêmica, uma vez que este inventar não pode ser confundido com pura ficção. O inventar implica maiores responsabilidades na tomada de decisões, o que é muito diferente de seguir um método prescritivo. Dizer que não há uma verdade implica assumir a construção inclusive do ponto de chegada. Acredito que esta criação é uma forma válida de conhecer, no sentido de pensar caminhos de abordagem com os homens que mantêm relações afetivas e sexuais com homens e mulheres, e acredito que essa construção tem coerência interna. Ou seja, é coerente na articulação entre seus elementos conceituais, quais sejam, principalmente, os conceitos de identidade, diferença e representação. A preocupação com a consistência da construção foi central no momento da escrita. Tomando a imagem da construção de uma obra de engenharia, temos a possibilidade de discutir e julgar a consistência do plano de construção ou planta, que em nosso caso é o método. E temos a possibilidade de discutir e verificar a consistência dos materiais empregados, no caso os conceitos. Não escrevi preocupado com uma suposta “adequação” à realidade, embora tenha feito todo o trabalho de olhos postos numa dada “realidade”, no caso inclusive bastante construída por mim, aquela da Rede Bis-Brasil. Não se trata de “garantir” que os homens que serviram de informantes, associados à Rede Bis-Brasil, vivam exatamente segundo as representações

que organizadas e apresentadas adiante, mas sim de garantir que tais representações “circularam” nessa rede e que as construções aqui feitas são boas para pensar o tema da masculinidade de homens que mantêm relações afetivas e sexuais com homens e mulheres.

Coerente com as afirmações acima, o que se pretende fazer é acrescentar, a uma história única da sexualidade masculina, um conjunto de representações, o que equivale a pluralizar esse discurso, uma das muitas formas de exercer alguma desconfiança sobre ele. Em vez de falar em masculinidade, fala-se aqui em masculinidades. Em vez de falar em bissexualidade, fala-se aqui em bissexualidades. Mais ainda, numa fusão entre estes dois termos, vai-se falar nas masculinidades bissexuais. A forma plural indica a intenção de romper com o essencialismo, e também mostra o grau de incredulidade diante da narrativa única. Não vou opor, a uma narrativa única, outra narrativa única.

A compreensão do caminho metodológico seguido pode se obter tanto de uma maneira positiva – afirmações conceituais como o que é representação, o que entendo por identidade cultural – quanto de uma maneira negativa, explicitando algumas das alternativas que não foram seguidas. Dentre as últimas, duas delas merecem abordagem: aqui, de forma deliberada, evita-se descobrir a estrutura, e evita-se tratar da gênese. Buscar a estrutura implica operar com a idéia de que o objeto de estudo tem em si uma estrutura, pré-existente, que somente nos resta descobrir, a partir da percepção de regularidades e recorrências. Mapeadas estas características, em geral se segue a formulação de uma lei geral a respeito do objeto, da qual deriva a construção de um grande relato acerca do objeto, a partir do qual se podem então fazer previsões. Sempre que chamado a falar sobre a pesquisa em programas de rádio e televisão, ou mesmo em instituições preocupadas com a prevenção à aids, defrontei-me com perguntas que revelavam essa preocupação com a estrutura e a possibilidade de previsão, melhor dizendo, que eram fruto desse modo de compreender e lidar com as coisas. A pergunta é geralmente expressa em forma direta: como são os homens bissexuais? Esta pergunta admite variantes: como vivem os homens bissexuais? Quais as características de um homem bissexual? Como é a vida dos homens bissexuais? Em todas estas formulações, há o pressuposto de uma lei geral, uma regra, que nos indicaria um tipo determinado de indivíduo, no singular, o qual seria possível identificar à distância. Uma vez identificado, eventualmente se poderia proteger-se dele, ou prever-lhe os passos, ou mesmo assediá-lo. Isso implica lidar com uma lista de características, que supostamente serviriam de guia nessa tarefa. A busca dessa lista está presente em perguntas bastante recorrentes, do tipo “*eles são casados?*”, “*é verdade que eles são sempre*

*bons pais provedores?”*, “*é verdade que os homens bissexuais gostam de ser passivos com mulheres também?”* e um sem número de outras, grande parte das quais se dirige a busca de sinais corporais visíveis. Para estas questões não se encontrará resposta nesse trabalho, uma vez que não compartilho dessa forma de produzir conhecimento.

Outra alternativa a ser evitada é a da busca da gênese ou da origem, expressa particularmente em perguntas do tipo: como foi que tu ficaste assim? Quando começou isto na tua vida? Foi algum trauma de infância? Tiveste alguma relação com outro homem quando criança? Foste assediado ou possuído por um tio ou primo mais velho? Aqui não procuro responder à questão da gênese, embora ela apareça em depoimentos de informantes e em outros materiais, e desempenhe papel importante na elaboração de determinadas representações acerca da masculinidade bissexual. A preocupação maior é saber que representações são produzidas, por eles próprios e por outros, no sentido de dar sentido ou atribuir significado a essas práticas; como se dão as negociações em situações de estigma; quais as estratégias de que lançam mão para tornar visível seu desejo ou escondê-lo. Evitar a discussão da origem não se faz apenas por princípio, mas em parte porque a abordagem das origens se contrapõe aquela da construção ou invenção, posição adotada neste trabalho, e em parte porque a busca das origens remete invariavelmente a uma noção de identidade original e primeira:

Foucault retoma esta noção nietzschiana de que não há uma verdade a ser descoberta, enfatizando a importância do termo ‘invenção’ (Erfindung), que se opõe à ‘origem’ (Ursprung), a qual remete às indefinidas teologias. A pesquisa da origem busca a forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo, busca a identidade primeira do objeto. Esta origem seria o lugar da verdade. (SINGER, 1994, p. 22, grifo do autor).

Em síntese, deixa-se sem resposta – ou com resposta muito precária – a pergunta “como o sujeito se tornou assim?”, e enfoca-se a pergunta “como a sociedade o representa?”, mais de acordo com a perspectiva adotada. Formulada de outra forma, a pergunta que busco responder pode ser desdobrada: como os sujeitos dizem de si? Como os demais dizem dele? Trabalhar com os conceitos de identidade e representação pode facilmente encaminhar a pesquisa para a busca de uma identidade essencial, que estaria “gravada” no informante, ou desde sempre ou desde um determinado momento, e a qual caberia descobrir. Operar com esta noção de identidade pode levar a procedimentos de desvelamento ou revelação de uma verdade que estaria escondida por camadas de discursos, de ideologias, de falsos saberes, de justificativas, etc., e que funcionariam como disfarce da “verdadeira” identidade do indivíduo. Conforme já co-

mentamos, trilhar esta alternativa é tentador, em especial quando se verifica que a maior parte das perguntas que em geral são dirigidas a uma pesquisa sobre masculinidade bissexual são do tipo “mas, afinal, como são os homens bissexuais?” Perguntas desse tipo nos encaminham na busca de definições identitárias rígidas, e muitas vezes com “data de nascimento” definida, em respostas do tipo “*minha bissexualidade originou-se de quando fui estuprado pelo meu tio, eu era apenas um garotinho, e gostei*”, ou então “*tive minhas primeiras histórias sexuais com homens, e depois com mulheres, e então sempre tenho vontade de ter histórias com homens novamente*”, ou então “*tive muitos desgostos amorosos e afetivos com mulheres, então procurei os homens*”. Não se colocam em questão aqui a “veracidade” ou a “autenticidade” dessas afirmações, apenas não estou preocupado na busca das origens ou das essências, mas sim em refletir acerca das afirmações feitas pelos homens informantes dessa tese nesse “ambiente” que é a Rede Bis-Brasil.

A opção pelo trabalho com as representações, com as identidades e os processos de construção das diferenças nos encaminha decididamente para o terreno do enfoque cultural da sexualidade. Ao optar pelo trabalho com as identidades culturais, deixo o nível psíquico em segundo plano, e concentro a observação nos elementos de ordem social, cultural e simbólica que produzem a identidade e a diferença. Estou colocado, pois, numa perspectiva que se afasta das abordagens próprias do campo da psicologia, onde a discussão da identidade se relaciona com a problemática do eu e do self, os quais não serão aqui analisados. O que preocupa aqui não são exatamente identidades enquanto representativas de indivíduos, de pessoas em particular, ou mesmo a chamada representação mental. O foco é investigar os modos como se estabelecem relações entre identidades e representações. Investiga-se aqui a identidade masculina bissexual a partir das diferentes representações que sobre ela circulam, e as conexões de cada uma das representações com determinantes de poder.

Para levar a cabo a tarefa de examinar representações acerca da masculinidade bissexual, ela própria uma modalidade de representação da masculinidade, o conceito de identidade é entendido aqui sempre como identidade cultural. A categoria de identidade cultural conduz a discussão sobre identidade para o campo da cultura, e “[ . . . ] falar em cultura implica em falar de um campo muito específico, qual seja, o da produção histórica e social de significações numa determinada formação social. Tal produção é complexa, diversificada e sempre implica relações de poder”. (FISCHER, 2001, p. 26). A “produção histórica e social de significações” pode ser entendida como a produção de representações, e estabelecer representações

acerca da masculinidade bissexual foi o princípio que guiou o trabalho de construção do objeto de tese, que será explicitado na próxima seção.

Por cultura também podemos entender as narrativas do nosso tempo, as quais produzem inquietação ou conforto acerca das trajetórias pessoais e sociais, e são veiculadas por meios tão diversos quanto a mídia e os manuais escolares. Estas narrativas constroem “posições-de-sujeito” (WOODWARD, 2000), e estas posições podem ser investidas de positividade ou de negatividade, podem ser posições centrais ou marginais, que carregam atributos desejados ou atributos marginalizados, exemplos a serem seguidos ou a serem evitados. É possível entender, conforme Stuart Hall (2000, p. 112), que “as identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós”. Um mesmo indivíduo pode experimentar situações de identidade marginalizada ou central, estigmatizada ou aceita como normal. No caso das trajetórias de homens, a cultura investe na construção da heterossexualidade como a identidade de referência e, a partir dela, julgam-se as demais. Normalmente, o que se verifica é o trabalho de investigação que busca medir o grau de proximidade ou afastamento que cada uma dessas outras identidades tem com relação à masculinidade heterossexual, no que poderíamos chamar de paradigma da heteronormatividade masculina. A validação do grau de aceitação de uma identidade parece estar diretamente relacionada à proximidade com o modelo heterossexual, e é medida ou avaliada a partir de critérios como casamento, filhos, carreira e outros (CONNELL, 1997, 2003).

Tomar a identidade como posição de sujeito implica articular esta possibilidade de posição com variáveis como gênero, classe social e econômica, raça, religião, faixa etária, moradia urbana ou rural, grau de escolaridade, estado civil, profissão, sexualidade, etc. Desta forma, o que temos é uma constante modificação de fronteiras, de valorizações e de possibilidades de exercício da masculinidade bissexual, o que caracteriza a dinâmica identitária como apego temporário a uma posição de sujeito, de acordo com Hall (2000), e em sintonia com Bessa (1998, p. 44), que afirma: “[ . . . ] a proliferação das dissonâncias, das incoerências, intensifica a percepção de que não há substância na identidade, há posições de sujeito, há fluidez [ . . . ]”.

A discussão da identidade se faz sempre com referência à marcação da diferença: “De acordo com a teorização pós-estruturalista [ . . . ] a identidade cultural só pode ser compreendida em sua conexão com a produção da diferença, concebida como um processo social dis-

cursivo” (SILVA, T. T., 2000b, p. 69). Na perspectiva pós-estruturalista a diferença pode ser definida como a identidade que os outros portam, e na relação com a qual temos que definir os contornos da nossa. Trazendo o exemplo para o tema aqui investigado, a construção de identidades – posições de sujeito – no terreno da masculinidade bissexual defronta-se com dois grandes outros campos de representação, o da masculinidade homossexual e o da masculinidade heterossexual. Dessa forma, estabelece-se um regime discursivo de comparações, composições, acentuação de semelhanças ou de diferenças, negações, enfim, um constante desenhar das fronteiras. Isso pode aparecer expresso de forma direta nas cartas de informantes, em formulações do tipo “*a Rede Bis-Brasil é uma rede de homens, descartamos afeminados*”, resposta de um informante a pergunta “quem deve participar da Rede Bis-Brasil?”, em que nitidamente se busca a aproximação com a masculinidade heterossexual e a negação de um aspecto estereotipado da masculinidade homossexual – os trejeitos femininos. Na mão contrária, outro informante, solicitado a definir o que entendia por bissexual, escreveu “*quando estamos com um outro homem, somos como homossexuais, e quando estamos com uma mulher, somos heterossexuais*”, em que temos uma tentativa de composição entre duas masculinidades, e que nesta formulação não gera uma terceira masculinidade – a masculinidade bissexual – que, no caso deste informante, nem sequer foi nomeada na resposta à pergunta feita.

Privilegia-se aqui o tratamento da identidade em sua relação com a diferença, deixando de lado o conceito de diversidade, que por vezes aparece vinculado à idéia de identidade plural, de identidades. Embora reconheça na idéia de diversidade uma ferramenta teórica e política importante, em especial nas questões de aceitação da pluralidade, e em particular quando se procura dar ênfase na questão do multiculturalismo, parece-me que o conceito de diversidade não permite uma abertura suficiente para discutir como se articula e se mantém a diferença, do ponto de vista do poder, um ponto que nos interessa. O que em geral se observa em análises que operam com o conceito de diversidade é um “estacionamento” da discussão na valorização do múltiplo, do diverso, do plural, aproveitando então para fazer uma apologia a favor da aceitação da diversidade, da demonstração da riqueza que está contida na diversidade. Assim procedendo, em geral fica ausente uma explicação dos mecanismos que ativamente produzem e sustentam a diferença, e nos quais estão sempre envolvidas relações de poder e disputa do poder de representar o outro. Também a simples constatação do diverso não permite um trabalho intenso com o conceito de identidade, tomado como resposta a uma interpelação, da forma como antes apresentado. Se a identidade é fruto de interpelação, significa dizer

que ela resulta da resposta afirmativa a uma dada interpelação, que implica um reconhecimento num certo pertencimento, ou a exclusão dele. Experimentamos então um diferencial de poder, de valor simbólico, de posição hierárquica, de valorização social, em suma de aceitação, ou não. A simples constatação de que existe um diverso de nós não alcança força suficiente para explicar o complexo jogo de composições e demarcação de fronteiras entre as identidades.

De acordo com Hall (1997a), é comum ouvir dizer que as identidades de antigamente eram menos fragmentadas do que as atuais, ou que mesmo o indivíduo não era tão fragmentado e dissociado como hoje. Se lembrarmos os operários de que Marx falava, não só em quadros e pinturas, mas também em fotografias e especialmente em filmes que tratam da revolução proletária, eles parecem todos acentuar que a identidade se relaciona com o idêntico. O idêntico aqui entendido como a “qüididade”, aquilo que caracteriza o mesmo, que identifica todos os pertencentes a um mesmo grupo, em designações tais como: brasilidade, masculinidade, homossexualidade, bissexualidade, etc. No exemplo dado, o idêntico que os unifica é o pertencimento a classe operária. Ou seja, ao falar dos operários, Marx dirigia-se a sujeitos que pareciam "unificados", na forma de classe operária, ao contrário da fragmentação que parece imperar hoje. Comentário semelhante pode ser feito com relação à masculinidade. Ao contrário dos homens de antigamente, que eram homens e “pronto”, hoje em dia fala-se muito numa crise da masculinidade, crise do masculino ou desconstrução da figura masculina tradicional. A discussão sobre a bissexualidade masculina, como é em geral nomeada, veio à tona no bojo desta suposta crise. Por vezes, os comentários da mídia e do senso comum vão mais adiante ainda, e promovem uma associação direta de causa e efeito entre o chamado “comportamento bissexual” e a ampliação da crise da identidade masculina.

A existência de uma "crise de identidade" é discutida por Hall e vinculada a um duplo processo de deslocamento: "descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos" (HALL, 1997, p. 9). Isto constitui uma crise de identidade, identificada também com a perda de um "sentido de si" estável. Aquela identidade que parecia fixa, sólida, unificada e estável, caracterizada pelo idêntico, hoje aparece como fluida, móvel, pouco densa, relacional, e essa percepção é nomeada como crise da identidade. Em numerosas cartas e entrevistas com os homens informantes da Rede Bis-Brasil é possível perceber a constante referência à crise ou perda de identidade, mas esse processo não necessariamente é vivenciado como inteiramente negativo. A depender de um complexo jogo de fatores, ele po-

de ser vivenciado como vantagem ou perda, positivo ou negativo, avanço ou recuo em direção a uma determinada representação de masculinidade.

Embora não pertença ao paradigma aqui adotado, tomar da concepção sociológica algumas diretrizes para discutir a idéia de identidade pode ajudar nesse ponto, especialmente quando se afirma que a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade: "o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o eu real, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem" (HALL, 1997, p. 12). Nesta medida, cada um de nós internaliza significados e valores do mundo cultural exterior, integrando isso como parte de si. Conforme já referido, encontram-se na mídia opiniões acusatórias e laudatórias com relação à bissexualidade, e observam-se, na correspondência enviada pelos informantes, modos semelhantes de lidar com a questão. Fica claro então que na mídia, no discurso médico e na fala dos informantes temos diferentes graus de recriação em torno de alguns elementos, tais como sexualidade do futuro, indefinição, sacanagem, aids e amizade masculina. O papel da mídia neste caso é possivelmente aquele de maior peso, uma vez que a grande maioria dos indivíduos foi "apresentado" ao tema da bissexualidade via notícias de jornal, casos em programas televisivos ou de rádio, novelas e programas de debates. Mesmo quando no espaço da mídia falam autoridades médicas, ou tomam-se depoimentos de indivíduos que se apresentam como homens bissexuais, ainda assim o processo de montagem e recorte por que passa toda e qualquer informação no caminho de virar notícia termina selecionando aqueles aspectos que vão ter maior destaque, bem como excluindo ou minimizando a importância de outros. É o caso da associação frequente entre bissexualidade e promiscuidade, ou entre bissexualidade e indefinição sexual. As representações acerca da masculinidade bissexual são construídas a partir de elementos simbólicos e significados que estão na cultura, tomados e recriados em diferentes instâncias e segundo diferentes caminhos e interesses, o que gera uma multiplicidade de interpelações ao indivíduo. A cada momento temos um processo de reorganização dos aspectos simbólicos de uma dada identidade, o que por si só já nos mostra um horizonte bastante dinâmico e fluido na construção social dos significados que as práticas podem ter. Ao tomar a concepção de identidade do sujeito pós-moderno, vemos que a questão se complica ainda mais:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais 'lá fora' e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as 'necessidades' objetivas da cultura, estão entrando em



colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 1997, p. 12, grifos do autor)

Ao operar com as falas dos informantes e os enunciados das diversas fontes de que nos valem para esta pesquisa, percebe-se que o conflito pode-se dar devido a recortes de gênero, classe social, sexualidade, geração, religião, região de moradia, escolaridade, estado civil, raça ou etnia e muitos outros. Fruto da combinação entre tantas variáveis os indivíduos podem-se perceber como “portadores” de identidades contraditórias, o que os leva a afirmações do tipo “*de dia eu sou um, de noite eu sou outro*” ou “*com minha esposa e minha família eu sou um, mas quando estou com outro cara na cama sou outro totalmente diferente*”. A provisoriedade e ambivalência da identidade sexual – como de qualquer outra identidade – parece ficar bem visível no caso da masculinidade bissexual. A idéia de uma identidade não resolvida, em eterno processo – que, de resto, seria um qualificativo para qualquer identidade cultural – é fator de angústia para aqueles homens que se imaginam estar vivendo uma “fase bissexual”, e aguardam com ansiedade que esta seja ultrapassada, sendo o casamento com uma mulher, e a constituição da família, vivenciado por vários deles como “cura” para o problema. Com certeza a “crise de identidade” é, neste caso, experienciada de formas muito contundentes.

Assumir o conceito de identidade cultural relaciona-se também com uma visão de mundo que assume a centralidade da cultura. A “construção do objeto de tese” pode ser definida como a construção de um ponto de apoio – ou o ponto de vista particular do autor – para poder examinar um conjunto de símbolos e representações que são elaborados pelos indivíduos, na e pela cultura, para fornecer sentido às suas vidas, incluídas aí suas ações e opiniões, as ações e opiniões dos outros sobre si e sobre o mundo, no jogo complexo em que as práticas sociais são representadas. A realidade é sempre construída discursivamente, e gera efeitos de realidade – ou de verdade – sobre o sujeito. Desta forma, dizer que a masculinidade bissexual é o sexo do futuro gera efeitos concretos na vida dos sujeitos que se sentem interpelados por esta representação. Os indivíduos humanos são, enfim, máquinas de fabricar símbolos, sentidos, significações, representações:

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de

significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas ‘culturas’. Contribuem para assegurar que toda ação social é ‘cultural’, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação. (HALL, 1997a, p. 16, grifos do autor)

O conceito de identidade cultural guarda também uma importante conexão com “a chamada ‘política de identidade’, o conjunto de características que distinguem os diferentes grupos sociais e culturais entre si” (SILVA, 2000a, p. 69). As lutas dos diferentes grupos pelo reconhecimento de seus direitos, ou de sua simples existência na sociedade, passam pela tarefa de constituir uma, ou muitas, identidades, e negociar sua aceitação frente às demais. As políticas de identidade são vistas então como instrumentos de intervenção, utilizados para obter direitos, igualar-se a outras identidades, efetuar manobras de enfrentamento ou coalizão com determinados grupos. Conforme comentado anteriormente, é neste particular terreno que verificamos uma assimetria enorme entre a identidade homossexual (ou as identidades homossexuais) e a identidade da masculinidade bissexual (ou as identidades que compõem a masculinidade bissexual), uma vez que o movimento homossexual constituiu no Brasil uma verdadeira cultura da homossexualidade, que implica na existência de locais públicos e privados de frequência reconhecida de indivíduos homossexuais; na edição de jornais, revistas e outras publicações dirigidas especificamente ao público homossexual; no oferecimento de uma variada gama de serviços dirigidos a este público, tais como agências de viagens, clínicas médicas, consultórios de terapia, academias de ginástica e outros; em sujeitos públicos que falam em nome dos homossexuais e organizações políticas, tais como grupos de militância, seccionais de partidos políticos e grupos de convivência, que assumem ativamente a luta pelos direitos e reconhecimento dos homossexuais. Nada disso ocorre com a masculinidade bissexual, ou com os homens bissexuais, o que implica muitas vezes em confusão entre a bissexualidade e a homossexualidade.

As políticas de identidade podem ser definidas como um conjunto de estratégias de que se valem indivíduos e grupos para efetivamente existirem ao nível social, para falar de si, para impor sua versão de si. Isso implica muitas vezes na divulgação de trajetórias de vida, tanto daqueles bem sucedidos quanto dos que sofreram discriminação. Em qualquer das alternativas, verifica-se que para buscar reconhecimento é fundamental “possuir” uma identidade. Pelo reverso “não ter, portanto, uma ‘identidade’ equivale a não existir para o estado: exclusão total” (CAMPOS, 1999, p. 37, grifo do autor). Mais ainda, narrar sua trajetória de vida é estratégia eficiente, uma vez que “[ . . . ] preconceitos são questionados a partir da construção

das próprias identidades biografadas” (CAMPOS, 1999, p. 42). Mas uma política de identidades também contribui para a fixação de determinadas identidades, e aqui ela fica presa a um binarismo já analisado por Foucault ao tratar da resistência e do poder: reivindicar direitos e reconhecimento para os homossexuais tanto contribui para uma aceitação maior dos indivíduos que assim se identificam, quanto permite uma fixação e um “controle” desta identidade, uma vez que, desse modo, a identidade se torna visível, tem pontos de encontro reconhecidos, lideranças públicas, etc. A masculinidade bissexual carece da divulgação dessas trajetórias, e pouco pôde até hoje acessar as possibilidades estratégicas de afirmação que derivam da publicidade das “identidades biografadas”, uma vez que são extremamente raros os indivíduos que se dispuseram, e se dispõem, a divulgar essa particularidade de sua vida, e menos ainda aqueles que fizeram, ou fazem, isto com objetivos militantes. Dessa forma compreende-se a importância do recurso ao anonimato e ao sigilo, adotados na constituição da Rede Bis-Brasil.

Após todo o esforço em pluralizar e relativizar as identidades, afastando este conceito de sua raiz, que o aproxima da idéia de idêntico, podemos perguntar: com tantas ressalvas postas, não seria melhor substituir o conceito de identidade por outro nesta tese? Já não estaríamos vivendo, em tempo pós-estruturalistas, o reinado puro e simples dos fluxos, das cenas, do fluido, dos encontros, das mudanças rápidas? Que sentido tem, então, utilizar o conceito de identidade, que parece remeter a figuras tão fixas e idênticas, mesmo depois de relativizado? Afinal, se assumimos que as identidades são plurais, contraditórias, ambíguas, fluidas, não homogêneas, não integradas, não pressupõem um sujeito autônomo e racional, podem modificar-se com extrema rapidez, então haverá sentido em trabalhar com este conceito? Mais ainda, assumimos que a identidade nada mais é do que uma posição de sujeito, ela não preexiste ao sujeito, ela é construída, móvel, transita ao redor de eixos como gênero, raça, etnia, religião, nacionalidade, faixa etária e sexo, dentre outros, e é discursivamente construída. Como operar com um conceito que passa por tal “crise de identidade”? Remeto parte da resposta às considerações que faz Stuart Hall:

Existem duas formas de se responder a essa questão. A primeira consiste em observar a existência de algo que distingue a crítica desconstrutiva à qual muitos destes conceitos essencialistas têm sido submetidos. Diferentemente daquelas formas de crítica que objetivam superar conceitos inadequados, substituindo-os por conceitos ‘mais verdadeiros’ ou que aspiram à produção de um conhecimento positivo, a perspectiva desconstrutiva coloca certos conceitos-chave ‘sob rasura’. O sinal de ‘rasura’ (X) indica que eles não servem mais – não são mais ‘bons para pensar’ – em sua forma original, não-reconstruída. [ . . . ] As duas linhas cruzadas (X) que sinalizam que eles estão cancelados permitem, de forma paradoxal, que eles continuem a ser lidos. [ . . . ] A identidade é um desses conceitos que operam ‘sob rasura’, no inter-

valo entre a inversão e a emergência: uma idéia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas . (HALL, 2000, p. 103-104, grifos do autor)

As identidades, na sua forma “não reconstruída”, podem ser vistas como da ordem do idêntico, como estanques, como fixas e até mesmo como definitivas ou essenciais. Mas aqui identidade está utilizada enfatizando seu caráter de identidades mutáveis, construídas e modificadas historicamente, sempre instáveis, ambíguas, eventualmente contraditórias e sujeitas à interpelação do outro. Desta forma, quando utilizados termos que carregam uma forte dose de estereótipo identitário, como bissexual, homossexual, heterossexual, homem e mulher, insisto no esforço de mostrar que tudo isso desliza, se move, experimenta variações, mas ao mesmo tempo se apresenta em determinados momentos em sua forma “cristalizada”, passando a impressão de algo fixo. A identidade não é nunca definitiva, embora ela tenda ao fechamento, à normalização. Na hora de definir uma identidade, a certeza é sempre preferível à dúvida.

O conceito de identidade encontra-se, então, submetido a diversas tensões que o desestabilizam e o reconstróem. Os principais componentes dessa verdadeira reconstrução do conceito de identidade são: perceber a identidade como interpelação, numa formulação que enfatiza a relação com o outro; perceber a identidade como construção cultural, numa produção sujeita a determinantes simbólicos e forças de poder; valorizar a questão da identidade articulada muito fortemente com a problemática da diferença, e menos com a questão do idêntico. Tudo isso conduz a esta situação que Hall (2000) chama de utilizar o conceito “sob rasura”. Com isso assumo também que, mesmo problemático, o conceito de identidade não foi substituído por outro, ele segue sendo útil, para a análise tanto nas ciências humanas quanto na educação, áreas onde esta discussão é estratégica. Estratégica porque está ligada a formulação de projetos, seleção de alternativas e tomada de decisões. Ao falar em identidade, minha posição é aquela de tanto criticar quanto se valer do conceito:

Penso que a resposta, neste caso, está em sua centralidade para a questão da agência e da política. Por ‘política’ entendo tanto a importância – no contexto dos movimentos políticos em suas formas modernas – do significante ‘identidade’ e de sua relação primordial com uma política da localização, quanto as evidentes dificuldades e instabilidades que têm afetado todas as formas contemporâneas da chamada ‘política de identidade’. Ao falar em ‘agência’, não quero expressar nenhum desejo de retornar a uma noção não-mediada e transparente do sujeito como o autor centrado da prática social, [ . . . ] (HALL, 2000, p. 104-105, grifos do autor)

A partir de Foucault (1977), podemos raciocinar que possuir uma identidade equivale a ser localizado pelo poder, ou estar visível no diagrama do poder. Entretanto, não é possível

pretender-se fora da localização do poder. A política de identidade, entendida como uma forma de resistência ao poder, é uma estratégia que exige visibilidade no diagrama do poder, e se liga ao conceito de agência, entendido aqui em sua forma mais simples, “a capacidade de agir do ser humano” (SILVA, T. T., 2000a, p. 15). Esta resistência não pode ser entendida como necessariamente antagônica ao poder, pois ela pode comportar um jogo complexo de negociações, envolvendo composições, recusas, aceitações parciais, criação de novas possibilidades de exercício de poder e resistência, redefinição de fronteiras entre os dois termos, etc. As políticas de identidade promovidas pelos homens homossexuais resultaram em intensa marcação desta identidade, em suas diferentes denominações: gays, homossexuais, bichas, entendidos, bem como nas identidades associadas, tais como GLS, drags, lésbicas, transexuais, transformistas, travestis, transgêneros, friendly, etc. O exercício das políticas de identidade termina por implicar a busca de algum essencialismo, algum idêntico, que serve de mote para promover a criação de laços entre os indivíduos, e ao mesmo tempo reivindicar o direito de se auto representar, de lutar para que os próprios sujeitos se auto representem, falem de si. A masculinidade bissexual não sofreu, em nosso país, um movimento de construção de identidade tão marcado. Ela por vezes aparece, como na mídia, existindo nas fronteiras, o que parece fornecer uma posição mais cômoda porque portadora de menor visibilidade e, portanto, menos localizável, mas com menos direitos e reconhecimento, porque não reivindicadora.

O campo das representações e identidades sexuais carece de um modelo ou ponto de chegada para a masculinidade bissexual, tal como já temos para a homossexualidade masculina. Também não temos figuras públicas que falem em nome da masculinidade bissexual, o que colabora igualmente para esta falta de fixação de modelos. Desta forma, temos dificuldade em falar de uma cultura da masculinidade bissexual, com a mesma facilidade com que podemos nos referir a uma cultura gay ou a uma cultura da masculinidade heterossexual. A partir destas constatações, fica uma questão: não havendo um modelo de masculinidade bissexual, pode existir uma cultura sexual da masculinidade bissexual? Sem lugares de encontro, sem figuras públicas, sem modelos identitários reconhecidos, podemos ter a constituição de uma cultura da bissexualidade masculina? Se considerarmos que a visibilidade é um dos eixos importantes da identidade, como fica então a construção da identidade masculina bissexual? Estas questões serão retomadas quando da apresentação das quatro grandes representações que estruturam a masculinidade bissexual, e suas relações com as outras masculinidades.

As identidades que se agrupam no campo da masculinidade bissexual dependem fundamentalmente de outras identidades, com quem estabelecem um jogo de interpelação baseado na marcação da diferença ou no reconhecimento de semelhanças, em questões do tipo: eu não sou homossexual, eu não sou gay, eu não sou afeminado, eu sou homem, mas eu não gosto somente de mulheres, eu sou passivo, eu sou ativo. Desta forma, não interessou aqui traçar a história – ou trajetória – de vida de alguns determinados sujeitos que se autodenominem homens bissexuais, ou que poderiam ser denominados de bissexuais. A preocupação teórica principal é operar em meio às representações acerca do tema, e para tanto foram utilizadas uma diversidade de fontes. As representações não dizem respeito a trajetórias de vida individuais, e o mesmo informante pode-se reconhecer em mais de uma representação. A diversidade de materiais que serve de fonte encontra paralelo também no trabalho de Marjorie Garber (1997), onde a autora vale-se de textos literários, roteiros de cinema, obras de arte, letras de música, farto material de publicidade, declarações de celebridades e de indivíduos anônimos, folders de manifestações de sexualidade, e monta um amplo painel das possibilidades de compreensão da bissexualidade como uma forma de erotismo.

A característica desestabilizadora da pós-modernidade e do pensamento pós-estruturalista, discutida no início desta seção, perturba fortemente uma pergunta fundamental da modernidade, dirigida a cada um de nós: de que modo poderei viver minha identidade? Para Giddens, uma das tarefas do indivíduo na modernidade é “a construção do eu como um projeto reflexivo, uma parte elementar da reflexividade da modernidade; um indivíduo deve achar sua identidade entre as estratégias e opções fornecidas pelos sistemas abstratos” (GIDDENS, 1991, p. 126). Esta indagação, que se desdobra em múltiplas perguntas, e esta incerteza valem para os múltiplos aspectos da identidade, relacionados à profissão, gênero, faixa etária, sexualidade, etc. Entretanto, valem de modo intensificado para o que diz respeito à identidade sexual, ao erótico, uma vez que o sexual desempenha um papel fundamental na constituição do eu moderno, conforme demonstrado por Foucault (1985, 1990), e problematizado por Weeks:

A medida que las energías de la postmodernidad reúnen fuerza, socavando patrones establecidos y antiguas certidumbres, estas preguntas pasan más y más a primer plano y en ninguna otra parte es más notorio esto que en lo que llamaré la esfera de la intimidad, el terreno de la ‘vida privada’ y su patrón infinitamente maleable y promiscuo, lo erótico. (WEEKS, 1991, p. 175, grifo do autor)

Diferença, troca e interação são processos fundantes da sociedade. A estes processos em geral se agrega a questão: qual é o espaço possível para a produção e convivência das diferenças? O sujeito sente-se interpelado por determinados discursos, vê-se em meio a distintas representações, e ele responde a estas interpelações, e ao fazer isto vai construindo sua identidade. Insiste-se aqui na idéia de que a identidade é relacional, e se constrói em decorrência das diferenças que estruturam os encontros, as situações e as vivências sociais e culturais. Insiste-se também na idéia de que a diferença é discursivamente construída, embora em geral os indivíduos, ao observarem os demais, percebam uma diferença que “já estava lá”. Assim como a identidade, a diferença não é algo “natural” ou “essencial”, pois, “para a concepção pós-estruturalista, a diferença é essencialmente um processo lingüístico e discursivo”. (SILVA, T. T., 1999b, p. 87) O diferente poderá ser temido ou amado, rechaçado ou desejado, a depender das relações de poder que se criam.

Ao utilizar fragmentos de falas, depoimentos e discursos, opto por um trabalho de confrontação entre episódios narrados, aproximando relatos que podem produzir efeitos inusitados. Dito de outra forma, a tarefa é aquela de estabelecer relações entre a fala dos informantes e outros materiais, produzindo efeitos que podem ser bons para pensar. Trabalha-se muito com o registro do descontínuo, do fragmentado, estabelecendo articulações entre elementos diferentes, apontando níveis e especificidades, de acordo com as idéias de Foucault (1986). Não há sentido intrínseco, existente desde sempre, para a mesma prática, ou para a mesma situação. Ao redor da prática de homens manterem relações sexuais e/ou afetivas com homens e mulheres há uma multiplicidade de representações e de construções identitárias, absolutamente móveis e cambiantes, que podem sofrer valorizações ou desvalorizações, que podem ser vistas como ponto de passagem ou ponto de chegada de trajetórias. Um homem que hoje se enxerga como homossexual pode olhar o período em que manteve relações afetivas e sexuais com homens e mulheres como uma fase em direção a uma situação “definida”, que seria a da homossexualidade. Por outro lado, um homem que “era” exclusivamente heterossexual, mantendo apenas relações com mulheres, hoje pode perceber-se como tendo alcançado aquela que, para ele, no “fundo” sempre foi sua orientação sexual “correta”, a da masculinidade bissexual, que, em alguns casos, é associada a algo definido como pansexualismo.

Pensar e enfatizar rupturas, descontinuidades, níveis, especificidades, fragmentos, dispersões, é uma forma de trabalhar com as identidades, e ao mesmo tempo mantê-las no limite da desintegração, da fronteira, da ultrapassagem, da mistura. Este é o modo como aqui se

compreende a definição daquilo que Stuart Hall (2000) chama de “sob rasura”: colocar em movimento, forçar os limites, fazer vazar, colocar em contato com outras identidades. Forçando dessa forma o conceito de identidade, submetendo-o ao fragmento, explodimos um pouco – ou muito – com a noção de sujeito possuidor de uma unidade. Se nos despreocupamos da unidade do sujeito, também nos afastamos da busca das origens, no caso, das origens de um comportamento sexual, bem como das causas que lhe oportunizaram. Mais uma vez, não se trata aqui de evitar estes temas (a origem, os determinantes de certa conduta, questões do tipo “*porque sou assim*” ou “*como fiquei assim*”), até porque esses elementos são recorrentes na fala dos informantes. Também não se trata aqui de não dar importância à idéia de identidade que os informantes têm, ou sua busca por uma identidade “estável”. Apenas estas não são questões que se põem na perspectiva em que estamos trabalhando. Mesmo que práticas sexuais e afetivas de homens com homens e mulheres tenham sido existentes em numerosas épocas históricas, essas práticas são representadas diferentemente não apenas em cada época histórica, mas dentro de uma mesma época histórica, a depender de fatores como classe social, escolaridade, região, faixa etária, gênero, religião, dentro outros.

Na concepção teórica aqui adotada, mais produtivo é saber dos modos de viver a masculinidade bissexual; menos produtivo é indagar-se sobre eventual essência dos homens bissexuais. Saber dos modos é saber que representações circulam acerca da masculinidade bissexual, como elas transitam, qual a aceitação de cada uma. Preocupar-se menos com a substância, e mais com os modos plurais de representar tal identidade, essa é uma das diretrizes deste trabalho. Preocupar-se menos com aquilo que define uma eventual “natureza” dos homens bissexuais, e mais com a pluralidade de representações desta identidade, sugerindo os possíveis efeitos destas representações sobre os sujeitos. Não pretendo discutir se há uma representação da masculinidade bissexual mais “verdadeira”, ou que tenha “maior correspondência com a realidade” do que outras, uma vez que entendo que todas as representações culturais têm “efeitos de verdade”. As quatro grandes representações construídas adiante constituem a masculinidade bissexual, uma vez que dizem desse sujeito, desenham-no, apontam-lhe traços, marcas, destinos. Cada uma, e todas elas, produzem a identidade em questão, e nesta medida produzem efeitos de verdade em nossa cultura. Dizer que homens bissexuais podem estar anunciando o “sexo do futuro” produz efeitos de realidade tão concretos, em termos de comportamentos e atitudes, do que dizer que homens bissexuais são indivíduos indecisos, ambíguos e promíscuos. A tarefa aqui posta é aquela de pensar em arranjos mais do que em subs-



tâncias. Perguntar menos “o que é isso”, e indagar mais acerca das composições, combinações, circulações e tensões da identidade.

Dois outros conceitos merecem ainda alguma reflexão: discurso e fala. Por fala entenda-se sempre as informações ditas ou escritas pelos informantes, em cartas, entrevistas, poemas e contos por eles enviados, anúncios de classificados de busca sexual e outros materiais já discriminados em seção própria. Já discurso é termo reservado para materiais de natureza social e simbólica mais evidente:

O próprio termo ‘discurso’ refere-se a uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento (HALL, 1997b, p. 29, grifo do autor).

Por caráter discursivo entenda-se o dispositivo pelo qual o significado é construído, significado que é essencialmente lingüístico, e não derivado de uma essência, revelação ou descoberta. O conjunto de afirmações através das quais a medicina refere-se à masculinidade bissexual está entendido aqui como discurso médico acerca do tema. Da mesma forma, temos um discurso de natureza psicológica acerca do tema. Em seção situada na primeira parte, quando foi apresentado um apanhado de informações acerca do tema daquilo que em geral está denominado como bissexualidade masculina, fica mais evidente a percepção de que temos diversos discursos organizados sobre o tema: o discurso da medicina, o da psicologia, o da sexologia, o dos saberes místicos, o discurso freudiano, etc.

Existe um conjunto de investigações que dirige sua atenção às perguntas em torno da questão “o que é”, e que por vezes tratam da adequação da representação com a realidade. Constitui este procedimento forma válida de produção de conhecimento, mas não foi o caminho metodológico aqui trilhado. Frente à desorganização e ao aparente caos do mundo, caracterizado muitas vezes por uma “inflação” de representações, temos investigações que se propõem à construção de estruturas que organizem este caos. Constitui essa forma igualmente uma modalidade válida de produção de conhecimento, em parte aqui trilhado, mas com a ressalva de que as construções e os arranjos aqui produzidos são provisórios, e marcados muitas vezes por ambigüidades e contradições. Os arranjos aqui feitos são fabricações específicas e originais, marcadas por escolhas pessoais. Não “descobri” modalidades de representação da

masculinidade bissexual, tais como “o sexo do futuro” ou “o homem sacana”, mas as construí, e admito que estas construções são provisórias e poderiam ser feitas de outra forma. Não considero outras construções teóricas acerca do mesmo tema como mais certas ou mais erradas do que aquelas aqui apresentadas, elas simplesmente movem-se dentro de outra racionalidade conceitual, que tem sua consistência própria, fruto de outras escolhas, e se revelaram instigadoras para pensar o tema, embora na maioria das vezes não comungue de suas premissas, orientação metodológica e mesmo de suas conclusões.

Apresentados estes conceitos e categorias cumpre por fim estabelecer uma relação metodológica entre eles, em especial entre identidade e representação. Em outras palavras, trata-se agora de mostrar como imagino que estes conceitos vão “funcionar” nas análises que pretendo fazer na próxima seção. Já afirmei antes a impossibilidade de existir identidade fora da representação. Agora trata-se de operacionalizar isto, a partir das considerações de Woodward (2000). O domínio das representações vai ser tomado com sendo formado por grandes sistemas de produção de significados. Desta forma, “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos” (Woodward, 2000, p. 17). Nesta produção de significados colaboram ativamente todos os discursos apresentados na primeira seção, bem como as ações dos indivíduos quando por eles interpelados. Estas ações dos indivíduos, ao serem interpelados pelas representações, fazem com que o indivíduo ocupe uma posição de sujeito, e isso definimos como sendo sua identidade, portadora dos atributos da ambigüidade, da provisoriedade e da contradição, na esteira daquilo que Hall (2000, p. 112) define como “apego temporário às posições-de-sujeito”. A cada momento, o indivíduo ocupa uma posição-de-sujeito particular – o pai de família, o sedutor de mulheres, o homem que se deixa atrair por outro homem, o gerente de instituição financeira casado, o homem que sai a noite para um encontro furtivo com outro homem. A apropriação que cada sujeito faz dessas posições para si constitui sua identidade. A ambigüidade pode aparecer na tensão entre o desejar homens e desejar mulheres para a relação erótico-afetiva. A contradição pode aparecer na complicada manutenção de um projeto de casamento monogâmico, envolvendo paternidade e filhos, e o desejo de manter relações afetivas e sexuais com outros homens. Em determinados momentos, a posição de sujeito pai de família pode predominar. Em outros, predomina a do homem desejoso de manter relações sexuais e afetivas com outro homem. São desses complexos jogos que dão conta os depoimentos dos homens informantes dessa pesquisa. A partir da escuta dessas falas, foi possível montar um conjunto de quatro

grandes representações, e verificar como sofrem, gozam, mantêm, atuam, enfim, vivem os sujeitos na negociação com elas.

Na próxima seção, trata-se de aproximar a discussão aqui feita em torno especialmente de identidade e representação com as noções de gênero e sexualidade. Na seção seguinte, aproximam-se todos estes conceitos ao terreno da masculinidade, e define-se de maneira mais apurada a categoria de masculinidade bissexual, até aqui utilizada de forma um tanto livre.

## **8 IDENTIDADE CULTURAL, REPRESENTAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE**

---

**F**eita na seção anterior o exame das categorias analíticas centrais desse trabalho de investigação, a tarefa que se apresenta agora é aquela de vincular o mais estreitamente possível estas categorias com a discussão da sexualidade e do gênero. Desta forma se afinam os instrumentos para a análise do material de que disponho, no qual se manifestam, sobretudo, questões que envolvem aspectos da vida sexual, afetiva e amorosa dos informantes. Da mesma forma que na seção anterior, não se procede aqui a um esgotamento da discussão, seja pela grande quantidade de material produzido sobre o tema, o da sexualidade em particular, seja porque está reservada parte da discussão para ser feita adiante, no momento de operar diretamente com os as falas dos informantes. Aqui também estão selecionados autores e questões, em meio à ampla diversidade de abordagens existente.

As principais dimensões que interessa vincular à discussão das identidades culturais são aquelas do gênero e da sexualidade, e isto porque é perceptível que na sociedade ocidental estas duas dimensões são as mais importantes para a definição da identidade cultural de um indivíduo. Segundo Foucault (1985, 1990), precisamos todos de um verdadeiro sexo, de um sexo definido, esta é uma informação importante sobre nós. Esta foi e tem sido a regra nas sociedades ocidentais. Neste terreno a ambigüidade, a incerteza, a indefinição, podem trazer muitas complicações para a pessoa. Saber da raça, da etnia, do pertencimento religioso, da nacionalidade, da naturalidade, da classe social de alguém é seguramente importante no sentido de perceber sua identidade, mas é o conhecimento que possamos ter das dimensões de gênero e sexualidade do indivíduo aquele mais valorizado, aquele que efetivamente funciona quando se procura “definir” “quem” é o indivíduo. Mais ainda, saber do gênero e da sexualidade do indivíduo pode nos fazer rever todo o conhecimento que temos das outras dimensões de sua identidade. No caso dos homens bissexuais, saber de sua preferência sexual pode levantar suspeição da sua identidade de homem casado, que imediatamente passa a ser vista como uma fachada para a conveniência social. Em outras palavras, o conhecimento que possamos ter da identidade de gênero e da identidade sexual de um indivíduo em geral opera deslocamentos naqueles conhecimentos que temos acerca da identidade de raça, da identidade nacional, da identidade religiosa, etc. Na sociedade ocidental, gênero e sexualidade se ligam de maneira chave com o conceito de identidade, e por vezes é a partir da identidade sexual

que todas as demais construções identitárias do sujeito se ordenam, em outras palavras, esta dimensão da sua vida torna-se totalizadora de sua identidade, e quando dele se fala, é para lembrar, em primeiro lugar, sua identidade sexual. Na presente investigação, a identidade cultural será examinada na ótica do gênero e da sexualidade, embora informações acerca da classe social, nível de escolaridade, pertencimento religioso, raça e etnia, identidade urbana ou rural estejam citadas, mas sempre como concorrentes no sentido do exame das identidades de gênero e de sexo. Em outras culturas, ou em outros momentos históricos da cultura ocidental, talvez que dimensões como a da religião tenham tido importância decisiva na configuração da identidade dos sujeitos. Em nossa cultura, e nesse momento histórico, esse papel é ocupado pelas dimensões do gênero e da sexualidade, muitas vezes referidas à abordagem do corpo, a fabricação do corpo desejado. Aqui, vale lembrar Foucault, quando diz que a sexualidade não deve ser concebida:

[ . . . ] como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (Foucault, 1985, p. 100)

De forma concorrente, necessito nesta seção problematizar as relações entre sexo e sexualidade e entre sexo e gênero; verificar o que se define por uma identidade sexual; perceber o que entendemos por cultura sexual; definir identidade de gênero e identidade sexual. Estarei, de certa forma, “marcando” a identidade pela sexualidade. Na medida em que a identidade é aqui tomada como identidade cultural, conforme ficou explicitado na seção anterior, esta “marcação” da identidade pela sexualidade não deve ser vista como necessariamente da ordem da patologia, seja médica ou psíquica, embora reconheça a vigência deste viés biologizante. Trabalhar com uma identidade marcada pela sexualidade implica discutir representações culturais a ela associadas que tenham a sexualidade como elemento importante, bem como analisar e compreender processos culturais, simbólicos e sociais aí envolvidos. Em particular, significa tratar de questões de poder envolvidas nas relações entre identidades marcadas pela sexualidade e outras identidades. O mesmo ocorre nas identidades marcadas pelo gênero. As questões de gênero estão vinculadas àqueles comportamentos, atitudes e modos de ser que definimos como sendo masculinos ou femininos. Tal como define Joan Scott, em seu já clássico artigo:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (SCOTT, 1995, p. 86)

A autora ancora esta definição de gênero no terreno da teoria social, mais especificamente dentro da teoria da história, e vinculada ao pós-estruturalismo. Após esta definição, Scott enfoca as relações entre gênero e poder, gênero e política, e dá vários exemplos históricos envolvendo o tema. Toda a discussão de gênero e política vai permitir novamente que a autora questione as teorias de produção da história, inclusive indagando-se se o sujeito da ciência é sexuado. Por fim, sugere que no futuro o gênero deva ser “redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas também a classe e a raça” (SCOTT, 1995, p. 93). A segunda parte da definição acima, que trata das questões de poder, constitui aspecto relevante no trabalho de construção das quatro representações que estruturam a masculinidade bissexual, discutindo-se ali as relações de poder que estas mantêm com a masculinidade hegemônica e com a “heteronormatividade” (BRITZMAN, 1996). De forma resumida, convém ressaltar que gênero diz respeito à produção da diferenciação social entre homens e mulheres. Esta diferenciação é social, cultural e histórica.

No terreno das ciências sociais, é Foucault que mostra como o poder organiza o disciplinamento ao redor da sexualidade. Não apenas quando cala, mas quando discursa. Foucault quebrou com a idéia de que havia uma sexualidade natural, tentando se expressar, sufocada pela opressão da sociedade, e mostrou que a situação é muito mais complexa: a sociedade literalmente produz a sexualidade. No sentido de dar um panorama geral das definições que serão discutidas adiante, e ao mesmo tempo referenciar um autor fundamental para as questões que aqui se abordam, recorro a uma citação de Jeffrey Weeks, cujos termos básicos serão retomados ao longo desta seção:

Na discussão que se segue estaremos muito preocupados com o uso e o sentido dos termos. [ . . . ] ‘Sexo’ será usado [ . . . ] como um termo descritivo para as diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que vemos como diferenciando homens e mulheres. Embora essas distinções anatômicas sejam geralmente dadas no nascimento, os significados a elas associados são altamente históricos e sociais. Para descrever a diferenciação *social* entre homens e mulheres, usarei o termo ‘gênero’. Usarei o termo ‘sexualidade’ como uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente

modeladas que se relacionam com o que Michel Foucault denominou 'o corpo e seus prazeres'. (WEEKS, 1999, p. 43, grifos do autor)

A sexualidade diz respeito ao modo como os indivíduos organizam e valorizam as questões relacionadas à satisfação do desejo e do prazer sexuais. A identidade de gênero refere-se à identificação do indivíduo com aqueles atributos que culturalmente definem o masculino e o feminino, num dado contexto social e histórico, revelando-se na expressão de modos de ser, de gestos, de jeitos de vestir, de atitudes, de hábitos corporais, de posturas para andar, sentar, movimentar-se, de tonalidade de voz, de seleção de objetos e adornos, etc. Estas escolhas serão nomeadas como representações vinculadas ao mundo masculino ou ao mundo feminino, permitindo que o indivíduo em algum desses dois grandes universos, e dizendo que "é feminino" ou "é masculino", coincidindo isto ou não com sua identidade sexual. São, portanto, dois processos a serem vividos e administrados pelo sujeito. A partir do texto de Deborah Britzman (1996), é possível problematizar a respeito dos mecanismos de construção da identidade sexual. A autora faz uma afirmação boa para pensar, quando diz que não se trata apenas de se indagar sobre o que é o outro (o homossexual, o bissexual, a lésbica) mas que ao tratar dessas diferenças, cada um coloca em dúvida um conjunto de "certezas" sobre o qual estrutura sua identidade sexual. Isto é algo que ocorre com a masculinidade bissexual, quando se fala dela frente a outros homens heterossexuais. Nesse momento, em geral estão em jogo questões ligadas a gênero e sexualidade, que convém diferenciar:

Ainda que gênero e sexualidade se constituam em dimensões extremamente articuladas, parece necessário distingui-las aqui. Estudiosas e estudiosos feministas têm empregado o conceito de gênero para se referir ao caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo; assim sendo, as identidades de gênero remetem-nos às várias formas de viver a masculinidade ou a feminilidade. Por outro lado, o conceito de sexualidade é utilizado, nesse contexto, para se referir às formas como os sujeitos vivem seus prazeres e desejos sexuais; nesse sentido, as identidades sexuais estariam relacionadas aos diversos arranjos e parcerias que os sujeitos inventam e põem em prática para realizar seus jogos sexuais. (LOURO, 2000, p. 63-64)

As relações de gênero e as relações sexuais constituem-se em episódios valorizados na construção da identidade cultural dos indivíduos, o que significa dizer que, nas interações que um indivíduo mantém com outros, sempre estão presentes desníveis de poder, representados por diferenças de gênero e de preferência sexual, embora se reconheça que também operam como diferenciais de poder dimensões como raça, etnia, classe social, nacionalidade, pertencimento religioso, nível de escolaridade, faixa etária, etc. Questões de gênero e sexualidade são igualmente importantes na construção da identidade dos homens que mantém relações afetivas e sexuais com homens e mulheres, no âmbito da masculinidade bissexual. Percebe-se,

entre esses homens, o grande número daqueles que se mantêm solteiros ou casam em idade tardia, e atribuem isto ao fato de manter relações sexuais com homens e mulheres. Outra questão que chama a atenção é a afirmação, muito recorrente entre os homens casados da Rede Bis-Brasil, de que eles são excelentes maridos provedores, ou seja, sustentam a casa, os gastos da esposa e dos filhos, não deixando faltar nada, e são inatacáveis sob esse aspecto, que eles vinculam claramente com o exercício de uma forma de masculinidade “correta”. No terreno da sexualidade, de forma evidente, temos aqui homens que vivem prazeres e desejos sexuais que contrastam fortemente com os desejos e prazeres sexuais associados à masculinidade hegemônica heterossexual, mas que também se distanciam dos desejos e prazeres que usualmente constituem a masculinidade homossexual. Gênero, reprodução e sexualidade são esferas distintas, mas relacionadas, e elas desempenham papel na estruturação das representações da masculinidade bissexual, pois, diferente da masculinidade homossexual, em geral o homem bissexual está envolvido na questão da reprodução e da constituição de família.

Em nossa sociedade, o sexual veio a constituir-se num elemento de fundamental importância quando alguém fala das verdades de si: "a identidade sexual constituiu-se na cultura ocidental uma das dimensões centrais da identidade social das pessoas". (HEILBORN, 1996, p. 137). No terreno da sexualidade pode-se situar a produção teórica em dois grandes campos: o essencialismo e o construcionismo, este último chamado por vezes de construtivismo, expressão que não considero muito adequada, pelas confusões que pode trazer com as idéias do construtivismo piagetiano. O fundamental da idéia essencialista é a crença em que há uma essência, de caráter imutável e não histórico, e que muitas vezes é um elemento supostamente dado pela natureza: nasceu fêmea, será mulher; nasceu macho, será homem. O sexo, tomado como sendo “dado” pela natureza, é, portanto, anterior a cultura. Esta forma de estabelecer relações de causa e efeito implica excessiva valorização da anterioridade, revelando um apego ao modo positivista de narrativa.

A visão teórica essencialista pode nos fazer sair em busca do "eu" essencial escondido em cada um de nós. Por exemplo: buscar onde está o masculino, escondido no travesti, ou no homossexual, ou no bissexual, vistos como modos “deturpados” ou “equivocados” de ser homem. Em uma das cartas, o informante, homem casado que se descreve como delicado, que gosta de música clássica, de ambientes românticos, de roupas apuradas, queixa-se de que alguns colegas de trabalho, homens e mulheres, lhe cobram modos mais “*masculinos*” de ser, e refere à frase dita em uma discussão por um deles, apontando para seus órgãos sexuais: “*Tu*



*não estás vendo que tu és homem? Assume o que tens no meio das pernas!*” Nesta linguagem do senso comum, homem e masculino são tomados como sinônimos, misturando as identidades de gênero e sexual, que justamente o informante esforça-se em separar, ao afirmar que é homem, gosta da relação com mulheres, mas é também delicado, cuidadoso com a higiene pessoal, amante de perfumes, etc. Na conclusão da carta, este homem fala em buscar uma terapia, em “se tratar”, para saber mais sobre si mesmo, num esforço de auto conhecimento que lhe permita superar o que é visto como ambigüidade, que causa desconforto a ele e aos demais.

A indicação genérica que aponta a necessidade do sujeito bissexual “fazer terapia” é recorrente em numerosas cartas de informantes, e muito presente no discurso médico e evidentemente no discurso da psicologia. Por “terapia” o que os informantes nomeiam é um leque muito variado de práticas, que vão desde a psicanálise, passando pela psiquiatria e modalidades específicas da psicologia (psicologia jungiana e psicologia reichiana, por exemplo), e indo até aquelas práticas que recebem na sociedade muitas vezes o nome de “alternativas”, tais como a terapia floral, a cromoterapia, as técnicas de renascimento, as terapias corporais, as terapias em grupo, a bioenergética, as práticas vinculadas ao budismo e outras religiões orientais, a terapia do grito primal e as terapias de casal em alguns casos. De forma também genérica, o móvel que leva o indivíduo a esta busca está muitas vezes representado pela expressão “*preciso me conhecer melhor*”, ou então “*preciso saber quem sou*”. Desta forma, novamente aqui recaímos num pensamento essencialista, que busca utilizar a terapia para encontrar o “verdadeiro eu”, que estaria escondido ou teria sido deturpado em alguma fase da vida. Vinculado a esse modo de enxergar o tratamento terapêutico, temos a manifestação de que pode ter havido algum “desvio de rota” na construção da masculinidade, e, portanto a terapia serve de instrumento para correção. A idéia de que a terapia possa ser um instrumento para que o indivíduo se reinvente como pessoa está colocada para poucos informantes. Na maioria das vezes, a terapia é vista como uma modalidade científica de buscar e confirmar um eu interior que serviria de solução para os problemas que o indivíduo está enfrentando na construção da masculinidade:

O ‘essencialismo’ é o ponto de vista que tenta explicar as propriedades de um todo complexo por referência a uma suposta verdade ou essência interior. Essa abordagem reduz a complexidade do mundo à suposta simplicidade imaginada de suas partes constituintes e procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos. (WEEKS, 1999, p. 43, grifo do autor)

Na visão essencialista, o mundo da sexualidade se compõe de figuras com elevado grau de estabilidade. Por outro lado, uma postura teórica construcionista percebe que nós somos redes de crenças e desejos, "n" redes, a cada momento sendo solicitadas, em função da demanda e do estímulo, constituindo-se na interpelação que é processo fundamental da construção identitária. A sexualidade efetivamente envolve o biológico, mas pode ser qualquer coisa que assim queiramos nomear, uma vez que o terreno do sexual constitui-se de um agenciamento de símbolos, linguagens, códigos. Desta forma, uma luva de pelica pode ser "sexualizada", ou um pedaço de tecido, uma máscara, e assim por diante, modificando-se de momento a momento, de cultura a cultura. Qualquer coisa pode ser associada à sexualidade, e é no terreno da cultura que isso se decide. Se em nossa sociedade a maçã e o pepino podem ser associados ao sexo, ao contrário da batata e da tangerina, isso acontece pela e na cultura, e não por uma propriedade intrínseca que estas frutas possuam. Resta saber como as crenças se tornam plausíveis, como elas "colam", fazendo com que vivencemos a luz vermelha como um convite ao sexo, por exemplo. A tarefa posta é aquela de investigar as condições de emergência e a plausibilidade histórica das crenças. E também dos desejos e manifestações da sexualidade, o que implica o estudo de todo o social, uma vez que "a perspectiva construtivista [ . . . ] sustenta que a sexualidade não possui uma essência a ser desvelada, mas é antes um produto de aprendizado de significados socialmente disponíveis para o exercício dessa atividade humana" (HEILBORN, 1996, p. 137) .

A opção pelo construcionismo, decididamente assumida nesta investigação, se faz na esteira da opção pelo modo pós-estruturalista de produção de conhecimento, mas também é uma escolha acompanhada de razões éticas e políticas. É no campo do construcionismo que podemos operar com a questão da diferença cultural, sempre uma diferença de poder, que envolve a discussão dos diferentes posicionamentos na hierarquia social. No viés construcionista o ser humano não está amarrado a seguir um destino já traçado pela biologia. A visão construcionista fornece mecanismos que nos permitem trabalhar temas relativos à violência, opressão, auto estima e construção da cidadania vinculados à questão da construção da identidade. Nessa visão, o indivíduo é percebido como tendo capacidade de agência na construção de sua identidade, o que não implica deixar de perceber os constrangimentos que a todo o momento afetam seu poder de agência. De toda forma, não está submetido a forças naturais cegas, como a carga genética, o tamanho do hipotálamo ou qualquer outro atributo biológico, genético ou de origem, que o moldariam de forma quase sempre independente de sua vontade. Por outro lado, o conceito de agência não deve ser confundido com livre arbítrio, não se trata

de imaginar o indivíduo fazendo uma livre escolha entre diferentes estilos de vida. É na tensão entre a agência e as representações socialmente construídas que cada indivíduo vai fabricando sua identidade, entre limites e possibilidades, negociações e imposições. A ênfase na construção histórica e cultural dos contextos sócio-políticos em que se produz o discurso da sexualidade é uma marca forte da posição teórica construcionista:

A expressão ‘construcionismo social’ será usada como um termo abreviado para descrever a abordagem, historicamente orientada, que estaremos adotando, relativamente aos corpos e à sexualidade. [ . . . ] tudo o que ela basicamente pretende fazer é argumentar que só podemos compreender as atitudes em relação ao corpo e à sexualidade em seu contexto histórico específico, explorando as condições historicamente variáveis que dão origem à importância atribuída à sexualidade num momento particular e apreendendo as várias relações de poder que modela o que vem a ser visto como comportamento normal ou anormal, aceitável ou inaceitável. (WEEKS, 1999, p. 43, grifo do autor)

Em qualquer parte do mundo e em todas as populações há machos e fêmeas, e isso parece estabelecer uma "invariabilidade" entre os seres humanos. Entretanto, é a cultura que cria homens e mulheres, e as maneiras de viver o masculino e o feminino são radicalmente diferentes de lugar a lugar, de tempo a tempo. Interessa saber como funciona a relação entre sexo e gênero, que se modifica historicamente. Assumir que não há uma forma “correta” ou biologicamente determinada de fazer amor pode permitir ao estudioso da cultura perceber a amplitude e a profundidade do campo da sexualidade, e as diferentes posições que os indivíduos aí assumem. A sexualidade pode ser vista como uma atividade lúdica, inventada e reinventada todos os dias, com diferentes nomes e possibilidades. A competência para nomear como correta uma determinada modalidade de vida sexual, empurrando as variações para o campo do patológico, é um exercício de poder que está atualmente bastante concentrado nas mãos da medicina, da psiquiatria, da psicologia e dos agentes da moral.

Em geral, a diferença é nomeada a partir de um lugar tido como referencial, como norma, que está sempre presente embora, paradoxalmente, do qual quase não se fala. Quase não se falam de homens heterossexuais, mas se fala abundantemente dos homens homossexuais e dos homens bissexuais, ou dos homens que fazem sexo com homens. A sociedade estabelece como normal a sexualidade reprodutiva, que decorre da aproximação dos contrários ditos “complementares”, homem e mulher, e esta posição em geral não é problematizada. A sociedade se representa a si própria como efetivamente heterossexual, e reserva a esta orientação a maioria dos privilégios. Entretanto, pode-se indagar: a heterossexualidade é tida como normal porque é majoritária, ou, visto por outro ângulo, a heterossexualidade é majoritária porque é

considerada normal? Segundo Foucault, a eleição da heterossexualidade como norma é uma decorrência de políticas de controle das populações e de regulação da reprodução, num processo que ocorre com intensidade a partir do século XVIII. Mas ela não é a experimentação de todos os indivíduos, e nem a de todos os indivíduos o tempo todo. Esta é de fato uma alteração importante na passagem de uma moral grega para uma moral cristã, conforme está mostrado por Foucault em *História da Sexualidade*. Quando se afirma que o homem é um ser da cultura, enfatiza-se, entre outras, a possibilidade e/ou capacidade que ele tem, a cada dia, de alterar sua rota, a partir de sua agência. Para existir humanidade, é necessário existir diferença. É nesse campo de possibilidades que aparece a masculinidade bissexual. O conceito de agência, conforme já esboçado anteriormente, refere-se “a capacidade de agir do ser humano: ‘agência’ é aquilo que um agente tem” (SILVA, T. T., 2000a, p. 15).

A investigação acerca dos homens informantes da Rede Bis-Brasil não pode deixar de levar em conta o processo de exclusão e discriminação social a que estão sujeitos os homens bissexuais, e que certamente deixa marcas em suas falas, seus desejos e fantasias, seus modos de subjetivação e produção de identidades. Esta situação é, de forma assemelhada, aquela que pesquisadores já apontaram em outros grupos sociais marginalizados, de modo que poderíamos tomar como nossas as palavras de um autor acerca da investigação da homossexualidade masculina: “[ . . . ] o campo discursivo da questão homossexual aparece aqui no mesmo lugar que se poderia refletir sobre a questão da mulher, das minorias raciais, do índio ou qualquer situação que suscitasse a problemática de tornar-se sujeito num contexto social de exclusão”. (SOUZA, 1997, p. 109) A percepção de sujeito excluído explica, conforme discutido anteriormente, a boa receptividade dos homens informantes à adesão a Rede Bis-Brasil, uma vez que estes consideram-se “minorias” sexual no mundo da masculinidade hegemônica.

A expressão minoria não designa agrupamento minoritário em termos numéricos, mas em termos de significação na representação social, e implica a noção de que temos hierarquias definidas no campo do sexual. Os homens bissexuais são minoria sexual quando se pensa em termos de representação cultural e social: não ocupam espaço nas propagandas de produtos, deles não se fala em rodas de conversa de homens, não possuem quase visibilidade, não gozam de prestígio. Trata-se então de uma identidade sexual que é minoritária, não goza dos privilégios da masculinidade heterossexual. Falar em identidade sexual pressupõe pensar que para muitos homens a afirmação “*eu sou bissexual*” poderia ser importante, pois auxiliaria em sua localização social, já que “significa fazer uma declaração sobre pertencimento, significa

assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes” (WEEKS, 1999, p. 70). Entretanto, essa afirmação não pode se dar na maioria dos lugares onde se fala de masculinidade. Essa posição específica é, na maioria das vezes, vivenciada como inferior à masculinidade heterossexual, embora isso não possa ser tomado como regra.

Da mesma forma que na discussão da identidade em geral, feita anteriormente, aqui vale a regra de que a pergunta “ele é bissexual” e suas possíveis respostas são histórica e culturalmente construídas, podendo variar amplamente no tempo e no espaço. Em determinados espaços – como os meios artísticos, por exemplo – a afirmação “*eu sou bissexual*” vai encontrar apoio e admiração, e podemos até dizer que certos artistas fazem um investimento em sua imagem, inserindo, de forma sutil, a possibilidade “bissexual” em seus corpos. Em outros espaços – por exemplo, um ambiente GLS, uma designação comum para locais em que circulam gays, lésbicas e simpatizantes – a declaração “eu sou bissexual” pode ser mal recebida, e o indivíduo pode ser rotulado como S, não de simpatizante, mas de suspeito, e suspeito de ser homossexual, como escreveu um informante da Rede Bis-Brasil numa das cartas: “*eu não vou a locais de gays, pois sou tratado como se fosse um homossexual enrustido, uma bicha não assumida como já ouvi uma vez, e eu não sou isto*”. Em determinadas épocas históricas, a pergunta e suas respostas não implicavam condenação de espécie alguma. Em outros períodos, talvez a pergunta nem pudesse ser formulada da forma como aqui está enunciada, e a idéia de masculinidade bissexual talvez fosse ausente tal como a entendemos hoje:

Bissexualidade dos gregos? Se quisermos dizer com isso que um grego podia, simultânea ou alternadamente, amar um rapaz ou uma moça, que um homem casado podia ter seus **paidika**, que era corrente, após as inclinações ‘para rapazes’ na juventude, voltar-se de preferência para as mulheres, então, pode-se muito bem dizer que eles eram ‘bissexuais’. Mas se quisermos prestar atenção à maneira pela qual eles refletiam sobre essa dupla prática, convém observar que eles não reconheciam nela duas espécies de ‘desejos’, ‘duas pulsões’, diferentes ou concorrentes, compartilhando o coração dos homens ou seus apetites. Podemos falar de sua ‘bissexualidade’ ao pensarmos na livre escolha que eles se davam entre os dois sexos, mas essa possibilidade não era referida por eles a uma estrutura dupla, ambivalente e ‘bissexual’ do desejo. A seus olhos, o que fazia com que se pudesse desejar um homem ou uma mulher era unicamente o apetite que a natureza tinha implantado no coração do homem para aqueles que são ‘belos’, qualquer que seja o seu sexo. (FOUCAULT, 1990, p. 168, grifos do autor)

De toda forma, para o período em que vivemos, e lembrando Foucault, falar e preocupar-se com a sexualidade é um imperativo da construção identitária. Jeffrey Weeks (1999) fala de três ênfases na discussão sobre a identidade sexual. A primeira delas apresenta a identidade como um destino, e ancora sua argumentação em aspectos biológicos do corpo, de mo-

do evidentemente essencialista. A percepção de que a bissexualidade é um destino pode ser encontrada com facilidade nas falas de muitos informantes da Rede Bis-Brasil, em frases do tipo “*eu nasci assim*” ou “*desde que me conheço por gente eu gostei de homens e mulheres*”. Essa percepção pode se apresentar de forma mais elaborada, claramente radicada no corpo, como nesse informante, homem solteiro, na faixa dos 50 anos: “*eu sempre percebi, e algumas pessoas já me disseram também, que eu tenho os olhos e a boca um tanto femininos, especialmente a boca, mas tenho peito largo, braços fortes, de homem, e pau grande*”. Em uma entrevista, outro informante, jovem na faixa dos 20 anos, falou amplamente acerca de um atributo corporal seu, narrando situações de erotismo, e diferenciando as opiniões masculinas e femininas a respeito: “*tem muita vez que eu me dei conta, especialmente na praia, que os caras não estavam olhando a bunda da minha gata, estavam olhando a minha bunda. E eu gosto que admirem a minha bunda. Todas as namoradas que eu tive sempre falaram que a minha bunda é gostosa, mas eu gosto mesmo de ver os homens olhando para ela. Uma vez eu fiquei ajeitando a sunga na praia, e o cara ficou de pau duro mesmo, só olhando. E eu também fiquei de pau duro. E ele é casado, é até meu parente*”. Mais adiante, na mesma entrevista, o informante associou diretamente este atributo corporal ao desejo de se relacionar sexualmente com homens e mulheres: “*eu já tinha namorada quando eu fui para a cama com o primeiro cara, e eu sabia que ele estava afim da minha bunda, e eu queria dar para ele, pois isso eu não podia fazer com ela*”.

Uma segunda ênfase possível é afirmar a identidade sexual como resistência, intimamente ligada às lutas de minorias, movimentos de contestação e rebeldia: “[ . . . ] a identidade pessoal, a grosso modo, equivalia à individualidade, a um forte sentido de si, o que era alcançado através da luta contra o peso da convenção social” (WEEKS, 1999, p. 71). A masculinidade bissexual no Brasil, até agora, não tem tradição de movimento social, nem mesmo de visibilidade. Raramente se encontram indivíduos que de público manifestem esta preferência, e o fato deles não falarem parece ocasionar uma inflação de falas de outros, que falam deles e por eles, e as matérias da mídia são um caso claro disso, dando a palavra a médicos, psicólogos, cientistas sociais, autoridades de saúde, padres e religiosos, etc. Mas não podemos descartar essa ênfase, pois a correspondência dos associados à rede também nos mostra aspectos de construção de uma identidade masculina bissexual como resistência. Isso aparece especialmente ao referir-se a diferenciação com os homossexuais. Num questionário mais longo que foi enviado aos informantes, algumas perguntas contemplavam a percepção das relações entre homens bissexuais, homens heterossexuais e homens homossexuais. Uma pergunta indagava:

Como você gosta de ser chamado? Porque? Dentre as respostas, apareceram afirmações taxativas como: “*gosto de ser chamado de bissexual, pois não sou homossexual*”. A Rede Bis-Brasil foi vista por alguns dos informantes como um instrumento para executar uma política de identidade, em afirmações como: “*os homossexuais têm lugares para se encontrar, bares e boates, e aparecem na mídia; os travestis têm até mesmo sindicato aqui em Porto Alegre, e os homens bissexuais não têm nada. A rede podia abrir um bar para a gente freqüentar*”. Entretanto, este desejo de visibilidade foi demonstrado por uma minoria de informantes, enquanto a grande maioria elogiava o caráter de sigilo e anonimato da rede.

Uma terceira ênfase diz respeito à identidade sexual como escolha. Aqui nos movemos num terreno marcado, por um lado, pelo conceito de agência, e por outro, pela idéia de que “muitas pessoas são ‘empurradas’ para a identidade, derrotadas pela contingência, ao invés de guiadas pela vontade”(WEEKS, 1999, p. 71, grifo do autor). No sentido de equacionar como se dá esta escolha, entendida aqui como um processo de construção, uma espécie de “fazer-se” bissexual, Weeks estabelece quatro estágios bem marcados. A proposta de Weeks é boa para pensar a problemática da masculinidade bissexual, ressaltando, tal como o autor, que a idéia de estágios não deve levar a pensar numa escala evolutiva ou modos de progressão automáticos. Prefiro nomear o que Weeks chama de estágios com a expressão “pontos de apego temporário”, criada por Hall (2000, p. 112), e vinculada a produção de identidades pelo mecanismo da interpelação. O primeiro, resumido pelo termo chave “sensibilização”, nos fala da percepção da diferença. O indivíduo, freqüentemente através de interações com outros, percebe-se diferente da maioria. Essa percepção, para o caso dos homens que estamos investigando, não implica, na maioria das vezes, em uma visibilidade para os outros do grupo, como muitas vezes a construção da homossexualidade masculina implica. Um segundo “ponto de apego temporário” é o da “significação”, em que “o indivíduo começa a atribuir sentido a essas diferenças” (WEEKS, 1999, p. 72). Refere-se aos vários modos pelos quais o homem bissexual orienta-se frente ao universo de códigos, símbolos e linguagens pelos quais o mundo social lhe interpela, percebendo perigos e possibilidades, e investigando os modos de agir e o que lhe é conveniente de utilizar para realizar a aproximação com outras pessoas. Pode-se dizer que um marcador dessa identidade é a atitude, relatada por diversos informantes, em que se decide, embora que de maneira não muito clara às vezes, que é não apenas bom, mas conveniente, que se tenha uma namorada, ou mesmo esposa. Um terceiro modo de produção da identidade é entendido como o da “subculturização”, e nos fala do “estágio de reconhecimento de si mesmo, através do envolvimento com os outros” (WEEKS, 1999, p. 72). Este envol-

vimento, no caso dos homens aqui estudados, é claramente a relação sexual, onde o indivíduo experimenta o que deseja, percebe a sinalização do que é possível, desejável ou proibido na relação com outro homem, verifica seu desejo frente ao desejo do outro, eventualmente troca algumas informações, conversa algo, indaga do parceiro como ele vive, onde acha outros homens para transar, etc. Entretanto, de acordo com a resposta dada pela quase totalidade dos homens a uma pergunta do questionário que investigava especificamente esta interação, o diálogo entre os homens é normalmente muito resumido quando dos encontros para atividade sexual, uma vez que aí se defrontam duas lógicas de funcionamento: manter o anonimato e o sigilo, o que implica dar-se pouco a conhecer, e também conhecer pouco o parceiro, versus o desejo de trocar alguma experiência.

Por fim, num quarto estágio, chamado de “estabilização”, o indivíduo começa a participar de uma subcultura que lhe apóia, e aonde convive com outros que experimentam desejo semelhante, e ocorre então “a completa aceitação de seus sentimentos e estilo de vida” (WE-EKS, 1999, p. 72). Esta modalidade de identidade, quero crer, a totalidade dos homens que integram a amostra da Rede Bis-Brasil não desfruta, exceto por curtos períodos, embora muitos informantes tenham manifestado um nível de aceitação e convivência positiva com seu desejo por homens e mulheres. A partir das etapas estabelecidas por Weeks e das trajetórias de vida que foram coletadas, coloca-se a questão que diz respeito a uma certa “ordem” em que estas etapas podem ser vivenciadas, e as diversas significações que cada uma delas pode assumir na construção da identidade do indivíduo. Conforme salientado acima, prefiro a expressão “pontos de apego temporário”, utilizada por Hall (2000), que rompe com qualquer idéia de evolução ou promoção entre estas quatro fases ou estágios, conforme denominadas por Weeks. A partir das fontes e da discussão da questão da identidade, feita na seção anterior, reconheço a existência destas quatro possibilidades de identidade, mas verifico um dinamismo acentuado entre elas, apontando para muitos caminhos, longe de qualquer escala evolutiva. Alguns homens, por exemplo, vivenciam os primeiros contatos sexuais com outros homens como uma manifestação de homossexualidade, e daí derivam caminhos possíveis: forte negação, acentuando a face das relações com mulheres; ou uma aceitação, passando a conviver no meio gay, embora com algum desconforto. Outra possibilidade verificada é aquela de “avanços” e “recuos” da identidade masculina bissexual, representada por indivíduos que passam períodos desempenhando sua identidade de homem heterossexual casado, e por uma série de circunstâncias sem manifestar envolvimento com outros homens. Em outros períodos, a depender também de um conjunto complexo de circunstâncias, manifestam intensa vida de rela-



ções com outros homens. O reconhecimento que parece sempre permanecer é o de que são homens, e isso ajuda a explicar a escolha desta palavra para serem nomeados, isto pela ampla maioria dos informantes, quando perguntados sobre como gostariam de se definir ou de ser chamados, em pesquisa conduzida no âmbito da Rede Bis-Brasil.

A dicotomia entre macho e afeminado pode informar a respeito de uma outra ordem de estratégias para a construção da identidade sexual. Recorrendo às idéias de Goffman, verifica-se que o homem bissexual e o homem homossexual são portadores de um estigma, que os coloca “na situação de indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (GOFFMAN, 1982, p. 7). O estigma pode ser definido como “um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (GOFFMAN, 1982, p. 14). O sujeito fica então desacreditado, tendo em vista a marginalização da totalidade de seus atributos, reduzindo o indivíduo à sua face de bissexual ou homossexual. Mas ocorre que o estigma pode se apresentar numa dupla perspectiva: a) a característica que distingue o estigmatizado é conhecida ou imediatamente evidente, e temos então o indivíduo *desacreditado*; e b) a característica que distingue o estigmatizado não é conhecida nem imediatamente perceptível, e temos então o indivíduo *desacreditável*.

Para grande parte dos homens da Rede Bis-Brasil, os homossexuais aparecem como um grupo já desacreditado, pois seu estigma se encontra imediatamente visível, e aqui se está falando especificamente dos modos afeminados. Portanto, se estes homens quiserem desfrutar daquilo que Garber (1997) chama de “privilégios heterossexuais”, haverá de se evitar este traço. Os homens bissexuais são, na categorização de Goffman (1982), indivíduos desacreditáveis. A exigência de anonimato e sigilo assegura que não passem a indivíduos desacreditados. Também elementos de construção corporal – corpo masculino e modos másculos - e preferência por relação “*entre machos*” podem ser vistos como estratégias de manutenção desta situação, para além do anonimato. Até mesmo namorar, casar, constituir família e ter filhos pode ser lido nesta ótica. Note-se que aqui não estou entrando no mérito da qualidade das relações, ou seja, não está em discussão o desejo ou o prazer que estes homens experimentam na relação com mulheres. Trata-se da construção de representações, e não de “duvidar” que eles gostem ou não de manter relações sexuais com mulheres. Em verdade, o extenso material coletado, em especial as entrevistas formais e informais, permite concluir que, na grande parte das vezes, estes homens não mantêm relações com mulheres apenas por razões de “aparência”, mas encontram nelas satisfação sexual e afetiva genuína. Mas isto não invalida a afirma-

ção feita acima de que estar com mulheres lhes garante acesso a privilégios heterossexuais, e os resguarda de serem indivíduos desacreditados.

O drama do indivíduo desacreditável é efetuar o controle sobre os comentários de colegas, a visibilidade das relações com homens, os deslizes na conversa, as abordagens que podem não sair de acordo com o planejado, a garantia do segredo do outro e mil outras pequenas manobras. De toda forma, muitos “sinais denunciadores” de sua situação podem vir do corpo, o que implica ter um corpo masculino, não necessariamente forte e musculoso, mas masculino nos gestos e nas atitudes. Mas manter o segredo de seu estigma implica muitas vezes em elaborar mentiras, esconder desejos, não revelar preferências, manipular informações, uma vez que:

[ . . . ] mesmo quando alguém pode manter em segredo um estigma, ele descobrirá que as relações íntimas com outras pessoas, ratificadas em nossa sociedade pela confissão mútua de defeitos invisíveis, levá-lo-ão ou a admitir a sua situação perante a pessoa íntima, ou a se sentir culpado por não fazê-lo. (GOFFMAN, 1982, p. 85)

Isso explica, pelo menos em parte, a dificuldade de manter um casamento tranquilo com a esposa, “confessada” por grande número dos homens informantes. Explica também a solidão manifestada pela maioria dos informantes, e sua rápida adesão à rede, na busca evidente de troca de informações e de correspondência com iguais. Este “sentir-se culpado” faz parte das explicações ditas psicológicas a respeito da bissexualidade, encontradas em declarações de profissionais de saúde – médicos, enfermeiros, psiquiatras e mesmo psicólogos –, dando conta das dificuldades que estes homens encontram em manter relações estáveis e duradouras – associadas nesse discurso a relações de maturidade e de amor verdadeiro –, e sua preferência por relações nômades ou promíscuas – associadas, nesse discurso, a patologia, indecisão, problema. Goffman (1982) utiliza a expressão “aprofundamento de pressão” para tratar desta verdadeira pressão por elaborar mentiras que impeçam a revelação das informações mais contundentes a respeito do indivíduo, buscando manter uma parte da vida sob sigilo absoluto, e que mesmo assim pode gerar sentimentos de inveja, medo, inferioridade, insegurança no contato com outros e temores diversos.

À maneira de Foucault pode-se afirmar que uma certa explosão discursiva a respeito da bissexualidade, visível na mídia nos últimos anos, toma uma feição repressiva e ao mesmo tempo construtora. Aquilo que denominamos de forma corrente como bissexualidade, em especial a masculina, vem experimentando um processo de construção, e isto se verifica pelas

declarações sucessivas de indivíduos a respeito do tema, bem como matérias em jornais e revistas. O que assistimos é a construção de mais uma identidade marcada pela sexualidade, em outras palavras, uma identidade em que o sexual constitui-se no mais importante atributo daquele sujeito, diferenciando-se então de identidades em que o atributo mais importante é a raça, a religião, a faixa etária ou outros.

Conforme já afirmado anteriormente, os homens bissexuais são vistos pelos outros, e em geral assim se enxergam, como indivíduos portadores de uma identidade marcada pela sexualidade. Tudo o que se sabe acerca de um homem desses toma outros significados a partir do momento em que se “descobre” sua orientação sexual. Mas estas “marcas” da sexualidade, onde estarão? Com certeza, não são marcas diretamente discerníveis no corpo, como seria desejável para muitos, o que é constantemente expresso em perguntas do tipo “como é um homem bissexual?” Esta pergunta é recorrente, e em geral, se formulada com maior precisão, poderia ser dita “como se reconhece um homem bissexual?”. Novamente, estamos às voltas com a pergunta “o que é”, que caracteriza o pensamento essencialista, sempre empenhado em descobrir alguma característica fixa, universal e a-histórica, que possa assinalar a existência de um terreno sólido para construir definições que serão válidas para sempre. No caso da sexualidade, a pergunta “o que é” busca em geral a indicação de uma resposta ao nível do corpo, alguma característica que permita a classificação direta e imediata. No caso da bissexualidade masculina, esta busca se revela, na maior parte das vezes, infrutífera:

As marcas devem nos ‘falar’ dos sujeitos. Esperamos que elas nos indiquem – sem ambigüidade – suas identidades. Gênero? Sexualidade? Raça? Aparentemente seriam evidentes, ‘deduzidos’ das marcas dos corpos. Teríamos apenas de ler ou interpretar marcas que, em princípio, estão lá, fixadas, de uma vez e para sempre. Então, ficamos desconfortáveis se, por algum motivo, nossa leitura não é imediatamente clara e reveladora; se, por algum motivo, não conseguimos enquadrar alguém (ou a nós próprios) numa identidade a partir da aparência de seu corpo. (LOURO, 2000, p. 61, grifo da autora)

A masculinidade bissexual é uma identidade paradoxalmente marcada pela sexualidade e, ao mesmo tempo, usualmente opaca para uma leitura corporal, impedindo esta segurança de quem pretende, a partir do corpo, fazer derivar o essencial de uma identidade. A ambigüidade e o constrangimento podem aumentar mais ainda, pois os relatos desta pesquisa permitem perceber que numerosos homens da amostra apresentam variação em suas preferências sexuais ao longo da vida, situando a prática bissexual em algum momento específico da vida, ou

então ao longo de toda a sua vida, mas com alternâncias de ênfase e de intensidade das práticas e dos desejos na relação com homens e com mulheres.

A idéia de que a identidade se organiza sempre em opostos binários está presente em numerosos estudos. No caso da sexualidade e do gênero, os pólos opostos principais são masculino e feminino, heterossexual e homossexual, ativo e passivo. Nesta concepção, a masculinidade bissexual tem localização incerta, nunca num dos dois pólos, aparecendo mais como zona intermediária, pois ela não tem um oposto, oponente ou figura contrária, como os outros pares de termos. A idéia de zona ou ponto intermediário, ou caminho do meio aparece de forma explícita tanto em alguns trabalhos de cunho acadêmico quanto em textos de revistas:

O mundo é um permanente jogo de opostos. Noite e dia, preto e branco, feio e bonito. Entre esses pólos existe uma grande área intermediária que a maioria das pessoas não consegue compreender ou perceber. A bissexualidade é uma dessas áreas. (COSTA, 1994, p. 130)

Desde os primeiros passos de aproximação com o universo da masculinidade bissexual, ainda nos primórdios da construção da Rede Bis-Brasil, visto agora em retrospectiva, fica claro que os anúncios e modalidades de contato privilegiaram a busca dos homens que mantivessem, tivessem mantido ou pretendessem manter relações sexuais com homens e mulheres. Esta ênfase “facilitou” o ingresso de numerosos homens homossexuais na rede. Por outro lado, pode ter contribuído para afastar as mulheres, e também, o mais importante, afastou ou manteve com algum incômodo e constrangimento homens que viam com bons olhos o ingresso de mulheres. Mantiveram-se na rede, e foram ativos correspondentes, em geral aqueles homens que mantinham relações definidas com mulheres, e cujo desafio maior era obter e manter relações com outros homens, tarefa complicada por diversos fatores, o mais importante deles a necessidade de sigilo e discrição, o que foi oferecido pela Rede Bis-Brasil. Também se mantiveram na rede, como ativos correspondentes, aqueles homens homossexuais que manifestavam disposição para manter relações com homens casados, ou com “homens de verdade”, em oposição à relação com “homens homossexuais”, conforme escrito em cartas e manifestado em entrevistas.

Desta forma, a explicitação dos desejos e das práticas sexuais foram sempre mais relevantes para o pertencimento à rede do que quaisquer outros aspectos da vida destes homens – vida familiar, desejo de paternidade, papel de provedor ou carreira profissional. Isto se revela

particularmente na leitura das cartas, onde o tema da sexualidade aparece na forma de relato de fantasias, narrativa de histórias de encontros sexuais, explicitação de desejos, comentários sobre fetiches sexuais, relatos de aventuras ocorridas com pessoas conhecidas, etc. Por todos estes motivos, verifica-se que a marcação das identidades pela sexualidade constituiu-se, também, no apelo feito para organizar a amostragem desses homens.

Entretanto, desejos e práticas sexuais, embora elementos importantes para a definição de identidades, podem funcionar de modo muito diferente em cada caso, sujeitos a diferentes valorizações, por vezes de sinal oposto. A masculinidade bissexual de determinados homens pode, por exemplo, ser construída pela valorização acentuada dos encontros eróticos com muitos e diferentes homens, dando ao indivíduo uma auto imagem de promiscuidade, ou fazendo com que se sinta interpelado por este discurso. De modo diferenciado, temos outros homens que, a despeito de manterem grande quantidade de encontros sexuais com diferentes homens, definem-se a si próprios valorizando o fato de que mantém relação sexual e afetiva duradoura e satisfatória com uma mesma mulher. Por outro lado, uma vez que em geral os encontros sexuais entre os homens são anônimos e sigilosos, tendo que ser feitos sempre “às escondidas”, eles podem ser super valorizados na construção da identidade do indivíduo, pois acentuam a idéia de que o sujeito está eternamente escondendo algo. Isso pode levar alguns a declarar que, quando saem com uma mulher – eventualmente a própria esposa ou namorada – sentem-se falsos, fazendo um jogo de aparências, mesmo quando se trata de relações definidas por eles próprios como satisfatórias do ponto de vista afetivo e erótico-sexual. Destas e de outras formas, vemos que o indivíduo pode sentir-se “inteiramente” homem, e rejeitar qualquer associação com o universo das práticas homoeróticas:

[ . . . ] interações ocasionais ou até mesmo freqüentes com o mesmo sexo não precisam necessariamente questionar a identidade do gênero masculino. [ . . . ] No Brasil, embora certamente existam categorias como ‘homossexualidade’ e ‘heterossexualidade’ e, na verdade, esses termos tenham se tornado cada vez mais comuns, especialmente com o surgimento do HIV e da aids, não são necessariamente as classificações mais importantes ou evidentes usadas para estruturar o universo sexual da vida cotidiana. (PARKER, 1994, p. 57, grifos do autor)

Neste ponto as questões de sexualidade e de gênero caminham próximas, num jogo de relações e influência recíproca. Uma abordagem de gênero é aquela que possibilita tratar a organização social das interações entre o masculino e o feminino, para além do terreno puramente sexual, uma vez que “coisas de homem” e “coisas de mulher” aparecem impressas em situações muito alheias ao sexual propriamente dito. Para o assunto aqui analisado, efetiva-

mente a discussão do que é ser coisa de homem e do que é ser coisa de mulher é importante, uma vez que por vezes isso é vivenciado como estando marcado no corpo do próprio indivíduo. A abordagem mais evidente dessa dimensão relacional em termos sexuais é aquela do ativo e do passivo. Mas aqui também é possível encontrar toda possibilidade de inversão, tomando-se às vezes o ser penetrado como algo “*muito macho*”. Um elemento muito significativo nas falas dos informantes acerca de sua identidade sexual, muitas vezes com reflexos importantes nas suas percepções de gênero, refere-se justamente ao comportamento sexual, tal como definido por Fry (1982), e enfatizado por Parker:

[ . . . ] categorias como ‘homossexualidade’ e ‘heterossexualidade’ tornaram-se tradicionalmente menos significativas do que noções como ‘atividade’ e ‘passividade’, ambas compreendidas como papéis distintos dentro do ato sexual e como manifestações profundamente diferentes de masculinidade e feminilidade. Devido a essa ênfase na atividade e passividade como coordenadas-chave do universo sexual, a seleção de um objeto sexual pode ser menos significativa na construção subjetiva da identidade de um indivíduo do que o papel desempenhado em suas interações sexuais. (PARKER, 1994, p. 57, grifos do autor)

Compartilho com estes autores a noção de que a passividade ou atividade sexual é um elemento importante e definidor de pertencimentos na estruturação das diferentes representações da masculinidade bissexual. Entretanto, ela pode assumir diferentes valores, não sendo possíveis associar, de modo imediato, a passividade com a feminilidade, e seu oposto, a atividade, com a masculinidade. Podemos ter homens que se constroem como extremamente masculinos, e isto não é abalado pelo fato de que mantém relações sexuais onde são penetrados por outros homens. A literatura tratou disso, com a figura do marinheiro Querelle, que afirma: “Você tá na Marinha, então meu chapa, já vi muitos caras da Marinha, e como eles gostavam de dar o cu! E isso não os impedia de continuar homens; tô te falando.” (GENET, 1986, p. 184). Conforme analisado na seção seguinte, são comuns os relatos dando conta de que há possibilidades de um indivíduo ser penetrado de um modo “extremamente macho”, desde que se reconheça que o ativo na relação seja um homem “efetivamente macho” de verdade:

Portanto, um parceiro ativo em interações com o mesmo sexo, assim como em interações com o sexo oposto, pode ignorar seus comportamentos homossexuais com relativa facilidade, enquanto o parceiro ativo que também atua ocasionalmente como passivo pode optar por ignorar sua passividade e assim por diante. Assim, as identidades sexuais podem ser contingências variáveis de acordo com a situação, embora os contextos ou situações específicos tenham que ser necessariamente negociados no fluxo da interação social. (PARKER, 1994, p. 58)

Há uma visível manifestação da sociedade, associada a numerosas manobras, no sentido de que o gênero se defina pela condição genital, ou seja, para que sexo e gênero se correspon-

dam, e existam apenas dois sexos e dois gêneros, e uma possibilidade de vivência da sexualidade. As diferentes identidades construídas no campo da masculinidade bissexual podem-se dizer que são todas identidades “complicadas”, uma vez que marcadas como “desviantes”, pois as identidades

[ . . . ] nomeadas no contexto da cultura, experimentam as oscilações e os embates da cultura: algumas gozam de privilégios, legitimidade, autoridade; outras são representadas como desviantes, ilegítimas, alternativas. Enfim, algumas identidades são tão ‘normais’ que *não precisam dizer de si*; enquanto outras se tornam ‘marcadas’ e, geralmente, *não podem falar por si*. (LOURO, 2000, p. 67, grifos da autora).

Conforme já comentado anteriormente, a identidade destes homens está marcada pela sexualidade, e esta marcação é construída pela diferença: “que identidades são, afinal, marcadas? Aquelas que são diferentes – é a resposta imediata. Mas diferentes em quê? Ou melhor, diferentes... de quem?” (LOURO, 2000, p. 67). A “diferença” que estes homens apresentam situa-se no terreno da sexualidade, eles são diferentes da norma, que é a masculinidade heterossexual, e vivemos numa sociedade que elegeu o sexual como característica fundamental para a definição de cada um. Ao construir um conjunto de representações acerca da masculinidade bissexual é possível indagar se, para estes homens, e para aquelas instâncias que os representam, ser bissexual diz respeito apenas ao sexo, uma vez que a masculinidade homossexual, pode também dizer respeito a diversos outros pertencimentos. Também busca-se investigar se isto implica ter uma vida sexual de intensidade mais elevada do que a média dos homens, característica que em geral é atribuída a estes homens. Esta identidade é assim duplamente marcada: tanto pela preferência por homens e mulheres quanto pela intensidade das relações, intensidade aqui tanto do ponto de vista quantitativo (numerosas relações, com numerosos parceiros, numerosas vezes), quanto do ponto de vista qualitativo (relações “quentes”, onde se experimentam práticas muito excitantes, onde tudo é feito com ardor e entrega acima da média). A partir de numerosos depoimentos de informantes da Rede Bis-Brasil, a intensidade sexual pode ser vista também como uma espécie de energia, uma força que engole a pessoa, que fica então totalmente sexuada, com sua atenção dirigida totalmente ao sexo, conforme será discutido em seção própria, quando se apresenta a representação da masculinidade bissexual ancorada nesta idéia.

Uma identidade sexual marcada é aquela que se vai diferenciando a ponto de “fugir” da norma. A norma é, paradoxalmente, aquilo que está sempre presente, mas poucas vezes enunciado claramente. Não é possível verificar, com facilidade, a que ponto a diferença – ou o

desvio – chegou, pois tanto a norma como a diferença são frutos de uma permanente tensão de poderes, se constroem numa luta política que acontece basicamente na esfera da cultura e das representações. São muitas representações de masculinidade, circulando por diversos meios – desde as conversas informais até a mídia eletrônica – que constantemente promovem a negociação entre a norma e a diferença, marcando as posições a cada momento. De toda forma, a visibilidade da diferença é infinitamente superior a da norma. Mídia eletrônica, pesquisas acadêmicas, conversas de bar, legislação civil e de costumes, religiões e muitos outros meios e lugares problematizam continuamente a diferença, para o bem ou para o mal, construindo-a, classificando-a, localizando-a. Tanto a pesquisa acadêmica quanto a mídia eletrônica não hesitam: entre fazer falar um pai de família heterossexual ou fazer falar um pai de família bissexual, as atenções se voltarão para o último: “a norma não precisa dizer de si, ela é a identidade suposta, presumida; e isso a torna, de algum modo, praticamente invisível” (LOURO, 2000, p. 68). Mas há diversas formas de fazer falar a diferença: como diversidade, como um outro distante, ou como algo que nos permite enxergar melhor a norma. É este último caminho que busco trilhar, entendendo que pesquisar a masculinidade bissexual significa também saber mais sobre a masculinidade heterossexual, bem como sobre a masculinidade homossexual. A masculinidade bissexual, bem como a designação “homens que mantém relações afetivas e/ou sexuais com homens e mulheres”, derivada da proposta de “homens que fazem sexo com homens” (PARKER, 1999) são boas modalidades para pensar a norma da masculinidade e a heteronormatividade.

Nesta seção, a questão das representações, e especialmente a das identidades, foi aproximada aos temas do gênero e da sexualidade, com destaque para as masculinidades, e relatando alguns exemplos de situações que envolvem a masculinidade bissexual. Entretanto, uma definição rigorosa do que estou entendendo por masculinidades, e mesmo a apresentação desta categoria intitulada masculinidade bissexual não foi feita. Constitui isso a matéria da próxima seção, onde se busca aproximar tudo o que até aqui foi apresentado em termos teóricos à questão da masculinidade, em particular da masculinidade bissexual.



## 9 GÊNERO, SEXUALIDADE E IDENTIDADES MASCULINAS

---

**D**esenvolvidas nas seções anteriores discussões acerca de representação, identidade cultural, gênero e sexualidade, cabe agora aproximar esses conceitos ao tema das masculinidades. Feito isto estarão dadas as condições para, na próxima seção, propor a categoria da masculinidade bissexual como objeto de estudo, tratando das representações a ela associadas nas seções subseqüentes.

Entre os pesquisadores do tema é comum menção ao fato de que os estudos sobre a masculinidade experimentaram, nos últimos 10 anos, um enorme avanço, sendo este hoje um tópico bastante popular de investigação especialmente no Canadá, Estados Unidos, Europa e Austrália, mas também na América Latina, conforme se verifica em trabalhos feitos por Olavarría (2001) e Valdés e Olavarría (1998). No Brasil, na esteira das pesquisas sobre o feminismo e sobre a homossexualidade masculina, e também do desenvolvimento dos estudos de base psicológica, cria-se um campo de estudos cada vez mais definido de investigações sobre o masculino, conforme nos apresenta a resenha crítica feita por Oliveira (1998). Ao fazerem uma revisão da produção teórica sobre homens e reprodução, Giffin e Cavalcanti assinalam que a categoria gênero, usada por muitos anos praticamente como sinônimo de investigações sobre o feminino, já comporta um conjunto importante de trabalhos que abordam “as relações que os homens estabelecem com as mulheres, com os filhos e com outros homens” (GIFFIN; CAVALCANTI, 1999, p. 53).

Parte significativa desta produção, em particular aquela que foi consultada para elaboração desta seção, se orienta no sentido de conhecer os modos de construção histórica e manutenção política e social das masculinidades, denunciando o fato de que “as masculinidades estão profundamente implicadas na violência organizada [...]; e nas tecnologias e nos sistemas de produção que levam à destruição ambiental e à guerra nuclear” (CONNELL, 1995b, p. 186). Para além da denúncia, muitas das investigações visam também propor um conjunto de estratégias de mudança nas relações de gênero em direção a um patamar de justiça social, que nos faça perceber que “uma nova política do gênero para os homens significa novos estilos de pensamento, incluindo uma disposição a não ter certezas e uma abertura para novas experiências e novas formas de efetivá-las” (CONNELL, 1995b, p. 205). No âmbito dos estudos pós

estruturalistas, combate-se a idéia de que seria possível construir uma “ciência da masculinidade”, tarefa que apresenta dois problemas significativos: pressupõe a existência de algo sólido e singular como objeto de conhecimento – “a masculinidade”; e desconhece as profundas implicações entre os regimes de poder e os regimes de conhecimento, conforme alerta Foucault (1977) quando trata destas relações em *Vigiar e Punir*. A presente investigação busca trilhar mais o caminho de problematizar a masculinidade bissexual, e menos aquele de criar uma nova categoria – a bissexualidade masculina – e agregar a ela novos personagens. A opção pela problematização se faz tanto em termos teóricos, coerentes com a postura pós-estruturalista, quanto em termos estratégicos, por entender que a criação de novas categorias de personagens sexuais – quais sejam travestis, transgêneros, homossexuais, bissexuais, heterossexuais, lésbicas, gays, etc. – significa um investimento no eixo da diversidade como forma de visibilidade das diferentes orientações sexuais, enquanto interessa no presente trabalho discutir as relações entre identidade e diferença, enfocando mais diretamente questões relativas à distribuição e exercício de poder.

Para além das pesquisas sobre o tema da masculinidade, os autores que investigam o assunto são unânimes em assinalar nos últimos anos um processo contínuo de questionamento acerca da representação da masculinidade chamada hegemônica, que em verdade é bastante recente, do ponto de vista histórico. Parte importante dessa contestação aos padrões de masculinidade hegemônica vem do movimento feminista, e também do movimento gay. Parte das tensões que alimentam a pressão por mudanças na figura masculina tradicional vem de um complexo conjunto de modificações no capitalismo, que constantemente recriam os padrões da masculinidade hegemônica, em função de uma dinâmica de rearranjos que afeta homens, mulheres, crianças, adolescentes e terceira idade. Ao tirar do homem parte do papel de provedor, por exemplo, retira-se também algo de sua masculinidade, uma vez que “um dos pilares da identidade masculina tradicional é o papel de provedor que o homem deve desempenhar perante a família” (GIFFIN; CAVALCANTI, 1999, p. 56). Uma parte das modificações na representação de masculinidade hegemônica ocorre pela ação de grupos de homens que se indagam sobre sua identidade cultural e psíquica e seus modos de vida, e propõem alternativas práticas de modificação do cotidiano, acompanhadas de trabalhos de reflexão. Parte importante do que em geral está designado como crise da masculinidade é em verdade uma crise na ordem de gênero, uma crise das relações de gênero, que passam por acentuada modificação nas últimas décadas. Visto por esta ótica, o questionamento da masculinidade hegemônica só

pode ser entendido dentro duma perspectiva de transformações mais gerais das relações de gênero, e não como uma crise particular da masculinidade.

A presente investigação coloca-se num duplo enfoque: busca ampliar os conhecimentos sobre uma determinada forma de identidade sexual masculina, a masculinidade bissexual; e ao fazer isso busca também questionar a representação de masculinidade hegemônica, em geral apresentada como a única – ou a melhor – forma de viver a masculinidade. Coerente com essa postura vou me referir, sempre que possível, às masculinidades, e vou pensar a masculinidade bissexual principalmente como um conjunto de possibilidades e representações, e não como mais um modelo singular, um tipo ou um estilo de vida. O modo de abordagem que reconheço como pouco eficiente é falar de uma bissexualidade universal e trans histórica. Minha estratégia de abordagem visa problematizar a masculinidade bissexual, agregando a ela muitas representações, no sentido de “implodir” uma possível identidade essencial e única. Com isso busco preservar a riqueza de situações e valorizações diferenciadas que encontrei nas fontes de pesquisa, e evito construir toda uma “ciência” a partir de uma categoria. A estratégia de pesquisa a ser evitada está apresentada por Dominguez com notável economia de palavras, quando diz que “bissexual já é um destes nomes que agencia verbos, sujeitos e talvez sistemas e sintaxes”. (DOMÍNGUEZ, [19--], p. xi) A diversidade de representações da masculinidade, coletada a partir das fontes que disponho, permite falar sempre em masculinidades, no plural. Entretanto, essa diversidade de representações não pode ser percebida como um conjunto de estilos de vida, igualmente valorizados, e dos quais o indivíduo faz a escolha como se fossem mercadorias na prateleira de um supermercado.

Caracterizar – e mesmo definir – o que se entende por masculinidade não é tarefa que experimente unanimidade. Connell (1997) agrupa as definições existentes de masculinidade em quatro conjuntos. O primeiro deles diz respeito àquelas definições que estabelecem um atributo, tido como essencial, e a partir daí fazem derivar toda uma tipologia, havendo aqueles situados mais próximos e outros mais distantes do referido atributo. No caso da masculinidade, um atributo que se presta excepcionalmente para isso é o da atividade, tomada muitas vezes como força, e daí derivando força física, capacidade de decisão, força moral, responsabilidade para assumir grandes empreendimentos, coragem, ser ativo na relação sexual, etc. A arbitrariedade na escolha dos atributos que serão tomados como essenciais para a definição é evidentemente um ponto polêmico nesse modo de definir a masculinidade. Um segundo conjunto de definições, estas de caráter positivista, enfatiza que a masculinidade é aquilo que os

homens “realmente são”. Para saber o que os homens “realmente são”, necessita-se de uma pesquisa “isenta” e “científica”, que nos permitiria montar um panorama completo – e em geral tomado como definitivo – da masculinidade. Montado este panorama científico, neutro, eterno e isento de influências pessoais, estaríamos em condições de estabelecer tipologias, ou escalas, verificando em que ponto se localiza cada homem, em relação à masculinidade que possui. Teremos então aqueles que são mais próximos daquilo que os homens “realmente são”, e aqueles mais distantes. Pela própria configuração do modo como estas tipologias se montam, elas tendem a transformar em patologias as posições afastadas da norma, e propor então tratamentos para “corrigir” estes afastamentos, vistos como desvios.

Num terceiro grupo, teríamos aquelas definições que enfatizam a normatividade, pois lidam com a noção de modelo, que nos indica como os homens “deveriam ser”. A conhecida teoria dos papéis sexuais e dos papéis de gênero opera nessa lógica, estabelecendo, em geral a partir da análise de produtos da comunicação, como os filmes e a própria vida dos atores mais famosos, um conjunto de características que definiriam o papel masculino seja ele objeto de crítica ou de aplauso. No caso dos estudos da masculinidade, e em especial dos movimentos sociais dos homens, a aceitação das teorias normativas, em particular os conceitos de papéis sexuais e de gênero, produziu um tipo de análise que terminou por transformar o homem em vítima da tirania dos papéis:

[ . . . ] a combinação de conceitos tais como o de papel social masculino, oriundo da análise sociológica funcionalista e o de self íntimo, baseado em teorias psicológicas, possibilitava um tipo de construção teórica em que o self íntimo, ao requerer a satisfação de demandas emocionais, entrava em conflito com o papel masculino opressor, uma vez que este último obstruía a satisfação destas demandas ao buscar obedecer aos preceitos sociais que o sustentavam, ou seja, os preceitos machistas. (OLIVEIRA, 1998, p. 93)

Esse modo de perceber a masculinidade encontra larga incidência entre os informantes da Rede Bis-Brasil. Em geral, os indivíduos buscam a explicação dos males que lhes afligem por gostarem de homens e mulheres no conflito entre o que realmente gostariam de ser e o papel que a sociedade deles espera. Ficam completamente desconsideradas as atitudes e modos de vida que contribuem ativamente para a manutenção dos referidos papéis, e que por vezes constituem a tônica na vida cotidiana dos mesmos homens que se colocam como vítimas da ação dos papéis. Esta situação, que pode ser resumida na frase “*eu sofro porque quero ser uma coisa e a sociedade quer que eu seja outra*”, dita por um informante, mantém-se em boa medida pela rígida separação entre moral pública e moral privada, pela exigência de sigilo

e discrição, que estão valorizadas em muitas das cartas enviadas, das quais reproduzo trechos de três informantes diferentes:

*Moro com a família e trabalho como operador num hotel. Prezo muito discrição e sigilo, portanto descarto totalmente qualquer tipo de relacionamento com desmuneçados, afeminados e travestis. Detesto viadagens, frescuras, vulgaridades e escândalos. Acho que não tem nada a ver. Acho que homem é homem e deve se comportar como tal, independente do que ele faça entre quatro paredes. E o que acontece nas mesmas entre ele e a outra pessoa, só diz respeito aos dois. Vocês não concordam comigo?*

*Não tenho qualquer sentimento de culpa em curtir ser bi, claro que minha mulher, minha família, amigos, colegas, não sabem, daí o máximo de discrição, dadas as sanções que a nossa cultura impõe.*

*[ . . . ] que na vida social, regulada, controlada (como creio que deve ser, pois se não viraria uma zorra), com vários padrões de conduta aceitáveis, [ . . . ] não pega bem um homem casado dizer que está afim de fuder com outro homem, mesmo que ele tenha vontade de fazer isso.*

A separação entre a vida pessoal e a vida social, levada nestas cartas ao extremo, inviabiliza qualquer possibilidade de que o sujeito sinta-se contribuindo para modificar aquela situação por ele mesmo nomeada como opressora, equivocada ou atrasada. São poucos os informantes que revelam possuir uma reflexão acerca do equilíbrio entre aquilo que precisam proteger no anonimato, sob pena de sofrerem sanções e prejuízos na família e no trabalho, e aquilo que podem e devem tornar públicos, contribuindo para modificar a situação vivida como sufocante e opressora. Esta questão torna-se vital quando pensamos na constituição – ou não – de uma cultura da masculinidade bissexual, tal como a existente para a masculinidade homossexual, assunto que será abordado mais adiante.

Retomando a classificação de Connell dos vários modos de definir a masculinidade, o quarto agrupamento concentra as definições que ancoram a masculinidade num sistema simbólico, que opera produzindo as diferenciações entre os lugares do masculino e do feminino. Os elementos do discurso, seguindo a fórmula da lingüística estrutural, são definidos pelas diferenças que guardam entre si, o que nos permite afirmar que o masculino é definido em geral como o não feminino. A presente tese não se propõe analisar a fala dos informantes com os recursos da semiótica ou da lingüística, mas neles se inspira para afirmar que qualquer definição só pode ser entendida dentro de um sistema de relações. No caso da masculinidade, esta só pode ser definida no interior das relações de gênero e de sexualidade, e não será nunca uma definição cristalizada, pois fruto de tensões, disputas e interesses próprios da cultura, e tem sua existência marcada por essas disputas de significado:

En lugar de intentar definir la masculinidad como un objeto (un carácter de tipo natural, una conducta promedio, una norma), necesitamos centrarnos em los procesos y relaciones por medio de los cuales los hombres y mujeres llevan vidas imbuidas en posición en las relaciones de género, las prácticas por las cuales los hombres y mujeres se comprometen con esa posición de género, y los efectos de estas prácticas en la experiencia corporal, en la personalidad y en la cultura. (CONNELL, 1997, p. 35)

De forma semelhante, e pensando a partir dos escritos de Connell, é possível afirmar que diferentes masculinidades se produzem no mesmo espaço social, seja este espaço a família, a região de moradia, o grupo cultural ou étnico, o grupo racial, o pertencimento religioso, a classe econômica, etc. Desta forma, a trajetória de construção da masculinidade de cada homem se faz com o modelo de masculinidade hegemônica sempre presente e reforçado, seja pela mídia, pela escola, pela igreja, etc., mas ao mesmo tempo com uma pluralidade de outros modos de viver a masculinidade presentes em seu cotidiano, representados pelos tipos particulares e originais que cada homem encontra ao produzir sua própria trajetória masculina na vida do dia a dia. Estes modos particulares podem gozar de maior ou menor prestígio, a depender de um complexo jogo de fatores. O modo de viver masculino que desfruta da maior concentração de privilégios, num dado sistema de relações de gênero, será considerado como a forma de masculinidade hegemônica. Assim como não temos uma única masculinidade bissexual, também não temos uma única forma da masculinidade hegemônica, pois adotamos aqui um enfoque relacional para elaborar estas definições, o que faz com que a própria masculinidade hegemônica esteja estabelecida num terreno de disputas de significados. Nas seções subsequentes, quando são abordadas as diferentes representações da masculinidade bissexual, justamente vai interessar focar este emaranhado de estratégias que cada homem em particular lança mão para construir uma masculinidade que comporta relações sexuais com homens e mulheres, mas que busca situar-se, sempre que possível, no terreno da masculinidade hegemônica, assegurando os privilégios que daí decorrem:

A manutenção da masculinidade hegemônica não pode ser pensada como elaboração orquestrada e consciente de um grupo de homens nela interessados. Trata-se antes de uma complexa trama de situações e condições que a favorecem mais ou menos, dependendo das circunstâncias. Este tipo de análise enfatiza a idéia de que as estruturas de poder não podem ser tomadas como definitivamente estabelecidas, mas sim como ajustadas a uma dinâmica na qual a busca de sua legitimação e o auto-velamento de suas características históricas procura fixá-las como coisas naturais e eternas, de tal forma que se tornem a-históricas. (OLIVEIRA, 1998, p. 104)

A partir da leitura dos trabalhos de Miguel Vale de Almeida (1995a e 1995b), percebe-se que a afirmação da masculinidade implica o reconhecimento e a negociação com o femini-

no e o homoerótico. A definição de um padrão de masculinidade hegemônica – caracterizado, entre outros, por atributos como violência, força física para exercer a dominação, modos intempestivos de lidar com diversas situações – passa pela definição daquilo que não é masculino, sendo então taxado de feminino ou afeminado. O feminino na mulher é valorizado, embora colocado em situação hierárquica inferior ao masculino do homem. O afeminado no homem é desprestigiado, objeto de desprezo, colocado em patamar inferior ao feminino da mulher. A existência de um homem afeminado termina por reforçar a masculinidade hegemônica, uma vez que fornece o exemplo do que não se deve fazer, do que não se deve ser, daquela fronteira da qual devemos nos afastar.

Podemos ter indivíduos que optam pela homossexualidade, e, portanto passam a lidar com os valores de uma outra cultura, a cultura da homossexualidade, onde os códigos, símbolos e linguagem que organizam o masculino e o feminino comportam diferentes modalidades de negação, negociação ou mesmo aceitação daqueles padrões da masculinidade hegemônica. Os homens bissexuais que aqui servem de informantes em geral buscam situar-se decididamente no terreno da masculinidade hegemônica, valendo-se de um conjunto de estratégias de aceitação, negociação e rejeição dos valores hegemônicos. De todo modo, em geral eles se exigem atitudes que inequivocamente comprovem sua masculinidade, afastando o perigo principal que é aquele de serem tomados como homossexuais. Aqui reside um grande problema a ser enfrentado por eles, pois a relação sexual com outro homem pode facilmente ser vista como uma relação homossexual. Nessa medida, ela comporta duas leituras possíveis: ou pode ser lida como uma relação entre iguais, mas iguais hierarquicamente inferiores aos “verdadeiros” homens, nomeando-se os dois participantes de homossexuais – ou bichas, viados, putos, no linguajar comum; ou pode ser lida como uma relação em que um dos homens é afeminado, faz o papel feminino, e aí resta a indagação para saber quem é menos masculino – ou menos homem, ou passivo – na relação. Muitos dos homens bissexuais informantes de nossa pesquisa esforçam-se por encontrar outro caminho para representar e construir significados para essa relação entre homens. Um deles é afirmar que se trata de uma relação entre verdadeiros homens, ou, conforme amplamente afirmado nas cartas recebidas de muitos homens, uma relação “entre machos”:

*Olá. Eu gostaria muito de poder trocar idéias e caso queiram, gostaria também de poder trocar cartas eróticas, assim poderíamos contar sobre nossas experiências, fantasias, desejos, etc. Sou macho, não afeminado, 25 anos, bissexual, noivo, não promiscuo, higiênico, sério, responsável, mente aberta, descomplicado e decidido. Tenho 1,77, 80 kg, corpo peludo, pernas e coxas grossas, pica de 18 cm, super gos-*

*tosa, sou ativo mas gostaria muito de ser enrabado por um macho gostoso e viril. Espero que a idéia de vocês já esteja em andamento e que possa ser séria e responsável. Desde já desejo sucesso. Aguardo ansioso pela resposta de vocês. Um grande abraço.*

O remetente aposta naquilo que em outras cartas está chamado de “*uma verdadeira relação entre homens*”, em que o pressuposto de que sejam iguais e superiores, machos e viris, é condição da relação. A expressão “*sacanagem entre machos*” está utilizada em outras cartas, mas a relação com outro homem pode ser vista também como uma amizade de grau superior, entre homens iguais. O medo de ser afeminado parece ser maior do que o medo de se relacionar sexualmente com outro homem, pois se essa relação for interpretada como uma relação entre machos, poderá ser vista então como algo muito viril, uma relação entre iguais. Atribuir a um homem o adjetivo de macho, no senso comum, significa referendar algo que seria natural e instintivo, produto da biologia, inscrito no seu corpo, um comportamento que decorreria de forma natural pelo fato do homem ter um pênis. Na carta, o informante valoriza o fato de ser peludo, ter pernas grossas e pênis grande. As principais qualidades do masculino derivam, então, do fato dele ser macho. Essa é claramente uma estratégia de regulação da masculinidade hegemônica. Mas também estão valorizados aqueles aspectos que geralmente indicam a construção cultural da masculinidade hegemônica heterossexual, tais como não ser afeminado, ser noivo, ser sério e responsável, ser descomplicado e decidido. Uma constatação possível de extrair da análise desta carta é que a relação que tradicionalmente vemos entre ser macho, ser homem e ser masculino ou, dito de outra forma, a relação entre ser homem macho, ser masculino e ser heterossexual, está sujeita a tensões do contexto histórico e cultural, e pode comportar um largo grau de diferenças:

A dicotomia masculino-feminino (no sentido de macho e fêmea) é uma metáfora potente para a criação de diferença [ . . . ]. Não é, em si mesma, nem mais nem menos essencialista do que qualquer outro princípio de distinção, se aceitarmos que tanto o corpo sexuado como o indivíduo com gênero são resultados de processos de construção histórica e cultural. A compactação entre ‘macho’, ‘homens’ e ‘masculinidade’ [ . . . ] não deve ser tomada como certa, mas sim analisada. [ . . . ] (ALMEIDA, 1995a, p. 161-162)

Outro elemento da carta que merece análise são as expressões que indicam relativização ou deslizamento do modelo masculino tradicional: “*mente aberta*”, seguida de “*descomplicado*”. Em outras cartas aparecem expressões como “*sou liberal*”, “*sou muito liberal*”, “*sou macho, mas liberal*”, “*sou decidido a tudo que pintar*”, “*topo novidades*”, “*busco prazer de todas as formas*”, “*entre quatro paredes não tenho limites*” e expressões congêneres. Muitas vezes, o uso de um verbo que podemos considerar como forte e masculino – decidir, topar, encarar –



aparece introduzindo uma ação que de algum modo se choca com aquilo que esperamos de um homem macho, ação esta que permanece parcialmente oculta – ou pouco clara – em expressões do tipo “*tudo que pintar*”, “*novidades*”, “*curto tudo*”, “*entre quatro paredes tudo é possível*”. A carta reproduzida acima foi à primeira enviada pelo informante, em um aerograma padronizado da Rede Bis-Brasil, em resposta ao pedido para que o indivíduo ingressasse na rede. Nela aparecem também três outros elementos que asseguraram a viabilidade do projeto e a adesão dos informantes: a iniciativa é vista como espaço de troca de idéias; a iniciativa é vista como séria e responsável; a iniciativa é vista como espaço onde se podem trocar cartas eróticas e falar de fantasias sexuais. O aerograma enviado a este informante convidava para ingresso na Rede Bis-Brasil, mas não utilizava a palavra bissexual, falava em “homens que gostam de transar com homens e mulheres”, no entanto o informante responde dizendo ser bissexual, conforme escrito na lista de atributos com que se apresenta, o que indica que este termo, ao lado da palavra homem, encontra entendimento.

Uma atitude sempre bem marcada por parte da maioria dos informantes homens bissexuais é a crítica à homossexualidade masculina, entendida como característica de bichas loucas, afeminados, homens fracos, pré-travestis, etc. Considerando-se serem a bissexualidade e a homossexualidade modos de vivenciar o masculino excluídos do modelo da masculinidade hegemônica, chama a atenção essa violência verbal contra os homossexuais. As diferenças que existem entre homens homossexuais e homens bissexuais parecem pequenas se tomamos estas duas modalidades como excluídas do modelo hegemônico, sofrendo então por não poderem desfrutar dos “privilégios heterossexuais”. Entretanto, essa fronteira de relação parece constituir, para os homens bissexuais, um problema maior do que as grandes diferenças que possam vir a existir entre eles e os homens exclusivamente heterossexuais. A aproximação com a homossexualidade, especialmente na sua face de homem afeminado, com trejeitos, é recusada de forma peremptória, e isso se expressa de forma muito clara nos anúncios publicados por homens bissexuais no boletim Frente&Verso, onde são frequentes afirmações como “*descartam-se bichas afeminadas, pré-travequinhas, entendidos afetados e outros metidos a mulher*”. Esta “violência das mínimas diferenças” tem várias raízes:

Num ensaio relativamente menor, ‘O Tabu da Virgindade’, publicado pela primeira vez em 1917, Freud cunhou a expressão ‘o narcisismo das diferenças menores’ para descrever um fenômeno que se repete com frequência: a hostilidade entre grupos sociais que são iguais ou semelhantes em todos, menos alguns, os aspectos menores. Sua observação pode ser expressa na forma de uma hipótese ou teoria geral, a de que grupos sociais distintos, porém semelhantes, têm probabilidade maior de serem hos-

tis entre si do que grupos que possuem diferenças óbvias. (BURKE, 2000, p. 16, grifos do autor)

Ora, se a identidade cultural diz respeito à produção das diferenças, então há que se preocupar justamente com aqueles que são mais parecidos conosco, e que mais ameaçam trazer confusão para a definição de nossa identidade. Daí ser necessário afirmar a diferença contra o que é mais próximo, e que, portanto mais nos ameaça. Isso ajuda a explicar a reiterada hostilidade dos homens bissexuais para com os homens homossexuais. O que não significa que estes dois modos de vivenciar o masculino não impliquem o trânsito dos indivíduos muitas vezes pelos mesmos espaços de convivência, tais como saunas, parques, banheiros públicos, locadoras de vídeo, clubes de sexo, etc. Note-se que esses espaços são em geral construídos pela cultura homossexual. São reconhecidos como sendo lugares de homossexuais, mas a eles comparecem também os homens bissexuais, embora o modo de ir, entrar, portar-se no ambiente e sair do mesmo possa ser bastante diferente para cada um dos indivíduos. Um exemplo claro disso são as saunas para a comunidade homossexual que têm por vezes como atividade anexa uma locadora de vídeo. Permito-me aqui uma descrição mais longa, construída a partir de anotações do diário de campo tomadas em várias datas e situações.

Uma sauna localizada em Porto Alegre, tradicional ponto de encontro de parcela da comunidade homossexual, representada por indivíduos de meia idade e mais velhos, em geral discretos, já apresentava há muitos anos uma pequena frequência de homens bissexuais. O proprietário terminou por alugar o prédio ao lado, e ali instalou uma locadora de vídeo especializada em filmes pornográficos, com cabines que permitem ao cliente assistir o filme no local. A locadora experimentou sucesso imediato de público, e a maior parte de sua clientela está constituída por homens aparentemente heterossexuais de todas as idades, que aproveitam, dentre outros, intervalos de tempo no trabalho – como o horário do meio dia ou do final do expediente – para assistir um vídeo pornográfico. Durante um tempo, tivemos então dois empreendimentos, na área da sexualidade, um ao lado do outro, com públicos masculinos distintos.

Entretanto, o proprietário teve a idéia de abrir uma porta que comunica, no andar superior de cada um dos prédios, na parte dos fundos, a sauna com a área da locadora, onde estão localizados os banheiros e as salas que passam vídeos para grupos. A porta permite o acesso livre de quem está na sauna para a locadora, mas não o inverso. Ressalve-se que o preço de ingresso na locadora é menos da metade daquele cobrado na sauna. A partir daí, tivemos um

aumento no público da locadora e da sauna, e assiste-se a uma entrada diferenciada – público masculino homossexual entra pela sauna, e público masculino heterossexual entra pela locadora; e a um diferente modo de comportar-se no ambiente – público masculino da sauna tira sua roupa, substitui pela toalha enrolada na cintura, e desloca-se em direção à área da locadora, enquanto o público masculino da locadora apenas permanece, vestido com a roupa que entrou, nas cabines e áreas onde tradicionalmente transitava. O tempo de permanência também é bem diferenciado, pois o público da locadora caracteriza-se por permanecer pouco tempo, e é grande o fluxo de entrada e saída, enquanto o público da sauna permanece por horas no local, e a quantidade de ingressantes é menor.

O ambiente, assim estruturado, permitiu que um grande número de homens que se auto identificam como bissexuais pudesse contar com um local para a prática de sexo anônimo. O que se verifica então é que a partir de um ponto tradicional da comunidade homossexual, que tem um proprietário que é reconhecidamente homossexual, constitui-se uma possibilidade de ambiente para encontros dos homens bissexuais. Desta forma, sauna para homossexuais e locadora de vídeo para homens bissexuais materializam uma situação em que a identidade homossexual, por ter constituído uma cultura, apresenta-se como mais “sólida” do que a identidade bissexual, e então esta última constrói-se ao redor da outra, sentindo talvez a ameaça de ser “tragada pela outra”. Isto se reflete nas já citadas afirmações de hostilidade para com a homossexualidade, convivendo de forma ambígua com os espaços homossexuais, mas também está presente em diversas afirmações de homens homossexuais, que dizem simplesmente não existir a masculinidade bissexual, tudo não passando de homossexuais enrustidos, não assumidos. Relendo novamente as anotações do diário de campo, uma delas serve de ilustração a esta questão:

Hoje cheguei ao departamento e, mais uma vez, fui abordado por um colega homossexual da universidade, que veio com uma pergunta que ele sistematicamente tem me feito, de forma provocativa e muito bem humorada: ‘Fernando, mas o que tu pesquisa mesmo no teu doutorado?’ E eu respondi: ‘estou fazendo tese sobre identidade bissexual masculina’. E, de imediato, ele respondeu: ‘Mas então tu pesquisa uma coisa que não existe, pois é tudo bicha enrustida’. E logo me contou exemplos e histórias, de relações de amigos homossexuais, envolvendo homens casados ou noivos, e que comprovam, a seu ver, sua tese a respeito da inexistência da bissexualidade. Ou, para usar uma frase que ele sempre repete: ‘isso é tudo álibi’. (Diário de Campo, terça feira, 13 de maio de 1997)

Ao enfatizar que o comportamento bissexual é um álibi, o referido colega realiza na prática a manobra de “tragar” para dentro da homossexualidade – ou da cultura homossexual – os

homens bissexuais, pois estes não passariam de um simples ardil do qual alguns homossexuais lançam mão para poder conviver sem maiores problemas com o desejo homoerótico, assegurando uma fachada respeitável de heterossexuais. A masculinidade bissexual seria então uma identidade de fachada, não havendo sujeitos que possam preencher esta identidade, pois que ela seria apenas um recurso cênico, ao fim e ao cabo. O “verdadeiro” sujeito existente por trás do discurso bissexual seria um homossexual. Reafirma-se aqui a idéia de que a bissexualidade masculina é uma extensão da homossexualidade masculina. Mais ainda, aqueles situados nesse discurso seriam homossexuais mal vistos, uma vez que não “assumem” sua condição. Se levado ao extremo este argumento, verifica-se que, se todos os homossexuais assumissem sua condição, a bissexualidade masculina simplesmente deixaria de existir, tragada inteiramente pela homossexualidade. Um outro modo de “tragar” a masculinidade bissexual para dentro da homossexualidade é a que se faz pela já referida sigla GLS – gays, lésbicas e simpatizantes. No agrupamento dos simpatizantes, podem estar incluídos os homens bissexuais, mas por vezes a letra S serve para também designar aqueles rotulados como “suspeitos” de serem homossexuais, e os homens bissexuais são fortes candidatos a essa designação. Com estes exemplos, compreende-se porque a hostilidade dos homens bissexuais é tão forte para com os homens homossexuais. Fica também evidente que boa parte da possível política de identidade de afirmação da masculinidade bissexual é elaborada com grande ênfase na negação de que ela seja alguma “outra coisa” (“*não somos homossexuais, não somos mulheres, não somos afeminados*”), e com menor ênfase na proposição de modos de vida próprios. Desta forma, essa política de identidade revela sua debilidade, pois que se caracteriza por ser uma identidade de resistência (CASTELLS, 2000a e 2000b), o que não é suficiente para a criação de uma cultura capaz de propor modelos de vida vistos como eficientes e viáveis. Reafirma-se então o desnível entre a cultura homossexual e a cultura bissexual.

Problematizando ainda esta fronteira de relações entre masculinidade homossexual e masculinidade bissexual, verifica-se que o modelo de homem homossexual que é rechaçado pelos homens bissexuais, em verdade, nem é mais o modelo hegemônico na cultura homossexual, uma vez que a proliferação de tipos mais masculinos nesta cultura é bastante evidente, acompanhada de um indisfarçável preconceito e estratégias de discriminação com relação às bichas afeminadas, chamadas, entre outros nomes, de “*pintosas*”. Nos ambientes da cultura homossexual, em geral aceitam-se drags, mas discriminam-se afeminados e “*pintosas*”, e especialmente travestis, por sua associação com o mundo da prostituição e da violência, e por serem freqüentemente de classe social inferior. De toda forma, os homens bissexuais, em ge-

ral, quando se referem aos homossexuais, procuram reforçar os traços de afeminamento e a passividade destes, como forma de estabelecer nítidas diferenças entre os dois modos de viver a masculinidade. A definição de masculinidade hegemônica implica num homem constituído como ativo e dominante, que se esforça por rejeitar para longe de si qualquer dos atributos que seriam os contrários desses, ou seja, a passividade e a submissão. Os perigos a serem evitados por aquele que deseja transformar-se em “*verdadeiro homem*”, eventualmente num “*homem macho*”, não se apresentam num único momento da vida, mas estão presentes a todo instante, exigindo atenção constante:

[ . . . ] o estabelecimento e a manutenção da identidade masculina, diferentemente da feminina, exige constante reafirmação e repetidas provas de que o sujeito em questão não é criança, nem mulher, nem homossexual. (GIFFIN; CAVALCANTI, 1999, p. 57)

Convém ressaltar que a construção da identidade feminina também exige uma reafirmação constante, posto que efetuada de forma muito diferente daquilo que é exigido da masculinidade. De toda forma, as estratégias de reafirmar o pertencimento ao modo hegemônico masculino entram em choque com as possibilidades e desejos de relação sexual entre dois homens narradas pelos informantes da Rede Bis-Brasil. Por exemplo, como construir uma explicação para si e para os outros de que a masculinidade hegemônica é mantida quando o indivíduo narra uma preferência por ser passivo e dominado por outro homem na relação sexual? Como se manter no campo da masculinidade hegemônica, evitando os perigos de ser mulher, criança ou afeminado, quando o indivíduo se apresenta num anúncio no boletim Frente&Verso da forma abaixo?

*Amor por amor – Gostaria de contatar homens, gays, travestis e mulheres bi, adoro sexo oral e anal, sou ativo/passivo. Adoro que gozem na minha boca e rosto, não sou promíscuo e nem tenho trejeitos afeminados. Tenho loucura por me travestir para um macho e ser uma fêmea para uma mulher, tenho 40 anos, 1,68 altura, 73 kg, uso bigode e sou casado.*

No anúncio acima temos um complexo jogo entre atributos decididamente masculinos – sou casado, uso bigode, sou ativo, não tenho trejeitos afeminados – e atributos que nos indicam o campo do feminino ou da homossexualidade masculina – sou passivo, adoro sexo oral e anal, tenho loucura por me travestir para um macho. Retomando as idéias de Miguel Vale de Almeida antes expostas, e pensando em afirmações do senso comum, escutamos continuamente dizer que a masculinidade tem duas coisas a temer: as mulheres e os afeminados. Na escola, o perigo é ser chamado de mulher ou de viado, é permitir que lhe passem a mão na

bunda e vir a gostar disso. Um homem não pode experimentar nenhuma possibilidade erótica que lhe pareça feminina – tal como se deixar acariciar na bunda, permitir-se rebolar as ancas, tocar outro homem, pois essa atitude pode ser a primeira de uma série que ao final lhe compromete irremediavelmente a masculinidade, expressa muitas vezes nas cartas dos informantes por situações do tipo: “*eu estava no exército, num acampamento, estava muito frio, terminei me aproximando do outro soldado, dormimos abraçados, eu fiquei excitado, e gostei muito, e depois eu sempre ficava pensando em repetir aquilo*”. No anúncio acima o indivíduo sente-se à vontade para propor atividades eróticas vinculadas ao campo do masculino e do afeminado, numa linguagem decididamente forte, expressa em particular pela expressão “*tenho loucura*”.

Uma outra fronteira de contato entre modos de viver a masculinidade bissexual e modos de viver a masculinidade homossexual refere-se ao aprendizado da iniciação sexual com outros homens. Nos dois modos, usualmente ela acontece cercada de anonimato, e implica o aprendizado de um jogo de dissimulação, evitando que outros venham a perceber o que está ocorrendo. Também nos dois casos, justamente no sentido de manter o anonimato, ela acontece muitas vezes longe da casa, do local de trabalho e de outras referências cotidianas do indivíduo, o que implica um aprendizado de descoberta de novos espaços para a prática do sexo sigiloso. Dessa forma, implica aprender como localizar outro homem no espaço público – na rua, no parque, no shopping, no banheiro público, no estádio de futebol, etc. – e como estabelecer com ele um jogo de sinais que permita a identificação do desejo sem exposição excessiva de cada um dos participantes, evitando-se que o outro reaja de modo hostil e torne pública a manobra de aproximação, denunciando o proponente. De todo modo, é um aprendizado que se realiza entre homens, sem a participação da mulher. Este aprendizado coloca muitas vezes em sintonia homens bissexuais e homens homossexuais, pois confere aos indivíduos um conjunto de conhecimentos, que se reflete no controle de determinadas estratégias de ação e de acesso a um conjunto de explicações que eventualmente possam ser necessárias.

Essa situação de não existir uma cultura da bissexualidade, aos moldes daquela que existe para a homossexualidade e que existe fortemente para a masculinidade hegemônica, não é percebida por muitos informantes unicamente sob a ótica do déficit, da falta e da negatividade. Pelo contrário, ela é vista por alguns como vantajosa, e inclusive necessária. Isso está refletido, por exemplo, no trecho abaixo, extraído de uma das cartas:

[ . . . ] *Todos os homens que eu já transei eu encontrei na rua, na faculdade, na escola, na praia, nos lugares onde eu ando mesmo. E encontrei algumas vezes nas festas, na volta das festas, indo dormir na casa dos outros porque era tarde. Não gosto de ir em lugar que tem homem caçando homem, aí tem muito gay. Eu sempre penso que se vou numa festa, tenho muito mais chances de sair com alguém do que os outros, pois pode acontecer de sair com um cara ou uma mulher, mesmo que na hora não role nada, depois pode rolar. [ . . . ] Eu gosto de homem e de mulher, e gosto de andar em lugares que tem homem e mulher. Gosto de ir a show de música, aquele monte de gente dançando, homem e mulher.*

Segundo o informante, não são necessários locais especiais, do tipo saunas, locadoras de vídeo, determinados bares, publicações especializadas, para ter acesso a possíveis relações afetivas e sexuais. Sua fala é a de quem se sente muito próximo da norma, e ao mesmo tempo tem uma particularidade que lhe traz vantagens ao freqüentar os lugares “normais”: o dobro de possibilidades de escolha. Outros homens narraram por carta percepções semelhantes, dizendo serem casados, com filhos, esposa, vida “normal”, e não viam motivo para freqüentar locais que eles consideravam perigosos, pois justamente passavam despercebidos por onde andavam, o que facilitava sua busca por parceiros. Em alguns informantes, a não existência de uma cultura bissexual é percebida como estratégia eficiente para manter-se no anonimato, tanto o anonimato individual – não se fala do indivíduo – quanto o anonimato da própria bissexualidade – a palavra quase não circula no ambiente, não constitui um assunto do qual se fale. Nessa medida, o casamento, os filhos, a esposa, constituem todos signos que permitem ao indivíduo desfrutar de “tranqüilidade” em grande parte do tempo. Fica difícil acusar um homem de ser bissexual inclusive porque a palavra quase não circula nos discursos e falas. Fica mais fácil acusar alguém de homossexual porque essa forma de masculinidade constitui uma cultura. Há, inclusive, uma grande quantidade de sinônimos para a palavra homossexual, que podem ser usados como categoria de acusação: bicha, viado, boiola, baitola, fresco, puto, bichinha, etc. Não temos a mesma situação para a masculinidade bissexual, não há quase sinônimos para a palavra bissexual, ficamos restritos a gilete e AC/DC (dupla voltagem), e expressões de circulação muito restrita, como “*o homem bissexual é como casa de esquina, dá para as duas ruas*”.

Acerca destas expressões que comumente designam o homem bissexual – gilete, AC/DC e casa de esquina – convém notar que elas acentuam uma idéia de versatilidade, presente nas respostas de alguns informantes, quando solicitados a definir como se sentiam enquanto pessoas bissexuais: “*sou uma pessoa versátil*”. A idéia de versatilidade aparece também nas manifestações que indicam que o indivíduo está disponível para o “*prazer que pintar*”, “*aberto ao que rolar*”. Em filmes pornográficos, muitas vezes o homem bissexual com-

porta-se como parceiro para a relação sexual que estiver acontecendo, e faz o papel que está sendo necessário para complementar à trama, podendo, logo na cena seguinte, fazer outro papel, fruto de outra solicitação. Esta noção de versatilidade é problemática quando se pensa num conceito de identidade fixa, o que parece ser freqüente quando se fazem referências à identidade gay, por exemplo, pois a versatilidade parece ser uma característica do indivíduo ligada ao momento, à situação, aproxima-se da idéia de adaptabilidade, portanto, acena mais para o movimento, para o caráter transitório e instável:

E quanto a AC/DC, expressão usada antigamente, de um modo um tanto disparatado, para sugerir um defeito de tipo ou gênero sexual ou uma indefinição quanto à orientação sexual ('ele me pareceu meio AC/DC'). De novo, vale a pena pensar em como a versatilidade e a adaptabilidade eram vistas como coisas tão ruins. Um aparelho que funcione tanto em corrente alternada (ac) quanto contínua (dc) parece, no mínimo, prático. [ . . . ] essa expressão pode estar relacionada 'ao imaginário sexual da eletricidade' na 'tradição dos conectores macho e fêmea'. Ligue-o em qualquer lugar, ele funciona. (GARBER, 1997, p. 40, grifos do autor)

Enfim, não ter locais próprios de encontro, e nem marcas distintivas claras, pode-se constituir numa estratégia muito eficiente para manter-se no anonimato e ao mesmo tempo transformar todo o campo da masculinidade num possível campo de existência da bissexualidade. Outro informante tratou longamente dessa questão em suas cartas e em uma entrevista semi estruturada, criticando os homens que freqüentam locais como banheiros, parques, saunas, pois isso lhe parecia perigoso e promíscuo. Quanto a ele, afirmou que gostava muito de ir a festas com a esposa, com quem estava casado há 17 anos, já sendo este o segundo casamento. Agradava-lhe estar entre casais, pois sempre havia conseguido ali seus parceiros homens, bem como algumas aventuras com outras mulheres, e resumiu isso dizendo: “*eu me sinto como Júlio César, que era o marido de todas as mulheres e a mulher de todos os maridos*”. A idéia de ter um comportamento bissexual “*definido*” – ser ativo quando está com as mulheres e ser passivo quando está com os homens – em geral esteve acompanhada nas cartas e depoimentos da não preferência por locais de homossexuais. No questionário que foi enviado aos informantes, algumas questões indagavam acerca da freqüência a locais de encontro reconhecidamente homossexuais, como as saunas, com o objetivo de obter parceiros. Outro informante, ao responder a essas questões, alongou-se em considerações, e fez uma pesada crítica aos homens afeminados, dizendo que, se precisasse de alguém afeminado para transar, tinha sua própria esposa dentro de casa. Coerente com isso, algumas questões adiante, indagado sobre seu comportamento sexual na relação com homens e na relação com mulheres, escreveu: “[ . . . ] *sou homem no falar, no corpo, no andar e quando estou com mulher. Mas minha cabeça e*



*meu coração são de fêmea quando estou com homem, sou somente passivo e adoro homens loiros 100% ativos*”. Nessa afirmação a materialidade do gênero parece estar posta no corpo, mas o corpo não é um continente seguro, de onde podem derivar definições acabadas sobre o pertencimento do sujeito, pois há uma compatibilidade ambígua entre sexo, gênero, práticas sexuais e desejo.

Nos relatos e histórias que compõem parte das fontes utilizadas para essa pesquisa verificaram-se numerosas situações de diferencial de poder entre os participantes, conforme sejam eles, por exemplo: homens mais velhos e homens mais jovens; homens casados e homens não casados; homens brancos e homens negros; homens que se dispõem a pagar pela relação sexual e homens que se dispõem a receber algum dinheiro para fazer sexo; homens que se apresentam como virgens em relações com homens, e outros que se anunciam como tendo experiência na relação com outros homens; homens que viajam pelo país e se dispõem a conhecer parceiros em cidades distantes da sua, e homens que se dispõem a receber em sua cidade por alguns dias outro homem; homens que se dispõem a servir de fêmea a outro homem, e homens que querem desempenhar o papel de machos na relação com outro homem; homens gordos e homens magros; homens peludos e homens lisos; homens fortes e homens fracos; homens querendo apenas sexo e outros querendo um companheiro estável; homens ativos e homens passivos; homens carecas e homens com cabelo; homens do campo e homens da cidade; homens casados em que a esposa pode participar da relação e homens casados em que a esposa não participa; etc. As identidades que se constroem a partir dessa diversidade são todas não fixas, em relações marcadas pela transitoriedade e pelo diferencial de exercício do poder, e um indivíduo pode sempre ser pensado como tendo mais de um atributo, e ser interpelado na relação em alguns dos binômios acima, e não exclusivamente num único deles. As identidades são, enfim, posições de sujeito.

Ao trabalhar com a masculinidade bissexual, tudo leva a crer que estamos claramente dentro do campo das masculinidades não hegemônicas. Entretanto, precisamos qualificar melhor quais as posições que podem assumir as masculinidades que não desfrutam da hegemonia. Novamente recorro a Connell (1997), que estabelece três possibilidades de construção da masculinidade na relação com a forma hegemônica. A primeira delas diz respeito às masculinidades subordinadas. Considerando-se que a heterossexualidade é um traço fundamental da masculinidade hegemônica, as masculinidades bissexuais e homossexuais são claramente masculinidades subordinadas, ou seja, colocadas em nível hierárquico inferior. A masculini-

dade bissexual pode ser vivida por vezes como uma forma de masculinidade que ainda não se definiu, está numa fase de ambigüidade, é típica de homens que ainda não se constituíram completamente, e é, portanto, vivida como um modo subordinado da masculinidade heterossexual, para a qual deve tender e a qual deve alcançar, quando então estará “definida”, e poderá finalmente desfrutar dos privilégios àquela concedidos. Em resumo, a masculinidade bissexual pode ser vivida por muitos homens como uma forma subordinada da masculinidade heterossexual hegemônica.

Outra possibilidade de relação com a masculinidade hegemônica está representada pelas formas de cumplicidade que os indivíduos podem ter com os traços que representam a forma dominante. São com certeza poucos homens que detém o conjunto completo de atributos prescritos para a masculinidade hegemônica, e talvez se possa dizer que são mesmo poucos aqueles que conseguem reunir uma quantidade razoável daqueles atributos. Desta forma, muitos homens mantêm alguma forma de conexão com o modelo hegemônico que não cumprem na totalidade. Investir nestas características que permitem a conexão com o modelo dominante torna-se importante como forma de desfrutar dos privilégios àquela concedidos. Isso pode expressar-se, no caso da masculinidade bissexual, na ênfase em casar, ter filhos, ser um bom pai provedor, ser um homem viril e musculoso, dentre outros atributos possíveis. Não se trata aqui de imaginar uma postura individual maquiavélica, fruto de um planejamento consciente do tipo “vou casar com uma mulher para evitar que pensem que sou homossexual”. Trata-se de ler o conjunto de ações que o indivíduo realiza, fruto de negociações momento a momento, e que o levam a buscar uma situação em que não se sinta estigmatizado ou discriminado. Desfrutar dos privilégios da masculinidade hegemônica pode ser vivido muito mais como uma situação de conforto e alívio de tensões, mesmo que momentânea, do que propriamente como uma conquista a partir de um planejamento estratégico:

[ . . . ] os mecanismos que possibilitam privilégios tornam-se invisíveis para aqueles que são por eles favorecidos. Assim, os homens brancos de classe média quando se olham no espelho se vêem como um ser humano universalmente generalizável. Eles não estão capacitados a enxergar como o gênero, a raça e a classe afetam suas experiências. [ . . . ] O que torna os sujeitos marginais e/ou oprimidos são os mecanismos mais visíveis em nós, porque são os que nos causam dor em nossas vidas cotidianas. (OLIVEIRA, 1998, p. 91)

Evitar a possível dor, ou, conforme o conceito de estigma de Goffman (1982), evitar passar da situação de indivíduo desacreditável para aquela de indivíduo desacreditado, pode envolver manobras que preservem o anonimato, mas garantam o alívio de tensão, mesmo que

elas impliquem em perder a possibilidade de desfrute do prazer. É o que vemos na nota de pé de página da carta de um informante que, por fora do envelope, ao invés de escrever no destinatário Rede Bis-Brasil, escreveu Tropical Representações Ltda, e no remetente escreveu PR Confeccões. Ao final da carta, ele comenta:

*[ . . . ] Com um abraço, Eduardo. PS.: Gostou do nome que lhe inventei? Já tive um amigo, filho de um agente dos correios, sei o que se passa por trás daqueles balcões. [ . . . ] Até aí já deu para notar que sou discretíssimo. Fanático até. Minha postura social não permite outra opção de comportamento. Acho que um fato ou notícia que divulgasse minha opção sexual aos quatro ventos me destruiria até emocionalmente. Então prefiro perder as chances, a transa, o caso, a correr qualquer risco. Às vezes sou paquerado. Ou melhor, às vezes um cara tesão que eu fico encarando demonstra corresponder ou entender. A não ser que esteja protegido por completo anonimato, não vou adiante.*

As formas de cumplicidade com a masculinidade hegemônica acontecem em meio a contextos e relações, e são, portanto variáveis. Se protegido pelo anonimato, é possível desfazer a conexão com a masculinidade hegemônica, e buscar a relação com o outro. Se não há a garantia do anonimato, pode ser preferível abrir mão da possível relação, e manter a conexão com a forma hegemônica de ser homem, que não incorpora relações homoeróticas, mas possibilita o acesso a privilégios como o respeito e a consideração dos outros homens. São ações como esta descrita na carta que permitem entender porque a masculinidade hegemônica, na prática exercida apenas por um grupo muito restrito de homens, é sustentada por uma grande maioria de outros homens, que buscam a obtenção dos privilégios a ela concedidos, embora possamos considerar que os ditos privilégios, por vezes até de ordem material, são muitas outras vezes de caráter fantasioso, levando o indivíduo a imaginar que desfruta de uma fatia de poder que ele em realidade não possui. De toda forma, inscrever-se no campo do gênero masculino, mais ainda no campo da masculinidade hegemônica assegura privilégios simbólicos, bem como privilégios de ordem social, cultural e material.

Uma terceira possibilidade de relação com a masculinidade hegemônica é em verdade a negação da relação, a marginalização. Hegemonia, subordinação e cumplicidade são definidas por Connell (1997) como relações internas à ordem do gênero. Mas algumas associações, como entre masculinidade e raça, masculinidade e etnia ou masculinidade e classe social, podem produzir a marginalização completa daquela possibilidade de relação. A masculinidade negra é muito valorizada como sinal de virilidade exacerbada, o que por vezes esconde uma consideração de status quase animalesco para com os homens negros. Entretanto, quando cruzada com baixa classe social e econômica, a masculinidade negra pode ficar completamente margi-

nalizada, sendo visto como necessário o uso da violência da força policial para fazer a contenção deste “excesso” de virilidade.

Apresentadas a masculinidade hegemônica e três possibilidades de ordenamento das demais formas de viver a masculinidade, a partir da hegemonia, a saber, a subordinação, a cumplicidade e a marginalização, cabe fazer a mesma ressalva que foi levantada para as masculinidades e para as definições do masculino: “[ . . . ] términos tales como la ‘masculinidad hegemónica’ y ‘las masculinidades marginadas’, denominan no tipos de carácter fijos sino configuraciones de práctica generadas em situaciones particulares, en una estructura cambiante de relaciones” (CONNELL, 1997, p. 43). Também não podemos imaginar que um indivíduo esteja por completo dentro da masculinidade hegemônica, ou dentro de uma modalidade subordinada. Igualmente não é possível afirmar que ser heterossexual pressuponha a exclusão, no indivíduo, da possibilidade de ser homossexual, uma vez que a masculinidade é construída culturalmente em contextos, e pode experimentar também variações ao longo da vida, fato narrado por numerosos informantes. Reafirmo o que já foi dito anteriormente acerca da identidade cultural: ela é provisória, temporária, não fixa e sujeita a mudanças, enfim, ela é uma posição de sujeito. As quatro grandes representações da masculinidade bissexual, construídas nas próximas seções, são justamente fruto da percepção da mobilidade simbólica que experimentam os traços da masculinidade hegemônica, da heterossexualidade, assim como da bissexualidade, da homossexualidade, do feminino e do masculino:

O caráter móvel e contingente da relação entre masculinidade, homens e poder torna-se claro quando analisamos etnografias que prestam atenção ao diálogo e ao conflito entre masculinidades hegemônicas e subordinadas, ou que prestam atenção quer à variabilidade individual das identidades masculinas, quer às alterações destas num só indivíduo ao longo do ciclo de vida ou consoante situações de interação.

[ . . . ] A masculinidade hegemônica é um consenso vivido. As masculinidades subordinadas não são versões excluídas, existem na medida em que estão contidas na hegemonia, são como que efeitos perversos destas, já lá estão potencialmente (como o ‘perigo’ homossexual que a homosociabilidade comporta, ou o feminino que está sempre presente na sua forçada ausência dos universos masculinos). (ALMEIDA, 1995b, p. 162, grifo do autor)

De acordo com Connell (1997) podemos então dizer que a masculinidade hegemônica se apresenta como estrutura institucional, em locais de trabalho, universidades, no serviço público, nas forças armadas, na mídia, na família. Desta forma, é esta modalidade de masculinidade que aparece como correta, normal e plena de êxito, e esta situação é reforçada por um conjunto de privilégios que, de forma ostensiva ou menos explícita, mantém os indivíduos que a ela aderem com melhores chances de sucesso na vida. Por exemplo, um pressuposto impor-

tante para entender o estigma da homossexualidade é aquele de que pessoas que não se reproduzem fisicamente/sexualmente não devem se reproduzir socialmente. Os homens bissexuais encontram várias maneiras de fugir a este estigma, ou, dito de outra forma, o estigma da não reprodução não recai sobre eles com o mesmo vigor que recai sobre os homens homossexuais. É, portanto nas trajetórias de vida dos homens que aparecem como representantes mais credenciados da masculinidade hegemônica que os demais buscam elementos para definir seu modo de viver. Isso implica observar que opções profissionais o indivíduo tomou, quais suas preferências em termos de consumo, como se constitui sua estrutura familiar, que roupas e acessórios ele utiliza, quais suas opiniões acerca de temas relativos ao mundo masculino, etc. O exame passa também por características corporais, pois é no corpo que se busca com mais intensidade aquilo que pode definir a identidade sexual do indivíduo, é no corpo que se buscam os determinantes de gênero: “[ . . . ] aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambigüidades nem inconstância. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de ‘marcas’ biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada” (LOURO, 1999, p. 14, grifo da autora).

Embora qualquer listagem dos atributos – ou características – da masculinidade hegemônica esteja sujeita a fortes discussões, uma vez que sua variação histórica e cultural e seus diferentes modos de percepção não permitem uma unanimidade, acredito ser possível reconhecer um conjunto de traços, ou uma concentração de aspectos, que assinala a forma hegemônica da masculinidade para o tema que estamos tratando: uso da violência em diversas circunstâncias da vida, incluída aí a vida sexual; vivência de agrupamentos masculinos (como no futebol, na pescaria, no exército, etc.); a tendência a dominar superando aquela da conciliação; o uso de piadas sexistas, com depreciativo para mulheres e homens afeminados; o comportamento guerreiro e a valorização das guerras como modos de resolver contendas; a crença no patriarcado; o exercício do papel de provedor; o reconhecimento dos ritos de passagem da vida sexual, que podem incluir iniciação sexual com prostitutas; a extrema valorização da conquista sexual; a valorização do corpo musculoso e forte; a valorização do corpo sem exageros de expressão (sem lágrimas nem grandes expansões de afeto); os comportamentos homofóbico e misógino quase como inerentes à masculinidade heterossexual; a valorização da pornografia e da sacanagem; a geração de filhos e o exercício em geral pouco dedicado da paternidade; a noção de chefe de família; o gosto pela vida pública e pela atividade política e

especialmente político partidária. A listagem com certeza não é exaustiva, mas ajuda a dar forma ao que pode ser entendido como masculinidade hegemônica no cotidiano.

Conforme já argumentado, a masculinidade bissexual constrói-se numa constante negociação com as citadas características da masculinidade hegemônica. A importância dada por muitos dos homens informantes ao seu trabalho pode estar vinculada à associação entre trabalho e masculinidade hegemônica, já apresentada anteriormente. Os papéis de provedor, de profissional bem sucedido, de trabalhador dedicado, de líder empresarial e tantos outros neste diapasão são reveladores de uma masculinidade assertiva, competitiva e plena. A eventual falta de masculinidade que pode existir num homem que vez por outra mantém relações sexuais com outros homens parece ficar diminuída ou “compensada” com o êxito profissional. Como afirma Nolasco (1993, p. 57), “o trabalho cumpre a função de nomear o mundo subjetivo dos homens, e o faz por meio de uma tentativa de eliminar o que nele há de duvidoso, impreciso e disforme”. Desta forma, alguns informantes, ao falarem de sua masculinidade bissexual, ressaltam o fato de que são dedicados pais provedores bem como profissionais de sucesso, com o que parecem alimentar a dimensão heterossexual de sua masculinidade:

*Estou casado a 27 anos, e sempre mantive casos com outros homens. Li na revista Elle uma reportagem falando das mulheres que descobrem que os maridos gostam de homens, uma delas descobriu no dia que faziam um ano de casados, o marido estava com outro na própria cama de casal, ela ficou arrasada. A minha mulher não sabe de nada, e também não pode queixar-se de nada, pois temos uma vida ótima, transamos sempre, e mais ainda quando eu saio da relação com um macho. Além do mais, eu nunca deixei faltar nada em casa nesses 27 anos, nem para ela nem para os filhos, sou um profissional reconhecido e admirado.*

Na citação acima, a par da estratégia de reforço da masculinidade, através da afirmação do papel de pai provedor, manifesta-se também um evidente desprezo pela figura feminina, algo de misoginia, não tanto pela recusa ao ato sexual com mulheres, mas pela colocação da mulher num patamar de quem não merece exigir explicações acerca do comportamento masculino. Para Miguel Vale de Almeida são diversos os caminhos que vinculam cada homem em particular com as noções de masculinidade, hegemônicas ou subordinadas, circulantes na sociedade. Diz ele:

Masculinidade e feminilidade não são sobreponíveis, respectivamente, a homens e mulheres: são metáforas de poder e de capacidade de ação, como tal acessíveis a homens e mulheres. Se assim não fosse, não se poderia falar nem de várias masculinidades nem de transformações nas relações de gênero. (ALMEIDA, 1995, p. 161-162)

Ficar apenas na constatação de que as masculinidades são plurais resolve poucos problemas, uma vez que pode deixar de lado os mecanismos de poder que permitem que algumas formas de masculinidade se constituam em hegemônicas, exercendo opressão sobre as demais. Necessitamos então estabelecer um diálogo entre as diferentes representações da masculinidade bissexual e as diferentes características da masculinidade hegemônica, mostrando os desníveis de poder e as hierarquias construídas. Operar com o conceito de gênero traz em si uma dimensão relacional. O gênero depende de uma construção social e cultural que, sob muitos aspectos, se expressa com – e no – corpo. O gênero funciona como um regime classificatório para outros níveis da vida. Assim, ativo e passivo, termos muito utilizados nesse universo, podem ser pensados como categorias de gênero, não só reveladoras de comportamentos no momento das práticas sexuais. Alguns sujeitos homens podem não estar em posições masculinas, mas continuam sendo reconhecidos como homens do ponto de vista anátomo-fisiológico. Ser homem, ser macho e ser masculino, entre homens que mantém relações afetivas e sexuais com homens e mulheres, não são características que possam ser associadas a determinantes simples, ou remetidas a papéis derivados diretamente de preferências sexuais, do tipo “se gosto de fazer tal coisa na cama, sou isto ou aquilo”. Conforme já tratado anteriormente, a partir de fragmentos de cartas e anúncios, são infinitas as possibilidades de posições de sujeito.

Tendo isso em conta, procuro neste trabalho analisar as identidades da masculinidade bissexual em contextos específicos, que são as diferentes posições de sujeito. Desta forma, é possível romper, ou pelo menos minimizar, o essencialismo ainda embutido no conceito de identidade, ressaltado pela utilização “sob rasura” (HALL, 2000) que dele fazemos. Com isso evita-se também a tendência a perceber a masculinidade bissexual como um “outro exótico”, e, portanto muito distante das práticas da masculinidade hegemônica. Temos necessidade de estabelecer categorias, mas o problema maior é que elas tendem a ser essencialistas e universalistas, “imobilizando” os objetos de que pretendemos mostrar o movimento. Sob esse aspecto, o conceito de bissexualismo padece dos mesmos problemas de essencialismo e está sujeito às mesmas críticas que o termo homossexualismo. A denominação de relações homoeróticas, proposta por Jurandir Freire Costa, vem ao encontro da postura teórica com que tenho abordado o tema, uma vez que permite tratar dos encontros entre homens sem o peso de sua aproximação com a cultura da homossexualidade, permitindo novas interpretações:

Prefiro o termo homoerotismo a homossexualismo porque este último, além da conotação preconceituosa do senso comum, está excessivamente comprometido com a ideologia psiquiátrica que lhe deu origem. Fora disso, homossexualismo tem a vantagem de ser uma noção teoricamente frouxa e clinicamente pobre. Sem meias palavras, é uma noção que, quando não atrapalha, também não ajuda. Homoerotismo, ao contrário, obriga-nos a rever o modo como pensamos o fenômeno da atração pelo mesmo sexo. Historicamente, a palavra foi empregada com sentido próprio, distinto de homossexualidade, por Ferenczi, [ . . . ] Nesse estudo, Ferenczi mostrou que o grupo das práticas homoeróticas ultrapassa a extensão e a significação habituais do conceito de homossexualidade. [ . . . ] De minha parte, acho que homossexualismo é uma configuração histórica particular das práticas homoeróticas, donde a preferência pelo termo homoerotismo, descritiva e clinicamente mais rico. (COSTA, 1992, p. 77)

Usar a expressão relações homoeróticas, e mesmo homoerotismo, para descrever as relações que mantêm os homens bissexuais com seus parceiros masculinos revela-se um recurso mais adequado, pois evita a excessiva aproximação com o vocabulário já de uso corrente para designar relações entre homens, em geral um vocabulário próprio da homossexualidade. Com isso não estou eliminando a necessidade de explorar a fala dos informantes, e mesmo o discurso da mídia ou o discurso médico, quando se referem à masculinidade bissexual como pertencendo ao campo da homossexualidade, mas abro a possibilidade de pensar numa diversidade de modos de relação homoerótica, envolvendo diferentes significados. Sempre que possível, prefiro o uso da expressão homoerotismo e seus derivados para tratar das relações entre homens, reservando o termo homossexualidade para as configurações particulares em que os indivíduos envolvidos assumem claramente o pertencimento ao universo da homossexualidade masculina.

Ainda na busca por fugir de categorizações essencialistas, que imobilizam aquilo que pretendo analisar e do qual pretendo mostrar a fluidez, recorro por vezes à expressão “homens que fazem sexo com homens” – HSH, sigla pela qual é conhecida em língua portuguesa, ou MSM, em língua inglesa – a partir da qual criei àquela expressão utilizada para descrever os trabalhos da Rede Bis-Brasil, “homens que mantêm relações afetivas e/ou sexuais com homens e mulheres”, designação que busca abranger de modo genérico o conjunto de práticas que foram narradas, que incluem relações de amizade, aproximação, envolvimento sexual episódico ou duradouro, individual ou grupal, de um homem com homens e mulheres.

Incluir a masculinidade bissexual no conjunto de práticas abrangidas pela expressão HSH nos ajuda a enfrentar o problema da criação infinita de identidades, fruto da ação das políticas de identidade, e que atualmente envolve, entre outras, as identidades de homossexuais, bissexuais, gays, entendidos, travestis, transexuais, transgêneros, transformistas, drags,



lésbicas, etc. Busco desenvolver esta investigação privilegiando o eixo da diferença de forma mais intensa do que aquele da diversidade. Enfatizar a diferença implica mostrar os movimentos que produzem diferenciais de poder entre os indivíduos, e que se mostram nas relações em que estes indivíduos se envolvem.

A categoria “homens que fazem sexo com homens” transmite uma idéia de movimento, e reúne os homens não por um atributo fixo e essencial, mas por uma prática que pode encontrar-se presente de forma mais ou menos intensa em cada um dos indivíduos; pode ter mais intensidade numa fase ou outra da vida; pode representar aspecto decisivo na estruturação da identidade de um homem ou pode, por outro lado, ser aspecto menos importante na vida de um terceiro; pode ter significado diverso de um homem a outro, no próprio momento da relação; pode ser vivenciada como momento de conexão com a masculinidade hegemônica, ou pode ser vivenciada como gesto de afastamento desse mesmo modelo. Para alguns, manter relações afetivas e/ou sexuais com outros homens pode ocupar a maior parte de seu tempo e de suas preocupações; para outros pode ser algo que aconteça de maneira episódica em suas vidas. Desta forma, a categoria “homens que fazem sexo com homens”, e sua aproximação ao universo da masculinidade bissexual, “homens que mantém relações afetivas e/ou sexuais com homens e mulheres”, entra em sinergia com o modo como entendo a identidade, não como atributo essencial do qual um indivíduo é portador, mas como “posição de sujeito”.

A utilização da categoria “homens que fazem sexo com homens” pode ser feita em associação com outras categorias, que enfatizam modos particulares da ação descrita. Em alguns artigos e publicações que lidam com este referencial, observamos um uso paralelo das expressões que lembram a noção de identidade, tais como gays, homossexuais, travestis, etc., utilizadas conjuntamente com a expressão homens que fazem sexo com homens. Isto pode ser percebido claramente nos trechos citados abaixo, extraídos da apresentação aos artigos de uma publicação conjunta, que analisa experiências latino-americanas de prevenção à aids entre HSH:

[ . . . ] para que puedan comprender mejor las culturas sexuales de los distintos grupos de HSH en la región (incluidos los hombres con identidades gay o travesti)  
[ . . . ] (CÁCERES; PECHENY; TERTO JR., 2002, p. 17)

[ . . . ] Un factor limitante clave en esta respuesta ha sido, sin duda, la inexistencia de estrategias innovadoras y efectivas para llegar a las variadas subpoblaciones de HSH que no se identifican como gay, y ejercer una influencia sobre los determinantes es-

tructurales de su propia vulnerabilidad y sobre la de sus parejas, tanto masculinas como femeninas, (CÁCERES; PECHENY; TERTO JR., 2002, p. 19)

[ . . . ] reflexiona acerca del sida y del tema más amplio de la salud de los gays y otros HSH, en los albores de esta tercera década de la epidemia. (CÁCERES; PECHENY; TERTO JR., 2002, p. 21)

Os trechos citados acima permitem também perceber que a expressão HSH fica bem compreendida se vinculada com o conceito de vulnerabilidade. Desta forma se busca ressaltar que a origem do presente trabalho de investigação, e principalmente a construção da Rede Bis-Brasil, esteve diretamente ligada à problemática da epidemia de aids, embora depois tenhamos experimentado um afastamento, privilegiando o estudo da problemática da sexualidade e do gênero. Quando da montagem e expansão da rede, interessou interpelar os homens na sua dimensão de homens que fazem sexo com homens, salientando que é nesta prática que está sua vulnerabilidade maior:

Más de un tercio de los casos de SIDA notificados a los organismos pertinentes con información sobre probable vía de transmisión son explicados por probable transmisión sexual de un varón a outro, pese a que los hombres que tienen sexo con hombres (HSH) representan, en teoría, una fracción pequeña de la población. Asimismo, la prevalencia de la infección por VIH en las poblaciones de HSH en la mayor parte de ciudades grandes de América Latina varía entre 5 y 20%, prevalencias por lo general muy superiores a las observadas en la población general adulta, mayormente por debajo de 1%, lo que define a la mayor parte de epidemias regionales como concentradas en poblaciones de HSH. (CÁCERES; PECHENY; TERTO JR., 2002, p. 15)

De forma semelhante, busco problematizar, nesta tese, as questões envolvidas no pertencimento dos homens a relações com outros homens, sejam estas afetivas ou sexuais, pois é aí que se localiza a tensão que estabelece diferentes posições de sujeitos, diferentes modos de construir seu pertencimento à masculinidade. Utilizo, de forma combinada, tanto a categoria “homens que fazem sexo com homens” como aquela mais específica “homens que mantêm relações afetivas e/ou sexuais com homens e mulheres”.

Tendo presente este conjunto de discussões acerca do tema das masculinidades, é possível agora encaminhar a proposição de um conceito próprio ao trabalho desta tese, que é o de masculinidade bissexual, tarefa que ocupa a seção seguinte.

## 10 MASCULINIDADES, MASCULINIDADE BISSEXUAL

---

O propósito desta seção é problematizar e definir o que entendo por masculinidade bissexual. Trata-se em verdade de concluir o processo de definição, uma vez que a expressão já foi utilizada nas duas seções anteriores, e seu sentido, em parte, já é possível de ser percebido. Mas somente agora, após haver percorrido um caminho teórico mais largo, há condições para dar-lhe contornos mais precisos e mostrar suas implicações. Uma vez definido o que entendo por masculinidade bissexual, nas seções subseqüentes será apresentado um conjunto de representações a ela associadas, o que permitirá “dar corpo” ao conceito aqui construído.

As tentativas de definição do que estou investigando, e que agora passo a nomear de maneira própria, principiaram nas duas seções que trataram das muitas formas de dizer a bissexualidade, quando utilizei quase sempre a expressão bissexualidade, ou bissexualidade masculina, tal como aparece grafada na esmagadora maioria dos trabalhos consultados. Entendo que a bissexualidade em geral, e mesmo a bissexualidade masculina, são o objeto que estou investigando “em estado bruto” (CORAZZA, 2002, p. 357), e foi dele que tratei na referida seção. Bissexualidade foi também a expressão que utilizei quando da montagem da Rede Bis-Brasil e nas edições do boletim Frente&Verso, conforme se pode verificar na seção dedicada à construção da rede. Considerar a bissexualidade masculina um “objeto bruto”, conforme Corazza (2002), significa dizer que ela é: aquele objeto que é de muitos; aquela significação corrente e aceita por todos acerca do tema; o conjunto de palavras chave que utilizei para buscar informações na bibliografia, na Internet, nos periódicos; a expressão mais utilizada pelos homens informantes; a expressão utilizada no discurso médico e nas estatísticas de epidemiologia da aids. A expressão bissexualidade masculina foi minha porta de entrada na pesquisa, e minha primeira modalidade de compreensão do que estava pesquisando. Mas, ao longo do percurso, investi na construção de um vocabulário próprio para nomear o que estava construindo.

Fruto de leituras, discussões, aprofundamento de estudos, organização e observação atenta das cartas e do restante dos materiais que constituem minhas fontes, construí o objeto que passo nessa seção a definir, e que denomino de masculinidade bissexual. A masculinidade bissexual constitui, então, o objeto de pesquisa, aquele que “questionamos e desfiguramos,

relemos e reescrevemos, desde a conceptualização escolhida”(CORAZZA, 2002, p. 358). A expressão masculinidade bissexual é a maneira própria nesta tese de falar sobre o tema. Esta maneira própria deve ser entendida em dois eixos de sentido: apropriada ou pertinente, e proposital ou intencionada. Com isto não se quer dizer que ela seja apropriada para todos, mas que ela é apropriada para uma determinada intencionalidade teórica, aquela que venho definindo nas seções anteriores. O conceito de masculinidade bissexual que aqui apresento não deve ser entendido como verificação de algo que existe no mundo, mas como criação de uma modalidade conceitual de vivência da masculinidade, ou como ferramenta que auxilia na compreensão de determinadas situações. Entendo a masculinidade bissexual como uma posição de sujeito, que pode experimentar oscilações, variações, fluidez. Desta forma, a masculinidade bissexual não designa um novo agrupamento de homens, que seriam aqueles portadores deste atributo, mas um conjunto de possibilidades, uma configuração hipotética de gênero e de sexualidade, uma possibilidade de posição de sujeito.

Nas duas seções anteriores, quando tratei dos conceitos de sexualidade, gênero, representação e especialmente masculinidade e masculinidades, já utilizei acentuadamente a expressão masculinidade bissexual, e fui progressivamente deixando para trás o uso da expressão bissexualidade, e mesmo bissexualidade masculina. Considero que nas duas seções anteriores estava numa fase de ensaio na utilização desta expressão. Na presente seção, fruto da conjunção de um determinado referencial teórico, já apresentado, e de um conjunto de informações constantes nas fontes de que disponho, é possível problematizar a expressão masculinidade bissexual, dando a ela o estatuto de um conceito, para em seguida mostrar as suas possibilidades de uso.

A definição do que entendo por masculinidade bissexual será feita, em parte, por contraste com outras definições coletadas em artigos e livros de autores próximos do referencial teórico que adoto, e que se debruçaram sobre o tema das relações afetivas e sexuais que alguns homens mantêm com homens e mulheres. Trabalho também com as definições propostas pelos homens informantes da rede, coletadas nas cartas e entrevistas, e principalmente em questionário respondido por um grande número deles, e onde esta era uma das questões investigadas, e nos anúncios do boletim Frente&Verso. Também são úteis episódios onde a definição do que sejam as práticas de relação sexual com homens e mulheres foi abordada e nomeada. Como forma de ampliar o leque de definições proposto pelos próprios interessados foi feita uma coleta em sítios da Internet que servem de referência ao mundo da bissexualidade

nos países de língua inglesa, e de lá retiradas algumas definições, que são boas para pensar a construção do conceito de masculinidade bissexual. Desta maneira, busco criar uma definição em constante diálogo com as já existentes.

Conforme anunciado na apresentação desta tese, o processo de progressiva visibilidade da masculinidade bissexual veio marcado por um antagonismo. Por um lado, na esteira da emergência da aids, os homens bissexuais saíram do anonimato para serem nomeados como culpados pela transmissão da epidemia às mulheres e daí a outros grupos. O argumento repetido a exaustão na mídia é: a epidemia estava restrita aos homossexuais, mas os homens bissexuais, ao entrar em contato com os homossexuais, adquiriram o vírus e o transferiram às suas esposas ou companheiras, e por esta via a epidemia deixou de estar confinada a um grupo, espalhando-se entre todos os segmentos da sociedade. Nessa ótica, os homens bissexuais são culpados pela epidemia, e suas vítimas preferenciais são as mulheres, em geral as esposas, namoradas, noivas ou companheiras. Estas mulheres são vistas como monogâmicas, e os maridos como promíscuos.

Por outro lado, o chamado comportamento bissexual masculino e feminino tem merecido artigos extensos na mídia, em todo tipo de jornais e revistas, já tendo sido inclusive matéria de capa. Nestas reportagens, a linha de abordagem em geral privilegia a bissexualidade como uma modalidade afetiva e sexual do futuro. A acreditar no que ali se diz, neste novo milênio a maior parte da humanidade vai se converter às maravilhas da bissexualidade, e estas, no comentário jornalístico, são vistas como um enorme “avanço” em relação à sexualidade que temos hoje, que seria excessivamente presa aos encaixes masculino e feminino, masculino e masculino e feminino e feminino. Vários argumentos são utilizados para demonstrar a superioridade dessa nova modalidade afetiva e sexual. Um deles, sempre presente, é de ordem quantitativa: o(a) bissexual tem o dobro de possibilidades de relação afetiva e sexual do que seus parceiros heterossexuais ou homossexuais, uma vez que se interessa por homens e mulheres. Isto, por si só, já justificaria a adoção de tal comportamento, segundo muitos comentários da mídia.

O que vemos em marcha é um processo de criação de uma “posição-de-sujeito” ao redor de uma prática que, com certeza, já existia de muito tempo: homens manterem relações sexuais e afetivas com homens e mulheres, de forma simultânea ou alternada, constante ou esporádica em suas vidas. Dentro da abordagem construcionista essa prática pode ter representa-

ções sociais distintas em diferentes épocas: “[ . . . ] atos sexuais fisicamente idênticos podem ter importância social e significado subjetivo variáveis, dependendo de como são definidos e compreendidos em diferentes culturas e períodos históricos” (VANCE, 1995, p. 16). Desta forma, não existe um indivíduo bissexual a priori, que vai ser descoberto pela mídia ou investigado pela medicina por conta da transmissão do HIV. Este próprio processo de descoberta e/ou investigação se configura como um processo de regulação social, e vai implicando a construção de representações da masculinidade bissexual, bem como de identidades associadas a este tipo particular de masculinidade:

O que, de fato, ocorre é que uma preocupação social generalizada com o controle da população faz surgir uma preocupação específica com tipos particulares de pessoas, que são simultaneamente evocadas e controladas dentro do complexo ‘poder-saber’. [ . . . ] O que isso quer dizer é que a especificação das pessoas através dessas características, a criação de ‘posições-de-sujeito’ ao redor dessas atividades, é um fenômeno histórico. (WEEKS, 1999, p. 52, grifos do autor)

Levar às últimas conseqüências esta afirmação de Weeks significa considerar que esta própria investigação que faço sobre a masculinidade bissexual faz parte do processo de construção dessa posição-de-sujeito, ainda mais se levarmos em conta que os informantes são fruto da constituição de uma rede, que buscou realizar intervenções sociais junto a estes homens, solicitando-os a falar de sua identidade, como forma de compreendê-los para então efetuar ações de redução de sua vulnerabilidade específica ao HIV. De toda forma, é evidente que a mídia e o discurso médico vêm realizando a construção dessa posição-de-sujeito, para o “bem” ou para o “mal”. No caso do discurso médico, a preocupação de controle desta população é explícita, pois ela é vista como vetor de transmissão da aids entre o grupo dos homens homossexuais e o das mulheres – em especial as casadas. Todas estas preocupações apontam para tomar a sexualidade não como simples impulso ou desejo erótico, mas assumir que “nossas definições, convenções, crenças, identidades e comportamentos sexuais não são o resultado de uma simples evolução, como se tivessem sido causados por algum fenômeno natural: eles têm sido modelados no interior de relações definidas de poder” (WEEKS, 1999, p. 42). Também a constituição da Rede Bis-Brasil, conforme discutido em seção própria, configurou uma instância de conhecimento e poder.

Na diversidade de matérias que a mídia dedica ao tema da bissexualidade, outros dois traços são muito presentes. O primeiro deles refere-se a um suposto estado de indefinição que acompanharia a orientação bissexual. Em outras palavras, ser bissexual seria fruto de uma

indecisão, crônica ou específica de um período da vida, entre dois caminhos básicos: heterossexualidade e homossexualidade. Isto aparece já nos títulos das matérias ou capítulos de livros, e cito aqui alguns, escolhidos ao acaso: “O difícil caminho do meio”; “Sou duas coisas opostas”; “Não consigo me decidir”. Num segundo modo de abordagem, conforme já apresentado, muitas matérias falam da bissexualidade como sexo do futuro e estado de plenitude sexual, uma situação de não existência de barreiras para a escolha do objeto sexual. Novamente, alguns títulos de reportagens de revistas e jornais explicitam isso claramente: “Bissexualidade, o Sexo do Futuro”; “Bissexual, a plenitude do prazer sexual”. Como se mover no meio destes extremos tão marcados de julgamento a respeito do mesmo comportamento? Que identidade está sendo construída entre representações aparentemente carregadas de juízos de valor tão diversos? Será essa identidade, mais do que qualquer outra nesse momento, uma identidade plural? Aposto minhas fichas na resposta positiva a esta última pergunta.

Outra característica importante e imediatamente perceptível quando se passam os olhos pela produção da mídia e das revistas de anúncios é a absoluta preferência pela discussão dessa prática no campo da masculinidade, em comparação com o da feminidade. Com certeza, para isso colaboram motivos como o caráter androcêntrico da cultura ocidental moderna e a percepção de que os homens bissexuais são vetores de transmissão da aids. Em determinadas reportagens, o modo feminino de ser bissexual é apresentado como “discreto”, e nisto se aproxima daquilo que muitas reportagens falam acerca da homossexualidade feminina. Em vídeos e filmes pornográficos, a relação sexual entre mulheres constitui uma modalidade de espetáculo para o público masculino, e não se fazem muitas indagações acerca das consequências para as próprias mulheres que pode ter a intimidade entre elas, uma vez que o objetivo da performance é satisfazer o espectador masculino. Já a masculinidade homossexual, e por proximidade a masculinidade bissexual, se constituiriam em práticas mais visíveis, portanto pouco discretas. Mas também podemos pensar que, sendo o gênero masculino o hegemônico na sociedade, aquele que desfruta dos maiores privilégios, causa maior preocupação verificar que determinados homens procuram outros modos de construir sua identidade sexual masculina, que não aquela prescrita pela masculinidade hegemônica. Esta pesquisa ocupa-se exclusivamente da masculinidade bissexual, reconhecendo que o modo feminino de vivenciar a bissexualidade é com certeza objeto de valorizações muito diferentes, que não estão ao alcance do presente trabalho.

A denominação masculinidade bissexual que estou propondo justamente desloca para o lugar substantivo o gênero, no caso a masculinidade, uma vez que entendo que, apesar da enxurrada de declarações, cartas, depoimentos, discursos médicos e outros abordarem questões relativas à sexualidade destes homens, o organizador principal em suas vidas são as questões no campo do gênero masculino. O esforço em realizar o pertencimento à masculinidade, de preferência aquela hegemônica, pode implicar em afirmar que, mesmo havendo atração por parceiros do mesmo sexo, isso em nada diminui a masculinidade do indivíduo:

Just because you have sex with men you don't have to be gay. A man can have a strong, even super strong, male gender identity and still be attracted to his own sex exclusively. (<http://www.bisexual.org/datedick/default.asp>, acesso feito em 6 de julho de 2003)

No mesmo diapasão, um dos informantes da Rede Bis-Brasil entende a bissexualidade como *“uma forma com a qual uma pessoa se satisfaz, sexual ou afetivamente, tanto com alguém do mesmo sexo, quanto com do sexo oposto, sem, no entanto denotar qualquer desvio de conduta por causa disto!”*. Nesta afirmação, o que parece se constituir como “problema” é a possibilidade da percepção, pelos outros, de que o indivíduo deixou de pertencer à masculinidade hegemônica, e passou a ser considerado afeminado ou homossexual. O problema não é satisfazer-se sexualmente com outro homem, pois isto pode ser feito envolvendo apenas os dois parceiros, em regime de anonimato. Mas o indivíduo convive com a idéia de que a expressão disso, no domínio público, implica necessariamente demonstrar algum traço afeminado que, embora não citado na definição, muito provavelmente está suposto na expressão *“desvio de conduta”*. Reforça-se aqui a percepção de que não existe uma cultura da masculinidade bissexual, os indivíduos são levados a negociar entre a cultura da masculinidade hegemônica e a cultura da homossexualidade. O mesmo dilema fica evidente na definição dada por outro informante: *“bissexualidade é a melhor maneira de amar um homem e uma mulher ao mesmo tempo. Ser bi é uma forma de transar sem ser considerado gay”*. A preocupação com o pertencimento ao gênero masculino pode manifestar-se também com muita força no terreno da performance sexual, o que vemos quando um informante escreve que, para ele, a masculinidade bissexual consiste em *“aceitar-me na minha tendência e preferência homossexual sem renunciar à minha masculinidade. Ser ativo para os dois sexos”*. Um traço importante da masculinidade hegemônica está aqui explicitado, o ser ativo, e este traço se coloca como fator de garantia da masculinidade do informante, pois o desempenho ativo se mantém tanto na relação com mulheres quanto com homens.



A masculinidade bissexual pode ser compreendida como uma identidade de gênero fracamente constituída, e que se mantém em permanente regime de tensão e negociações com as identidades culturais da masculinidade heterossexual e da masculinidade homossexual. Dito de outra forma, a masculinidade bissexual sofre uma débil política de afirmação da identidade. Por outro lado, a masculinidade bissexual é uma identidade sexual bastante consistente, e é dela que se fala em geral, na mídia, quando se diz que ela é “*o sexo do futuro*”, ou, nas definições dos informantes, quando estes referem que ela é “*uma forma de transar*”. Por ser uma identidade de gênero fracamente constituída, é recorrente nas fontes consultadas a queixa dos homens bissexuais com relação à marginalização, má compreensão e a sua não aceitação por parte dos integrantes das duas outras formas de viver a sexualidade masculina:

Bisexuals are often inaccurately perceived as a subcategory of the gay and lesbian community, when in fact we have different social, legal and health concerns. Bisexuals sometimes face discrimination within the gay, lesbian and straight communities [ . . . ] (<http://www.bizone.org/bap/>, acesso em 6 de julho de 2003)

Tal como já apresentado na seção anterior, em especial o discurso da homossexualidade, masculina ou feminina, muitas vezes busca colocar a bissexualidade dentro de seus territórios. Marjorie Garber, em seu livro sobre bissexualidade, comenta que “[ . . . ] alguns gays e algumas lésbicas continuam a insistir que é ‘mais fácil’ se declarar bissexual. [ . . . ] ‘Afim de contas, você ainda tem a parte hetero’” (GARBER, 1997, p. 15, grifos do autor). Esta “parte hetero” parece garantir aos bissexuais algum “privilégio heterossexual”, o que incomoda militantes gays e lésbicas. Por outro lado, a percepção de que a masculinidade está em crise, se desintegrando, se fragmentando, permite dois tipos de valorização da masculinidade bissexual. Uma delas vê aí um sinal claro da crise da masculinidade, e faz a crítica, indicando o caminho de retorno a uma masculinidade definida e segura, como aquela que – supostamente – existiu no passado, o que pode ser nomeado como uma posição fundamentalista. Numa perspectiva oposta, se afirma que a masculinidade bissexual é um modo de o homem “*evoluir*” na relação sexual, e a vincula de modo positivo à crise da masculinidade. Exemplo dessa última posição aparece claramente no título de uma matéria de revista de encontros: “A masculinidade está em crise, viva a bissexualidade!” Tamanhos problemas em como classificar a bissexualidade podem estar ligados ao fato de que a discussão dessa categoria pode comprometer outras categorias que normalmente utilizamos para organizar o campo da sexualidade humana:

Será que a bissexualidade é um ‘terceiro tipo’ de identidade sexual, entre a homossexualidade e a heterossexualidade – ou além dessas duas categorias? Ou será que é uma coisa que, de cara, põe em questão o próprio conceito de identidade sexual? Por que, em vez de hetero, homo, auto, pan e bissexualidade, não dizemos simplesmente ‘sexualidade’? E será que a bissexualidade tem algo fundamental a nos ensinar sobre a natureza do erotismo humano? (GARBER, 1997, p. 14, grifos do autor)

Situar a bissexualidade como categoria intermediária entre a heterossexualidade e a homossexualidade é atitude recorrente encontrada tanto na escala de Kinsey, como também nos depoimentos dos informantes e no discurso médico. Nesta acepção, a bissexualidade é vista como uma terceira escolha, um terceiro caminho, um caminho do meio, e situada no mesmo patamar em que estão a heterossexualidade e a homossexualidade. A afirmação de Garber busca situar a bissexualidade para além desta polaridade, o que pode ser muito estimulante para pensar: a bissexualidade não como mais uma categoria, que fatalmente remeteria a um grupo de pessoas, mas como a negação das categorias até aqui tradicionalmente utilizadas para nos situar. Tal modo de percepção aparece na opinião de uma internauta que manifestou o que pensava sobre a bissexualidade: “*Nossa, que maravilha a gente poder transitar sem medos nem conceitos formatados!*”. (<http://camanarede.terra.com.br/>, acesso feito em 6 de julho de 2003). Também encontramos dentre os informantes da Rede Bis-Brasil expressões como “*ser livre de preconceitos*”, “*super liberal*”, “*disponível para curtir o amor sem barreiras*”, “*ser capaz de lidar com o imprevisível*”, que indicam claramente a bissexualidade como uma possibilidade erótica, mais do que como designação de um grupo de pessoas. Segundo Marjorie Garber, intitular-se bissexual é “[ . . . ] uma chance de resistir às categorizações: falar que você é bissexual ‘só diz que você ainda não se definiu, e lhe dá alguma liberdade’” (GARBER, 1997, p. 15, grifo do autor). Trocando idéias acerca dessa resistência a rótulos e categorizações com membros de uma rede de discussões sobre bissexualidade na Internet, Bigi@commonhouse.net disponível no sítio <http://www.polychromatic.com/bigil/>, recebi, de um associado, a seguinte mensagem:

Here's a story I liked in particular,  
I especially like the sentiment of the ending:

She asked Mark at one point the same question she'd  
asked her husband, and in her mind she listened again  
to his response.

‘What am I?’ His laughter was rich and full. ‘Oh,  
man, what a question. It makes me feel like I’m some  
two-headed beast or something. I suppose,’ he went  
on, ‘if I have to be called something, it would be  
bisexual. But I’m not a big fan of labels. We need  
to learn to accept people for what they are, not for  
what we want them to be.’

I like to think that I'm just a person who is in touch with his sexuality, who is comfortable with it, without the need to put it in a box and tell the world, 'This is who I am'. I want to stay open to the possibilities that life offers me.

Possibilities, Melanie thought. That was a good way of putting it. She realized now that she had some unfinished business to deal with. And the possibilities it presented brought a smile to her face.

[http://www.ladiesweb.net/bimen/stories/a\\_world\\_of\\_possibilities.htm](http://www.ladiesweb.net/bimen/stories/a_world_of_possibilities.htm)

Colocada dessa forma, a bissexualidade implica dissolução dos conceitos de heterossexualidade e homossexualidade, abrindo um espaço de liberdade, pois estes termos ficam vinculados a uma cultura que rotula as pessoas, que estabelece padrões e modelos de conduta sexual, que fixa identidades, enquanto o sentido de bissexualidade fica aproximado à idéia de fluidez, rompimento de barreiras e rótulos, abertura para o novo, ousadia, coragem de assumir:

Freud já não disse que todos somos bissexuais? Acredito que uns com menos porcentagem e outros mais, de bissexualidade. Esse jogo masculino-feminino é fascinante, não existe dominador e dominado e, sim, ambos dentro de cada um de nós.

Por que o mundo modernizado dá muito espaço à ousadia, tipo se desprender de tabus e cultura limitada. Acho que todos nascem bi, depois resolvem hora essa, se permanece ou curte de tudo mesmo. Assinado ela.

(<http://camanarede.terra.com.br/>, acesso feito em 6 de julho de 2003)

*Simplificando, a mulher ou o homem – não enrustidos – que aceitem pessoas de qualquer sexo para uma boa e saudável transa ou compromisso. Geralmente, são ótimas pessoas de convívio social, inteligentes, loucos, naturais. (informante da Rede Bis-Brasil)*

*Um privilégio de poucas pessoas poderem se satisfazer com ambos os sexos, só mesmo os bissexuais. (informante da Rede Bis-Brasil)*

Mesmo quando usada como rótulo identitário, o que aparece expresso pelos informantes em formulações como “o homem bissexual é aquele que sente atraído ora por um homem, ora por uma mulher, com a mesma intensidade”, a bissexualidade pode ser considerada como “[ . . . ] o rótulo com maior flexibilidade e tolerância pela mudança.” (GARBER, 1997, p. 52) Com certeza, não é um rótulo que apresenta a solidez da definição “sou gay” ou “sou lésbica”. Dentro do modo como venho definindo identidade cultural, como posição de sujeito, sinto-me confortável para nomear a masculinidade bissexual como uma identidade cultural, uma vez que a definição de posição de sujeito incorpora a variabilidade e a fluidez necessárias. Certamente a masculinidade bissexual não é uma identidade no sentido mais tradicional do termo, aquele das políticas de identidade, uma vez que encontra-se fracamente constituída, pelo me-

nos no momento. Olhada por este ângulo, a má relação entre a masculinidade bissexual e a homossexualidade masculina pode ser compreendida como uma resistência dos homens bissexuais às políticas de identidade que tão fortemente caracterizam a homossexualidade masculina. As políticas de identidade afirmam a existência e os direitos de sujeitos particulares, criam territórios e fronteiras, e a isto se opõe à masculinidade bissexual que, na ótica do que propõe Garber (1997), se apresenta como uma condição sem fronteiras, ou para além de todas as fronteiras.

Enxergar a bissexualidade como uma possibilidade erótica guarda relações com as definições que aproximam bissexualidade de pansexualismo - termo originário do deus Pã, conforme explicitado em seção anterior – e formas holísticas de viver a sexualidade, por vezes expressas pelo termo poli-amor ou poliamoroso. Mais uma vez reforça-se a dificuldade em enxergar a bissexualidade como uma identidade, tal como vemos homossexualidade e heterossexualidade, pois a idéia de pansexualismo prima pela dissolução dos modos tradicionais de nomear a sexualidade, como é possível verificar explicitamente num dicionário disponível na Internet e na homepage de uma rede bissexual dos Estados Unidos, e de modo mais indireto no depoimento de um informante da Rede Bis-Brasil, ao definir o que entende por bissexualidade:

**bi or bisexual:** Someone who is attracted to both males and females. Some people prefer the terms omnisexual or pansexual instead, because ‘bi’ means two, and there actually are more sexes than two (see intersexual for more information on this). (SCOTT, 1997, grifos da autora)

Polyamorous bisexual is discriptive of myself...I'm hoping to open more minds towards the possibility of multiple loving. For bisexual and bi curious women and men. Because Love Knows No Boundaries. ([www.bilove.com](http://www.bilove.com), acesso feito em 6 de julho de 2003)

*Um ser humano tanto masculino como feminino que reúne dentro de si desejos sexuais e afetuosos pelo outro e pelo mesmo sexo. Na minha opinião uma dádiva, um estado de espírito maravilhoso que nos permite amar e desejar alguém independentemente do que tem entre as pernas. (informante da Rede Bis-Brasil)*

A literatura em língua inglesa existente sobre o tema da bissexualidade refere-se por vezes ao termo bifobia para designar a hostilidade que podem sofrer os indivíduos bissexuais, tanto de parte dos heterossexuais quanto dos homossexuais, entendidos aqui tanto gays quanto lésbicas. O termo bifobia encontra correspondência com homofobia, designação já corrente para falar da aversão aos homossexuais ou à homossexualidade. Em momento algum os informantes da Rede Bis-Brasil, tanto nas cartas quanto nas entrevistas, utilizaram este termo,

embora tenham narrado numerosas situações de constrangimento e hostilidade. Isso reforça a constatação de que o vocabulário disponível para nomear situações relativas à bissexualidade é com certeza menos desenvolvido do que àquele posto à disposição das identidades homossexuais, e isto está diretamente relacionado ao fato de que a bissexualidade não constitui, em nosso meio, uma cultura expressiva.

Na farta correspondência enviada pelos homens associados da Rede Bis-Brasil é possível perceber as definições acerca de sua própria identidade. O principal questionário enviado aos informantes propunha mais de uma pergunta dirigida a investigar de que modo cada um definiria sua identidade sexual. Se o indivíduo respondesse que se denominava bissexual, era solicitado então a definir o que entendia por bissexualidade masculina, e algumas dessas definições já foram utilizadas nesta seção. Organizando as respostas encontradas, foi possível visualizar alguns eixos de compreensão, que gostaria de incorporar a definição de masculinidade bissexual. O primeiro deles, em princípio bastante óbvio, mas que se torna necessário citar, é aquele que acentua o desejo sexual por homens e mulheres, expresso de variadas formas nestas definições:

*Pessoas que conseguem ter prazer sexual com pessoas de ambos os sexos.*

*Acho que é uma pessoa que sente atração pelo sexo oposto e pelo seu próprio. No caso, por homem e por mulher.*

*Homem que transa com mulher e com outros homens, sem preferência por um ou por outro.*

*Bissexualidade para mim é a pessoa que transa com pessoas do sexo masculino e feminino, ou seja, curte pessoas do sexo oposto e do mesmo sexo. O meu caso, por exemplo.*

*O bi antes do sexual já diz tudo. Na verdade é o homem que se sente atraído para um relacionamento íntimo tanto com uma mulher ou mesmo outro homem, e consegue encarar e ter prazer com os dois, o mesmo ocorre com a mulher quando ela é atraída pelos dois.*

*É quando o homem ou a mulher gosta e sente prazer em transar com homens ou mulheres.*

As definições que ficam restritas à possibilidade propriamente sexual desta identidade são as mais numerosas, e isto em qualquer das fontes utilizadas para este trabalho, para o que colabora o termo bissexual que, como diz um dos informantes, “o bi antes do sexual já diz tudo”. Fica-se em geral restrito a uma definição que privilegia a preferência sexual, o que empobrece a dimensão erótica do termo, conforme proposto por Garber. Este modo de encami-

nhar a definição implica a construção de uma categoria sexual, os bissexuais, e não investe na construção de uma identidade de gênero própria. Caberia registrar que nas definições acima já se esboça uma tensão entre as expressões “*sem preferência*” e “*se sente atraído*”, que indicam dois movimentos diferentes. O primeiro deles, resumido na expressão “*sem preferência*”, traz a idéia de que qualquer relação pode acontecer com o homem bissexual, ele está disponível, não tem preferência, e fica então ao sabor do desejo dos outros. Tal tipo de entendimento se manifesta de muitas formas na correspondência, e é também utilizado no discurso médico, quando se pede que estes sujeitos “*se definam*”, pois a indefinição é vista como uma fragilidade, que implica a possibilidade de ser levado para qualquer lado. Numerosas cartas dão conta de que o informante sente-se um tanto ao sabor dos olhares e dos desejos alheios:

*Tenho 23 anos, corpo legal, sou amigo e sem discriminação alguma. Tenho várias histórias para contar, pois desde os meus 14 anos já me considerava bissexual. Pois tanto homem e mulher a atração era forte e é forte. Eu me considero um cara legal, sou amigo para quem é amigo, sou leal, e passivo e ativo para quem é para mim.*

A idéia de uma não preferência em geral está associada estritamente à atividade sexual, como na definição de um informante, que diz que homem bissexual é o que gosta de “*comer e ser comido, não importa com quem*”, ou de outro, para o qual bissexualidade “*significa sentir prazer não interessa se com homem ou mulher. Poder dar e receber prazer de ambos os sexos*”. De forma diretamente vinculada à atividade sexual, um informante diz ser a bissexualidade masculina o “*tesão de comer e ser comido, é dando que se recebe, é gostoso usar o pau e o cu, é dupla emoção*”. A idéia de uma não escolha, ou de uma escolha indiscriminada entre homens e mulheres para parceiros sexuais reforça a noção de que os homens bissexuais são promíscuos, ou tendentes à promiscuidade, em razão do aumento das possibilidades de relação sexual. Por vezes, ao argumentar em favor da preferência bissexual, o indivíduo acentua a idéia de que “*dois é melhor do que um*”, e deixa insinuada a idéia de que “*muitos são melhor do que um ou dois*”, e isto se vincula também com a noção de promiscuidade. A busca pela satisfação é o eixo de algumas definições, e também ela reforça a idéia de promiscuidade:

Ser bissexual é satisfazer-se com ambos os sexos. É o dobro do prazer. O ser humano tem que experimentar, viver todas as formas de amar, sentir prazer em viver, ir a busca do prazer. Pois não temos tempo a perder! (<http://camanarede.terra.com.br/>, acesso feito em 6 de julho de 2003)

A expressão “*se sente atraído*”, de maneira sutil, indica outro movimento, em que o homem busca algo pelo qual sentiu-se atraído. Em geral, ela está acompanhada de alguma

explicação referente a este “*se sentir atraído*”. Essa atração pode aparecer matizada em algumas manifestações, como nas definições seguintes, de informantes tentando responder a pergunta o que é uma pessoa bissexual: “*uma pessoa que gosta dos dois sexos, eu apenas faço sexo com ambos, mas não sinto atração para namorar um homem, entende*”; “*pessoas que gostam de homens e de mulheres para transar. Eu prefiro penetrar uma vagina (dá muito mais tesão), mas me sinto muito mais atraído pelo corpo masculino!*”; “*pessoas que não têm problemas em estar com homens e mulheres, mas as relações são completamente diferentes. Exemplo: o toque da pele de um homem é completamente diferente da mulher*”. O sentir-se atraído, afirmação inicial destes três informantes, implicou em alguma definição, restrição ou ênfase com relação à referida atração. Desta forma, aparecem outros conteúdos, que não estritamente o relativo ao ato sexual: namoro, admiração pelo corpo masculino, diferença do toque da pele.

A preferência sexual por homens e mulheres também aparece matizada naqueles depoimentos e definições que explicitam a performance esperada para o indivíduo na relação com o homem e na relação com a mulher. Também aí temos diferentes preferências. Numa delas o homem é ativo quando com a mulher e passivo quando com outro homem. É o que está afirmado logo nas primeiras linhas da segunda carta de um informante: “*Caros amigos, como sabem, sou o Paulo Roberto. Sou bissexual, porém bem definido. Ativo só com mulheres, e passivo 100% com homens*”. Ao responder a questão que indagava sobre a definição da identidade sexual, outro informante definiu a masculinidade bissexual como “*ter atos e desejos por mulheres e homens (neste caso, passivo)*”. Essa modalidade de compreensão da performance da masculinidade bissexual – ser ativo com mulheres e passivo com homens – não pode ser tomada como unânime, pois, há outros homens que reivindicam a preferência por serem ativos na relação com homens e mulheres, e fazem disso seu modo de compreender o que seja a masculinidade bissexual. Analisando as cartas e anúncios de quem buscava na rede parceiros homens afeminados, foi possível verificar um cruzamento com a busca por mulheres:

*Gostaria que meu nome constasse em vosso cadastro de forma a que aparecesse somente o primeiro nome, e não todo, pois achei sensacional a idéia de vocês e por isso estou lhes escrevendo. [ . . . ] Sou branco, 30 anos, casado, 1,76 m, 76 kg, e adoro mulheres, apesar de já ter saído com pessoas passivas e discretíssimas no passado, quando era solteiro. Não sei como será a classificação de vocês, mas gostaria de receber informações que pudessem me auxiliar a localizar mulheres e passivos brancos na cidade para futuro relacionamento sem drogas, SM ou aberrações ou álcool excessivo. Para o momento, subscrevo-me atentamente.*

Coerente com o teor de outras cartas, este associado da Rede Bis-Brasil, ao explicitar os parceiros que deseja para relacionamento sexual, fala em mulheres e passivos, mas não cita a palavra homem. Em anúncios no boletim Frente&Verso, foi possível encontrar também frases como “*quero aqueles 100% passivos*” e “*quero parceiro 100% passivo*”, e a palavra homem não foi utilizada em momento algum. Em uma direção um pouco diferente, e na contramão da maioria dos associados da rede, diversos homens escreveram falando de sua preferência por relação sexual com homossexuais afeminados, e defendendo a participação destes na rede, como forma de encontrarem parceiros. Os anúncios publicados por homens com esta preferência a expõem de forma explícita e crua:

*Quero viadinho. Você, que é fodido desde garoto, que sempre 'brincou' com o caralho do tio ou dos primos, que é 'viciado' em 'mamar' uma rola grande e grossa, que tem a bundinha durinha e o cuzinho treinado e que realmente gosta de um macho, me escreva. Sou bonito, 100% ativo, pau de [ . . . ], viajo todo o país e gosto de quem é realmente fêmea para um macho sacana. Mande foto e fone.*

A idéia de que todos são bissexuais, já parcialmente abordada em seção anterior, merece aqui mais discussão, uma vez que está presente em numerosas definições, tanto dos informantes quanto aquelas coletadas em outras fontes. Essa noção encontra-se misturada, por vezes, com a noção de posição central da bissexualidade, originada, entre outros modos, da escala de Kinsey. Esta escala, desenvolvida por Alfred Kinsey, e publicada pela primeira vez em 1948 no livro “Sexual behavior in the human male”, classifica os indivíduos num gradiente de zero a seis:

0. Exclusivamente heterossexual.
1. Predominantemente heterossexual, apenas incidentalmente homossexual.
2. Predominantemente heterossexual, mais do que eventualmente homossexual.
3. Igualmente heterossexual e homossexual, portanto bissexual.
4. Predominantemente homossexual, mais do que eventualmente heterossexual.
5. Predominantemente homossexual, apenas incidentalmente heterossexual
6. Exclusivamente homossexual.

Embora composta por sete possíveis posições relativas à vida sexual de um indivíduo, a escala de Kinsey terminou popularizando e reforçando as designações de homossexual, heterossexual e bissexual (ROBINSON, 1977), uma vez que, dada a imprecisão de termos como predominantemente, eventualmente e incidentalmente, as posições 0 e 1 podem fundir-se na designação heterossexual, as posições 5 e 6 na designação homossexual, e as posições 2, 3 e 4



constituem o que em geral se denomina de bissexualidade. A posição central que desfruta a bissexualidade nessa escala permite a afirmação de que este modo de construir a vida sexual seria o mais acessível a qualquer pessoa, e mesmo aquele que encontraria o maior número de adeptos, embora não de forma pública, inclusive por ser ponto de passagem para os outros dois. Também reforça a afirmação de que todos nascemos bissexuais, ou igualmente heterossexuais e homossexuais, numa visão de que seríamos compostos por porções iguais de heterossexualidade e homossexualidade, do tipo 50% mais 50%:

Em três áreas foi importante a influência de Kinsey. Em primeiro lugar, há pouca dúvida de que, para seu mérito imprecável, ele ajudou a criar uma atitude mais tolerante para com o homossexualismo. Esta influência liberalizante se derivou, evidentemente, de sua simples demonstração empírica do modo exato pelo qual muita gente é envolvida em atividades homossexuais. Ao mesmo tempo, sua eliminação da própria categoria da homossexualidade talvez tenha causado um efeito mais profundo, ao sugerir não apenas que os atos homossexuais são extremamente comuns, mas que o homossexualismo, uma vez que não é um estado de ser, existe em potencial em todas as pessoas. Em outras palavras, contribuiu para gerar o conceito de que ‘todos somos bissexuais, é apenas uma questão de grau’. (ROBINSON, 1977, p. 140, grifo do autor)

A idéia de que todos nascemos bissexuais encontra-se presente em todas as fontes consultadas, em geral para concordar, poucas vezes para discordar. Entretanto, utilizar esta afirmação como argumentação válida para que o indivíduo se mantenha nesta posição ao longo da vida já provoca polêmica. Num certo discurso médico de caráter conservador, em particular, vai-se encontrar a afirmação de que, embora todos possamos ter nascido bissexuais, ao longo da vida, com o amadurecimento, o caminho natural seria migrar para uma das duas posições extremas. Essa idéia também está presente entre os próprios informantes homens bissexuais, em particular aqueles que definem sua masculinidade bissexual como fruto de uma indefinição. Outro viés de crítica à posição bissexual deriva do fato de que ela pode implicar em manter vínculo amoroso com dois parceiros, o que desloca fortemente as noções de monogamia e de família. Entre os informantes, este é um tema polêmico. Para alguns, a relação com outro homem é apenas de sexo e talvez de amizade, mas não de amor, não configura nunca relacionamento duradouro. Em determinadas definições, a possibilidade de relação com outro homem está fortemente restrita ao sexual: “*Não acredito em bissexualidade, ou você gosta de homem ou de mulher, mas nada o impede de transar com homem e mulher*”. Ressalte-se que esta definição foi dada por um integrante da Rede Bis-Brasil, que se define como homem.

O cruzamento entre os temas da bissexualidade e da monogamia tem outras implicações. Uma delas diz respeito à noção de família. Há diversos sítios na Internet que tratam do tema da bissexualidade vinculado à cruzada contra a família tradicional e pelo estabelecimento de outras modalidades de relacionamento, inclusive com conseqüências jurídicas. Reflexo disso também é o desenvolvimento de comunidades bissexuais no Canadá, Estados Unidos, Austrália e Europa, com a publicação de jornais; manutenção de páginas na Internet; serviços de saúde específicos para esse público; linhas de telefone dedicadas ao esclarecimento de dúvidas; processos de cadastramento de candidatos interessados em pertencer a estas comunidades; ações de “advocacy” junto a parlamentares; publicação de textos relativos à educação de filhos e outros temas; realização de conferências nacionais e internacionais; organização de redes entre as diferentes comunidades; encaminhamento de projetos de lei relativos à propriedade, direito de herança, pátrio poder e temas de implicação legal e um sem número de outros tópicos, que vão da religião à medicina. Mesmo as publicações daqueles grupos que não tratam diretamente do tema da família terminam fornecendo argumentos para que se discutam as formas de relacionamento existentes, quanto mais não seja porque a ênfase colocada na fluidez e na busca de novas possibilidades de relação tem sempre um endereço de crítica definido, que é a relação monogâmica exclusiva, pilar da manutenção do modelo tradicional de família:

The general dichotomy between heterosexual and homosexual which prevails in our society excludes a wide variety of feelings and experiences. Many people feel compelled to adopt a sexual identity which does not agree with their individual phantasies, emotions and desires and from which they suffer. The dominant either-or ideology forces them to deny a substantial part of their personality, but at the same time they hardly ever feel at home neither in the heterosexual mainstream nor in the gay or lesbian sub-cultures. The heterosexual mainstream still cultivates a mythology of an ideal monogamous relationship which certainly in large cities no longer corresponds to the lived realities of many people. BiNe questions these rigid norms and schemes of thought and works toward a more comprehensive, flexible and dynamic understanding of human sexuality and relationships which is more appropriate to our post-modern society. It does so by participating in gay and lesbian events and by cooperating with mainstream media. Bisexuals are not unreliable and dangerously exotic perverts but rich and open minded human beings who in a very personal way try to experiment with new forms of love and relationships and a multi-gendered identity. They might even be seen as pioneers of new forms of relating in the increasingly individualized society of the twenty first century.  
<http://bine.bi.org/english/whatisbine/whatisbine.html>, The German bisexual network BiNe, acesso em 6 de julho de 2003)

Outro assunto polêmico situado no cruzamento entre bissexualidade e monogamia é o da fidelidade. O conceito tradicional de fidelidade articula as noções de lealdade, perseverança, firmeza nas afeições e constância, dentre outros. Para o caso da vida sexual, a noção de fidelidade articula-se fortemente com a idéia de casamento ou união estável. Essas noções

entram em conflito com a maioria das definições dadas pelos informantes quanto ao que seja a bissexualidade. Como conciliar fidelidade com a idéia de ambigüidade posta na definição “*ao pé da letra, acho que bissexualidade define a ambigüidade do ser no caráter sexual de uma relação, onde o bissexual busca o prazer, podendo encontrá-lo com um homem ou com uma mulher, dependendo da ocasião*”, dada por um associado da Rede Bis-Brasil? A fórmula mais utilizada para fazer frente à exigência de fidelidade nas relações, por vezes defendida pelos próprios integrantes da rede como uma característica essencial das relações, é aquela de separar a fidelidade para com as mulheres da fidelidade para com os homens. Em palavras mais diretas, numerosas vezes a argumentação construída enfatiza que o homem é fiel à esposa, pois não mantém relações com outras mulheres, apenas com homens, e estas relações com homens não são vivenciadas como traição à fidelidade a esposa, porque nelas o que acontece não é similar ao que acontece com a mulher. Fidelidade na relação com outro homem foi um tema não problematizado pelos associados, uma vez que, para a grande maioria deles, manter uma relação duradoura com outro homem não estava colocado, e, quando estava, isto não era visto como algo que necessitasse de algum tipo de oficialização, não sendo desejado por nenhuma das duas partes. Indagado diretamente numa entrevista sobre o tema da fidelidade, depois de ter explicitado que era casado e mantinha relações com diversos homens, um informante respondeu que:

*Para mim, a bissexualidade é o todo em que o ser humano procura se satisfazer em ambos os lados, homem e mulher, o que acaba um suprimindo a carência afetiva e sexual do outro. É viver as duas faces do amor, e uma não deve se misturar com a outra. Eu estaria traindo a minha mulher se eu saísse com outras mulheres. Transar com homens é bom e eu gosto, e me sinto feliz e realizado, e isso influencia bem o casamento com a minha mulher.*

Outra modalidade de resposta à questão da fidelidade está posta na afirmação de que “*a esposa sabe e participa*”, como muitas vezes o homem se anuncia. Numa modalidade um pouco diferente, é o casal que se anuncia, e desta forma as relações são em verdade de um casal com um outro homem, escolhido em comum acordo. Nesta modalidade, a fidelidade deixa de ser um problema, pois a busca do prazer é feita em conjunto:

*Vimos seu anúncio muito original e criativo, e aqui estamos. Somos um casal de bem com a vida, equilibrados, responsáveis, adultos na faixa dos 40 anos, e de cabeça totalmente liberada. Entre parceiros de confiança, em clima de respeito, classe e liberdade individual assegurada, nós adoramos o sexo aberto, total, sem tabus e sem censuras. Já praticamos o swing, o menagem masculino e o feminino, e felizmente identificamos pessoas maravilhosas, hoje são nossos amigos. Este relacionamento aberto é sensacional, muito excitante e pleno de emoções. Através deste relacionamento, nós descobrimos um mundo gostoso, prazeroso e bem exótico, no qual*

*desaparecem as barreiras e tabus de falsos preconceitos. Este mundo faz cair muitas barreiras do falso moralismo social. Por que uma mulher não pode abraçar, sentir prazer e gozar com os lábios de outra mulher? Porque um homem deixa de ser másculo se sentir prazer também em beijar outro cacete? Por que, na cama, dois casais não podem vivenciar e alternar carinhos e emoções entre os casais trocados, entre mulher e mulher, entre homem e homem, ou três pessoas dando prazer à quarta pessoa, e todos se revezando? Vejam amigos, prazer sexual é pleno e total quando livremente desejado sem rótulo de certo ou errado.*

Muitos homens falaram de seu desejo de manter relações com um casal, mas poucos homens afirmaram que suas esposas sabiam de sua orientação, e partilhavam das fantasias. Pelo contrário, alguns homens manifestaram, na correspondência e em entrevistas, a frustração pelo fato de não poderem contar com a esposa para essas aventuras:

*Para a minha mulher, a realidade é que a adoro (no sentido latino, 'ad orum', na boca), e aí sou só hetero. Com os homens que fui, sempre servi de homo passivo, solto, entregue, obedecendo a desejos. Sei que nunca vou realizar a minha mais forte fantasia – chupar minha mulher, enquanto levo um pau no cu. Ela nunca aceitaria isso, pela imagem que ela formou de mim. Coisas da vida e da cabeça. Mas o sexo é gostoso de todas as formas, e com minha mulher fica mais gostoso depois que volto do encontro com um macho.*

O depoimento deste informante rompe parcialmente com uma certa noção essencialista que perpassa quase todas as declarações acerca do casamento, como se este fosse uma instituição “natural”, fruto sempre da união estrita de um homem com uma mulher. Esta noção essencialista, que implica a idéia de que casamento diz respeito unicamente à relação entre um homem e uma mulher, aqueles que estão casados, colabora para que a grande maioria dos homens bissexuais acessados, por carta ou entrevista, se manifestem contrários à idéia de contar para a esposa, admitir que esta participe, ou mesmo assumir, para si próprios, a constatação de que as relações que mantém com outros homens colaboram para uma certa estabilidade do casamento. Mesmo quando isso está expresso nas cartas, fazem-se muitas reservas. Fica a idéia de que tudo que é feito fora do casamento o ameaça. Desta forma, as relações sexuais feitas “fora” do casamento são vistas sempre como ameaça à estabilidade deste, e esta opinião permanece mesmo depois do indivíduo ter relatado que a relação com outro homem reforça sua libido e energia sexual, tal como visto no depoimento logo acima. Percebe-se então, conforme alerta Foucault, a força do dispositivo da aliança, mesmo no embate com o dispositivo da sexualidade:

Dizer que o dispositivo de sexualidade substituiu o dispositivo de aliança não seria exato. Pode-se imaginar que talvez, um dia, o substitua. Mas de fato, hoje em dia, se por um lado tende a recobri-lo, não o suprimiu nem tornou inútil. Historicamente, a-

liás, foi em torno e a partir do dispositivo de aliança que o de sexualidade se instalou. (FOUCAULT, 1985, p. 102)

Em resumo, em muitos momentos a tensão entre bissexualidade e monogamia apareceu, envolvendo também as discussões de família e fidelidade. A estratégia mais corrente é aquela de tratar as relações com homem e com mulher como instâncias diferentes na vida sexual, afetiva e amorosa do indivíduo. De forma sucinta, um informante, ao responder pesquisa pela Internet, finalizou suas considerações sobre o tema da fidelidade escrevendo:

E aproveitando o clima de citações, termino com uma do João Ubaldo Ribeiro em seu livro *Luxúria* : ‘Preferência, sim, exclusividade, nunca!’  
(<http://camanarede.terra.com.br/>, acesso feito em 6 de julho de 2003)

Feito esse percurso pela abordagem de diversos temas e sub-temas que estão relacionados de forma direta ou indireta com a masculinidade bissexual, cabe finalizar a seção propondo uma definição articulada deste conceito. Coerente com a posição teórica até aqui assumida, não vou propor uma definição “acabada”, mas uma definição fruto do encontro entre diversas linhas de força, e sempre referida às informações que disponho nas fontes consultadas. De um ponto de vista mais geral e introdutório, a masculinidade bissexual é compreendida aqui como uma das formas de viver a masculinidade, onde joga papel fundamental o desejo dos homens de se relacionarem sexual e emocionalmente com homens e mulheres.

A masculinidade bissexual é uma identidade de gênero que se apresenta ainda fracamente desenvolvida, carecendo de símbolos, locais de encontro, vocabulário próprio, indivíduos reconhecidos e modelos de trajetórias de vida. Isto equivale a dizer que ela é pouco reconhecida como sendo uma modalidade efetiva e valorizada de viver a masculinidade, em outras palavras, não há uma cultura da masculinidade bissexual desenvolvida. Este não reconhecimento – e eventual hostilidade – provêm tanto da cultura da masculinidade hegemônica heterossexual, como também da cultura homossexual masculina. É, portanto uma identidade de gênero pouco sólida, que oscila num regime de disputas, tensões e negociações com a heterossexualidade e a homossexualidade masculinas. Neste regime tumultuado de relações, podemos ter o investimento na construção de representações que insistem na negatividade dessa modalidade de viver o masculino, quando então é tomada como sinônimo de ambigüidade, fraqueza na constituição do masculino, indecisão, falta de coragem para assumir uma suposta verdadeira homossexualidade e outros atributos desse quilate. Podemos ter também, na mão contrária, o investimento em representações que insistem na positividade dessa modalidade de

viver o masculino. Essa positividade tanto pode ser construída em confronto com a masculinidade hegemônica, afirmando a masculinidade bissexual como uma forma superior, mais elaborada e refinada da amizade e da relação entre homens, oposta ao machismo e à rudeza do modelo hegemônico tradicional de masculinidade, anunciando-se então como futuro da sexualidade e da masculinidade; como pode ser construída aproveitando e reforçando elementos típicos da masculinidade hegemônica, como é o caso dos informantes que tomam a masculinidade bissexual como uma forma mais intensa de masculinidade, uma vez que articula duas possibilidades de relação sexual, o que seria próprio de indivíduos “duplamente machos”.

Por outro lado, a masculinidade bissexual também pode ser lida como uma identidade sexual, e, nesse caso, ela apresenta mais consistência, sendo reconhecida como uma forma válida de busca do prazer sexual entre homens, embora padecendo dos problemas de estigma e discriminação. Reconhecida como uma identidade sexual válida, ela enfrenta uma disputa com a homossexualidade masculina, que procura colocar esta modalidade de satisfação sexual dentro de seu território, afirmando ser própria de homossexuais pouco assumidos ou em processo de assumir sua suposta “verdadeira” homossexualidade.

A masculinidade bissexual tanto pode ser tomada como uma modalidade de viver a masculinidade, colocada então ao lado da masculinidade heterossexual e da masculinidade homossexual, como pode ser representada como uma modalidade de erotismo, uma condição sem fronteiras, algo que ameaça as identidades agrupadas nos pólos da heterossexualidade e da homossexualidade. Na relação de disputa com a masculinidade hegemônica, a masculinidade bissexual pode ser construída em representações que envolvam subordinação, cumplicidade ou marginalidade, de acordo com Connell (1997).

Designar como masculinidade bissexual àquilo que normalmente aparece nas fontes consultadas como bissexualidade masculina não é uma simples inversão de termos. Trata-se de salientar a questão de gênero, no caso de pertencimento ao gênero masculino, como aquela que é mais relevante para a construção das diferentes representações da masculinidade bissexual. Dito de outra forma, no meu entender, o pertencimento ao gênero masculino constitui para a maioria dos homens informantes desta pesquisa a preocupação central de suas vidas. É na busca deste pertencimento que são mobilizadas estratégias, explicações, narrativas, ações públicas ou anônimas. A explicação para a escolha propriamente sexual de suas vidas constitui, em meu entender, um problema menor na vida da grande maioria dos informantes.

A masculinidade bissexual implica uma grande variedade de performances sexuais, uma diversidade de modos e modelos na busca de parceiros sexuais masculinos e femininos, uma grande diversidade de explicações de sua gênese para cada indivíduo ou situação, e uma diversidade de representações na sua relação com a masculinidade hegemônica e com a masculinidade homossexual. Nas seções seguintes, apresento quatro grandes possibilidades de representar a masculinidade bissexual, com o que espero ser possível aumentar a compreensão em torno do conceito.

Por fim, antes de passar a próxima seção, importa salientar que os conceitos e classificações “vazam”, jamais tem alcance universal, embora se constituam em boas ferramentas para pensar as situações. Nessa tese, utilizo o conceito de identidade como posição de sujeito, o que implica reconhecer a existência de numerosas possíveis posições de sujeito no âmbito da masculinidade bissexual, fruto de muitas e diferentes interpelações. Esse é o motivo pelo qual nas próximas seções não apresento tipos ou modelos de homens, mas representações que interpelam os sujeitos, e o conceito aqui construído não pretende ter alcance universal, e muito menos designar homens que possuem um único e determinado atributo. Para lembrar a provisoriedade das definições e classificações, e a multiplicidade de posições de sujeito possíveis, encerro essa seção com a reprodução de uma das cartas de um informante da Rede Bis-Brasil, onde fica nítido o complexo jogo das posições de sujeito:

*Prezados amigos. Bem, vi que vocês fazem um acompanhamento e consulta de pessoas que desejam saber sobre homossexualismo e heterossexualismo e bissexualismo. Mas o que eu gostaria a princípio é de ter um relacionamento homo com um homem que seja um pouco afeminado e que goste de na intimidade vestir roupas femininas e ser tratado como mulher, ou um relacionamento com travesti bem feminino, ou transformista também bem feminino. Onde posso encontrar esse tipo de pessoa? Será que aqui no Rio existe alguma agência ou rede em que posso procurar este tipo de pessoas? Nunca tive relacionamento com homem, mas para me masturbar e ter tesão, às vezes visto roupas femininas para conseguir ejacular. Gostaria de saber se sou gay ou se tenho tendência ao homossexualismo passivo. Caso consiga ter um relacionamento com gay feminino eu digo que quero ser ativo e não vestirei roupa feminina, a não ser que o gay passivo queira que eu faça isto. Espero sua resposta. Abraços.*

## **11 DOS MODOS DE REPRESENTAR A MASCULINIDADE BISSEXUAL**

---

**C**oncluiu-se a seção anterior anunciando a apresentação de quatro representações que interpelam as identidades no campo da masculinidade bissexual. Com elas, pretendo “dar corpo” ao conceito de masculinidade bissexual. Este momento de apresentar a categoria da masculinidade bissexual, e quatro grandes representações que lhe dão conteúdo, é um momento de nomeação. Portanto, nele está presente tanto o mérito de organização das informações de que disponho no sentido de propor um modo de compreensão, como também estão presentes o perigo da função normatizadora – e normalizadora – de que se reveste o ato de nomear. Não deve ser esquecido que o que aqui se faz é um arranjo arbitrário e intencionado, em verdade quatro arranjos, a partir dos materiais disponíveis e também do referencial teórico adotado.

O que se apresenta não são, pois, categorias, mas representações que interpelam indivíduos, e mobilizam a construção de posições de sujeito, no campo da masculinidade bissexual. São elas: 1) a masculinidade bissexual representada como masculinidade mal formada, incompleta, indefinida, uma masculinidade degradada, própria de homens indecisos, que não têm força para assumir nem a heterossexualidade nem a homossexualidade, por vezes vivida como fase transitória que necessita encaminhar-se a uma definição completa, ressaltando-se o temor de que esta definição se faça para o lado da homossexualidade, e não para o lado da heterossexualidade; 2) a masculinidade bissexual representada como uma modalidade de sexualidade do futuro, mais avançada que àquelas opções sexuais atualmente existentes, para além da polaridade heterossexualidade versus homossexualidade, ainda incompreendida, mas com certeza sinalizando novas possibilidades no exercício da sexualidade, em particular dos homens; 3) a masculinidade bissexual representada como masculinidade intensificada, transgressiva, poderosa, plena de “sacanagem”, quase fora de controle na busca do sexo, típica de homens “machos” “liberais”, associada à noção de promiscuidade, chegando por vezes próxima das idéias de orgia e sexo global; 4) a masculinidade bissexual representada como uma modalidade de “verdadeira” amizade masculina, envolvendo proximidade física entre iguais, nomeada por vezes fraternidade masculina, e assumindo que pode haver troca erótica e de afeto entre homens que mantém uma amizade profunda, acompanhada muitas vezes de admiração e valorização da beleza do corpo masculino.



Cada uma dessas quatro grandes representações mantém diferentes modos de relação com a masculinidade hegemônica e com a homossexualidade, bem como com o universo de representações do feminino. Ao discutir cada uma delas separadamente, nas próximas seções, um dos focos de análise será justamente perceber de que modo se constroem estas relações, que valorizações experimentam, de que forma se modificam. A masculinidade hegemônica, por exemplo, pode ser percebida nas diferentes representações tanto como um ideal a atingir, quanto uma posição a criticar, e esta crítica pode ser feita tanto buscando suprimir determinadas características, quanto reforçar outras. A relação da masculinidade bissexual com a masculinidade hegemônica e com as representações do feminino e da homossexualidade, através de cada uma das representações aqui apresentadas, não é linear e nem uniforme, mas construída por numerosos caminhos, alguns inclusive antagônicos entre si.

Modificando ligeiramente os termos da afirmação do parágrafo acima, verifica-se que estas quatro grandes modalidades de representação da masculinidade bissexual relacionam-se fortemente com a representação de masculinidade heterossexual, e em larga medida dela dependem. Elas são percebidas ou como “*menores*” do que a masculinidade heterossexual, ou como “*mais avançadas*”, ou como correspondendo a um aproveitamento “*mais intenso*” das suas possibilidades, tanto para o lado da amizade quanto para o lado da “*sacanagem*”. Ou seja, não considero que elas constituam uma identidade autônoma ou solidamente constituída. Com certeza, duvido que elas estejam situadas “*a meio caminho*” entre a heterossexualidade e a homossexualidade, como muitos autores indicam. Elas estão na órbita da representação hegemônica da masculinidade, dela dependem, e ao redor dela transitam, ou para serem valorizadas positivamente, ou para serem valorizadas negativamente. Por vezes, é possível perceber que estas representações da masculinidade bissexual apresentadas a seguir se formam, entre outros mecanismos, por apropriação de alguns elementos, ou traços, da masculinidade hegemônica, que são interpretados de forma particular.

O que faço nas próximas seções é um pouco a construção e muito a organização destas representações, que apresentam quatro possíveis modos de compreender e viver a masculinidade bissexual. As representações criadas não foram feitas para paralisar o pensamento, ou seja, não constituem gavetas onde é possível inserir indivíduos. São representações culturais que se expressam através de práticas discursivas. Não são grupos de pessoas, com certeza. As pessoas não são isto ou aquilo, mas sim isto, aquilo e mais aquele outro. Desta forma, estas representações são mobilizadas pelos indivíduos de formas muito diferentes, não constituindo

“entes” isolados, através dos quais poderíamos agrupar pessoas. As declarações de um mesmo indivíduo, ou aquilo que está escrito num mesmo artigo de jornal ou material retirado da Internet podem conter mais de uma das representações aqui organizadas, ou podem operar, na argumentação que constroem – contra ou a favor da masculinidade bissexual – com mais de uma representação. Por vezes, a articulação entre algumas das quatro representações está presente de forma explícita, como no título de um artigo encontrado na Web – “Bisexuais: busca frenética, modismo ou sexo do futuro?” (<http://www.tafalado.com.br/isis/nateriores/bissex.htm>), acesso em 27 de junho de 2002). Mesmo que pudéssemos agregar indivíduos a estes agrupamentos, haveria que lembrar que, como em qualquer processo de construção, aqui seleccionei determinados aspectos, deixei de lado outros, elegi alguns como mais importantes do que outros. Portanto, outros modos de agregação são possíveis.

As representações problematizadas a seguir constituem a matéria prima das interpelações que terminam por construir as posições de sujeito no campo da masculinidade bissexual. Elas podem constituir pontos de apoio no processo de formação das identidades, e desta forma se apresentarem sólidas na estruturação da vida de um indivíduo, mesmo que reconheçamos sua precariedade do ponto de vista cultural. Pensar a masculinidade bissexual como uma etapa de transição, por exemplo, pode ser algo ao mesmo tempo precário e sólido na vida do indivíduo, inclusive porque lhe assegura um pertencimento social no presente e um possível pertencimento social no futuro, quando esta etapa for “superada”. Existe tanto a fluidez entre estas representações, quanto à solidez de cada uma na construção das identidades dos indivíduos:

El reconocimiento postmoderno de la inestabilidad del yo, de apertura en la elección de identidades, a muchos les parece que reduce todo a un flujo: na hay fronteras fijas entre las personas, sólo etiquetas arbitrarias. Las identidades se relativizan y por lo tanto a algunos les parecen disminuidas. Aun así nos aferramos a ellas. En un mundo de cambio constante, parece que las personas necesitan puntos fijos, puntos de alineamiento. Las identidades, personales y sociales, son tan precarias como esenciales, configuradas históricamente y escogidas personalmente, afirmaciones del yo a fin de negociar los riesgos de la vida cotidiana y para afirmar nuestro sentimiento de pertenencia en un mundo social cada vez más complejo. (WEEKS, 1995, p. 175)

Os informantes não estão percentualmente distribuídos nestes quatro arranjos, e nem foi preocupação desta investigação verificar que “tipo” de homens adere mais facilmente a algum desses arranjos. Esses arranjos foram construídos a partir das informações que circulam no material coletado. Utilizo todo o material das fontes para dar conteúdo a cada um destes agrupamentos. Ao mesmo tempo, estes quatro agrupamentos foram construídos pela teoria, eles foram inventados, a partir de um olhar teórico.

Nessa medida, as representações que a seguir apresento diferenciam-se de propostas de categorização já elaboradas para o universo da masculinidade bissexual, que têm outros objetivos e manifestam outros modos de funcionamento. Poderá auxiliar a compreender o modo como organizei as representações apresentar brevemente outras classificações, em que as categorias são tomadas como resultante do comportamento dos indivíduos em determinadas situações de exposição. É o que temos em Ross (1991), que investiga o comportamento bissexual masculino tendo em vista a vulnerabilidade à aids. As categorias criadas pelo autor estão referenciadas no comportamento dos indivíduos, e temos então uma “bissexualidade de defesa”, utilizada pelo indivíduo para proteger-se do estigma da homossexualidade; uma “bissexualidade situacional”, típica dos ambientes de presídios e outros lugares de confinamento masculino, mas também envolvendo situações ocasionais de relação entre homens, com motivo específico e localizado; e a “bissexualidade latina”, aonde o homem que desempenha um papel ativo na relação com outro homem pode considerar-se heterossexual.

No trabalho de Valdeci Gonçalves da Silva (1999) há uma categorização da bissexualidade que lida com dois grupos: os rapazes que praticam sexo por dinheiro (*michês*), e os homens casados ou solteiros que buscam estes serviços. Transposta para o modelo de Ross (1991), os *michês* estariam na categoria da bissexualidade situacional, e seus clientes poderiam recair na categoria da “homossexualidade secundária”. Muitos informantes da Rede Bis-Brasil manifestaram preferência por relações com travestis, o que os levaria a serem classificados no grupo da “bissexualidade técnica”, na classificação proposta por Ross (1991), e que abrange aqueles homens que mantêm relações sexuais com indivíduos que sofreram um processo de realinhamento sexual, o que seria o caso dos transexuais também.

De posse de uma tão grande quantidade de cartas e depoimentos, também nessa investigação seriam possíveis outros modos de organização dos materiais. Um grupo de informantes apresenta como traço comum o fato de nunca ter experimentado relações com outros homens, mas manifesta esse desejo de forma intensa, e foi este o móvel para vincular-se à Rede Bis-Brasil. Nesse caso, o temor de pela primeira vez encontrar-se a sós com outro homem para manter relações sexuais convive com a apresentação detalhada de numerosas fantasias que o indivíduo tem vontade de realizar, e com a certeza de que a experiência vai ser muito prazerosa. Também são possíveis de identificar homens declaradamente homossexuais, e que manifestam decidida preferência por manter relações sexuais com homens casados, fazendo ques-

tão de especificar que o uso da aliança de casamento no dedo do homem é fundamental para o sucesso da relação.

A situação fica mais complicada quando se trata de caracterizar o grupo dos rapazes que se prostituem, mantendo relações sexuais mediadas pelo dinheiro com homens, e que estão ao mesmo tempo envolvidos com suas namoradas, noivas ou eventuais esposas, em relações heterossexuais. Poderiam ser considerados “homens bissexuais”, como é feito no trabalho de Valdeci Gonçalves da Silva (1999)? E os numerosos homens casados que são associados da Rede Bis-Brasil e manifestam preferência por manter relações sexuais com os travestis, podendo apresentar uma performance ativa ou passiva, seriam considerados homens bissexuais? Se, na relação com os travestis, eles fazem o papel ativo, aquele que se espera de um homem, e o travesti comporta-se com uma mulher, isto caracterizaria a bissexualidade? Estas questões, e outras a elas assemelhadas, foram propostas numerosas vezes ao pesquisador, e para elas não se encontrarão respostas nesta investigação, uma vez que elas estão ancoradas em outro modo de compreensão da temática.

O caminho seguido nesta tese foi outro. As representações aqui construídas foram pensadas como resultantes de um processo de diferenciação, que estabelece fronteiras e superfícies de contato. Valorizo, portanto mais a processualidade do que a materialidade sólida da representação. Desta forma, esta abordagem vai privilegiar, por exemplo, a masculinidade bissexual como indefinição, e não o homem bissexual como um indefinido; ou a masculinidade bissexual como modalidade de sexo do futuro, e não o homem bissexual como um sujeito do futuro. A proposta de análise é aquela de problematizar o modo como a masculinidade bissexual é representada, e não exatamente como é a vida de um homem bissexual, embora a utilização das fontes implique numerosas referências a experiências pessoais de indivíduos informantes. Busco enfatizar também a historicidade na constituição de cada uma das representações, bem como salientar os diferenciais de poder que ali operam, tendo presente que “a marcação da diferença é [ . . . ] o componente-chave em qualquer sistema de classificação” (WOORDWARD, 2000, p. 41).

Nas quatro seções seguintes, apresento as representações da masculinidade bissexual, e faço um uso intenso do material das fontes, tanto à guisa de exemplificação, quanto para problematizar e tensionar os conceitos anteriormente discutidos de identidade, representação, gênero, sexualidade, heterossexualidade, homossexualidade, ativo, passivo, fala, discurso,

hegemonia, subordinação, cumplicidade e marginalização. Com isso, busco dar sentido ao conceito principal, de masculinidade bissexual. Espero ter evitado a descrição pura, e ter conseguido criar tensões que façam pensar acerca dos conceitos que servem de quadro teórico a esta tese. A utilização abundante de material das fontes está feita também como recurso para alargar o alcance e a validade das análises, embora estejamos sempre restritos à experiência da Rede Bis-Brasil e seus informantes.

## 12 A MASCULINIDADE BISSEXUAL COMO INDEFINIÇÃO, AMBIGÜIDADE OU FASE TRANSITÓRIA

---

A primeira das representações da masculinidade bissexual a ser analisada é aquela que opera com as idéias de indefinição; ambigüidade; masculinidade degradada, mal formada ou incompleta; fase transitória; fraqueza; indecisão; fracasso e outros termos correlatos. À primeira vista, pode parecer que se trata inteiramente de um modo de viver a masculinidade do tipo subordinado segundo Connell (1997), e que nele somente se poderiam apontar negatividade. Em que pese efetivamente grande parte do material aqui analisado referir uma situação de inferioridade em relação à masculinidade hegemônica, verificam-se também representações em que a indecisão é tomada como positiva, permitindo trânsitos, evitando rótulos, posicionando-se como superior à tradicional masculinidade heterossexual. Mais ainda, por vezes acusam-se os “*definidos*” de serem “*falsos definidos*”, uma vez que mantêm sua definição à custa do ocultamento de desejos. É o que se verifica na resposta a uma das perguntas do questionário, onde se indagava sobre situações de constrangimento, discriminação ou enfrentamento de preconceitos, já vivenciadas pelos informantes:

*Já ouvi muitas críticas dos outros contra os bissexuais, sim, mas eu não sinto nenhum tipo de constrangimento, cada um tem sua maneira de pensar, minha vida particular só interessa a mim. O comentário é sempre a crítica, mas todos nós sabemos que muitos criticam para fugir dos seus próprios desejos. Parecem certinhos e definidos, mas morrem de vontade de transar com outro homem.*

*Sim, eu já ouvi muitas vezes críticas, me senti sem jeito, rejeitado, parecia que uma bomba foi lançada na minha cabeça. Eles falavam que era um absurdo, que homem foi feito para mulher e vice-versa e que nunca aceitariam conviver com estas pessoas. Eu estava escutando de longe, mas o que mais criticava já fez o impossível para transar comigo, está na cara que ele gosta de homem também.*

Vincular a masculinidade bissexual com um estado transitório ou de indefinição é algo encontrado entre numerosos informantes da Rede Bis-Brasil, ao indagar acerca de qual a melhor definição que dariam para seu desejo. É o que se verifica na resposta à pergunta “como você define bissexualidade?”, do referido questionário, aplicado a todos os informantes:

*Um estado transitório! Não consigo entender apenas atração sexual por ambos, mas um estado transitório para uma definição.*

*Homem que gosta de transar com ambos os sexos, que ainda não se decidiu completamente.*

Mas esta vinculação da masculinidade bissexual com indefinição também aparece como arma de acusação, dirigida contra estes homens, e veiculada por diversos atores e em diversos contextos. De diversos modos, vincular a masculinidade bissexual com a noção de indefinição acentua a idéia de que nela não há uma identidade possível ou viável, na medida em que muitos entendem a identidade como necessariamente fixa ou estável. Fala-se de um não sujeito, de um indivíduo que oscila. É possível afirmar, então, que a masculinidade bissexual tem um significado “despedaçado”, fala-se dela sem falar, pois ela na verdade é uma indefinição, é uma “coisa”, somente podemos falar dela através de outra “coisa”: ou dizendo que o sujeito não é “bem” homem, ou dizendo que ele é um “gay enrustido”. Mas ele mesmo é percebido como um ser despedaçado. O indefinido em princípio é um sujeito culpado, e por vezes a associação que se faz é entre indefinição e falsidade. Ao entrevistar um médico da área da epidemiologia da aids, em 1997, acerca da questão da bissexualidade, esta vinculação apareceu de forma explícita:

*O melhor que poderia acontecer para evitar que a aids continuasse se propagando entre as mulheres era que os homens bissexuais se definissem, parassem de fingir que são uma coisa, quando em realidade são outra. Isso seria melhor para todo mundo.*

Esta resposta permite diversas considerações. A principal delas diz respeito ao julgamento de que os homens bissexuais são “uma outra coisa”, reforçando a noção de que aí não existe uma identidade possível, é necessário “definir-se” para possuir uma identidade “verdadeira”. A direção dessa definição, embora não explicitada diretamente na afirmação acima, pode ser percebida: ao dizer que eles devem “*parar de fingir que são uma coisa quando em realidade são outra*” o informante praticamente afirma que estes homens são “no fundo” homossexuais “enrustidos”, o que é fácil de perceber se levarmos em conta numerosos momentos do restante da entrevista, que aqui não reproduzo para não alongar em demasia as citações. A associação direta entre definir-se e parar de fingir reforça duas coisas que venho afirmando: a indefinição é percebida como falsidade, especialmente quando ligada à ambigüidade, e o indivíduo indefinido é em princípio um perigo para a sociedade. Comentário importante acerca da afirmação acima, posto que afastado de nosso foco de interesses, diz respeito ao papel da mulher frente ao avanço da epidemia feminina, que nesta afirmação é um papel passivo, elas devem esperar que os homens se definam, não está em suas mãos o poder de deter o avanço da epidemia que se verifica entre elas próprias.

Por caminho inverso, ao criticar a indefinição e a ambigüidade como sendo perigosas, se reforça a noção de que o definido é melhor, e o definido masculino e heterossexual melhor ainda, pois é ao fugirem do masculino, ao recusarem a definição da masculinidade heterossexual hegemônica que estes homens se tornam frágeis e perigosos: “[ . . . ] o padrão tradicional da masculinidade não admite incertezas; sustentar uma dúvida significa pôr em questão a orientação heterossexual masculina” (GIFFIN; CAVALCANTI, 1999, p. 55). O atributo da virilidade, conforme discutido por Connell (1995a, 1995b, 1997), muito presente no discurso tecnológico, científico e especialmente no discurso liberal da globalização, que acentua a idéia de concorrência, termina por forçar a conclusão de que o indefinido, o não viril, é o fracassado, e o fracassado pode ser um homem perigoso à sociedade.

Na luta da política das identidades, a indefinição pode ser utilizada como uma categoria de acusação de outros grupos sobre a masculinidade bissexual, como estratégia de forçar um realinhamento para dentro de outros campos de pertencimento, conforme já tratado em seção anterior. Na hora de acusar os homens bissexuais de serem no fundo homossexuais, cruzam-se duas lógicas de interesse: aquela da homossexualidade de ampliar o leque de suas fronteiras, e aquela da masculinidade hegemônica de afastar de perto de si aqueles indivíduos que podem contribuir para borrar suas fronteiras ou para pluralizar o conceito de masculinidade.

O imperativo de que uma definição é necessária aos homens bissexuais unifica pessoas e instituições bastante diversas. Verificamos acima o depoimento de um médico. Ao longo da pesquisa foi possível coletar pequenos artigos de jornal onde mulheres, psicólogos e profissionais diversos da área da saúde solicitavam aos homens bissexuais que se definissem; matérias em jornais de igrejas evangélicas dando conta de homens que haviam se definido, e agora eram mais felizes. Nas entrevistas feitas com ativistas do movimento homossexual, ou com indivíduos escolhidos ao acaso, tanto homens quanto mulheres, apareceu muitas vezes uma posição aparentemente contraditória. O entrevistado reconhecia a existência de homens bissexuais, mas cobrava uma definição, em termos da polaridade existente: ou heterossexual, ou homossexual. Sobretudo, chamou-me a atenção à posição de Luciana, travesti, 24 anos, segundo grau completo, funcionária de uma empresa de vendas, no momento da entrevista dividindo uma casa com diversos ativistas homossexuais em Porto Alegre. Após discorrer longamente sobre sua situação pessoal, enfatizando que não utilizava hormônios como outras travestis, não pretendia fazer cirurgia para “*virar mulher*”, sentia-se bem com seu corpo de mulher com um pênis, após narrar muitas situações passadas com os clientes que atendia na pros-



tituição, alguns lhe exigindo um papel ativo, outros um papel passivo, referiu-se da seguinte forma a um dos moradores da casa:

*Eu não gosto das liberdades que esses gurus tomam aqui dentro de casa. Esse namoradinho do Sérgio fica horas no telefone, falando com a namorada dele. E depois vai passar a noite com o Sérgio, transando. Esses dias eu queria usar o telefone, tive que ficar esperando enquanto 'bofe' falava com a namorada, dizendo um monte de gracinhas. E depois foi tomar banho com o Sérgio, juntos! Porque esses gurus não se definem? Porque ele não assume logo que é viado? (Diário de Campo, 03/08/1997)*

Nestas e em outras declarações já apresentadas em seções anteriores um dos argumentos fortes que sustentam a idéia de indefinição é aquele de que o indivíduo não assume seu posto nas oposições binárias que estruturam a relação masculino / feminino. Para o pensamento do senso comum, sendo heterossexual, ele “naturalmente” seria ativo. Sendo homossexual, ele “naturalmente” seria passivo. Sendo bissexual, ele pode ser ativo e passivo. Sendo heterossexual, ele não é homossexual. Sendo bissexual, ele é também homossexual, pelo menos o é quando está tendo relações sexuais com alguém do mesmo sexo. Outras oposições binárias, tais como “em cima / em baixo”, e “na frente / atrás”, ficam confusas ao se falar da masculinidade bissexual. Esta ambigüidade, na perspectiva das autoridades de saúde, não é boa, pois não permite previsibilidade de ações, dificultando, portanto as estratégias de controle em saúde pública.

Reside aí um dos “problemas” de uma identidade de gênero bissexual, pois parece que todas as demais identidades se definem em termos bipolares, termos esses que são mutuamente excludentes: homem e mulher, heterossexual e homossexual, gay e lésbica, travesti e transgênero, branco e negro, etc. O que existe de um lado é visto como a negação do que existe no outro lado. Esta forma de construir identidades não ajuda a entender o que se entende por masculinidade bissexual, ou a faz perceber como um estágio buscando definição, migrando de um ponto a outro. Também não podemos desconsiderar o fato de que uma parte das críticas e condenações pode ser resultante do impacto que produz no outro o envolvimento com um indivíduo que aparece como indefinido. A indefinição de um pode gerar situações de indefinição nos outros, em particular nos possíveis parceiros.

Modifica-se um pouco a situação quando pensada em termos de oposições graduais, ou em termos de uma gradação: frio – morno – quente. De toda forma, o termo que fica no meio, no caso, morno, não é visto como desfrutando do mesmo status do que aqueles postos nos

extremos. Mesmo a Bíblia, numa famosa passagem, afirma que deverás ser frio ou quente, e não morno. Se fizermos isso com as categorias da diversidade sexual disponível, poderíamos ter heterossexual – bissexual – homossexual, ao modo da escala Kinsey. Nesta forma de ver as coisas, o bissexual pode ser pensado como sendo uma mistura de heterossexual com homossexual, assim como o morno pode ser pensado como mistura de frio e calor, em partes proporcionais. Expressões como gilete, que corta para os dois lados; sei jogar com os dois pés, ou sei escrever com as duas mãos, utilizadas em alguns momentos pelos informantes, indicam essa modalidade de posicionar-se “entre” duas identidades reconhecidas e, aparentemente, sólidas. Pensada desta forma, não havendo um termo oposto único e preciso para a identidade bissexual, ela torna-se algo como uma solução de compromisso, um acordo entre duas identidades sólidas, que o indivíduo administra de forma em geral precária, um “arranjo” entre duas modalidades fortes de orientação sexual, e desta forma parece ter sempre um valor menor do que as outras duas, delas sempre dependente, num regime eterno de negociação de significados com a homossexualidade e a heterossexualidade.

Outro modo de lidar com a suposta indefinição é aquele de nomeá-la como a posição mais confortável, uma vez que permite o desfrute de vantagens para os dois lados (supondo-se que nesta questão existam apenas dois lados). Conforme comentado anteriormente, Garber (1997) discute longamente esta posição, que assegura aos indivíduos bissexuais os “privilégios da heterossexualidade”, bem como, por vezes, alguns “privilégios” da homossexualidade, como acesso a locais GLS que facilitam seus encontros. Numa outra perspectiva, a suposta indefinição da bissexualidade pode ser vista como atributo de “modernos”:

A primeira matéria do GLS Planet sobre bissexualidade acendeu polêmicas. Pelo que mostrou a nossa pesquisa, a maioria é, ou pelo menos se diz bissexual. Parece que é mais confortável ficar ‘em cima do muro’. Para os que responderam a nossa pesquisa, está tudo muito bom, tudo muito bem, todos são liberais, abertos, modernos... mas, será que na prática é assim mesmo? Nos relacionamentos, na vida cotidiana, a observação das próprias relações e uma auto-avaliação séria são necessárias para se saber os verdadeiros desejos.

([www.glsplanet.com.br/news2/arquivos/inews.htm](http://www.glsplanet.com.br/news2/arquivos/inews.htm), acesso em 9 de setembro de 2002)

O regime de indefinição pode ser aceitável se vinculado a uma fase da vida, e desde que esta fase seja àquela dos primeiros anos de vivência da sexualidade. Esta é uma forma de conjugar as noções de indefinição e fase transitória, e desta forma ela torna-se aceitável. Vista pelo ângulo oposto, a indefinição é incompatível com uma vida sexual e afetiva madura. Em artigo publicado pela revista eletrônica GLS Planet, intitulado “Bissexualidade: será a terceira

via?”, seguido do subtítulo “A bissexualidade está na moda ou o mundo evolui para a não distinção?” está presente essa modalidade de explicação:

[ . . . ] A crença geral é de que o bi é uma pessoa indefinida, que ainda não achou sua identidade sexual. ‘É curiosidade de experimentar o novo. Normalmente os bis são os novinhos, depois se definem’, diz Pandora, promoter da night carioca. [ . . . ] Diana, por exemplo, é bissexual ‘agora’, mas acha que é mesmo uma ‘fase’. ‘Todo mundo tem a natureza para os dois lados. É comum se manifestar numa época da vida à vontade de conhecer os dois. É mais fácil a pessoa concretizar os desejos na fase em que ninguém está te cobrando uma definição. Depois de uma certa idade, todo mundo, independente da orientação sexual, procura uma pessoa para dividir a vida, as coisas, pra envelhecer junto’, diz a designer carioca. E quando chega essa fase? Como vão agir os bissexuais? Talvez essa seja a pergunta-chave da questão: ‘com quem eu quero envelhecer junto?’ Na hora de escolher uma pessoa, para quem o coração vai bater mais forte?  
([www.glsplanet.com.br/news2/arquivos/inews.htm](http://www.glsplanet.com.br/news2/arquivos/inews.htm), acesso em 9 de setembro de 2002)

O que é nomeado como indefinição pode ser tomado por outros como uma situação bastante “definida”. Que um homem seja casado com uma mulher e ao mesmo tempo mantenha relações sexuais com outros homens pode ser visto como algo bom, positivo e de forma alguma como uma indefinição. É o que se verifica entre aqueles homens homossexuais que se associaram à Rede Bis-Brasil com o claro objetivo de conhecer homens casados para com eles manterem relações sexuais. São por vezes homens homossexuais que descartam qualquer possibilidade de se relacionar com “bichas”, afeminados ou gays, e não freqüentam os lugares da “comunidade homossexual”, fazendo inclusive uma crítica severa a muitos aspectos da cultura gay. Encontramos também aqueles que afirmam claramente que gostam de se relacionar com homens casados, de anel no dedo, ou homens casados mais velhos, chegando mesmo a afirmar que sua maior vontade é serem “*o outro na vida de um homem casado*”. E nesta condição há tanto os que se declaram ativos quanto passivos no ato sexual:

*Respondi em parte o questionário, e agora quero fazer algumas colocações. Não sou bissexual e sim homossexual, viril e somente ativo, daí que só transo com homens desde que não sejam afeminados e desmunhecados. Com mulheres transei há muitos anos passados. Depois perdi o interesse. A minha preferência é por homens casados que queiram ser passivos. Sendo assim fica a teu critério para a minha inclusão na rede que estás formando de bissexuais. Grato pela atenção.*

*Eu não acho que os homens bissexuais sejam indefinidos. Eu adoro transar com homem casado. Não tem essa bichice toda dos gays. Até o cheiro deles eu gosto, não são aqueles perfumes das bichas, eles usam perfume de homem mesmo. E eu gosto mesmo quando o cara tem aliança no dedo, é casado mesmo, e me pega como se estivesse pegando a mulher dele. Eu não sei de onde tiram essa idéia de que eles são indefinidos. Os caras que eu transo são super definidos, super ativos, gostam de transar comigo e com a esposa deles, são homens o tempo todo, e pronto. Isso de dizer que são indefinidos é*

*conversa de viado, que está sempre achando que os outros não são bem homens.*

Não deixa de ser interessante pontuar que o informante da primeira citação em parte “delega” a outro (no caso, aos organizadores da Rede Bis-Brasil), sua nomeação como bissexual ou não, o que não deixa de ser um indicador de indefinição. A origem do suposto estado de indefinição encontra numerosas possibilidades de explicação entre os homens informantes. As mais comuns são aquelas de atribuir à influência de pai e mãe, que teriam sido igualmente objeto de desejo sexual e de intensa troca erótica na infância e na adolescência; de atribuir a um primeiro relacionamento sexual com homens, que deixou saudades, a origem desse desejo, que depois fica sempre querendo ser reativado, e este relacionamento em geral se localiza na infância, ou seja, foi algo mais importante do que o tradicional “troca-troca” entre rapazes; ao fato de ter sido estuprado ou objeto de assédio sexual por um tio ou outro parente mais velho durante um período da infância, e tendo essa relação por vezes se prolongado para dentro da adolescência; ou porque a primeira experiência com mulher – ou a experiência mesma do casamento – foi especialmente traumática, obrigando o sujeito a refugiar-se nas relações com outros homens, nesta perspectiva vistas como “relações entre iguais”, por vezes após a separação com a mulher, por vezes de forma concomitante com a manutenção da relação com a mulher, configurando uma situação nomeada em geral como de “vida dupla”. Todas estas narrativas dos informantes indicam a necessidade de dar uma explicação para seu desejo, por vezes ordenando os acontecimentos da vida em função de um suposto ato fundante. Confirmando a regra de que a masculinidade é resultante de um processo de vigilância duramente construído, e que qualquer “deslize” pode comprometer, temos os relatos do tipo “*provei disso e gostei*”, em que se narra uma primeira situação de atração sexual por homens que deveria ter sido barrada, mas o indivíduo deixou que prosseguisse, e, depois de “provado” o gosto daquilo, ficou “viciado”:

*Meu nome é Igor. Tenho 24 anos e há três anos sou noivo, 1,65 de altura, porte médio, nem muito gordo nem muito magro. Vou começar contando como começou esse meu sentimento bi, desde pequeno eu tinha formas de mocinha e às vezes até me confundiam como menina, era um pouco gordinho, seios meio grandes até hoje. Com meus 16 anos, eu tinha um amigo com o qual participava de encontros e bailes, num desses, após o baile, eu fui dormir na casa dele e na mesma cama, nós nos beijamos e nos acariciamos, como éramos um pouco inexperientes, ficamos apenas nisso. Mas um ano depois estávamos no mesmo quarto, só em camas separadas, de repente me deu aquela vontade e coragem, fui até a sua cama e comecei a acariciar seu pênis, nos beijamos e acabamos tirando a roupa, depois sentei no seu pênis e comecei o sobe desce até ele gozar. Após foi a minha vez, só que aí eu mudei a posição e coloquei ele de quatro, nunca mais esqueci. Fico sempre pensando que gostaria de poder viver outras experiências com homens, pois às vezes bate aquela von-*

*tade. Bom, contei a minha experiência e gostaria que vocês me ligassem ou escrevessem para mim com a maior discrição, estou confuso e quero saber o que é isso.*

O estado de indefinição pode às vezes ser nomeado como um estado de confusão, decorrente do fato que a administração de uma relação que envolve pelo menos dois parceiros é uma empreitada difícil. Essa dificuldade de aceitação e o sentimento de culpa por gostar de homens podem estar potencializados pela quase ausência de uma reflexão sobre a vida íntima. Isto decorre em parte pelo regime de anonimato dos encontros com outros homens, que não propiciam momentos de conversa. Conforme anteriormente discutido, esta foi uma das chaves do sucesso da Rede Bis-Brasil em obter associados, o que aparece de maneira explícita em numerosas cartas:

*Oi! Meu nome é Vitor Hugo, tenho 22 anos, sou negro, moro com minha família e namoro há um ano e meio e amo minha namorada. Fiquei sabendo sobre a Rede Bis-Brasil através da revista Caros Amigos de maio 97. Vim descobrir que eu gostava de transar com homem através de um amigo, nós sempre pegávamos vídeos pornôis para assistir e um dia ele veio com umas brincadeiras estranhas de ficar passando a mão em mim, depois disse que tinha vontade de dar para mim. No começo fiquei me sentindo culpado toda vez que comia ele, parece que eu estava pecando, fazendo algo criminoso. Eu gosto da minha namorada, tenho muitos amigos, estou fazendo cursinho pré-vestibular, vou prestar para Direito agora em julho. Gostaria de conhecer alguém com quem possa conversar fora da minha cidade para falar sobre esses desejos que eu tenho, quero tentar entender, pois tem hora que penso que vou ficar louco, com quem eu vou falar? Eu não posso chegar em um amigo e dizer 'olha, eu também tenho desejo de transar com homem', vou ganhar um belo soco na cara. Sou filho único, meus pais faleceram quando eu estava com 7 anos em um acidente de carro, sempre morei com uma avó e uma tia, fico pensando na decepção delas, tenho muitos primos, o que vão dizer? Por favor, vou ficar aguardando uma resposta, alguém que pelo menos esteja passando pelos mesmos problemas, que possa trocar informação e me ajudar a superar isto. Pois não conheço ninguém com quem possa falar, tenho medo de que as pessoas pensem que pelo simples fato de eu estar falando sobre mim, eu quero transar com elas. OBS.: já experimentei me afastar do meu amigo com quem eu transava achando que cortando o contato com ele isso passaria, mas não adiantou.*

A narrativa acima explicita alguns motivos que levam a situações de confusão e sofrimento, presentes também em outros depoimentos. Um deles é a ausência de pares para discutir, conversar, trocar impressões sobre a situação que está sendo vivida. A angústia de falar para alguém e ser denunciado, ou mesmo tratado com violência, presente na expressão “vou ganhar um belo soco na cara” é recorrente em muitos informantes, e a opção por trocar cartas com desconhecidos aparece como solução viável e segura, e isso explica também o sucesso da rede, ao promover “encontros” através de cartas e boletins, onde é sempre possível refugiar-se atrás de um pseudônimo e de uma caixa postal. Uma das possíveis soluções para este problema da falta de pares é a constituição de uma cultura, com locais de encontro, onde existe a

segurança de que todos compartilham do mesmo desejo. Conforme já foi possível verificar, a masculinidade bissexual não desfruta, pelo menos no Brasil, de uma tal estrutura. Outro ponto importante e gerador de angústia na carta acima é o medo de “decepcionar” parentes, amigos e conhecidos. Este medo só pode existir se o indivíduo pretende algum dia contar para os familiares, ou se tem medo de ser descoberto. Na carta acima, o problema de ser descoberto não está discutido, mas parece existir um desejo de vir a compartilhar esta informação com parentes, e o medo de que isso ocasione decepção, perda de estima por parte dos entes queridos. Tal modalidade de sofrimento se repetiu de modo um tanto diferenciado em outros informantes, na forma de uma culpa por não compartilhar esta situação com as pessoas mais próximas. Isto lembra o que Goffman (1982) fala sobre a angústia de administrar a relação com pessoas íntimas quando o indivíduo mantém segredo sobre parte importante de sua vida. Esta angústia parece acentuar-se, gerando mais confusão e sofrimento, quando se percebe que o indivíduo gostaria de dialogar com algumas das pessoas próximas sobre sua situação e seus desejos. É o que aparece na carta abaixo, de um informante que manteve intensa correspondência no âmbito da Rede Bis-Brasil, e manifestou com ênfase seu desejo de manter relações com mulheres para quem pudesse falar de sua preferência por homens também:

*Meu nome é Flávio, sou bissexual e sofro muito por isto, pois na realidade eu adoro mulheres, mas gosto de uma sacanagem com homem. Só o homossexualismo não me completa. Já tentei e não fui feliz desta forma. Sou economista e tenho condição financeira boa. Acho-me uma pessoa legal, mas como vim ao mundo para ser feliz não quero sair por aí namorando mulheres que são caretas, para depois me sentir sacaneando elas. Sei que muitas pessoas fazem isto, mas não acho justo! Gostaria de sua ajuda no intuito de me informar aonde posso encontrar mulheres que pensam como eu, ou seja, você ama as pessoas e não ao sexo delas. Eu juro que penso assim e às vezes sofro por isto. Sou um cara super discreto que gosto do bissexualismo e acredito nesta forma de vida. Não estou querendo traír ninguém, quero sim uma pessoa que pense como eu. Será que vou encontrar? Quero ter meus filhos e quero educá-los desta forma, sem preconceito, não quero ficar escondendo e nem fingindo. [ . . . ] Fico irritado com a discriminação. Eu acredito piamente que a gente nasce assim, e não se torna assim. Eu mesmo queria ser uma pessoa careta, para a sociedade um normal, mas já nasci diferente!!! Aguardo ansioso seu contato com mais informações. Um grande abraço, e se puder enviar endereços de outras organizações bissexuais, principalmente no Rio de Janeiro, eu agradeceria.*

Em toda a intensa correspondência mantida com este informante, ficou evidente que ele não se considerava culpado, em momento algum, por sua masculinidade bissexual, e ancorava isso na afirmação categórica, repetida muitas vezes, de que havia simplesmente “nascido” assim. Por outro lado, o fator de angústia se gerava por seu desejo insistente em encontrar pessoas, em especial uma companheira, com quem pudesse dialogar acerca disso, de forma a manter-se coerente com sua necessidade de honestidade pessoal. Esta situação é diametralmente oposta àquela de outros informantes, que manifestaram uma aceitação aparentemente

tranqüila da situação de sigilo a que estavam submetidos, e para os quais a possibilidade de contar para a esposa ou companheira não se colocava. É o que se verifica em outro informante, casado, que também manteve intensa correspondência no âmbito da Rede Bis-Brasil, manifestando-se por diversas vezes contra a inclusão de mulheres na rede, e relatando uma situação aparentemente tranqüila e bem refletida sobre o porquê de não dialogar com a esposa sobre essas suas práticas com outros homens:

*Mais uma vez é um prazer responder as cartas de vocês, eu estarei sempre aberto para responder a qualquer tipo de perguntas. [ . . . ] Desde o início eu achei ótima a idéia de vocês de montar uma rede de contato entre os homens que gostam de histórias com outros homens. Mas a idéia de colocar mulheres nesse meio eu não concordo. Essa é a minha opinião. Minha companheira não sabe nada das minhas fantasias sexuais, tenho certeza que ela não entenderia. [ . . . ] O que eu gosto de fazer com outros homens é algo que só diz respeito a mim e aos companheiros. Tem homens em nossa rede que gostam de transar com casais, a mulher participando, mas eu gosto de transar separadamente, eu procuro uma única pessoa, um outro homem, para juntos nos completar. Não sou a favor de orgias e sexo em grupo, curto um arreto com outro macho. [ . . . ] Já contei a vocês que a minha maior fantasia sexual é transar com um militar bem machão e bem peludo, principalmente para a prática do sexo oral. Por que motivos eu contaria isso a minha mulher?*

Este informante manifestou sempre a concepção de que a Rede Bis-Brasil se montasse à semelhança de um “*clube do Bolinha*”, para que os homens que são casados e gostam de manter relações sexuais com outros homens pudessem dialogar, encontrar parceiros, trocar idéias, ter alguma visibilidade, e especialmente relatar suas transas e fantasias sexuais. Muitos informantes pediram, com insistência, que os demais relatassem suas histórias sexuais mais interessantes, e o uso de uma linguagem forte e carregada de expressões e termos chulos revela também que se tratava de homens escrevendo para outros homens, no âmbito de um clube fechado. Aliás, a palavra clube foi utilizada muitas vezes por estes homens, extrapolando a idéia de rede, e insistindo num certo “fechamento” das fronteiras aos ingressantes. Esta idéia de clube restrito se contrapõe, de vários modos, à noção de rede aberta, que foi impulsionada por outros informantes e por mim mesmo como autor da proposta de intervenção. Alguns informantes expressaram claramente o desejo de que a rede, funcionando como clube, fosse um local de “*menor confusão*”, como referido na carta de um informante. Esta situação de “*menor confusão*” foi associada pelo informante à idéia de que no clube estariam apenas homens que “*sabem o que querem*”, enquanto que em sua vida cotidiana ele cruzava com homens e mulheres sobre os quais não tinha segurança da aceitação de seu desejo. De forma aproximada, a rede era também, na visão de outros informantes, um local onde poderiam trocar idéias e aconselhar-se, diminuindo o estado de confusão, fazendo dessa troca de cartas quase uma terapia. Esse desejo foi manifestado de forma otimista, por um informante que estava iniciando

sua vida sexual e afetiva, e de forma mais angustiada, por outro informante que relatou um histórico de sofrimento:

*Oi, meu pseudônimo é Robin, tenho 21 anos, e gostei muito da reportagem apresentada na revista Caros Amigos. Achei muito interessante a reportagem, pois sou do “meio”, e, como a maioria das pessoas que vivem essa situação e procuram seu espaço na sociedade, sofro as discriminações, e muitas vezes chego a ficar desorientado e confuso em pensar como realmente posso lidar com isso em mim e com as pessoas com quem convivo. Apesar de jovem, sempre identifiquei essas características em mim. Não sei se seria uma homossexualidade verdadeira ou uma bissexualidade prematura. Para isso tenho feito acompanhamento psicológico, e espero progredir como pessoa humana para a certeza e aceitação da minha personalidade, vencendo esses tabus inseridos nela através da formação humana que tive. E confesso que este artigo foi muito esclarecedor. Até achei meio “divino” ou proposital tê-lo achado em meio a algumas revistas velhas. Mas, a intenção pela qual escrevi é, justamente, saber mais informações sobre como funciona essa “ajuda”, ou informação, prestada por vocês as pessoas que vivem essa situação e buscam esse espaço em si e na sociedade. O que fazem na prevenção da aids e de muitas outras conseqüências advindas de relações afetivo-sexuais entre homens e mulheres, neste caso, do bissexual. Espero ter sido claro. Gostaria muito de receber a resposta de vocês.*

*Tendo lido seu anúncio em Zero Hora deste mesmo dia, resolvi escrever-lhes justamente porque a proposta pareceu-me muito interessante. Dada nossa natureza parecida acho que posso, seguramente, confiar-lhes meus anseios. [ . . . ] Só concebo uma relação se o amor for o objetivo principal – ou, quem nos dera! – a firme argamassa dessa união. É evidente que programas não me interessam. Se vou conhecer alguém, é para tentar amar e não satisfazer só os sentidos. Está fazendo um ano, agora, que saí de casa por três meses, procurando o meu caminho. Há mais tempo desfilo por consultórios de psiquiatras, psicólogos e – veja só – religiosos ou filósofos alternativos. Também está fazendo um ano que tentei o suicídio (quando estava fora de casa) ingerindo um monte de comprimidos. Foi uma palhaçada, porque assim que engoli os comprimidos liguei para todo mundo avisando. Assim, continuo aqui. [ . . . ] O que é que eu pretendo? Não sei exatamente. Eu gostaria de amar alguém realmente – e sinto que tenho uma grande capacidade de amar. Mas nos meses em que estive fora de casa, encontrei homens que só queriam sexo com um cara simpático [ . . . ] Não posso mais viver em cima do muro, aparentando uma coisa e sendo outra. [ . . . ] quero definir de uma vez quem eu sou: uma coisa ou outra. As duas não dá para ser (embora eu tenha encontrado gente que convive muito bem com sua bissexualidade: conheci um que estava na segunda mulher, tinha onze filhos e já era avô com 48 anos!). [ . . . ] Não quero ter uma vida dupla, fugidia. [ . . . ] Em resumo, o que eu espero deste nosso contato? Ajuda para conhecer pessoas, digamos, do mesmo time, com as mesmas inclinações. Dignos, entretanto, com classe. É possível algo assim? Sem vulgaridades? Com sinceridade? Como disse, quero conhecer pessoas, saber o que pensam e como convivem com sua condição. Quero conversar com gente que me entenda antes de tudo, sem julgamento e sem preconceitos. Quero ter amigos. Como eu. [ . . . ] Minha experiência é praticamente nenhuma. Preciso da ajuda de alguém, preciso de amizade e de carinho. Estou confiante que possa encontrar, com vocês, um caminho. [ . . . ] É a primeira vez que vejo um anúncio como esse no jornal. Talvez não esteja irremediavelmente sozinho como pensava. Aguardo, ansioso, um retorno. Abraços.*

Na segunda citação o informante dirige-se aos organizadores da Rede Bis-Brasil com a expressão “*dada nossa natureza parecida*”, claramente buscando um amigo ou o reconhecimento de uma identidade coletiva. O “*desfile*” por consultórios pode ser tomado como uma



tentativa de ultrapassar o “estágio” de indecisão, que não trouxe o resultado esperado. O relato deste segundo informante levanta ainda um problema encontrado também em outras cartas, que é aquele dos homens que pretendem manter uma relação de amor com outro homem, e não apenas uma relação sexual. Para parte dos associados da rede, a situação parecia resolver-se numa equação simples: as relações com mulheres são o lugar do tesão, do amor, da paixão, da vida a dois, da constituição de família e da companhia na velhice; e as relações com homens são o lugar do tesão, do sexo, do encontro fugaz. Entretanto, nem todos manifestaram satisfação com esta equação, e muitos insistiram, como é o caso do segundo informante acima, na possibilidade de encontrar um companheiro para manter com ele uma relação fixa, de amante, envolvendo também aceitação, companheirismo, troca afetiva e sexual. Nas duas cartas, o pedido de ajuda é explícito, embora mais angustiado na segunda correspondência, o que só vem a reforçar aquilo que já afirmei em outras ocasiões: um dos fatores do sucesso da iniciativa da Rede Bis-Brasil foi justamente ir ao encontro dessa demanda por troca de informações e aconselhamento, constituindo-se num espaço que poderia “organizar” estas identidades de uma forma coletiva, o que corresponde ao quarto estágio de Weeks (1999) já discutido em seção anterior.

A percepção da masculinidade bissexual como masculinidade degradada, indefinida, situando um grupo de homens eventualmente fracassado, é bastante próxima do discurso viti-mário, aquele que transforma o homem em vítima da tirania dos papéis, conforme Oliveira (1998). Na lógica desse discurso, estes homens sofreriam pela tensão originada entre seu desejo mais íntimo e verdadeiro – aquele de manter relações sexuais e afetivas com homens e mulheres – e o papel de macho, que lhes exigiria uma definição exclusiva pela relação com mulheres. De toda forma, a atribuição da culpa pela situação pode variar. Para alguns, a culpa é claramente do “sistema” ou da “sociedade”, que lhes impõem um modelo de viver a masculinidade que é em geral nomeado de hipócrita. Para outros, a culpa da situação está em si mesmos, pois a atração por homens foi resultado de um mau passo, de terem cedido a uma tentação, de se revelarem fracos frente a determinados desafios da masculinidade. Aceita esta segunda alternativa de explicação, os caminhos a seguir podem ser o esforço em caminhar para uma “definição”, o que pode envolver terapia; afastamento de determinadas pessoas e ambientes; casamento, filhos e constituição de família; ou pode ser a decisão de manter esta parte da vida íntima em sigilo, o que é, em nossa amostra, o caso da maioria dos informantes, daí serem recorrentes afirmações do tipo “*minha vida só a mim interessa*”, “*não aceito que a*

*sociedade queira se intrometer em minha vida íntima*”, “*o que faço na cama só interessa a mim e ao outro homem*”, etc.

Embora de maneira minoritária na amostra, há informantes que relatam encontros com garotos de programas, em geral chamados de michês. Estes garotos podem ser recrutados nos tradicionais locais públicos de prostituição masculina das cidades (uma determinada avenida, um certo local de uma praça, as proximidades de algum bar ou boate), e quando nesta situação são comuns os relatos dos informantes dando conta das delicadas manobras para efetuar a aproximação sem que sejam reconhecidos por outras pessoas que eventualmente por ali circulam. Mas também há relatos de homens que buscam garotos de programa em locais reservados, de típica frequência homossexual, como são as saunas e casas de massagem. Um primeiro fator de angústia entre estes homens é o medo de serem confundidos com homossexuais, presente em numerosos relatos, e que por vezes leva a indagação “*será que eu não sou homossexual?*”. Alguns outros relatos dão conta de que, especialmente nas abordagens na rua e em locais públicos, muitas vezes são os garotos que se aproximam deles, que tomam a iniciativa de propor algum programa. Isto é percebido por alguns informantes como um claro sinal de que sua masculinidade é insegura, frágil, e que essa característica é perceptível pelos outros, especialmente pelos rapazes de programa. Cruzam-se aqui duas lógicas: a dos garotos de programa, com certeza já acostumados a identificar um possível cliente no meio da multidão de um shopping, numa praça ou na rua; e o fato de que, ao buscar um programa, o possível cliente circula em locais demarcados para esse tipo de abordagem, o que facilita sua identificação.

Numerosos relatos dão conta da circulação, entre os garotos de programa, de um conjunto de representações acerca desses homens casados que opera com a idéia de serem homens degradados, tendentes a buscar nos garotos a realização de fantasias sujas ou absurdas, impossíveis de serem feitas com suas esposas ou mesmo com algum amante homem. Esta versão de desejo é bastante divulgada, estando presentes em filmes – é o caso de *Garotos de Programa* (My Own Private Idaho, direção de Gus Van Sant, EUA, 1991), e em depoimentos de michês (PERLONGHER, 1987). Uma abordagem literária do pensamento de um garoto de programa acerca de homens casados mais velhos que buscam envolvimento com rapazes mais jovens está feita em um conto de Gore Vidal (1986). Narram-se ali as manobras de aproximação de um rapaz aos homens mais velhos numa estação de veraneio, bem como suas opiniões, e aquelas dos próprios homens mais velhos, a respeito das possibilidades de envolvimento

afetivo, amoroso e sexual entre eles. O rapaz, chamado Michael, narra sua estratégia e opiniões:

Cheguei a Key West há poucos dias, com dinheiro suficiente para passar uma semana. Raramente preciso mais de uma semana, embora dessa vez eu tenha procedido mais devagar que de costume, prestando maior atenção a pormenores, não tomando conhecimento dos jovens, concentrando-me nos homens mais velhos, aqueles com corpos flácidos e dentes ruins. Olhando para esses homens, conversando com eles, acho difícil acreditar que em outros tempos tenham feito fortuna, criado famílias e, no mais das vezes, realizado ações nobres, pois conosco não têm vergonha nem virtude. Já me ocorreu, naturalmente, que possam ser sensatos e mesmo assim não se importar, e há ainda a possibilidade de que gostem de sua própria degradação; se isto for verdade, eu os deploro, e o jogo é mais sinistro do que se poderia supor à primeira vista. (VIDAL, 1986, p. 13)

As estratégias de aproximação, especialmente detalhes dos diálogos, são mapeados por Michael, e nos fornecem um conjunto de aprendizados, que permite, na aparência de uma conversa “normal”, seguir uma outra conversação, que trata do possível encontro:

[ . . . ] a voz dele era agradável, mas continha uma sugestão, ah... apenas uma levíssima sugestão, de outra coisa. [ . . . ] Disse-me que se chamava George Royal, e insistiu, depressa demais, em que eu o chamasse de George. [ . . . ] conversamos sobre a brancura de minha pele, até que finalmente ele me perguntou se eu tinha sido atleta (aquela pergunta tradicional, a um só tempo sôfrega e depravada), e é claro que respondi que sim. (VIDAL, 1986, p. 14)

As relações de homens casados com garotos de programa e também com homossexuais forneceram o pano de fundo para a acusação de que estes homens foram os responsáveis pela transmissão da aids às mulheres. Em toda a amostra de homens da Rede Bis-Brasil foi possível encontrar apenas um caso em que esta teoria se confirma. A complicada operação de identificação e aproximação com um rapaz, cercada dos cuidados de sigilo e discrição implicaram num aumento da vulnerabilidade à aids, no caso que está narrado no diário de campo mantido ainda quando da pesquisa de mestrado, sobre grupos de mútua ajuda para soropositivos, de um informante que posteriormente ingressou na rede:

Hoje ingressou uma moça no grupo e, como de praxe, os demais perguntaram a ela como havia se infectado. Ela, sem problemas, narrou que tinha um namorado que era usuário de drogas injetáveis, e que foi através dele que se infectou. De imediato, as outras duas mulheres do grupo se puseram a falar dos homens que infectam mulheres. Foi então que Ronaldo, que está no grupo há cerca de seis meses, sempre bastante quieto, se dispôs a falar e revelou algumas coisas a seu respeito que até o momento ninguém sabia. Disse que era um homem bissexual, com estas palavras: ‘agora não tenho medo de dizer, aqui no grupo, que gosto de homem e de mulher. Aqui tem o Maurício, tem o Júnior, tem o Pedro, que são homossexuais e falam abertamente a respeito disso. Eu vejo que não preciso ter vergonha de assumir isso, até na IstoÉ saiu uma matéria falando de como tem homens que são bissexuais’. A

seguir relatou que havia se infectado em encontros com garotos de programa. Segundo ele, eram muitas as manobras necessárias para encontrar-se com um garoto – sair mais cedo do serviço com uma desculpa qualquer, numa noite em que a mulher estava dando aulas, buscar um garoto na Av. José Bonifácio ou em outro local, levar a um local longe, depois largar o garoto em algum ponto discretamente, e ir para casa, tomar banho para tirar o cheiro da relação, antes da mulher chegar das aulas. Algumas vezes ele transou sem preservativo, e atribui isto ao fato de que, vencidos todos esses problemas, quando ele ficava a sós com o garoto e ia transar, lhe dava uma sensação de segurança, de alívio, de não haver mais perigo, e ele se entregava. Ronaldo tem 25 anos, trabalha desde os 18 em banco, é casado, tem uma filha com 6 anos. Sua mulher está infectada pelo HIV, mas nunca veio ao grupo. (Diário de Campo, 12/12/1996)

Conforme já afirmado acima, este foi o único caso na amostra em que o sujeito estava infectado pelo HIV, e infectou também a esposa, fazendo o papel clássico de “vetor” do HIV. Um estudo epidemiológico já resenhado em seção anterior, realizado no Rio de Janeiro, concluiu que: “Em relação à vulnerabilidade gerada pelos bissexuais em outros segmentos sociais, como as mulheres, por exemplo, os participantes do presente estudo não correspondem à propalada imagem de difusores do HIV para a população feminina” (LAGO, 1999, p. 104). Ao conversar, em momento posterior, com Ronaldo sobre a situação descrita acima, em especial sobre as dificuldades enfrentadas para concretizar seus encontros com os garotos de programa, verifiquei que o risco parece ser proporcional à fantasia da escassez. Ou seja, a vulnerabilidade do informante ao HIV aumentava na medida em que a relação homem / homem é apresentada como cercada de problemas, perigos, dificuldades, empecilhos. Ela é vivenciada como um bem escasso e raro. Quando finalmente ocorre, quando todos os preparativos dão resultado, e a situação se concretiza, o indivíduo nela investe tudo, e aquele é então o momento de entrega. Segundo o próprio informante, os verdadeiros perigos para ele eram o de ser descoberto, ser enganado pelo garoto de programa, ser assaltado enquanto transava dentro do carro, ser visto por alguém conhecido com o garoto. Ao entrar no quarto de motel, ele sentia um grande alívio, uma sensação de segurança, e o perigo da aids era esquecido, até porque, na escala de riscos que ele montou para si, ser descoberto representava um risco maior e muito mais presente do que o de se infectar pelo HIV. Essa situação toda lembra a discussão da cultura do gueto homossexual, descrito por Jurandir Freire Costa, a partir de observações de POLLAK e ARIÈS, como uma subcultura "formada por uma série de estratégias que visam à otimização e a maximização do prazer, no curto espaço e no pouco tempo que a vida clandestina permite. [ . . . ] No gueto, domina o ideal da 'mínima fala' e da inflação de gestos, sinais e atos, de modo a indicar com a máxima precisão onde está o desejo. Tudo se organiza para que o encontro sexual não passe pela palavra [ . . . ]" (COSTA, 1992, p. 96). A ausência de diálogo no momento da relação, enfatizada pela maioria dos informantes, permite supor que a vida

íntima não é objeto de reflexão com outros, o que pode trazer problemas para a vulnerabilidade à aids, entre outros.

Outro elemento que chama a atenção na situação acima descrita é o papel da reportagem da revista *Isto É*. Indagado sobre a palavra bissexual, Ronaldo respondeu que, até ler a revista, nunca havia usado este termo para se designar. Ao se reconhecer em uma determinada classificação, divulgada pela mídia, os indivíduos se acham e são achados, se identificam e são identificados, se reconhecem e são reconhecidos. Esta nomeação, promovida pela leitura da revista, associada ao fato de que no grupo de mútua ajuda Ronaldo convivia com numerosos homossexuais assumidos, parece ter levado à decisão de falar de sua preferência sexual utilizando o termo. Interpelado pelo discurso da mídia, o sujeito assume tal posição de sujeito, assume e constrói sua identidade como bissexual, com toda a provisoriedade que esse processo supõe.

A representação da masculinidade bissexual como sendo prática de risco para a infecção pelo HIV está confirmada em numerosos exemplos. A crônica “O vírus da moda”, em Novaes (1987), narra as preocupações de um homem recém descasado, que vê seus desejos de agora aproveitar intensamente a vida sexual barrados pela emergência da aids. Os perigos para desfrutar a nova vida são tantos, que o sujeito resolve retornar à vida anterior, retomando a relação monogâmica com a ex-mulher. Na primeira noite após o retorno, narra-se o seguinte diálogo:

[ . . . ] Na primeira noite, depois de uma bela transada, na hora do cigarro, a mulher disse-lhe que tinha algo a confessar.  
 — Nesses tempos que nós ficamos separados, Júlio, eu tive um cara...  
 Júlio bancou o superior:  
 — Não imaginei que você fosse fazer voto de castidade...  
 A mulher continuou:  
 — Eu gostei muito dele... muito mesmo.  
 Júlio continuou superior:  
 — Se gostou tanto, por que não se casaram?  
 — Bem, é que... eu descobri que ele era bissexual! (NOVAES, 1987, p 32)

No final desta cena, o marido passa a sentir náuseas, e tem certeza que está com aids, perigo que havia desejado evitar refugiando-se novamente no casamento. Sua certeza de ter aids vem do fato de que a mulher transou com um homem bissexual, o que se articula com outras informações passadas ao longo da crônica, falando de homossexuais e travestis como portadores do vírus. Fica evidente também que a mulher não permaneceu com o outro homem

por ser ele bissexual, o que está associado de forma quase direta a idéia de indecisão, de transitoriedade na posição identitária. Talvez ela imaginasse que seria uma relação onde não haveria fidelidade, motivo pelo qual havia separado do antigo marido. De toda forma, o binômio infidelidade e perigo da aids está presente na fala de muitas mulheres que recusam relações com homens bissexuais:

Você namoraria um bissexual? ‘Deus me livre!’ Foi assim que reagiu a atriz Isadora Ribeiro. ‘Não tenho preconceito nenhum com relação a pessoas bissexuais, sou a favor da liberdade de escolha sexual, mas morro de medo da aids. Imagina se eu pego uma doença porque o meu companheiro teve uma relação sexual com outro homem?’, diz. A verdade é que, felizmente, as pessoas estão se preocupando com as doenças sexualmente transmissíveis (DST) e este é o principal argumento contrário à aceitação de um relacionamento bissexual. (LIMA, 2002, p. 1, grifos do autor)

Na declaração da conhecida atriz está feita uma relação direta entre um homem ter uma relação sexual com outro homem e a infecção pelo HIV. Esta opinião foi manifestada em 2002, e é em tudo semelhante àquela que aparece na crônica de Novaes, de 1987, quando ainda estávamos no início da epidemia no Brasil. Nos dois materiais, crônica e declaração da atriz, está feita uma defesa da liberdade de escolha sexual, mas que não convive muito bem com modos de viver a masculinidade que não sejam estreitamente vinculados à masculinidade heterossexual. A culpa da aids fica claramente associada àqueles homens “*que não são bem homens*”.

A suposta ambigüidade de alguns homens encontra-se por vezes representada como radicada no corpo, conforme já abordado em seção anterior. Em geral, a noção que estrutura estas afirmações é aquela de que o sujeito é formado por quantidades de atributos com características masculinas e outras quantidades de atributos com características femininas, e isto está marcado em seu corpo, em verdade isso estrutura e constitui seu corpo. Portanto, pode ocorrer que o indivíduo se perceba como tendo “porções” do corpo que são femininas, e que atraem o olhar de outros homens. Mas também pode acontecer que porções masculinas atraiam os olhares de outros homens. Por vezes, é na infância que o indivíduo radica o início dessa construção, que cresce ao longo da vida, de que o corpo apresenta características femininas, que atraem os outros homens:

*Já faz algum tempo que vi o anúncio de vocês, só agora tomei coragem e resolvi escrever. Tenho 28 anos, sou engenheiro pós-graduado, 1,80 m, 70 kg, pratico natação há quatro anos, e atualmente faço musculação. Possuo uma ótima situação financeira, tenho um membro avantajado e uma bundinha redonda e branca. Não tenho pelos, nunca tive, nem barba, por vezes as mulheres acham até que eu me depi-*

*lo. Gostaria de me corresponder com vocês, conhecer melhor o clube, pois tenho vontade de ter encontros com homens. Quando eu era criança, um amigo do meu irmão vinha lá em casa, sempre me colocava no seu colo, ele lia histórias para mim, e eu sentia o membro dele, sempre duro, e eu gostava, e ele dizia de brincadeira que eu parecia uma menininha. As minhas tias também diziam que eu parecia uma menina, o cabelo era longo e encaracolado, e eu sempre gostei de me cuidar, tomar banho, usar perfume e passar creme. Várias namoradas que eu tive me disseram que eu tenho um corpo meio feminino, de pele macia e lisa, mas elas gostavam muito disso. Eu até já fui casado, mas separei. Aluguei uma caixa postal, me escrevam dizendo como posso participar, prometo ser muito discreto. Quero deixar claro que não sou afeminado, não gosto de afeminados nem de envolvimento financeiro, descarto gente escandalosa, quero encontros com homens.guardo ansioso o contato de vocês.*

Esta carta segue uma espécie de “regra” que é também encontrada em outras semelhantes: o sujeito sempre apresenta, em primeiro lugar, características que lhe situam decididamente no campo da masculinidade hegemônica. No caso acima, praticar musculação, nadar, ter membro avantajado. Feito isso, entra na descrição de atributos que funcionam como femininos: bunda branca e redonda, pele lisa e macia. Ser engenheiro, pós-graduado e com ótima situação financeira também funcionam como pertencimentos ao terreno da masculinidade hegemônica na descrição acima. Com tal conjunto de atributos, há perigos a evitar. De maneira preventiva, desestimulam-se então aqueles que podem se aproximar para um envolvimento financeiro, e também os afeminados. Evitar também que seja tomado como um afeminado é outra preocupação presente na carta. Tudo isso fica claramente ressaltado, acentuando uma característica do informante que se manifestou em outras cartas suas, que é a da extrema objetividade. A percepção de que o corpo apresenta atributos desejados por outros homens pode ser narrada como fruto de situações acontecidas muito depois da infância, constituindo-se numa surpresa para o próprio sujeito, como vemos na correspondência abaixo:

*Quando eu casei, nunca imaginava que minha mulher gostava tanto de ver homens transando, ela falava, mas parecia uma brincadeira. Depois de alguns anos de casado, ela entrou cada vez mais numa fantasia de inversão de papéis, ela me dominava, e me penetrava com consolos, e ficava excitadíssima, sempre elogiando a minha bunda, dizendo que era mais bonita do que muita bunda de mulher. Começamos a participar de um grupo de swing, com troca de casais, e por um tempo foi ótimo. Uma vez participamos de uma suruba de final de semana, e um dos homens queria me comer, e a minha mulher percebeu, ficou verdadeiramente louca por isso, mas não foi possível fazer ali, pois a regra era sempre se juntar em casais. Ela ficou com o telefone do cara. Um dia eu cheguei do trabalho, e o cara estava em casa, conversando com a minha mulher. Quando eu percebi que ele estava assim tão interessado na minha bunda, terminei ficando muito excitado, e fomos para o quarto. Foi à primeira vez que dei para um homem, e foi muito bom. Agora percebi que um colega de trabalho sempre que pode fica olhando para a minha bunda, fico super excitado, fica difícil disfarçar, tenho vontade de procurar ele para ver se acontece alguma coisa, mas tenho medo.*

Poucas mulheres escreveram para a Rede Bis-Brasil, e o número daquelas que se mantiveram correspondentes ativas foi menor ainda. Entretanto, quase todas estavam interessadas em arranjar um companheiro, pois tinham tido experiências positivas de relação sexual com homens bissexuais, ou então em relações com dois homens ao mesmo tempo. Algumas declararam, de formas explícitas, que os homens bissexuais estavam em melhores condições de entender o que uma mulher gostava de fazer na cama, pois experimentavam a posição “*do outro lado*”. É interessante perceber que o teor da correspondência destas mulheres para a rede contrasta vivamente com aquele das declarações de mulheres em reportagens sobre a masculinidade bissexual publicadas em revistas como Contigo, Claudia, Elle, MarieClaire. Nestas, a descoberta dos desejos do marido por outros homens vem acompanhada de uma sensação de “*meu mundo caiu*”, e a totalidade das informantes relata sensações de vergonha, vexame, traição, nojo, asco, desdém, etc. Nas cartas das informantes da Rede Bis-Brasil, a tônica dos relatos é o tesão que as mulheres sentem por estas experiências com mais de um homem:

*Escrevo para vocês porque tive um namorado que tinha o maior tesão por sexo anal, ele adorava ser penetrado, e ele era muito fofoso na cama. No início eu só enfiava meus dedos nele, depois compramos esses consolos, ele ficava super excitado, gritava, e depois me possuía de um jeito muito gostoso. Algumas vezes a gente pagava um garoto para transar conosco, era um sexo muito excitante a três, em motel. Eu queria encontrar um homem que gostasse de fazer coisas assim, então pensei em colocar um anúncio no boletim de vocês, mas vejo que somente homens publicam ali. Vocês não poderiam me colocar em contato com alguns homens assim? Farei tudo com sigilo e discrição, tenho caixa postal e prometo manter segredo.*

Em momento algum, na correspondência acima, a informante toma o fato do companheiro gostar de ser penetrado como fator de diminuição da masculinidade. Pelo contrário, está feita uma associação direta entre o fato do companheiro ser penetrado, e aquele de se mostrar posteriormente mais fofoso. A Rede Bis-Brasil foi também local de referência para muitos homens que desejavam ingressar no mundo das relações com outros homens, o que significa, de certa forma, sair de uma modalidade de indefinição. Desta forma, foram frequentes os anúncios e cartas relatando forte desejo de envolvimento sexual e afetivo com outros homens, até o momento não concretizado por medo, culpa, vergonha e falta de oportunidade segura. Em algumas cartas, a fantasia de que a primeira relação sexual com outro homem seria definidora em suas vidas era grande, e, portanto a seleção do parceiro se revestia da maior seriedade. Em outras cartas, os informantes se expressaram valorizando com intensidade o homem com quem iriam transar a primeira vez, referindo-se a este momento como “*a perda da virgindade anal*”, ou “*a primeira vez que vou experimentar o gosto do membro de um ho-*



*mem na minha boca*”. Essa importância da primeira relação esteve reforçada pela publicação, no boletim e nas cartas enviadas, de numerosos relatos narrando a primeira relação sexual com outro homem, por vezes numa conjuntura em que uma mulher estava presente, por vezes não. Tal valorização da primeira relação encontra paralelo em outras falas, que atribuem o desejo atual de envolvimento com homens e mulheres a uma relação onde o sujeito “*provou*” e “*gostou*” do que fez, tendo depois mantido um esforço constante para que aquilo se repetisse. De todo modo, parece que o mais importante é assegurar-se de que a primeira relação vai ser prazerosa, e depois dela o indivíduo não vai sentir-se culpado, envergonhado ou sujo:

*Interessei-me muito pelo clube que vocês montaram, por isso estou escrevendo. Só peço que quando escreverem para mim não coloquem nada da Rede Bis-Brasil, pois moro com meus pais e irmãos e eles não sabem que também gosto de transar com homens. Ou melhor, dizendo, sou virgem nesse tipo de transa, com 18 anos nunca coloquei uma rola na boca. Sou branco, 1,70m, 51kg, saudável, mas nunca tive coragem, pois sempre me deram cantadas e na hora H eu desisto. Já com mulher foi mais fácil, pois para o povo o relacionamento de um homem com uma mulher é lindo. Eu acho também, mas não vejo nada de mais em dois homens se amarem. Espero que vocês me escrevam e contem como são e falem de algum relato que possa fazer eu me sentir limpo depois de transar com outro homem. Vou ficando por aqui. Um abraço do sócio e amigo.*

Na correspondência enviada, como acima foi possível perceber, alguns relatos misturam situações nomeadas como de homossexualidade com àquelas de masculinidade bissexual, o que por vezes colabora para o estabelecimento de uma compreensão confusa acerca dos desejos e fantasias. Isso reforça a compreensão de que a masculinidade bissexual é uma identidade em permanente processo de negociação de símbolos e significados com a homossexualidade e a heterossexualidade, em especial, mas sem deixar de lado aspectos da identidade travesti e da identidade feminina. As possíveis identidades no terreno da masculinidade bissexual, bem como quaisquer outras na perspectiva teórica aqui adotada, precisam ser entendidas como posições de sujeito e provisórias, e não como identidades fixas e imutáveis. Um dos informantes da Rede Bis-Brasil narrou, em mais de uma carta, situação de vida curiosa, e um pouco na contramão do tradicional discurso que converte homens bissexuais em possíveis homossexuais masculinos. Vivendo há diversos anos com um companheiro que havia conhecido logo ao ingressar na marinha, numa situação que poderíamos denominar de um perfeito par homossexual, nos últimos dois anos, tendo em vista transferência dos dois para o Rio de Janeiro, cidade onde também moravam suas famílias, defrontaram-se com a necessidade de encobrir seu relacionamento frente a antigos amigos, colegas de escola e principalmente os familiares mais próximos. Desta forma, passaram a manter relacionamentos de namoro com amigas e garotas

que conheciam na praia. Esta estratégia de encobrimento passou a lhes causar problemas, conforme se verifica nos excertos abaixo de algumas das cartas enviadas:

*A matéria que li ontem na Revista da Folha realmente veio ao encontro do verdadeiro motivo da minha incômoda 'crise existencialista'. Tenho 26 anos, e vivo há oito anos com um companheiro maravilhoso que conheci quando juntos iniciamos a servir a Marinha do Brasil. Tínhamos 18 anos quando iniciamos a nossa história. Hoje nos sentimos felizes e realizados em vários aspectos: profissional, social, emocional e até financeiro. [ . . . ] Enquanto andamos pelo interior, foi possível viver sem problemas. Mas faz dois anos que voltamos ao Rio de Janeiro, próximos das famílias e dos outros amigos. Morremos de medo que descubram nossa história. O que fazer? A verdade é que por sermos jovens e com boa aparência somos muito assediados e a nossa postura profissional nos exige certas FACHADAS!! FACHADAS que estão se tornando contínuas em nossas vidas e nos fazendo crer que somos BISSEXUAIS. [ . . . ] Até sexualmente falando, estamos nos envolvendo com garotas, e tanto eu quanto ele nos sentimos com medo de uma terceira pessoa permissível em nossas vidas, o que nos faz crer na ruptura do nosso relacionamento. [ . . . ] Parabéns pela ideologia de vocês, gostaríamos muito de poder nos conectar a Rede e participar deste universo que muito nos reflete, achando uma solução para nosso problema atual.*

Em uma das cartas, os informantes anexaram uma foto colorida em que apareciam os dois, em cima de um carro aberto de praia, cercados de três garotas, todos em trajes de praia. Os dois informantes identificaram-se na foto, escrevendo seus nomes por cima, e as três moças estavam identificadas pela palavra “*fachadas*”, escrita em letras grandes, tal como utilizado nas cartas enviadas. A situação toda permite perceber a complexidade das negociações no terreno das identidades, bem como a constante negociação com um grande número de fatores.

Com os relatos apresentados nesta seção, espero ter tornado mais densa esta modalidade de representação da masculinidade bissexual que articula as noções de indefinição, ambigüidade, masculinidade fracassada ou incompleta e fase transitória na vida. Estas noções podem eventualmente aparecer novamente nos relatos das próximas seções, uma vez que não estamos lidando com grupos de indivíduos, mas com representações que estruturam de forma complexa e articulada a construção da identidade de cada sujeito. Na próxima seção, discute-se a representação da masculinidade bissexual que tem como eixo principal à noção de sexo do futuro.

### 13 A MASCULINIDADE BISSEXUAL COMO SEXO DO FUTURO

---

Nesta seção analisa-se a representação da masculinidade bissexual que opera com as idéias de sexo do futuro e superação dos preconceitos. Numerosos fatores são apontados como causa do crescimento atual da bissexualidade, ou de sua crescente visibilidade conforme algumas versões. Estes fatores variam desde uma crença na diminuição dos preconceitos e um aumento da liberdade sexual, o que oportunizaria que mais pessoas assumissem a bissexualidade, até explicações que vinculam o crescimento da masculinidade bissexual como decorrência do avanço tanto da luta feminista quanto do movimento homossexual, que trazem impacto sobre os modelos socialmente construídos de viver a masculinidade. Segundo algumas narrativas aqui analisadas, a humanidade estaria caminhando para uma situação de libertação em matéria sexual, e isto explicaria a emergência da bissexualidade como modalidade sexual do futuro.

Dentre as fontes que disponho, esta representação é mais abundante nas reportagens de revistas, jornais e veículos da grande mídia, tendo merecido mais de uma vez matéria de capa (Revista Istoé nº 1359, de 18 de outubro de 1995, por exemplo) e sendo também freqüente na imprensa dirigida ao público gay e jornais GLS, que apresentam manchetes do tipo “O enigma bissexual: a opção de transitar por ambos os sexos começa a ser visível e aponta o caminho da sexualidade no futuro” (Jornal GLS, São Paulo, setembro de 1997). Nas publicações consultadas, e também em diversos programas de televisão, dedicados no todo ou em parte ao tema, a vinculação entre a bissexualidade e a sexualidade do futuro, denominada em alguns momentos como sexualidade do novo milênio, é apresentada de maneira explícita. Uma das razões alegadas para sustentar esta hipótese é a afirmação de que muitas pessoas, em geral àquelas tidas como “*mais evoluídas*”, estariam ultrapassando a barreira do gênero ao escolher seus parceiros, uma vez que o que importa é “*gostar da pessoa*”. A idéia geral que é apregoada em algumas dessas matérias é de que no futuro, quando a maioria da humanidade superar os preconceitos, será possível deixar-se levar pelo amor sem levar em conta o gênero do parceiro, pois “*o que importa é a pessoa*”. A diferença de gênero é claramente significada como uma limitação aos relacionamentos em algumas declarações.

Depoimentos e informações que estabelecem narrativas abordando a representação cultural da masculinidade bissexual como sexualidade do futuro apareceram em todas as fontes de que disponho, mas isto foi com certeza mais visível nos materiais coletados de informantes via Internet, o que pode revelar uma certa vinculação com nível sócio econômico e padrão cultural mais elevado. Mas isso não de forma exclusiva, pois encontrou-se essa idéia também em cartas de informantes que são representativos de extratos sociais menos escolarizados. Esta representação está também bastante presente no discurso de artistas, em especial da televisão e do teatro. Se tomarmos em conta que os artistas ocupam muitas vezes o lugar de ícones e ídolos, e por decorrência de modelos, suas formas de viver passam também a ser configuradas como modelares, em geral buscando situar-se “*acima*” ou “*adiante*” em relação às pessoas comuns. Desta forma, a associação entre “vida de artista” e “bissexualidade” se explica, pois a idéia de ser uma modalidade de vida sexual e de masculinidade do futuro é apresentada como intrinsecamente boa e positiva, e fruto da superação dos preconceitos atualmente existentes quanto à prática sexual e amorosa. A estratégia de apresentar-se como superior às demais formas de viver a masculinidade é evidente, e esta superioridade deriva de sua vinculação com a noção de futuro. Por vezes, os indivíduos assumem a típica posição de serem incompreendidos hoje, pois já estão praticando algo que no futuro será corrente, revelando assim um sentimento de estarem adiante de seu tempo.

Conforme já referido anteriormente, um dos instrumentos de coleta de informações na Rede Bis-Brasil foi um conjunto de questionários. Ali se perguntava, em mais de uma oportunidade, qual a definição de bissexualidade que o informante supunha ser a mais adequada. Numerosas respostas fizeram vinculação explícita ou velada com a noção de sexo do futuro:

*Eu acho que ser bissexual é superar os preconceitos e evoluir para uma relação onde o que importa é a pessoa e não o seu sexo.*

*É ser um homem evoluído praticando todas as suas fantasias e vontades sexuais sem ter limites.*

*No futuro, quando a humanidade superar os preconceitos, todos vão ser bissexuais.*

*Ser bissexual é ter coragem de criar, inventar, liberar as fantasias, é deixar fluir o verdadeiro amor, que não tem sexo.*

*Uma forma total de prazer onde possamos nos satisfazer indiferentemente dos padrões, pois o prazer não tem sexo.*

Tais afirmações se escoram nas idéias de progresso e evolução, de caráter otimista, uma vez que apresentam os tempos futuros como caracterizados pela ausência de preconceitos. Nomear algo como sendo “*do futuro*” é quase intrinsecamente dizer que este algo é melhor do que aquilo que hoje temos ou que hoje praticamos. Funciona como o oposto de dizer que algo é “do passado”, entendendo-se o passado nesta formulação como momento mais atrasado do que o presente. Por outro lado, quando o indivíduo afirma que hoje já pratica alguma ação característica do futuro, ele desqualifica o presente, que fica equiparado ao passado em termos de atraso. Se já temos entre nós alguém praticando o sexo do futuro, então o que fazemos já é passado, pois o futuro já se anunciou, de certa forma já está presente, transformando as ações que se faz no presente em ações do passado. Com certeza, afirmar perante outros que se pratica o “sexo do futuro” é algo que assegura mais prestígio do que simplesmente dizer que praticamos “o sexo do presente”, e isto sem falar do desprestígio que seria praticar o “sexo do passado”, que com certeza estaria associado à idéia de conservadorismo. Afirmações recolhidas pela Internet, com informantes que responderam sim à questão “será a bissexualidade o sexo do futuro?”, proposta pela organizadora do sítio intitulado Cama na Rede, permitem outras considerações:

Sim, porque a tendência é o prazer sexual sem preconceitos.

Sim, porque as pessoas acabam descobrindo que, se colocarem o preconceito a parte, não há mal nenhum em curtir o mesmo sexo. Para mim, esse futuro está um pouco distante.

Sim, porque acho que as pessoas vão descobrir que o importante é ser feliz, não importando o sexo da pessoa que amamos.  
(<http://camanarede.terra.com.br/>, acesso feito em 6 de julho de 2003)

É possível reconhecer, nestas afirmações, um pouco da noção de *telos* da história, especialmente presente desde o século XIX, e que vale também para a história da sexualidade. Nesta concepção, o tempo histórico não é mais circular, e a humanidade estaria sempre progredindo em direção a coisas “melhores”, “mais livres”, ou em direção a patamares mais “evoluídos” do que aqueles do presente.

Na afirmação de que a bissexualidade é o sexo do futuro, este futuro está assinalado por uma idéia de libertação dos preconceitos. As escolhas de parceiros para uma relação sexual, baseadas na divisão de gênero estão, nas afirmações acima, aproximadas com a idéia de preconceito, de atraso e de passado. A idéia de felicidade sexual está vinculada a não importância do sexo do parceiro ou da parceira, que seria, enfim, um detalhe. Em outras palavras, tem-se

por vezes a impressão de que o sexo – entendido aqui como anatomia sexual – do possível parceiro constitui-se num empecilho ao verdadeiro prazer, que deveria ser, nesta visão, fruto de uma escolha em patamar acima e para além desta diferenciação. Insiste-se também na idéia de uma fluidez do amor, que não deve ser obstaculizada pela diferenciação sexual. A expressão “*o sexo não tem sexo*”, utilizada por diversos informantes, e atribuída por alguns ao diretor de teatro José Celso Martinez em uma de suas peças, sintetiza muito desse ideal de sexo do futuro. É interessante perceber que esta expressão serve pelo menos a duas vertentes de representação da masculinidade bissexual. Por um lado, é utilizada para aproximar a bissexualidade com as noções de pansexualismo, conforme apresentadas em uma das seções introdutórias desta tese. Por outro, a idéia de que o “*sexo não tem sexo*” está aproximada, em muitas declarações, da idéia de que “*no sexo vale tudo*”, e isto será abordado na seção seguinte, onde se analisa a representação da masculinidade bissexual que a aproxima com a idéia de intensificação da masculinidade e com formas de sacanagem sexual, onde um homem pode permitir-se fazer coisas que o colocam fora dos padrões de gênero masculino hegemônicos, mas faz isso apenas na “*hora do sexo*”, o que não comprometeria sua masculinidade.

A idéia de pansexualismo, palavra utilizada algumas vezes em artigos e declarações sobre a masculinidade bissexual, merece alguma consideração. O significado dicionarizado deste termo nos informa que ele se refere à “teoria segundo a qual todas as formas de comportamento se baseiam na sexualidade”, ou “doutrina que considera toda a atividade psíquica provinda do instinto sexual, que se manifesta apenas quando a criança nasce”. Utilizado como adjetivo, pansexual é referente ao sexo em todos os aspectos, ou o “que expressa ou envolve a sexualidade em muitas formas diferentes”. Este termo apareceu nas fontes utilizadas por vezes vinculado aos termos holístico e holismo, claramente indicando uma referência ao “todo” do indivíduo. Embora todos esses termos tenham sido utilizados de forma bastante imprecisa e vaga pelos informantes, e afastados de seus conceitos conforme o dicionário prescreve, fica evidente a associação entre eles e posturas de abertura, eliminação de preconceitos, ultrapassagem de barreiras para sentir o “verdadeiro” prazer sexual:

*Na hora do sexo, não interessam detalhes, interessa o todo do indivíduo, numa concepção holística. O prazer pode ser buscado de muitas formas, a bissexualidade é uma forma muito livre de busca do prazer. Eu estou procurando me abrir para isto, junto com minha esposa.*

*Eu me considero pansexualista, e meu interesse em ingressar na rede parte do fato de conhecer a que se propõem e a interagir com pessoas de mente aberta e livre, paulistas ou não, brasileiros ou não.*

Outro termo que se associa com a idéia de sexualidade do futuro é o prefixo “trans”, utilizado na forma isolada ou por vezes compondo a palavra transexual. O prefixo é utilizado para referir-se a uma forma de relação situada acima ou além da polaridade heterossexual e homossexual, ou da polaridade de gênero masculino e feminino. Dessa forma, guarda uma relação, embora um tanto lateral, com o significado da palavra transexual, “desejo que leva o indivíduo a querer pertencer ao sexo oposto, cujos trajes pode, até, adotar, além de esforçar-se tenazmente no sentido de se submeter à intervenção cirúrgica visando à transformação sexual”, conforme o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986). Tanto o prefixo, quanto o termo transexual, parecem referir-se a uma modalidade de erotismo, que implica no indivíduo transitar entre atributos masculinos e femininos, conforme já abordado na seção em que foi apresentado o conceito de masculinidade bissexual, a partir das idéias de Garber (1997). Esse erotismo, normalmente nomeado como sensualidade pelos informantes, tem seu ponto forte na idéia de lubricidade, termo que carrega as noções de escorregadio e resvaladiço, e se combina com a estratégia de aproveitar as oportunidades de forma “*sem limites*”, o que implica ser capaz de mudar conforme a situação exigir, para melhor aproveitar o que dela pode ser aproveitado.

Esta masculinidade que se representa adiante de seu tempo guarda relações, por vezes, com aquilo que em classificados de revistas de encontros está chamado de “*homem liberal*”, embora esta categoria diga respeito mais fortemente à representação da masculinidade bissexual como uma masculinidade intensificada e “*sacana*”, assunto da próxima seção. Também se encontra esta idéia de masculinidade do futuro em alguns textos e anúncios de swing ou menagem, mas há que se ressaltar que em geral esta prática de troca de casais é bastante homofóbica, havendo por vezes determinações expressas e regras especificando que as relações só podem acontecer entre homens e mulheres, mesmo quando temos uma composição de uma mulher e dois homens.

Argumentos bastante fortes, usados em favor da idéia de que a bissexualidade é o sexo do futuro, são aqueles que dizem respeito a um suposto crescimento dos praticantes desta modalidade de vida sexual. Muitas argumentações são construídas a partir da certeza inabalável de que os praticantes da bissexualidade crescem a cada ano, sendo esta representação tomada como uma tendência de certo modo inexorável, pois que associada ao progresso, liberação dos costumes, combate ao preconceito e outras razões:

Aritmeticamente, a bissexualidade aumenta em 50% as chances de encontrar um parceiro. De acordo com Alfred Charles Kinsey, [ . . . ] esta também é a percentagem de pessoas que transitam por ambos os sexos. Isso mesmo, 50% das pessoas são, de algum modo, bissexual. [ . . . ] Nestes finais de anos 90, a média pode até ser a mesma, com uma diferença básica: os bissexuais estão muito mais assumidos. Reflexo, talvez, de uma busca frenética pelo parceiro ideal, já não se importando que este seja de sexo diferente ou não. [ . . . ] Muitos acreditam que o bissexualismo será uma opção ainda mais comum no futuro. Há até quem diga que não será surpresa se, dentro de duas ou três gerações, uma grande parte das pessoas, talvez a maioria, for constituída por bissexuais. (<http://www.tafalado.com.br/isis/anteriores/bissex.htm>, acesso em 27 de junho de 2002)

No tocante ao preconceito, os bis sofrem até mais que os homossexuais. Eles não são aceitos pelos hetero, em geral incompreensivos, e nem sempre conseguem se integrar ao contexto homo. A família, na maioria dos casos, não toma participação. Os bissexuais têm muito medo de revelar para os pais. A maior parte acha que ia ser visto como desviante, alguém que precisa de tratamento. É freqüente os bis apresentarem-se como homo ou heterossexuais, dependendo do grupo ou círculo de amigos e do grau de aceitação que acreditam que poderão ter. Mas há muito mais bissexuais do que se imagina. Aliás, tem gente que é e nem desconfia... (<http://www.glsplanet.com.br>, acesso feito em 24/08/2000)

Nos trechos acima citados, em conexão com outros numerosos textos disponíveis na Web, percebemos quatro afirmações articuladas que são recorrentes em prol da idéia de que a bissexualidade é a modalidade sexual do futuro. A primeira diz respeito ao fato de que uma parcela muito significativa da população é potencialmente bissexual, ou seja, metade dela. Em uma das citações encontra-se inclusive a afirmação de que muita gente que é bissexual nem desconfia que seja. Isso encontra paralelo em declarações dadas em duas entrevistas de informantes quando, ao se referirem a outros homens, foram utilizadas as seguintes expressões: *“aquele lá não se dá conta que ele é bissexual”* e *“ele fica criticando todo mundo, mas um dia ele vai se olhar no espelho e se dar conta que ele tem tudo para ser bissexual”*. Desta forma, assim como se tem metade de homens e metade de mulheres numa população, também se poderia dizer que metade dos indivíduos, sejam homens ou mulheres, teria preferência bissexual. Esta afirmação parece tomar por base o estudo de Kinsey já referido em seção anterior, o qual refere à ocorrência, em algum momento da vida de homens e mulheres, de uma relação com pessoa do mesmo sexo, não significando isto uma prática continuada, e podendo esta relação ser entendida como uma gama de possibilidades, no caso dos homens, desde carícias após uma noite de bebedeira até relações sexuais constantes com parceiro fixo.

A segunda afirmação importante e recorrente é de que o valor de 50% é assumido como invariante, tanto no tempo histórico quanto entre as diferentes sociedades. Especialmente em declarações de profissionais da saúde verifica-se uma ênfase em valores fixos, que seriam constantes para diferentes sociedades e para diferentes momentos da história da humanidade.



Este raciocínio é feito quase da mesma forma como muitos textos tratam a homossexualidade, como um fator invariante nas populações, na ordem de 10% a 15% do total, em qualquer época histórica, não importando questões culturais, regimes políticos vigentes, organização social ou algum outro fator. Esta afirmação, por si só, entra em conflito com outras, ao longo deste próprio pequeno texto citado, que falam em crescimento do número de indivíduos bissexuais. A terceira afirmação diz respeito ao fato de que, hoje em dia, a bissexualidade é mais visível, ou os bissexuais estão mais assumidos. Esta afirmação encontra sua explicação, segundo o texto, numa busca frenética pelo parceiro ideal. Em outras palavras, a busca pelo parceiro ideal estaria tão intensa hoje em dia, que uma parcela crescente dos indivíduos estaria assumindo sua bissexualidade (já prevista e mostrada nos estudos como sendo de 50% da população). A conexão que se estabelece é entre a busca do parceiro ideal e as maiores possibilidades que um indivíduo bissexual tem de achar um parceiro, argumento intensamente utilizado nos mais diversos meios:

Realmente não é simples conviver com tantas opções. O bissexual precisa saber bem onde pisa no campo amoroso. A vantagem mais falada é o fato dos bis terem o dobro de chances de encontrarem um parceiro interessante. Eles não descartam nenhuma possibilidade. Isso pode gerar, além de satisfação, muita confusão. E não é todo mundo que entende. Existe a vontade, mas muitas vezes é preciso escondê-la. O conflito é uma constante. (<http://www.glsplanet.com.br>, acesso feito em 24/08/2000)

A quarta afirmação presente no texto citado anteriormente é quase um corolário das anteriores: se já está “provado cientificamente” como afirma Kinsey que metade da população tem prática bissexual; se percebermos que hoje em dia os bissexuais estão mais assumidos, na busca pelo parceiro ideal, segundo o texto, mas também pela libertação dos preconceitos, segundo outras declarações já analisadas; só resta concluir que a bissexualidade será o sexo do futuro. De certa forma, segundo este raciocínio, a humanidade caminha para isso, é um raciocínio teleológico. O fato de ancorar em pesquisas estas conclusões apenas reforça a “autoridade” que os discursos científicos tem em nossa cultura, especialmente quando se revelam capazes de prever eventos e tendências do futuro. Pesquisas revestem-se de um poder muito grande, autorizam conclusões, produzem efeitos, legitimam argumentos e servem como suporte às narrativas dos indivíduos. Para alguns informantes, os fatores que entravam esse processo são o medo e a hipocrisia da maioria dos homens, mas o desejo está presente mesmo naqueles que criticam:

*Eu não tenho vergonha em assumir que freqüentemente me imagino sendo penetrado por um baita macho. E continuo gostando da minha mulher. A bissexualidade é*

*de fato o sexo do futuro, mas a sociedade ainda não está preparada para isso, por causa do farisaísmo. Conheço muitos homens que com certeza gostariam também disso, mas se perguntar vão dizer que não, e ainda vão falar mal de quem gosta.*

A afirmação de que a masculinidade bissexual é uma modalidade de sexo do futuro se associa também com a idéia de que a sexualidade e o desejo se movem num contínuo, e que este desejo depende de uma interpelação, portanto, do outro e do ambiente. O indivíduo que estiver aberto ou disponível para essa modalidade – portanto, que não tiver preconceitos, na raiz da palavra, não tiver formado previamente ao exame da situação seus conceitos – poderá ser influenciado pelo outro, pelo ambiente de uma festa, por uma oportunidade que apareceu no local de trabalho, etc. Para isso também vão colaborar fatores definidos como “internos” por muitos informantes: carências ocasionais, vontades, idiossincrasias do momento, jeitos de ser, etc. Essa disposição pode existir, sem que tenha havido nunca uma relação com alguém do mesmo sexo:

*Alguna gente piensa que ser bisexual es algo que implica que andas con un miembro de cada sexo en una sucesión ordenada, o bien, que andas con dos personas de sexo diferente al mismo tiempo, o que para ser bisexual debes haber tenido relaciones sexuales con hombres y mujeres sin tomar en cuenta que te puedes sentir bisexual sin haber tenido nunca sexo. Definirse como bisexual, nos es fácil, hay que ser capaz de salir del pensamiento dicotómico para aceptar, para poder definirse como tál. (RAMÍREZ-ROA, 2000, p. 10)*

Em alguns relatos de informantes assume especial importância a noção de “oportunidade”, de estar aberto para as “oportunidades que surgirem”. Para isso é importante também não se reprimir, e a idéia de que a masculinidade bissexual é menos reprimida do que a masculinidade hegemônica e heterossexual é bastante freqüente. Em geral, as afirmações sobre a repressão são construídas deixando claro que o outro também tem os mesmos desejos, mas reprime, enquanto os homens bissexuais não se reprimem. De modo muito diferente da representação que foi analisada na seção anterior, aqui a oportunidade não é vista como algo de que o indivíduo queira livrar-se ou furtar-se, mas como situação em que se deve investir. Combinando-se as idéias de não repressão e de abertura para as oportunidades, com facilidade podemos chegar à noção de que esta é uma modalidade de vida sexual que não tem limites, conforme expresso em quatro depoimentos de informantes abaixo citados e numa opinião recolhida da Internet:

*Eu me sinto uma pessoa que procura a satisfação sexual plena, aproveitando todas as oportunidades, com outro macho ou com uma mulher, sem preconceitos.*

*Faz cinco anos que despertou em mim a bissexualidade. Gosto de curtir os dois lados. Tem momentos que gosto mais de curtir com mulheres e outros com homens. Pois Deus não definiu o sexo com quem devêssemos praticar, e isso depende muito da oportunidade. Tem vezes que não aceito muito a minha bissexualidade, tem vezes que me sinto bem.*

*Uma pessoa que não reprime seus desejos, mesmo irregulares e esporádicos, de transas diferentes.*

*É poder praticar todas as suas fantasias e vontades sexuais sem ter limites.*

A década de 90 colocou a bissexualidade em voga. Não apenas como um modismo, mas uma opção de quem quer sentir o amor de todas as formas.

(<http://www.glsplanet.com.br>, acesso feito em 24/08/2000)

Uma das modalidades de recrutamento de associados para a Rede Bis-Brasil, conforme explicitado na seção que tratou de sua organização, foi enviar cartas a homens que se anunciavam nas revistas de encontros, propondo-lhes a adesão à rede. Por vezes, esse convite foi saudado pelos novos integrantes com muitos elogios, sempre fazendo a vinculação entre o trabalho de organização da rede e propostas avançadas de vivência da sexualidade. Nestes elogios, fica evidente a idéia de que a sexualidade progride em direção a patamares cada vez mais elevados de prazer, gozo, intensidade de orgasmo, novas possibilidades, combinando as idéias de progresso e libertação / liberação. Para atingir estes níveis elevados, importa colocar em segundo plano as dicotomias macho e fêmea, ativo e passivo.

*É interessante observar como a vida nos prepara certas surpresas, é até engraçado, as coisas aparecem na vida das pessoas sem saber, pois lendo a Private me identifiquei muito com vocês dois, muito lindo o que estão fazendo, e importantíssimo aqui no Brasil esta atitude, fico feliz por pensarem como pessoas progressistas e não retrógradas. Isto faz de vocês dois pessoas especiais. Como vivemos num país de pura hipocrisia e preconceitos, faz de vocês heróis, unindo pessoas para trocar idéias e dialogar sobre a bissexualidade, é uma atitude extremamente evoluída, parabéns.*

*Por isso, gostaria sim, e muito, de entrar em contato com vocês, essas mentes privilegiadas e de vanguarda, aonde o sexo com macho e fêmea não é levado em conta, mas sim o prazer que um SER, hetero ou homo, possa causar em outro independentemente se ativo ou passivo.*

*Desde já saúdo os fundadores desta rede, pessoas que buscam o prazer sem limites e sem preconceitos. Parabéns!*

A representação de masculinidade bissexual como sexo do futuro se aproxima de algumas das características que são alinhadas em geral com a pós-modernidade, tais como a idéia de fluidez de fronteiras de gênero e de sexualidade, a lógica do e / e ao invés da lógica do ou / ou, e a ênfase no prazer. Dentre todos os informantes que se posicionaram, em algum momento, a favor da masculinidade bissexual como uma modalidade sexual do futuro, a esmagadora maioria definiu a si próprio como “*pessoa que pratica*”, “*pessoa que venceu os preconceitos*”,

“*pessoa que está aberta ao novo*”, “*alguém que deixa fluir o sexo em direção ao verdadeiro amor*” e expressões correlatas. Ao referir-se ao momento em que esta prática iniciou em suas vidas, foram correntes expressões um tanto vagas do tipo “*faz cinco anos que me iniciei na bissexualidade*”, “*desde criança percebi que tinha atração pelos dois sexos*”, “*sempre senti tesão por homens e mulheres*”. Em especial quando se tratou de vincular à masculinidade bissexual com a noção de sexo do futuro, os informantes narraram episódios de iniciação sexual ou de práticas continuadas que deixam a clara impressão de que basta “*abrir-se ao novo*” para ingressar no terreno desta prática do futuro. Coerente com esta postura, a grande maioria escreveu para a Rede Bis-Brasil buscando companheiros e companheiras com “*mente aberta*”, para manter relacionamentos bissexuais. Foram muito raros os informantes que problematizaram seu processo pessoal de aprendizado para conviver com este desejo, expondo sua experiência acumulada, e buscando discutir isso com os associados da rede. Um destes poucos informantes, ao narrar e refletir sobre episódios de sua vida enfatizando os aprendizados por que passou, queixou-se desta atmosfera de falta de reflexão:

*Sou um homem casado de 41 anos com uma mulher menina de 23, ambos bi, ambos ativos e passivos. [ . . . ] O universo da bissexualidade se restringe muito a nível pessoal, aqui em São Paulo não conheço ninguém que tenha a coragem e a disciplina de assumir-se gostando de homens e de mulheres, e disciplina de encarar como isso pode ser atingido sem magoar pessoas que estão a nosso lado. Pouco se discute, todos só querem transar apressadamente.*

O termo disciplina, duas vezes citado, em conjunto com a idéia de coragem, está em sintonia com o modo como esse informante se posicionou para ingressar e permanecer na rede. Em momento algum se descreveu fisicamente, nem publicou anúncios para buscar companhia para relações sexuais, preferindo narrar episódios de sua vida, trazer questões para discutir, encaminhar perguntas para serem respondidas pelos outros associados. Morando numa cidade do litoral do Estado de São Paulo, definida numa das cartas como sendo um local onde “*a vida é um pouco parada*”, uma grande preocupação era encontrar gente para conversar e trocar idéias, reforçando o processo do casal de construir uma vida bissexual. Outros dois informantes também expressaram isto, logo na primeira carta, enfatizando que se sentiam bem com sua masculinidade bissexual, já haviam experimentado diversas relações com homens e mulheres, consideravam-se mais avançados do que os demais homens com quem conviviam, mas precisavam trocar idéias sobre isso:

*Sendo assim gostaria muito de ter contato com vocês, ou com alguém de Minas Gerais, se possível. É, pois muito gratificante se ver igual a outros, e não diferentes de todos, e poder dialogar e trocar idéias.*

*Gostaria muito de participar desta rede comunicativa, pois preciso muito dialogar com pessoas que sintam este problema, mas que na verdade não é um problema, e sim uma linda atitude de poder sentir o sentimento duplo. Sabem gostaria de trocar idéias a propósito que possam me ajudar. [ . . . ] Bem amigos, escrevo para que possamos nos orientar e trocar idéias.*

Um dos temas posto em discussão na Rede Bis-Brasil e de forma mais intensa nas redes via Internet é o de “como fica” a noção de fidelidade nas relações bissexuais. Esse é um tema presente em especial nos sítios de comunidades bissexuais norte americanas, onde a discussão por vezes avança para aspectos de legislação e direitos individuais no casamento. Uma importante luta de algumas comunidades bissexuais norte americanas é por reformas no modelo de casamento vigente, apontando a bissexualidade como uma modalidade de futuro da sexualidade, exigindo reformulações no plano da ordenação jurídica. A fidelidade vinculada à monogamia é descrita, em geral, como um elemento conservador e tradicional, e criticada por todos os informantes. Uma resposta clássica à indagação “tu não te sentes sendo infiel à tua esposa mantendo relações com outros homens” é afirmar que o que se busca nas relações com homens não é a mesma coisa daquilo que se busca nas relações com mulheres, não havendo, portanto espaço para a fidelidade tradicional nesse campo. De todos os materiais que foram coletados sobre o tema, as mais longas considerações encontrei na resposta de uma mulher à provocação feita sobre o tema em sítio na Internet:

Hoje, mais de dois anos depois, o que eu tenho a dizer é que o fato de descobrir que meu marido é bissexual (e dele próprio ter ‘descoberto’ isso, no sentido de ser capaz de admitir para si mesmo) foi uma espécie de “pretexto cósmico” para que algumas mudanças significativas se operassem no nosso casamento. Aprendi, depois disso, a enxergar com muito mais clareza e menos preconceitos a incrível variedade de nuances da sexualidade (inclusive a minha), e a ver as coisas sem mitos, sem transformar em bichos de sete cabeças. [ . . . ] Mas o fato é que a questão da bissexualidade envolve dois dos grandes mitos relativos aos relacionamentos e à sexualidade: o da orientação sexual propriamente dita e o da ‘fidelidade’. Na questão da orientação, a bissexualidade ainda é bem pouco aceita e compreendida, tanto pelos hetero quanto pelos homo. Os homossexuais tendem a olhar com desconfiança para os bi, e os heteros idem (sem contar que, em alguns casos, rola uma certa inveja). Do outro, entra em discussão a inesgotável questão da fidelidade, da traição, da exclusividade, da monogamia. Aprendi, ao longo dessa ‘experiência’, que fidelidade não tem a ver com exclusividade, e que se relacionar com outra pessoa não é necessariamente trair. No fim das contas, o surgimento da bissexualidade dele serviu para tornar nossa relação muito mais aberta, sincera, honesta, gratificante e madura do que antes. Mas é preciso ter uma certa dose de vontade de mudar para que uma situação como essa dê certo. [ . . . ] Pois para mim essa foi justamente a grande vantagem: a oportunidade de rever as bases tradicionais do casamento e transformar a relação em algo mais interessante e menos convencional do que o velho ‘casamento’ certinho.  
(<http://camanarede.terra.com.br/>, acesso feito em 6 de julho de 2003)

Vista como uma prática “do futuro”, essa prática e essa identidade sexual necessariamente implicam em abalar ou reconfigurar as “regras”, os códigos, as normas que foram construídas e estabelecidas, as identidades e práticas do presente e do passado. Algumas expressões vinculadas à idéia de casamento e matrimônio, tais como “fidelidade” e “monogamia”, estão carregadas de significados que são considerados conservadores e ultrapassados, anteriores a este “novo momento” em que a masculinidade bissexual emerge. Desta forma, no novo contexto, elas terminam por ser ressignificadas e reconceptualizadas.

Na narrativa acima, a informante atribui a modificação para melhor, ocorrida em seu casamento à descoberta e aceitação da masculinidade bissexual do marido, com as conseqüências que dali se seguiram. Situa dois pontos chave, o da orientação sexual e o da fidelidade. De forma mais elaborada do que a média dos informantes aborda a fidelidade afastando-a das idéias tradicionais de monogamia, traição e exclusividade, mas não chega a propor uma definição de como funcionaria efetivamente este novo regime de fidelidade. Quanto à orientação sexual, a informante aborda uma dimensão da bissexualidade como sexualidade do futuro que também está presente em numerosos outros depoimentos: a crítica feita pelos heterossexuais e pelos homossexuais aos bissexuais seria derivada, em alguns casos, da inveja. Esta afirmação apareceu em entrevista a um jovem homossexual:

*Eu adoro transar com homens bissexuais, atualmente tenho caso fixo com um homem casado. Fico sempre com inveja quando ele fala da relação com a mulher, essa capacidade de se relacionar com homem e mulher, eu também queria ser assim, embora eu não goste de mulher, e acho que nunca vou gostar.*

Em 10 de maio de 1996, o programa televisivo Globo Repórter, da TV Globo, se anunciou como sendo sobre bissexualidade, e, ao assisti-lo, pude preencher numerosas páginas do diário de campo. Preocupado em levar ao ar uma mensagem positiva que mostrasse essa alternativa do futuro da sexualidade, o que foi explicitamente afirmado, o roteiro de abordagem estabeleceu algumas conexões no mínimo curiosas. Uma delas foi enfatizar a bissexualidade como sendo a ocorrência, ou a valorização, no mesmo corpo, de atributos masculinos e femininos. Para isso, a reportagem valeu-se, entre outras, de duas entrevistas. Numa delas, a conhecida travesti Rogéria, ao ser perguntada sobre sua vida, falou com bastante ênfase de que não tinha feito operação como a Roberta Close, respeitava aquelas que faziam esta operação, mas enfatizou que “cada um tem a sua praia”. A certa altura, disse: “eu só me lembro do Astolfo (seu nome de batismo) quando vou mijar”. A repórter afirmou de imediato: “mas então

*ai tem uma bissexualidade!*”, ao que Rogéria respondeu: “*tem sim*”. A outra entrevista que transitou pelo mesmo caminho foi feita com o cantor Raimundo Pereira, membro do grupo Atobá – Movimento de Emancipação Homossexual – do Rio de Janeiro. A reportagem explorou o fato de que ele é cantor lírico e canta em soprano e contralto, ou seja, feminino e masculino, seguindo a tradicional divisão de gênero das vozes no canto. Ao fazer isto, afirmou claramente que eram homem e mulher no mesmo corpo. O próprio entrevistado passou a falar assim, comentando que é interessante ele se vestir de homem e cantar como mulher, pois atrai muito o público, e nomeando isso como bissexualidade.

Embora não tratando mais diretamente do tema, noutro bloco, a reportagem enveredou decididamente pelo universo gay, entrevistando gente do Mix Bazar, freqüentadores de boates gays do Rio de Janeiro, a mãe gay do ano, a mãe de um casal de filhos em que um assumiu ser homossexual e a outra foi ser lésbica, travestis famosos como Izabelita dos Patins, editores da revista gay *Sui Generis*, etc. Em outro bloco, entrevistaram-se alguns psicanalistas, uns afirmando ser impossível à bissexualidade, outros achando que ela pode existir sem ser uma doença. O programa ainda abordou a revolução sexual, a questão da aids e o problema dos adolescentes que se assumem gays ou lésbicas com suas famílias, sempre trazendo a discussão para a importância de ser feliz, no caso da aids uma felicidade com segurança e cuidado. As mensagens finais, dadas numa entrevista com a atriz Lúcia Veríssimo, abordaram a importância de ser feliz, buscar o prazer e superar os preconceitos, o que foi um pouco o fio condutor de grande parte desta verdadeira miscelânea de temas, dada com sendo representativa do sexo do futuro.

Em seção mais adiante, abordo a representação que associa a masculinidade bissexual com uma modalidade de amizade masculina, que implica alguma troca erótica, tal como ocorre entre as mulheres, segundo os informantes, e que se manifesta nos gestos carinhosos que podem acontecer entre elas sem censura. Nesta representação também vai estar presente a idéia futuro, não exatamente pelo aspecto sexual, mas pela possibilidade de dois homens expressarem afeto e carícias entre eles, sem preconceitos, o que hoje em dia é difícil, mas acreditam os informantes que no futuro os homens serão mais abertos para isso, mais sensíveis.

Nem todos concordam com a idéia de qualificar a bissexualidade como o sexo do futuro, percebendo nisso uma manobra no sentido de desqualificar tanto o “sexo do presente” quanto outras orientações sexuais, construindo um paradigma hegemônico a partir do qual os

demais serão julgados. Em pesquisa pela Internet, estes informantes responderam não à questão que indagava se a bissexualidade seria o sexo do futuro:

Pelo simples fato de que a idéia de ‘sexo do futuro’ não tem sentido em si! Bissexualidade, como a hetero e a homossexualidade, é o sexo do presente, do aqui e agora.

Isso é um papo de quem não se ajusta bem com sua própria sexualidade. Aí fica inventando que ‘o mundo é gay’ e bobagens afins. Vamos, cada um de nós, viver nossa sexualidade com dignidade, sem querer rotular os demais. Isso não é um tipo de patrulhamento? Achar que o ‘certo’ é ser bissexual? E os heterossexuais, será que no futuro irão para a fogueira?

(<http://camanarede.terra.com.br/>, acesso feito em 6 de julho de 2003)

A defesa de uma orientação como sendo “do futuro” de imediato entra em confronto com a idéia de diversidade sexual, em geral apregoada como positiva pela maioria dos informantes, mesmo aqueles que defendem que o mundo caminha para a bissexualidade, não percebendo aí um processo de homogeneização. Indagados em entrevista acerca desse ponto, dois informantes da Rede Bis-Brasil responderam que não haveria homogeneização, uma vez que o homem bissexual pode escolher ter relações com homens ou com mulheres, ou até mesmo com os dois ao mesmo tempo.

Discutidos e analisados este conjunto de informações que permitem construir a representação da masculinidade bissexual como uma forma de sexualidade do futuro, há condições de efetuar alguma comparação com a representação apresentada na seção anterior. Ao invés de uma representação que opera com as idéias de sofrimento, humilhação, discriminação e subordinação, aqui temos um conjunto de atributos que busca a valorização da masculinidade bissexual, situando-a como mais adiantada do que a masculinidade heterossexual atualmente existente, e, portanto superior a ela. As eventuais amarguras da não aceitação e da possível discriminação são combatidas com um discurso de quem se considera melhor do que os outros, embora incompreendido. A incompreensão aqui deriva não de uma fraqueza, mas de uma prática que se acha situada em etapa superior numa suposta escala evolutiva. O que antes foi considerado como falha, deslize, fratura ou fraqueza da masculinidade, aqui é considerado indício de evolução, de mente aberta e livre de preconceitos, sinais de uma masculinidade de tipo superior. Ao invés de se considerarem vítimas da masculinidade hegemônica, aqui se ensaia uma rebelião contra o modelo hegemônico, ou contra o papel social/sexual normalmente atribuído aos homens.



Na próxima seção, procede-se à apresentação e análise de uma terceira representação, aquela que associa a masculinidade bissexual com uma masculinidade intensificada e plena de “*sacanagem*”.

## 14 A MASCULINIDADE BISSEXUAL COMO MASCULINIDADE INTENSIFICADA

O terceiro grande conjunto de representações da masculinidade bissexual é aquele que opera com as idéias de masculinidade intensificada e “*sacana*”. Em outras palavras, a masculinidade bissexual é aqui apresentada como uma forma de masculinidade mais intensa, exagerada e potente do que a masculinidade tradicional heterossexual. Esta intensidade está fortemente ligada às idéias de sacanagem, orgia, atitude transgressora no sexo, bacanal, macho liberal e termos correlatos. A linguagem da sexualidade é em geral uma linguagem masculina, conforme anotado por numerosos autores, entre eles Weeks (1999) e Connell (2003), e caracteriza-se por forte conteúdo pornográfico, que caracteriza a maior parte das citações dos informantes selecionadas para a redação desta seção. Utilizando as palavras de uso corrente por muitos informantes, aqui se trata de uma masculinidade que valoriza o “*arreto entre machos*”, a “*sacanagem maneira entre dois machos*”, a “*putaria entre homens*”, a “*foda desenfreada entre machos*”, o “*tirar sarro com outro macho*” ou, no caso de estarem mulheres também participando, o objetivo é fazer “*uma grande putaria*”, “*um troca-troca onde ninguém é de ninguém*”, “*curtir uma onda de putaria*”. Entretanto, diferente da pornografia tradicional, onde são apresentadas mulheres para o prazer masculino, aqui as narrativas descrevem situações onde homens se excitam escrevendo sobre relações com outros homens, eventualmente com homens e mulheres. A intensidade está vinculada não somente à idéia de potência no ato sexual, mas também as idéias de transgressão e de participação de um grupo de indivíduos nos encontros:

Envolvidos numa rede de encontros sociais, os corpos produzem intensidades. Por sinal, os afetos e repulsões entre os corpos, suas sensações, são eles próprios intensivos, isto é, modulam-se segundo limiares de intensidade, cuja produção transtorna e atravessa os próprios corpos, extremando ou subvertendo até a organização fisiológica do organismo. (PERLONGHER, 1987, p. 88)

Esta modalidade de representação da masculinidade bissexual encontra pontos de contato e adesão com as principais características da representação da masculinidade hegemônica, e outros pontos de ultrapassagem ou superioridade, mas em momento algum encontramos, dentre os informantes, declarações que a situassem como inferior ou subordinada. Aqui também as narrativas não buscam situar-se “no futuro”, ao contrário, as falas remetem constantemente ao aproveitamento intenso do presente. Aqui não se encontram declarações como de sentir-se

diminuído ou frágil, mas, pelo contrário, a afirmação de ser potente e disposto a tudo é recorrente. No já referido questionário onde foi solicitado a cada informante que definisse o que entendia por masculinidade bissexual, as idéias de prazer e potência apareceram:

*É gostar de transar com uma mulher e adorar chupar um pau e saborear uma boa esporreada.*

*É um apetite sexual mais voraz que vem de alguma combinação genética somada a uma ousadia e inteligência para sair do termo 'enrustido'.*

*Homem que é muito potente, que não consegue se satisfazer só com um sexo, e gosta de sexo em grupo. Uma pessoa que não consegue viver apenas com mulheres ou homens.*

A noção de potência encontra-se também estreitamente relacionada com atributos corporais, em particular o pênis, e isso aparece de forma clara num dos anúncios de classificados, onde o informante diz:

*Sou casado e quero foder homem que gosta de macho de verdade. Tenho 29 anos, 1.80/85Kg, tipo marombado, dote de 22,5/14,5cm, se quiser ter uma idéia do que é meu dote é só pegar um pacote de biscoito São Luiz Bono recheado, que tem coincidentemente a mesma medida.*

Um termo chave para agrupar as informações das fontes e construir esta representação é intensidade. A masculinidade bissexual é construída nestas narrativas como uma modalidade intensificada da masculinidade hegemônica, plena de sacanagem, a masculinidade de homens que tem muito tesão, que querem “*trepar sem limites*”. A idéia de fazer sexo para “*extravasar a potência*” é freqüente, e em geral utiliza-se um conjunto de verbos que mantêm a idéia de jorrar, extravasar, soltar esta potência masculina, que não pode ser contida. Muitos informantes narram uma vida sexual que vem apresentando níveis cada vez maiores de potência, numa trajetória que por vezes principiou no sexo exclusivo com uma mulher e chegou até a “*suruba masculina*”, tendo passado pelo sexo grupal com homens e mulheres ou a troca de casais. Numerosos relatos e posicionamentos aqui encontrados explicam muitas idéias correntes que associam a masculinidade bissexual com a promiscuidade, e o homem promíscuo com um indivíduo eternamente insatisfeito sexualmente, que quer sempre mais, e que precisa ser contido. Ao contrário do que observamos em seção anterior, aqui não há espaço para o discurso da ambigüidade, da fase transitória ou da masculinidade mal formada ou incompleta, todos os desejos manifestados e as práticas relatadas dizem respeito a modos da potência masculina. A

correspondência e os anúncios estão plenos de expressões que demarcam claramente a recusa a homens afeminados e um ideal de masculinidade estreitamente vinculado à figura do macho:

*Procuro caras que como eu sejam totalmente masculinos: voz, postura, atitudes e comportamento.*

*Já vou avisando: não aos que por algum detalhe denunciam que curtem o mesmo sexo, e sim àqueles naturalmente autênticos machos.*

*Quero caras com jeito e voz de homem, peito malhado e peludo.*

*Estou à procura de homens de bunda peluda, rabo de macho mesmo. Sou um cara de 26 anos, 1,88m, 84kg, corpo atlético, cabeça raspada e curto homem com jeito de homem. Se você for uma dessas bichas que se depilam e tem bundinha redonda, não perca seu tempo.*

É nas narrativas dos informantes, agrupados nesta representação, que se encontra o maior número de declarações favoráveis às modalidades de relação sexual envolvendo mais de duas pessoas, mesmo quando não está feita a defesa da orgia ou da “suruba”, onde necessariamente estão envolvidas numerosas pessoas. Isso contrasta com o que encontramos em particular nas narrativas das representações da masculinidade como sexo do futuro – analisada na seção anterior – e como amizade masculina – a ser apresentada na próxima seção – onde há declarações explícitas condenando estes arranjos, e defendendo relações com homens e mulheres sempre em separado, destacando a especificidade de cada uma delas. Aqui, ao contrário, encontram-se declarações explícitas a favor de relações em que estão presentes homens e mulheres:

*Outra coisa, não consigo mais atingir completamente o prazer, me realizar com uma mulher ou com um homem a sós. Preciso ter a presença dos dois juntos ao mesmo tempo. Só assim me realizo plenamente, pois quando transo alternando com uma mulher, ou com um homem só, me sinto insatisfeito, incompleto.*

A idéia de sexualidade transgressiva e poderosa é comum entre homens. A sexualidade fora de controle é também uma característica forte da masculinidade hegemônica, e bastante valorizada. Desta forma, as manifestações favoráveis à sacanagem presentes na fala dos informantes podem ser lidas como adesão a um dos aspectos mais tradicionais da masculinidade hegemônica. Mais que adesão, o que temos é um retrabalhamento e novas significações para o tradicional conceito de potência masculina. O conceito de potência traz consigo a noção de se arriscar, viver os riscos, e se liga de muitas maneiras com a representação da intensidade. A intensidade pode ser pensada também como uma exploração dos limites do corpo, e é nos

anúncios publicados na página de classificados do boletim Frente&Verso, dada a economia de palavras desta modalidade de escrita, que ficam mais evidentes estes aspectos:

*DRDG Super Ativo: gostaria de encontrar pessoas para realizarmos loucas fantasias. Procuo mulheres, casais, grupos e outros. Tenho 25 anos, 1,78m, olhos e cabelos castanhos, 100% ativo. Sou sigiloso, discreto e amigo. Não procuro envolvimento financeiro e/ou emocional. Aceito todo tipo de propostas. Estou louco para gemer de prazer e fazer todos gozarem. Beijos.*

*Homens, casais ou mulheres: tenho 26 anos, 1,77m, 70Kg, cabelos e olhos castanhos, moreno claro, solteiro, médio dotado, mas com ejaculação farta e ereção prolongada, sem frescuras. Desejo entrar em contato com homens atraentes, que adoram uma curtição com outro macho; ou casais alegres, descomplicados, para fazer de tudo, ou mulheres que curtem se juntar com outros. Descarto drogas, SM, falta de respeito, homens afeminados e frescuras. Aguardo cartas tesudas com foto e fone. Exijo e garanto sigilo absoluto. O tesão é fundamental.*

*Realização: gostaria de contatar com homens preferencialmente ativos que queiram ter outro, entre quatro paredes, como uma fêmea, submisso aos seus desejos, gritando de prazer ao ser esporreado. Tenho 40 anos, corpo bem tratado e liso e uma bunda super saliente, e sou hiper masculino. Casais também escrevam, posso ser ativo ou passivo para ambos, sou muito bem dotado. Mulheres ativas, que sempre quiseram penetrar um macho e nunca conseguiram, me escrevam, não vão se arrepender. Mandem foto e fone se possível logo no primeiro contato, retribuo com fotos bem desinibidas. Quem tiver outra fantasia para realizar, pode escrever. Posso receber em meu escritório, à noite.*

A julgar pelos anúncios acima, que são bastante representativos de uma boa parcela daqueles publicados no boletim Frente&Verso e também nas revistas que se dedicam a facilitar encontros entre pessoas, parece não haver um padrão definido de busca, pois os anunciantes se propõem a uma vasta gama de papéis, e convidam uma igualmente variada gama de sujeitos para atuarem como parceiros. Entretanto, é possível perceber os sinais de pertencimento à masculinidade hegemônica, numa versão potencializada, em expressões como “*muito bem dotado*”, “*ejaculação farta e ereção prolongada*”, “*hiper masculino*”. A expressão “*posso ser ativo ou passivo para ambos*”, que se repete em numerosas cartas, anúncios e entrevistas, com variações, é uma construção verbal onde o “*ser passivo*” fica na dependência do “*posso*”, o que o torna um passivo por opção de prazer, diferindo de outros discursos, onde o ser passivo é uma condição sem opção, uma espécie de condenação. Também são visíveis os sinais de recusa do modelo tradicional da homossexualidade, em expressões como “*descarto homens afeminados e frescuras*”. Nas cartas enviadas pelos informantes, podem-se encontrar situações onde o informante problematizou mais pormenorizadamente este desejo intensificado de relações sexuais:

*Há oito anos atrás e até hoje sofro um grande assédio por parte de mulheres e homens, principalmente masculino. Com essas situações se desenvolveu um grande problema, pois possuo um grande apetite de sexo, e me excito muito, o dia inteiro eu penso em sexo, tenho fantasias eróticas de todas as formas, e a minha estimulação é muito grande, pois não tenho preferência, se é masculino ou feminino, é até difícil dizer. Mas como eu já tenho uma namorada, tenho uma grande atração sexual para o sexo masculino, gerando assim grande fantasia em torno do mesmo, acho estranho, mas não sei o que faço, não consigo deixar esta atração de lado, é muito forte. Sou jovem, tenho 21 anos, 1,79, 70 kg, branco, bronzeado, olhos castanhos, cabeludo no corpo, bonito. E moro em Floripa há 17 anos, e adoro esta cidade. Espero o contato de vocês, e quero saber como faço para conhecer os outros da rede. Aguardo sua resposta. Abraços.*

Aqui a intensidade está explicada pelo informante como combinação de um fator que poderíamos qualificar de externo – o “*grande assédio por parte de mulheres e homens*” – e outro que poderíamos qualificar de fator interno – “*possuo um grande apetite de sexo*”. O informante, que enviou outras cartas e posteriormente anunciou-se no boletim Frente&Verso, utiliza diversas vezes a palavra grande, que podemos associar à idéia de potência. Nesta carta também aparece um elemento que será problematizado mais adiante, qual seja, a fantasia em torno da relação com outro homem, possivelmente pela tradicional interdição a esta relação, diferente da relação com mulheres, estimulada, permitida e bem aceita.

O termo “*sacanagem*”, usado por uma parcela dos informantes e escolhido por mim para agregar à noção de intensidade, sintetizando uma determinada postura, descreve diversas práticas citadas, realizadas tanto entre homens como entre homens e mulheres. Entre homens, este termo designa práticas como passar a mão na bunda de um homem, bolinar um homem nas coxas, enfiar o dedo, consolos ou outros objetos no ânus de um homem, ejacular no rosto ou por cima do parceiro, ofender e submeter outro homem, obrigar o homem a portar-se como fêmea ou como escravo. Quando se trata de uma relação que envolve homens e mulheres, a idéia de sacanagem abarca as práticas já citadas, bem como a dominação de duas pessoas sobre uma outra, a prática do voyeurismo, o estímulo a práticas ativas por parte da mulher sobre o homem, envolvendo normalmente alguma modalidade de penetração. A representação de um sexo sacana e intenso também está presente na utilização, feita em especial nos anúncios das colunas de classificados, de termos que remetem ao mundo animal, tais como “*quero animal*” ou “*quero macho para fazer um sexo animal*”. Nas cartas, aparecem expressões como “*estou na idade do lobo, mas às vezes me transformo em loba*”; “*curto encontrar homens com corpo legal e que curtam um sexo bem animal*” e “*quero caras que gostem de fuder como um animal, socar e entupir legal. É pra fuder sem enrolação*”.

A representação de uma masculinidade bissexual intensificada e sacana pode levar a pensar que todos estes homens assumem exclusivamente o papel ativo na relação sexual. Nada mais equivocado. A idéia de potência orgástica está aqui vinculada fortemente com as idéias de transgressão e liberação das fantasias. Não constituiu preocupação da presente pesquisa fazer um recenseamento das opiniões dos informantes, visando estabelecer percentagens e incidências, mas é possível afirmar, de maneira impressionista, que a distribuição entre homens que manifestam o desejo de serem exclusivamente ativos, aqueles que manifestam desejo de serem exclusivamente passivos, e os que manifestam desejo de relações tanto num quanto noutro papel apresenta-se bastante equilibrada na amostra. Cabe ressaltar que alguns informantes, tanto no boletim Frente&Verso quanto nas revistas de encontros, publicaram ora anúncios em que se apresentavam como ativos, ora como passivos, ora falando das duas possibilidades.

Uma variante importante da sacanagem presente nesta representação é aquela de “*bancara a puta*” para outro homem. Alguns elementos estão invariavelmente presentes quando este tema é abordado. Um deles é a garantia de que o homem que vai ser ativo seja realmente viril, macho, homem masculino. Outro é a utilização das palavras “*fêmea*” e “*puta*” para designar o papel a ser desempenhado pelo homem passivo. Quase não foi encontrada a expressão “*quero bancara a mulher para outro homem*”, mas em geral variações em torno de “*quero ser uma fêmea para meu macho*” ou “*quero bancara a puta para meu homem*”. A outra são as fantasias com relação aquilo que está denominado muitas vezes de “*perda da virgindade anal*”, conforme já abordado quando se tratou da representação da masculinidade bissexual como indefinição. Mas aqui as narrativas sobre a penetração anal estão presentes de maneira mais intensa, trazendo à tona as numerosas representações associadas a este ato:

[ . . . ] crença vastamente difundida: o coito anal – que não produz nem reproduz nada – seria, distintamente do vaginal, desnecessário; desvio ou aberração; não lhe caberiam as virtudes da ‘naturalidade’, mas apenas os infortúnios do vício. (PERLONGHER, 1987, p. 84, grifo do autor)

Já na obra do marquês de Sade o uso sexual do ânus vem carregado de conotações subversivas: ritualizada no discurso que ritma as aberrações orgiásticas, a sodomia era honrada como exaltação da contra natura, desafiando – como os beijos no cu do Diabo – uma divindade sexófoba cuja morte, junto com a do Rei, era proclamada. (PERLONGHER, 1987, p. 84-85)

Conforme já comentado, em seção anterior, a idéia de que um homem pode “*dar o cu*” e continuar desfrutando da posição de macho está presente nesta representação. O desempenho

do papel passivo na relação com outro homem fica relativizado pelas idéias geral de orgia, bacanal e putaria, intrinsecamente associadas à transgressão e potência. A garantia da masculinidade também está dada pelo fato de que todos ali são homens, a atividade geral lembra um clube masculino, e uma expressão muito utilizada é “*arreto entre machos*”. Muitos informantes trataram sempre a Rede Bis-Brasil como um clube masculino, opondo-se de maneira branda ao ingresso de mulheres e de maneira severa à entrada de homossexuais, e houve mesmo propostas explícitas nos anúncios do boletim Frente&Verso para criação de um clube masculino:

*Clube de Homens. Homem para quem gosta de homem. Este é o meu lema. Quero fazer uma espécie de clube, onde homens possam se encontrar para se curtir mutuamente. Porém só homens! Nada de frescos ou afeminados. Você que está lendo, se também tem esta idéia, me escreva. Vamos nos unir. Sou universitário, 33 anos, e bom nível cultural. Você topa essa idéia? Me escreva, vamos formar um grupo.*

Numerosos pesquisadores assinalam como uma característica da masculinidade hegemônica o reunir-se em grupos exclusivamente de homens, sejam em clubes, associações desportivas, quartéis, pescarias, enfim, verdadeiras confrarias masculinas, onde um tema recorrente são as proezas sexuais, e o ambiente se encontra em geral saturado de sexualidade. Na representação da masculinidade bissexual como intensificação da masculinidade, tem-se a impressão de que este desejo de pertencer a um grupo de homens é levado à prática do sexo, torna-se explícito e assumido, e não apenas insinuado. Expressões como “*clube de homens*”, “*arreto entre machos*”, “*suruba masculina*”, indicam um alargamento da idéia de confraria masculina para níveis onde ela em geral fica apenas insinuada. Alguns anúncios associam a idéia de confraria com o sigilo e a possibilidade de práticas transgressivas: “*Brincadeiras entre machos. Sou macho, mas curto de vez em quando uma boa ‘brincadeira’ com outros às escondidas, desde que sejam machos mesmo como eu*”. A utilização da palavra “*brincadeira*” nos leva a pensar nas práticas sexuais da adolescência, baseadas na lógica do troca-troca. A idéia de clube de homens para sexo pode ser pensada como uma intensificação da tradicional idéia de confraria masculina:

[ . . . ] el mexicano tiene ciertas inclinaciones homosexuales, que se perciben entre otras cosas por el gusto que tiene por las cofradias cerradamente masculinas. [ . . . ] (LIGUORI, 1995, p. 134)

Conforme já demonstrado logo acima, os relatos das práticas e das fantasias dos informantes estão saturados de uma hiper-masculinidade, bem como de uma postura claramente



machista. O ambiente assim constituído permite ao sujeito assumir o papel passivo numa relação sexual com outro homem, e mesmo assim não sentir sua representação de masculinidade ameaçada. Navegando em sítios da Internet, tais como o [www.bananaloca.com.br](http://www.bananaloca.com.br), e assinando listas dedicadas à organização de festas privadas para homens, percebe-se o mesmo discurso, que envolve uma ênfase nas posturas masculinas, e uma recusa aos afeminados, estendendo-se também à discriminação de obesos, travestis e velhos de forma explícita: “*não queremos profissionais, travecas, bichas, velhos (mais de 60 anos), drogados, curiosos, mulheres e caras gordos*”. Esta própria postura de recusa e exclusão dos outros – dos diferentes – é característica dos encontros das confrarias masculinas, e no caso dos convites para as “*festas de suruba*” temos a freqüente utilização do verbo “*descartar*”, em construções do tipo “*descartam-se afeminados*” ou “*descartam-se afetados*”.

Em algumas situações descritas de encontros estão presentes mulheres, o que é uma garantia de masculinidade. Mesmo assim, chama a atenção o uso de termos extremamente fortes para definir o papel ativo, tais como “*quero fuder*”, “*sou um fucker*”, “*vou meter em você*”, “*vou te arrombar*”, e mais ainda os termos utilizados para definir o papel passivo, tais como “*quero ser arrombado*”, “*preciso de uma vara para me acalmar*”, “*quero ser penetrado por dois ao mesmo tempo*”, “*quero ser fudido por um macho realmente viril*”, etc. Lendo determinados relatos enviados pelos informantes, bem como conjuntos de anúncios, fica-se com a impressão de que os indivíduos são tão machos que manter alguma relação com outro homem não afeta sua masculinidade, mesmo quando o sujeito está desempenhando o papel passivo. Esta é uma afirmação que matiza um pouco a rígida separação entre ativo e passivo como organizador principal das posicionalidades da vida sexual e das representações:

*Quero quem quer ser fudido. Sou macho 100% ativo, adoro que me lambam o saco, chupem o meu caralho, sintam a minha porra doce. Sou bonito, 1,69m, 62Kg, experiente, com um caralho de 19x6cm, de cor rosa. Gosto de jovens iniciantes, sem pêlos e também de foder aqueles que querem sexo bizarro, que têm cu largo, treinado, sacana, e agüentam tudo no rabo. Sou sacana com quem gosta de sacanagem. Adoro foder cu.*

*Li e gostei do recado de vocês na Private 140 (setembro 96) e gostaria de contatar com vocês, para melhores informações sobre a rede que estão formando. Sou casado (esposa não participa), moreno claro, simpático, honesto, muito carinhoso e de muito sigilo, e gostaria de me iniciar como passivo para outro macho, sentir prazer em meu rabo, mas minha fantasia é fazer tudo para meu parceiro e que ele seja bem-dotado, que me faça gritar e gemer na hora que está me “enrabando”, enfim quero ser uma verdadeira puta para meu macho, e muito fazê-lo gozar. Tenho 42 anos, 1,80, 91 quilos bem distribuídos, uma bundinha que acho ser bem gostosa e bem lisinha e fofinha. Não tenho preferência por cor ou idade, desde que seja maior de 21 anos e seja bem-dotado, e pode ser negro, desde que seja bem higiênico.*

*Anúncio Seriedade e Prazer. Esse anúncio é sério, portanto leiam bem antes de responder. Sou casado – esposa não participa - mas não dispense uma boa sacanagem com outro homem. Gostaria de encontrar alguém do sexo masculino capaz de entender que dois homens podem fazer loucuras numa cama. Tenho 38 anos, 1,65 m, 60 kg, moreno claro. Darei preferência aos casados, mas responderei a todos. Desde que tenha de 30 a 60 anos. Se possível enviem fone para abreviar o contato.*

Coerente com diversas cartas de informantes que falam da perda da virgindade anal, a penetração anal aparece como uma modalidade de intensificação do prazer, ela não é representada como pertencimento ao campo da homossexualidade masculina, mas sim como uma modalidade de homens “*sacanas*” obterem mais prazer na vida sexual. Isso justifica frase posta por um informante numa carta: “*sou macho e guardo meu rabinho para verdadeiros machos, pois sei o quanto é gostoso sentir uma vara de verdade no cu*”. Nada aqui lembra o terreno da homossexualidade, pelo menos aquela representada nestas cartas, sempre associada à feminilidade. Outra representação forte da penetração anal está vinculada ao exercício do poder de dominar e de se deixar dominar, pois o se deixar dominar também é narrado como uma forma de exercício de poder, como aparece insinuada na declaração citada acima “*guardo meu rabinho*”. Vale a pena comentar o preconceito explícito de um dos informantes acima quanto aos homens negros. É relativamente freqüente, nas fontes que disponho, a conhecida referência à potência sexual dos negros que, longe de constituir um elogio, na maioria das vezes evidencia uma discriminação. Em livro que trata das representações do negro brasileiro no cinema, João Carlos Rodrigues, utilizando o referencial teórico de Jung, apresenta, no capítulo intitulado “Arquétipos e Caricaturas” uma listagem de tipos em que se incluem praticamente todos os personagens negros que já passaram pelas telas brasileiras: o preto velho, a mãe preta, o mártir, o negro de alma branca, a mulata “boazuda”, o negro revoltado, o malandro, etc. Um dos arquétipos analisados é denominado “o negão”, sobre o qual o autor explica que:

[ . . . ] possui as características outorgadas no candomblé a Exu (sensualidade e violência), por sua vez sincretizado ao Diabo pelos padres católicos. É o estuprador sanguinário, terror dos pais-de-família, o vingador social. Apaixonado, pode ser terno. Repelido, transforma-se em fera. É um símbolo sexual ao inverso, e algumas vezes adquire características bissexuais ou mesmo homossexuais. (RODRIGUES, 2001, p. 41)

Uma prática relativamente comum associada à representação da masculinidade bissexual como masculinidade intensificada e sacana é aquela da troca de casais, da prática do swing, do convite para que outro homem ou outra mulher participe das relações sexuais do casal. Esta prática também está presente associada à representação da masculinidade bissexual como

sexualidade do futuro, conforme já analisado na seção anterior. Entretanto, aqui ela assume nitidamente outras significações. Entrevistado acerca do tema, um informante que tinha por preferência envolver-se com casais, afirmou:

*Eu sei muito bem que o homem que quer que sua mulher seja fudida por outro, na sua frente, quer mesmo é dar o rabo para um macho. Por isso, eu logo dou um jeito de deixar claro que eu estou muito louco para entrar, rebentar e gozar num cu, e que pode ser cu de homem. O cara logo fica excitado, e já vem me chupando. Alguns caras que são mais envergonhados ligam depois, e querem dar para mim sem a presença da mulher, mas isso eu não faço, quero mulher junto, nem que seja só para ficar olhando tudo. Uma vez o cara arrumou uma puta, a gente foi num motel, ela me ajudou a comer o cara.*

Este informante narra seu envolvimento com casais de forma completamente diferente do que foi visto na seção anterior. Tal como outros, ele se posiciona como um macho o tempo todo, e exerce uma “desconfiança” sobre a masculinidade dos outros homens envolvidos, que se propõem a fazer “coisas diferentes”. Outro informante foi mais direto numa carta, afirmando que “*homem que chama outro para comer sua mulher, na frente, dentro de casa, na cama do casal, não é bem homem*”. Por vezes, a explicação da necessidade de mais um homem está relacionada à mulher, que é muito fogosa:

*Sou um marido totalmente liberal, e já há muito tempo que física e sexualmente minha mulher não é só minha. Sempre fui essencialmente hetero, mas tive a felicidade de casar com uma mulher super fogosa e por mais que me esforçasse não consegui satisfazê-la em seus apetites sexuais. Desta forma, eu mesmo a incentivei a satisfazer-se com outros homens, mesmo porque sabia bem o quanto ela era cobiçada inclusive por amigos meus que nos finais de semana vinham em nossa casa para um joguinho de cartas e tomar drinques juntos. A princípio ela colocou em dúvida a minha munificência, deixando que seu corpinho ardente fosse desfrutado por outros homens, mas ao perceber que eu estava sendo sincero, não só me agradeceu com carinhosas palavras, mas com um longo beijo que ainda está bem presente em minha mente.*

Dentre as poucas mulheres que entraram em contato com a Rede Bis-Brasil, algumas delas revelaram preferência por encontrar parceiros para sexo em grupo. Um dos requisitos para uma delas, que enviou mais de uma carta, relatando ter mantido práticas sexuais com três homens e uma mulher nos últimos seis meses, era encontrar homens dispostos a se envolverem entre si na frente dela:

*Quando vi o anúncio da rede, pensei: achei o tipo de pessoa que procuro. Uma das minhas maiores fantasias é ver dois homens gostosos trepando, chupando, lambendo, comendo e outros ‘endos’ mais. Dois homens de verdade. Sou voyeur, adoro ver homens trepando, cenas de dominação de um cara por outro, e a mulher ali incentivando. Sou alta, loira, nível universitário, simpática, moro sozinha e posso receber*

*tranqüilamente homens convidados em minha casa. Quanto a Rede Bis-Brasil, gostaria de obter mais informações, pois este é o tipo de sexo que acho mais prazeroso, o que chamo de 'sexo do futuro'. Tenho muitas experiências com homens bissexuais, sei reconhecer um homem assim. Venham soltar suas fantasias na minha frente.*

Esta informante descreveu-se como sendo voyeur, e relatou gostar de ter um papel de incentivadora do sexo entre homens. Essa é uma modalidade muito freqüente nos filmes pornográficos de vídeo locadoras, que se anunciam como bissexuais, conforme já apresentado em seção introdutória ao tema. Mas outra modalidade de participação da mulher nos encontros com homens bissexuais é na posição de mulher “ativa”, como elas mesmas se descrevem, e desta forma são descritas pelos homens. O adjetivo “ativa” refere-se aqui claramente às mulheres que gostam de penetrar homens, seja utilizando o dedo, seja utilizando consolos e outros objetos. São, em resumo, mulheres que penetram homens, uma modalidade que já foi parcialmente discutida ao apresentar a representação da masculinidade bissexual que lida com a noção de indefinição.

*Na verdade moramos num cidadezinha que tem uma vida meio devagar, e então só por três vezes exercitei o prazer da bissexualidade. A primeira vez foi vestindo uma calcinha da minha mulher, fazendo strip e servindo sob as ordens de outro macho. Nas outras duas vezes, foi um menagem feminino, enquanto eu comia a minha esposa uma amiga dela, que é ativa, me comia.*

Associado às representações de potência e sacanagem apareceram também narrativas envolvendo travestis e travestismo, absolutamente ausentes, quando não criticadas, nos conjuntos de falas e outros materiais agregados nas demais representações. No discurso da masculinidade bissexual como sexo do futuro, e também na representação de masculinidade bissexual como modalidade de amizade masculina, o envolvimento com travestis foi não apenas criticado por informantes por conta do “fazer-se” de mulher, como também por conta da relação de prostituição, que implica pagamento. É de se considerar que, em um dos questionários gerais aplicados a todos os informantes, a esmagadora maioria respondeu que não mantinha contatos com garotos de programas, travestis e outras formas de prostituição. Os poucos relatos que aparecem provêm de informantes que podem ser situados nesta representação da masculinidade bissexual que implica a idéia de intensidade:

*Geralmente pago R\$ 20,00 para um travesti que conheço. Ele é que me enraba com uma vara enorme e muito grossa e dura. Fico com o rabo ardendo e saciado e vou feliz para minha esposa que adoro, e chegando em casa trepo como nunca com ela. Sou um engenheiro sério e respeitado pelos amigos, mas eu gosto disso. O que posso fazer? Não sou infeliz, mas apoio o movimento de vocês. Considero-me muito*

*bem informado, principalmente sobre a aids. Sempre me protejo bem e não deixo de dar meu cuzinho, pois uso camisinha e tenho todo cuidado.*

O informante acima foi entrevistado, falou abundantemente sobre sua vida sexual, e foi então possível saber que tinha 40 anos, casado há quinze anos, e nos últimos doze meses relatou ter mantido relações com cinco homens e oito mulheres. Para além dessas relações, mantinha um relacionamento fixo com o referido travesti, pagando pelos encontros, que aconteciam em média uma vez por mês. O travesti com quem mantinha relação foi descrito por ele como um “*travesti macho*”, e até “*perigoso*”, um “*verdadeiro macho*”, “*mais macho do que muito homem*”. Repetindo um certo discurso já tradicional nestes homens, condenou enfaticamente a presença de homossexuais na Rede Bis-Brasil, endereçou severas críticas aos homens que se prestam ser afeminados para outros homens, e concluiu dizendo que “*para agüentar o que eu agüento com este travesti, tem que ser muito macho, pois o cara mete de verdade*”. Na contramão dessa narrativa, mas ainda associado ao fenômeno do travestismo, entendido aqui como o vestir-se com roupas do sexo oposto, encontramos outra qualidade de relatos:

*Guloso por leite. Sou moreno, 1,65m, gosto de sexo oral. Sou bi, mas com homens gosto de ser totalmente passivo. Sou alegre, 32 anos e só penso em sexo, gosto de fantasias com cremes, óleos e vibradores. Gosto de usar lingerie para o meu macho, e me comporto como uma verdadeira dama. Tomar leite é sempre o meu desejo, sonho em transar com três ou mais parceiros.*

*Sou vendedor, e quando estou em viagem, sempre levo calcinhas e fio dental para vestir, adoro me ver no espelho do quarto assim, eu tenho uma bunda de tirar o fôlego, até a minha mulher inveja, mas ela não sabe de nada. Nunca me entreguei para outro macho assim vestido, mas é o meu maior sonho, e sempre penso que vai acontecer em alguma viagem, pois eu fico a semana longe de casa. Quero saber como posso entrar em contato com homens da nossa rede, para ver se acho algum a quem possa me entregar seguramente.*

*Tenho loucura por me travestir para um macho de verdade.*

*Adoro vestir calcinha, especialmente fio dental. Quero encontrar homens que saibam tratar um homem de calcinha como uma puta, e o meu limite é o seu limite, topo tudo.*

Novamente verifica-se que a palavra mulher não é utilizada para nomear um homem vestido com roupas femininas, ou um homem que se comporta de modo feminino. Nas citações acima, as palavras escolhidas foram dama e puta, sendo esta última a mais recorrente em todo tipo de material consultado. Dentro de uma tradicional visão que coloca a mulher como um ser da casa, do espaço doméstico, e a puta como um ser da rua, do espaço público, podemos dizer que esta representação aproxima os homens e as putas, ambos seres do espaço pú-

blico, vinculados à transgressão. Há um certo temor em “ser” a mulher, em ser confundido com uma mulher, mas parece não haver nenhum problema em bancar a fêmea, a puta, a dama para um homem, sempre ressaltando que se tomam todas as garantias de que este seja um verdadeiro macho. No âmbito desta representação que associa masculinidade à sacanagem, não basta que um homem banque a mulher para outro, o mais intenso e transgressor é que ele banque a puta para outro homem:

O libertino sadeano dá preferência aos rapazes e às volúpias da passividade, que desencadeariam certo ‘devir mulher’, pois ‘[ . . . ] é tão delicioso fingir de puta, entregarmo-nos a um homem que nos trata como se fossemos mulheres, chamar esse homem amante, confessarmo-nos suas amantes’ (PERLONGER, 1987, p. 86, grifo do autor)

A argumentação para justificar que se gosta de fazer um sexo mais “*sacana*”, mais intenso, pode vir associada às idéias de liberdade e de aproveitar a vida, um tanto recorrente na amostra entre homens que se intitulam como estando na meia idade. Dentre os informantes, temos aqueles que manifestam o desejo de aproveitar o que lhes “*resta*” da vida, por vezes apoiados num discurso que enfatiza que, até aquele momento, foram “*certinhos*” e “*comportados*”, mas agora querem intensificar o gozo da vida. No já referido conto de Gore Vidal, o Sr. George Royal, homem viúvo, já de certa idade, e que procura encontros com rapazes numa estação balneária, assim explica a Michael, jovem atleta, esse desejo:

[ . . . ] a vida é tão curta, você sabe, e na verdade o pessoal aqui é muito bacana. Você vai conhecer todo mundo... a vida é meio livre, é claro... se é que você me entende. Vale tudo... esse tipo de coisas. Espero que não se importe... quero dizer, com esse tipo de coisas. (VIDAL, 1986, p. 21)

Um termo intensamente utilizado como adjetivo para esta masculinidade intensificada é liberal. São recorrentes nas fontes as nomeações de “*sou ativo e liberal*”, “*sou macho liberal*”, “*sou homem liberal*”, “*sou homem sem frescuras e liberal*”. Este termo é também utilizado por algumas mulheres que escreveram para a Rede Bis-Brasil, interessadas em fazer contato com homens liberais. Em cartas e entrevistas, por diversas vezes, indaguei acerca dos possíveis significados desse adjetivo associado à masculinidade, obtendo respostas as mais variadas. Um dos informantes, mesmo sem ter sido solicitado, abordou o tema numa das cartas:

*Quero encontrar um homem que esteja disposto a encarar a relação passiva comigo, e lhe garanto que não se arrependerá – sou extremamente carinhoso. Explico o que é ser, para mim, ativo e liberal: muitos homens se dispõem a ter relação com outro homem, mas não se dignam a tocá-los ou a proporcionar-lhes prazer, acho isto muito ruim. Apesar de ser ativo, como disse antes, sou muito carinhoso e faço*

*questão de passar isso ao meu parceiro. Acho que na cama todas as formas de toques e prazeres são gratificantes, apenas não sinto prazer e sim muita dor ao ser penetrado (isso aconteceu uma vez comigo e foi uma experiência traumatizante). Mas com certeza vou proporcionar prazer ao meu companheiro, e me deixo tocar por ele de todas as formas.*

No âmbito da representação da masculinidade bissexual que opera com as idéias de sacanagem e intensidade, as narrativas da esmagadora maioria dos homens informantes acerca de suas relações sexuais com outros homens separa nitidamente amor e sexo, o que não ocorre da mesma forma nas outras representações aqui apresentadas. No caso dos homens que se declararam casados e escreveram acerca disso, houve manifestações explícitas de que “*as mulheres são para amar e transar, os homens apenas para transar*”. A constituição de uma família, o amor da esposa e a paternidade foram narradas como atividades que em nada interferem com as relações sexuais com outros homens para a grande maioria dos informantes. No dizer de um informante, “*com minha mulher mais faço sexo, tenho filho, família e amor. Com homem o legal é fazer sacanagem*”. Esse modo de organizar a vida vai ao encontro daquilo que numerosos estudos sobre a masculinidade apontam:

Para os homens, a dicotomia entre amor e sexo é maior do que para as mulheres. Isso se deve [ . . . ] ao nosso modelo de educação familiar. Assim, é comum homens bissexuais se casarem e constituírem família, a partir de um vínculo amoroso, mas continuarem fazendo apenas sexo com outros homens. (COSTA, 1994, p. 129)

As tradicionais lógicas do ativo e do passivo, do ganhador e do perdedor, do macho e da fêmea, do dominador e do submisso tornam-se um tanto embaralhadas pela idéia geral de “*fazer sacanagem*”. Também é possível perceber que a sexualidade masculina, tradicionalmente dita como centrada no pênis, experimenta aqui uma descentração, e abrange outras áreas do corpo, e implica outros papéis a serem desempenhados. Em muitos depoimentos, o informante fala na busca de prazer envolvendo todo o corpo, não fala apenas na penetração, embora esta ocupe sempre um lugar importante. A idéia de que o homem passivo é necessariamente feminino encontra-se também subvertida pela lógica da sacanagem, uma vez que são recorrentes os relatos, conforme apresentados acima, onde ser penetrado, desempenhar um papel passivo, ser dominado por outro homem não constituem indícios de pertencimento ao mundo da homossexualidade ou do feminino, e muito menos são significados como condições de inferioridade.

A ênfase no sexo “*intensificado*” e “*sacana*” torna essa representação passível da acusação de promiscuidade, reforçando um preconceito do senso comum – inclusive do senso comum médico – com relação à masculinidade bissexual, que implica vulnerabilidade à infecção

pelo HIV e a idéia de que os homens bissexuais atuam como vetores transferindo a epidemia da aids de grupos específicos para as mulheres, e daí para a totalidade da população. A própria associação entre masculinidade bissexual e aids reforça este aspecto da sacanagem, pois as doenças sexualmente transmissíveis estão associadas em geral ao excesso, ao proibido, a intensidade demasiada dos atos, a gente que vive na rua, que passou dos limites, que é desregrada.

A representação da masculinidade bissexual como masculinidade intensificada é constituída fundamentalmente por um discurso que articula as idéias de sacanagem, potência e transgressão, implicando na construção de uma figura exageradamente machista, do que decorre uma postura de preconceito e desprezo pela homossexualidade, sempre confundida com trejeitos, frescuras, modos delicados e afeminados. A linguagem com que são descritos os encontros, as práticas, os desejos e as fantasias permite falar numa relação que se apresenta como um verdadeiro “*embate entre machos*”, uma das expressões utilizadas por alguns informantes, ao lado de outras como “*macho versus macho*” ou “*brincadeira entre machos*” ou “*luta de espadas*”, e que dão conta da idéia de intensidade, potência e força. Mesmo quando um homem se oferece para ser escravo ou dominado por outro homem, fazendo a figura de uma puta, a expressão de uma luta de potência permanece. Aqui em geral não se falam em homens, mas sim em machos. Em alguns casos, trata-se de uma virilidade que envolve ser ativo com mulheres, homens e até com animais.

Tendo presentes as principais argumentações que constituem a representação da masculinidade bissexual como masculinidade intensificada e sacana, passo na próxima seção à apresentação da representação da masculinidade bissexual que se articula com a idéia de amizade masculina.



## 15 A MASCULINIDADE BISSEXUAL COMO ESTRATÉGIA DE AMIZADE MASCULINA

---

No extenso material que serve de fonte a esta pesquisa, notadamente nas cartas, anúncios classificados de revistas, do boletim e da Internet, os informantes utilizaram, em numerosas situações, as palavras “*amigo*” e “*amizade*”, e as expressões “*verdadeiro amigo*”, “*verdadeira amizade*”, “*busco amigos*”, “*amizade entre homens*”, “*amizade entre dois machos*”, “*amizade entre machos decididos*”, “*sou um cara amigo*” e outras de sentido e teor aproximados. Por outro lado, no material recolhido da mídia, na forma de reportagens e matérias assinadas, bem como nas entrevistas com médicos, psicólogos e profissionais de saúde em geral, a referência à amizade é absolutamente ausente. A presente seção constrói o argumento de que a masculinidade bissexual pode estar representada como uma estratégia de acesso à amizade masculina, ou a determinadas modalidades de amizade masculina. Tal como nas seções anteriores, são apresentados e discutidos fragmentos do material selecionado das fontes, e faz-se de forma introdutória uma breve discussão sobre o tema da amizade.

Uma busca inicial nos principais dicionários da língua portuguesa nos traz diversos caminhos quanto aos usos do termo amizade. Amizade refere-se, conforme ali consta, a sentimentos de afeição, simpatia, estima ou ternura entre pessoas que geralmente não são ligadas por laços de família ou por atração sexual. Por outro lado, admite como significado possível termos como mancebia, concubinato e amasio. Estes termos, que podem ser reunidos ao significado da palavra amante, ligam-se à idéia de pessoa que mantém com outra – ou outras – relações extramatrimoniais. Um outro significado que interessa é aquele que fala em estima, simpatia ou camaradagem entre indivíduos que pertencem a grupos ou a instituições. E também se pode agregar, à idéia de amizade, de acordo com os dicionários, os termos entendimento e fraternidade. Em resumo, é possível construir um significado de amizade que se articule com atração sexual entre pessoas, relações extramatrimoniais, entendimento e a camaradagem que serve de cimento a determinados grupos de indivíduos. Parece-me que é desta forma que o termo está empregado nas construções abaixo, extraídas das falas de informantes em cartas e anúncios classificados:

*Alma gêmea Homem casado, alto nível, simpático, maduro, inexperiente na relação homossexual, deseja conhecer homem viril, formação superior, responsável, para amizade adulta e possível relacionamento íntimo, desde que haja entendimento. Indispensável poder receber em ambiente discreto e seguro. Dispensar aventureiros e profissionais. Só aceito cartas de São Paulo capital.*

*Qualidade & Segurança. Homem descasado, ativo, másculo, carioca, moreno, responsável, saudável, procura passivos milicos casados, negros, peludos, sádios, honestos, discretos, visando sólida amizade ilimitada entre dois machos adultos e decididos. Imprescindível foto e fone para agilizar contato e encontro pessoal. Indecisos e bichinhas caíam fora.*

*Procuro amigos. Gostaria de entrar em contato com homens de 21/36 anos que em primeiro lugar saibam cultivar uma verdadeira amizade e depois algo mais quem sabe, sempre com requinte e respeito. Sou moreno claro, tenho 23 anos, 1,73m, 67Kg, olhos verdes, corpo peludo, bom caráter, não afeminado (acho a masculinidade essencial) e, portanto descarto afeminados. Aguardo cartas com foto de todo o Brasil. Colocar o meu nome na carta, pois divido caixa postal com amigos.*

*Força estranha. Aviador ativo, casado, quarentão, responsável, saudável, sincero e viril, procura passivo casado, militar, peludo, negro másculo e sadio, honesto e simpático, visando sólida amizade ilimitada entre dois homens adultos conscientes e decididos.*

*Olá amigos, li o anúncio de vocês, achei muito interessante. Desejo entrar em contato, em princípio não compreendi muito bem do que se trata, mas sei que quero fazer amizade com homens bissexuais, bem legal, sincera, com muita descrição e honestidade. Sou bissexual másculo, não promíscuo, sou muito cuidadoso tanto na saúde quanto na higiene. Tenho excelente nível sócio cultural e econômico, sou universitário, educadíssimo, muito responsável e valorizo a amizade. [ . . . ] Eu realmente sou muito másculo e discreto, inclusive porque tenho noiva, e ela não sabe das minhas outras opções, e por isso desejo conhecer pessoas honestas, discretas e amigas. [ . . . ] Espero fazer amizades com pessoas como mencionei. Abraços a vocês, meus novos amigos.*

Conforme já discutido quando da apresentação da Rede Bis-Brasil, a grande maioria dos informantes, alguns em mais de uma oportunidade, relatou que mantinha em sigilo absoluto sua vida sexual com homens e mesmo com outras mulheres, limitando-se a poucas conversas com parceiros ocasionais, que não configurariam um vínculo de amizade, uma vez que não tinham continuidade. Isso explicaria, em parte pelo menos, a adesão de muitos à rede, falando da necessidade de conversar, trocar idéias, achar parceiros que pudessem vir a constituir-se em relações de amizade de caráter permanente. Em todas as citações acima é possível perceber que o desejo manifesto de ter amigos, ou de fazer amizades, atravessa o campo da troca de idéias e ingressa decididamente naquele da proposta de relação sexual. Essa aparente “confusão” foi tomada por mim, durante um longo período do funcionamento da Rede Bis-Brasil, como uma forma de dissimulação, nas cartas e anúncios, do desejo de encontrar parceiros para relações sexuais. Em outras palavras, a idéia de amizade, aí colocada, foi simplesmente desconsiderada, e tudo foi visto como manobra de muitos informantes para encobrir nos anúncios aquilo que “realmente” desejavam, ou seja, encontrar parceiros para transar. Essa

opinião foi compartilhada à época pela maioria dos homossexuais entrevistados, bem como profissionais de saúde. A questão que se colocava era: será que esta é uma manifestação “verdadeira” de querer ter amigos, ou tudo não passa de uma estratégia para obter parceiros para sacanagens e relações sexuais? Até que ponto parceria para relações sexuais e amizade se misturam?

A maioria dos homens bissexuais não é visível socialmente, pois esse lado eles não revelam, guardam para si, e são capazes de ‘transformar’ a necessidade de relacionamento com outro homem numa ‘grande amizade’ aos olhos dos outros. (COSTA, 1994, p. 129)

A citação de Jurandir Freire Costa nos alerta para a amizade entre dois homens “encobrindo” uma situação de masculinidade bissexual que não pode ser explicitada publicamente por conta do preconceito, do estigma e da discriminação. Vista por esta ótica, a discussão da amizade estaria posta como estratégia para obtenção de uma situação confortável frente à ameaça de quebra do sigilo. Fazendo uma releitura das cinco citações de informantes acima, pode-se afirmar que, em particular nas quatro primeiras, que são anúncios de classificados do boletim Frente&Verso, o desejo manifesto de amizade, ou de encontrar um amigo, pode ser pensado como estratégia para assegurar a efetiva discrição da relação entre dois homens. Isto se reforça quando percebemos que o ideal de amigo ali explicitado é sempre o de um homem não afeminado, honesto, casado, masculino e, em especial, discreto. Um pouco por este conjunto de fatores é que a palavra amizade, utilizada em abundância na correspondência, não foi considerada como tema de investigação durante um longo período de funcionamento da rede, pois ela aparecia apenas como indicador de necessidade de sigilo e discrição. Entretanto, lendo sobre a história da amizade, é possível perceber que em outras sociedades, em outros contextos culturais, podemos encontrar o sexual fazendo parte da relação de amizade:

[ . . . ] em Platão, ainda podemos encontrar vestígios da antiga ligação helênica entre ‘Eros’ (amor) e ‘Philia’ (amizade), porém já não mais de modo que a amizade pudesse dar abrigo a um vínculo homoerótico, brotado do relacionamento pessoal, recíproco e livremente eleito entre os amigos [ . . . ] (GIACOIA JÚNIOR, 2002, p. 17, grifo do autor)

Foi somente depois que as cartas e outros materiais mereceram leitura e exame não apenas mais atentos, mas distintos daquele ponto de vista que procura encontrar o que está “por detrás” da fala dos informantes, que passei a considerar a idéia de amizade aí posta como objeto de investigação, mesmo se considerada em sua “função” restrita de estratégia de encobrimento e manutenção da discrição. Não discuto a intenção dos informantes, mas sim o que

eles dizem – falam em amizade – e também como dizem, ou seja, que usos fazem da palavra amizade. Entretanto, aproximar as noções de amizade e sacanagem, conforme explicitamente expresse numa das citações acima, inicialmente não fazia muito sentido. A leitura de escritos de Foucault e autores que comentam sua obra, no tema da amizade, foi esclarecedora para estabelecer alguns vínculos não pensados inicialmente. No sentido de recuperar um pouco a trajetória de leituras feita, apresento um conjunto de considerações acerca do tema da amizade, para subsidiar a análise do material das fontes.

A importância do estudo da amizade na obra de Foucault, segundo Ortega (1999, 2000), deve-se, entre outros fatores, ao fato de que ela está situada a meio caminho entre os modos de “elaboração individual” da vida e aqueles modos que buscam objetivos mais coletivos, envolvendo formas políticas da comunidade:

A amizade é um conceito-chave na obra foucaultiana, sendo também um elemento de ligação entre a elaboração individual e a subjetivação coletiva. Ela é, para o pensador francês, um convite, um apelo à experimentação de novos estilos de vida e comunidade. (ORTEGA, 1999, p. 25)

A idéia de que a “experimentação de novos estilos de vida” se faz numa relação de amizade com outros indivíduos nos fornece pistas para pensar o uso recorrente desta palavra entre os informantes, e sua ausência completa na descrição que deles fazem os meios de comunicação, autoridades médicas, psicólogos, etc. Para os “de fora”, posição em que eu próprio estive situado por muito tempo, a palavra amizade, posta nestes anúncios, ou não é levada em conta – passa despercebida –, ou a ela é atribuída um sentido de “biombo” para ocultar outros desejos, mais difíceis de escrever ou confessar. No limite desses raciocínios, a palavra amizade estaria ali mal posta, seu sentido estaria sendo “pervertido” pela aproximação com as idéias de sacanagem, transgressão e outros desejos de prática sexual que não seguem o padrão social. Para os “de dentro”, parece fazer sentido falar em amizade, pois ela qualifica a busca dos parceiros que se deseja para fazer a experimentação de novos modos de vida sexual, sejam estes modos considerados como “sexo do futuro” ou como um “arreto entre machos”, dentre outras possibilidades.

Constituir um espaço de experimentação é importante para o indivíduo que pretende praticar algo que reconhece como sendo objeto de estigma e discriminação por parte da maioria. Este espaço pode ser entendido como um espaço de relações de amizade, protegido pelo

sigilo que interessa a todos os envolvidos, o que eventualmente reforça a idéia de amizade, especialmente aquela que diz respeito à confraria. Este é o espaço para a “recriação de si” (ORTEGA, 1999), o que está presente em depoimentos já analisados em seções anteriores, onde o indivíduo relata modificações em sua vida sexual e afetiva após experimentações que realizou com outros homens ou com homens e mulheres. Esta “recriação de si” não pode ser entendida como um processo linear e de progresso evolutivo, em que o indivíduo vai a cada dia “melhorando” mais em direção a patamares de respeito ao próximo, ideais democráticos, abertura para a diferença, posições progressistas em relação à diversidade sexual, etc. Esta recriação de si pode implicar reforço de aspectos machistas, desempenho de papéis autoritários, exposição a situações de domínio e humilhação, mas também abertura para novas possibilidades de respeito ao próximo, incentivo a modos de viver a masculinidade que impliquem a condenação do machismo e a valorização do afeto entre homens, etc. Enfim, não há uma direção ou sentido previamente dado a esta recriação, e nem ela pode ser entendida como uma prática “redentora” dos malefícios da masculinidade hegemônica.

Algo que chama a atenção na fala dos informantes é uma certa oposição entre as relações familiares – que, no caso de muitos, envolve esposa, filhos, parentes e um conjunto de obrigações – e as relações com outros homens no âmbito da masculinidade bissexual. Conforme já relatado anteriormente, tivemos uma forte oposição à entrada de homens homossexuais na rede, mas também tivemos uma oposição, posto que de menor intensidade, à entrada de mulheres na rede, e inúmeras manifestações davam conta de que havia de se fazer uma separação entre o universo das mulheres – que para muitos está claramente associado à idéia de família – e o universo dos homens, que seria um local de cumplicidade masculina. A dificuldade relatada pela grande maioria dos associados da rede sempre foi aquela de encontrar parceiros homens para as relações. Encontrar mulheres para relações sexuais não foi considerado problema por praticamente nenhum dos homens, mesmo quando se tratava da proposta de encontros na composição de uma mulher para dois homens, algo um pouco mais trabalhoso, mas muito menos estigmatizado do que a busca pela relação exclusiva com um parceiro masculino. Esta oposição, por vezes tênue, por vezes declarada, entre a família e o grupo de homens para amizade erótica, pode ser mais bem compreendida se agregarmos um pouco da história da amizade no ocidente, onde é possível saber que:

[ . . . ] já por volta do final do século 18 – e, de modo progressivamente acentuado e irreversível, a partir do século 19 – , se verifica no Ocidente um movimento de privatização da amizade, desinvestindo-a, de maneira integral, de seu caráter político e

de sua inscrição no âmbito público. Ao longo desse processo, a amizade é absorvida no continente privativíssimo das relações familiares e conjugais. Nesse processo, o enquadramento psiquiátrico e psicológico da homossexualidade no âmbito da patologia e das formas de perversão sexual – assim como a extrema valorização das relações heterossexuais monogâmicas, como estas se configuram no casal vitoriano – instituem a família como o modelo normativo de socialização regular e produtiva. E, com isso, todas as formas alternativas de relações amorosas perdem importância política e passam a se integrar no que Foucault chamou de ‘dispositivo normatizador da sexualidade’. (GIACOIA JÚNIOR, 2002, p. 17)

Desta forma, a amizade pode ser pensada como estratégia – ou ambiente – que facilita a busca da satisfação pessoal e do prazer fora da órbita da família. As relações que os indivíduos mantêm entre si no âmbito da masculinidade bissexual podem comportar, por exemplo, experimentações de domínio pessoal de um sobre o outro, de forma consentida. Isso pode ser feito de forma segura num ambiente que ao mesmo tempo favorece a busca da satisfação desse prazer e revela-se local de encontro com parceiros que tem desejos semelhantes, o que coloca a todos numa situação de cumplicidade, que termina também por reforçar a idéia de amizade. Em particular os anúncios enviados à publicação no boletim Frente&Verso refletem esse espírito:

*Grandes Emoções. Homem casado de alto nível, simpático, deseja conhecer homem de formação, igualmente casado, responsável, acima de 50 anos, para amizade, carícias, bolinações, masturbação e intimidades mil com orgasmo, tudo sem penetração, com muito sigilo. De preferência um companheiro que seja iniciante como eu. Dispensio afeminados e aventureiros. Enviar fone.*

Este informante enviou diversas cartas, e seu desejo maior era de iniciar alguma relação sexual com outro homem, o que não havia feito em toda sua vida. Sua maior demanda era conseguir fazer isto com a mais absoluta discrição e segurança, e ao mesmo tempo ter um companheiro junto do qual pudesse realizar as fantasias que, segundo ele, estavam “acumuladas” nesses anos todos. Em mais de uma carta, fez referência ao fato de que deveriam existir outros homens na mesma situação que ele, com as mesmas fantasias, após longos anos de casamento. Esta situação configura uma busca de amizade, um espaço no qual seja possível efetuar a “recriação de si”, ao lado de alguém que tenha o mesmo desejo ou viva situação semelhante. Este espaço de recriação de si pode ser entendido como uma confraria, idéia já discutida anteriormente, ou também com a noção de clube, em que o pressuposto de uma certa igualdade é freqüente:

*Ao ler a revista Private lá encontrei o anúncio de vocês, o qual muito me interessou, pois há muito tempo estou à procura de um grupo para me realizar em minhas fantasias íntimas. Eu também gostaria de participar com vocês desta nova turma de*

*homens decididos em ter com alguém do mesmo sexo as nossas realizações mais íntimas. Quero receber de vocês as suas propostas para juntos nos encontrarmos e conversarmos sobre esta libertação pessoal de cada um. [ . . . ] Sou um senhor casado de 47 anos.*

*Procuro amigos. Tenho 23 anos, 1,70 m e 70 kg, branco, olhos e cabelos castanhos, nível superior, e gostaria de fazer amizade com rapazes de idade igual, que estejam como eu aprendendo a brincar sem frescuras. Não sou e não aceito efeminados, velhos, gordos e complicados. Quero homem com jeito igual ao meu, ou seja, sem frescuras. Dispensio bichas e tipos do gênero.*

*Brincadeiras de homem. Quero contatar amigos, que curtam uma boa brincadeira, sem, contudo deixar de lado a masculinidade, que é primordial. Sou universitário, 34 anos, 1,68 m, 67 kg, branco, olhos e cabelos castanhos. Quero amigos com idade compatível a minha. Descarto totalmente efeminados, pessoas com trejeitos e tipos estranhos. 'Só os homens verdadeiramente homens se entendem uns com os outros'.*

A primeira citação foi extraída de uma longa carta, em resposta a um dos anúncios publicados pela Rede Bis-Brasil em revistas de encontros. A tônica da narrativa é o desejo de ser um dos primeiros a “entrar na turma”, ou a “pertencer à turma”, uma vez que o anúncio publicado fazia referência ao estágio inicial de formação da rede de homens bissexuais. As outras duas citações são de anúncios do boletim Frente&Verso, e nelas chama a atenção a busca de parceiros em igualdade de condições, tanto na idade, quanto na forma física, quanto no nível de realização das práticas, quanto em especial no requisito de uma masculinidade “*sem frescuras*”. Neste caso, o processo de “recriação de si” não está proposto para acontecer entre os diferentes, ou a contemplar a diversidade, pois os indivíduos declaram querer aproximar-se de outros iguais a si. Um pressuposto importante presente nestes dois anúncios é aquele de realizar a iniciação neste novo universo de práticas com indivíduos que também sejam principiantes, tal como na citação anteriormente comentada. Entretanto, outro motivo que pode levar à busca de amizade é conseguir alguém mais experiente para ser “iniciado” na vivência da masculinidade bissexual:

*Amizades e trocas. É o que busco ao entrar na Rede. Tenho 41 anos, curso superior completo e trabalho na área da educação. Procurro correspondência com homens e mulheres com disposição para escrever, cultivar amizade, trocar livros, revistas, desejos e idéias inteligentes sobre a bissexualidade. Fisicamente aprecio mais as filhas de Eva e ainda não sei o que é ser bi. Acredito, no entanto que serei bom aprendiz para com meus eventuais interlocutores, desde que sejam experientes no assunto.*

Talvez não por acaso, o informante acima declara ser da área de educação, e consultando o questionário é possível saber que é professor do terceiro grau. Seu desejo declarado é de ser “aluno”, e aprender com “professores” experientes. Esta é uma outra possibilidade de entender a amizade no âmbito da confraria, uma amizade que tem caráter pedagógico, e no

qual os mais velhos, ou os mais experientes ensinam os mais jovens, ou aqueles mais inexperientes. A pedagogia proposta no anúncio acima inclui livros, revistas, idéias inteligentes, enfim, é decididamente uma pedagogia iluminista e racional. Tal como na grande maioria dos anúncios e cartas, o pedido de amizade é dirigido a homens, quase nunca a mulheres. Mas a busca por parceiros mais experientes para iniciar-se no universo das práticas da masculinidade bissexual pode experimentar vasta gama de possibilidades:

*Já respondi a ficha de inscrição na rede, e agora escrevo porque preciso encontrar um amigo bem sacana e criativo, para me iniciar no bi. Sou virgem anal, casado, 48 anos, e serei um aluno muito obediente ao mestre, desde que o mestre seja severo comigo.*

*Homem amigo com imaginação. Desejo conhecer homem discreto, responsável, educado e amigo, mas que tenha muita imaginação, que seja sacana, liberal e experiente. Tenho necessidade de realizar meus desejos mais ocultos em perfeito sigilo, e preciso de alguém que me ajude a libertar minhas taras e fantasias. Sou branco, responsável, educado, discreto e bastante obediente. Tenho 30 anos, boa aparência, 1,80 m, 75 kg, cabelos e olhos pretos, e muitas fantasias.*

Nestas duas citações, a relação de amizade proposta encontra-se intimamente relacionada ao desejo de experimentar relações sexuais de sacanagem, nos dois casos o indivíduo propondo-se a ser submisso às orientações do eventual “mestre”. Por vezes, entretanto acentua-se o critério do entendimento na busca de parceiro, tal como está posto na definição de masculinidade bissexual dada por um informante: “*É a busca do prazer sexual, não importando qual o sexo do parceiro desde que haja entendimento e verdadeira amizade entre ambos*”. Na representação da masculinidade bissexual como sexualidade do futuro, e também na representação da masculinidade bissexual como modalidade sacana e intensificada da masculinidade, é recorrente a busca pela amizade, sempre associada ao desejo de manter relações sexuais. Na representação da masculinidade bissexual como masculinidade incompleta ou degradada, muitas vezes o que ocorre é a queixa da falta de amizades, ou a dificuldade de encontrar verdadeiros amigos, como na carta de um informante, que diz:

*Sou um cara moreno, cabelos pretos lisos, um pouco calvo, uso óculos, tenho 73 kg, 1,72 m, casado há 12 anos, tenho terceiro grau completo. Sou cristão, minha mulher também, sou muito tímido e temos apenas amigos da igreja. Procuro amizade verdadeira com um homem que queira experimentar uma abertura na vida sexual, alguém idôneo, sério, muito discreto, com quem possa repartir minha intimidade. A quem onde moro é impossível achar alguém assim.*



O desejo de fazer amigos, conforme foi possível verificar até aqui, comporta a possibilidade de encontrar parceiros masculinos, discretos e viris, entre outros atributos. Um informante agregou ainda outro critério:

*Mas o mais importante para mim na relação é a masculinidade, também a amizade e a inteligência. Explico: sou homem e busco relação com outro homem e não com um 'viadinho' qualquer, e é importante o cara ser inteligente, saber o que está dizendo, saber expressar-se, e ter condições de levar um bom papo como amigo. [ . . . ] Quanto a mim, sou um homem maduro que sabe o que quer. Apesar de meus 32 anos, tenho pouca experiência sexual e isso se deve ao fato de ser muito seletivo e exigente.*

A referência à inteligência está aqui colocada quase em oposição à “*ser viadinho*”, o que reforça a idéia de que a homossexualidade masculina é equiparada não apenas a modos afeminados, mas também à futilidade e à “*frescura*”, índices de ausência de inteligência nesse código. Por outro lado, o ser homem está equiparado não apenas a virilidade, mas também à força e inteligência. Mais uma vez, reforça-se a idéia de que os indivíduos querem relações de amizade entre iguais na masculinidade. Dito de outra forma, a amizade necessária para que se possa levar adiante alguma modalidade de relação sexual é uma amizade entre homens, o que não deixa de ser uma garantia para a exclusão de qualquer possibilidade de acusação de homossexualidade. Seguindo a orientação da carta citada acima, verifica-se que por vezes o desejo de fazer amigos está explicitamente colocado como mais importante do que o desejo de manter relações sexuais:

*Lendo a revista Private deste mês me deparei com o anúncio de vocês e logo resolvi lhes escrever, pois estou interessado em conhecer mais detalhes desta rede de amizades que propuseram. Meu nome é Pedro Cardoso, tenho 29 anos, sou solteiro e trabalho como jornalista. Sou leitor assíduo da Private, através da qual já tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas interessantes, mas até então nunca tinha lido um anúncio como o de vocês. Sou bissexual e gostaria de conhecer outros homens que também são. Não curto pessoas afeminadas e que queiram somente sexo. É claro que adoro transar, mas quero também amizade. Gostaria de conhecer pessoas com as quais eu pudesse conversar e conviver. Obrigado pela atenção de vocês e até uma próxima oportunidade.*

*Meu nome é Paulo, 28 anos, branco, casado, bem apessoado, me considero amigo, e gosto de um bom papo e de ter amigos. Sou bissexual. Porém, amigos com os quais possa falar sobre minha bissexualidade são raros, e gostaria muito de tê-los como amigos, confidentes e que possamos trocar idéias, experiências, vivências, tirar dúvidas e tudo o mais que surgir. Embora morando em Maceió, somos eu e minha esposa paulistas, mas ela não sabe nada da minha bissexualidade.*

*Procurando amigos. Gostaria de entrar em contato com homens, não importa a idade, cor ou religião, mas que saibam dar valor a um verdadeiro amigo.*

Os trechos de cartas reproduzidos acima indicam claramente uma prioridade para a relação de amizade para conversa, troca de idéias, eventual aconselhamento, mas de toda forma fica aberta a possibilidade de que a relação possa passar a uma prática sexual. Essa situação parece ser o contraponto para a solidão confessada por praticamente todos os informantes com relação à sua vida sexual com outros homens. Conforme já comentado, a esmagadora maioria dos informantes relatou que ninguém do seu círculo de relações sabia de sua situação e de suas aventuras sexuais com homens ou com homens e mulheres. A demanda de encontrar amigos, e eventualmente transformar estes amigos em parceiros de relação sexual, pode ser vista como solução para essa situação de ausência de interlocutores próximos. Como afirma Ortega (2000, p. 56-57), “a amizade constitui uma alternativa às velhas e rígidas formas de relação institucionalizadas, representando igualmente uma saída ao dilema entre uma saturação de relações, surgido da dinâmica da modernização, e uma solidão ameaçadora”.

Uma outra situação que aparece como sinalizadora da intenção de amizade refere-se à questão da penetração na relação sexual. Talvez não seja casual o fato de que a expressão “*arreto entre machos*” em geral é descrita com ênfase nas carícias e bolinações, e isto vale também para a expressão “*macho liberal*”, que sinaliza uma permissão para toques, mas não necessariamente penetrações. Em muitos anúncios e cartas, falando ou não de amizade, aparece a expressão “*tudo sem penetração*” ou “*descarto penetrações*” quando o indivíduo explicita o que gostaria de fazer na relação sexual. A penetração anal, claramente afirmada numa parte da correspondência como desejo de muitos informantes, não é aceita tranquilamente por outra parcela, e por vezes a fronteira da amizade está justamente assinalada pela sua não permissão:

*Não sou afeminado, nem homossexual, penso que essas palavras não deviam existir, mas o prazer sim. Imagino que uma transa entre três ou mais homens é simplesmente momento de tesão total. Mas penso que não deve haver romantismo entre homens, não acho legal. Mas uma amizade legal, que rola na cama, num local discreto, sadio, sem afetação nenhuma, higiene total, mas sem preconceito de se lambuzar de porra. Um lugar onde tem a sinceridade da garantia de saúde, nada de violência, drogas e vícios, e que o sigilo seja total. [ . . . ] Não acho legal o sexo anal entre homens, mas adoro ver um travesti bem feminino dar o cu e adoro ver sexo em todas as formas com mulher.*

O informante fala explicitamente sobre a amizade entre dois ou mais homens, vincula esta amizade com o exercício da vida sexual, mas assinala dois limites importantes: não haver romantismo, e não haver penetração anal. Por vezes, a masculinidade bissexual aparece como uma modalidade de amizade masculina “ideal”, com uma troca importante de erotismo e sexualidade, mas sem a penetração, que pode enfim transformar um homem num indivíduo pró-

ximo a uma mulher ou a um homossexual, pela posição passiva que adotam. Esta é uma estratégia que busca colocar a masculinidade bissexual como superior tanto à tradicional amizade masculina, quanto à masculinidade heterossexual hegemônica, e na qual a cumplicidade para realizar estas trocas afetivas, eróticas e sexuais é muito valorizada. Outro informante discorreu mais longamente numa das cartas sobre estas fronteiras entre amizade, relação sexual e cumplicidade:

*Vi o anúncio que vocês publicaram na GLS e fiquei muito interessado. Tenho 31 anos, aparento bem menos, sou moreno claro, olhos castanhos, cabelos escuros e curtos, não uso barba nem bigode, sou peludo da cintura para baixo, sou bem dotado, ativo e passivo, másculo, discreto, sigiloso, higiênico, descomplicado e simples. Estou interessado em uma gostosa e liberal amizade com outros homens, entendidos, bissexuais ou 'liberais', para troca de experiências, relatos, informações, e também fotos. É claro que estou interessado também, caso haja maiores afinidades, em encontros. Gostaria de saber como é o funcionamento da rede, como fazer contato com os outros sócios, se vocês já fizeram alguma reunião, se há participantes que residam em Brasília, ou regiões próximas, etc. Eu faço parte do 'Clube dos Bem Dotados', do Rio e São Paulo. Porém, a associação não foi para frente. Fui a São José dos Campos, no ano passado, para uma reunião em que deveria ir, pelo menos, mais uns 20 sócios. No final das contas não foi ninguém. Depois disso, passei a me corresponder apenas com o idealizador da idéia, mas ele também está desanimado, pois o pessoal some e nem dá satisfação. É uma pena, pois esta era uma oportunidade ótima para uma mútua confraternização grupal entre machos que possuem algo em comum: o gosto por outros machos. Do vosso novo amigo Roberto.*

Esta correspondência sintetiza os aspectos de amizade e sexualidade que vimos apresentando. Em outras cartas, o informante se descreveu como separado da primeira esposa, com quem teve um filho, e no momento com uma companheira, que não sabia de suas aventuras. Relatou que desde adolescente mantinha relações sexuais e afetivas com amigos, e nos últimos anos estava investindo em encontros com grupos de homens, mas não tinha tido muito sucesso até o momento, como, aliás, fica claro num dos episódios narrados na citação acima. Em outra carta, afirmou explicitamente que estava interessado em encontrar “homens para conversar e algo mais”, pois “não encontro com quem discutir minhas idéias aqui onde moro, e já estou cansado de trocar cartas com homens que pensam como eu, mas nunca se dispõem a encontrar-se com os outros”. Seu processo de “recriação de si” comportava duas frentes de ação nítidas. Na relação com mulheres, comentou as mudanças em sua maneira de ser do primeiro para o segundo casamento, dizendo-se muito satisfeito com a segunda companheira e com seu próprio modo de estar na relação com ela. Na relação com homens, disse estar insatisfeito com as relações apenas de sexo com outros homens, e estava na busca de grupos masculinos para amizade e sexo.

Dentre vários outros, três filmes foram, em algum momento, citados por informantes em entrevistas como fazendo referência às questões da amizade entre homens e da possibilidade de relação sexual entre eles, preservando a masculinidade e a virilidade. Em dois deles a mulher representa papel importante na narrativa da relação afetivo-sexual entre os dois homens. O primeiro dos filmes citados trata-se de “A Intrusa”, filme brasileiro do diretor Carlos Hugo Christensen, rodado em 1980 no Rio Grande do Sul, baseado no conto homônimo de Jorge Luis Borges (1997). A amizade e a fraternidade entre dois irmãos, que viviam no pampa se vê abalada quando um deles traz para dentro de casa uma mulher. Esta, uma figura absolutamente silenciosa e submissa, passa a ser objeto de desejo dos dois irmãos. Na tentativa de se relacionarem com ela numa noite, de forma compartilhada, os dois irmãos primeiro se tocam, e depois terminam se beijando. A mulher acaba sendo levada para longe e morta por um deles, como forma de resolver o conflito e a discórdia que ela instaurou, e restaurar a amizade e paz entre os irmãos. Os dois irmãos são absolutamente “machos”, o que fica demonstrado pelo seu envolvimento em brigas, rinhas de galo, duelos a faca e cavalgadas.

O segundo filme citado foi o mexicano “Y tu mamá también” (And your mother too, México/EUA, 2001), do diretor Alfonso Cuarón. Aqui se conta a história de dois jovens adolescentes mexicanos, com cerca de 17 anos, e que passam seu tempo a falar de sexo, mulheres e de como está indo a vida sexual de cada um com suas namoradas. Conhecem uma prima mais velha, e com ela se envolvem numa viagem de carro até uma praia desconhecida. Ao longo do caminho, passam a compartilhar o amor e o corpo da prima, e terminam, numa noite, com a prima de permeio, envolvendo-se numa cena ardente de carícias e beijos. Na manhã seguinte, ao acordarem, olham-se de forma diferente do que até aquele momento haviam se olhado. A prima, acometida de doença incurável, morre em seguida, os primos distanciam-se, cada um segue sua vida. Alguns pontos deste filme merecem discussão mais acurada, uma vez que remetem a numerosas declarações de informantes. Temos quatro conjuntos de cenas emblemáticas. O primeiro é composto pelas cenas que mostram as relações sexuais que a prima mantém, separadamente, com cada um dos adolescentes logo ao princípio da viagem. Estes, que julgavam ter um desempenho sexual excelente frente às namoradas e colegas de escola, e disto se orgulhavam e contavam a todos, passam a questionar suas performances, pois são solicitados pela prima ao exercício de novas posições, e aparecem situações que questionam sua própria masculinidade, especialmente o interesse da prima pela bunda de cada um, isto sem falar do nervosismo, das situações de ejaculação precoce, da falta de habilidade para beijar e acariciar, etc. Em suma, cada um dos adolescentes passa a sentir-se menos seguro de sua

masculinidade e de sua habilidade nas relações sexuais com mulheres. Iniciar-se com uma mulher mais velha encontra paralelo na correspondência dos informantes da Rede Bis-Brasil quando falam em experimentar relações com homens sacanas, experientes, e mesmo com mulheres dominadoras. Há também relatos em que o indivíduo afirma que sua relação com a esposa melhorou depois do aprendizado nas relações com homens, por vezes experimentando aí a posição passiva.

O segundo conjunto de cenas que interessa descreve o aprofundamento da relação entre os dois amigos. Este aprofundamento, sempre mediado pela prima, envolve, por exemplo, as confissões mútuas acerca das oportunidades que cada um já tinha tido de manter relações com a namorada do outro, quebrando o código de conduta que mantinham entre si, em função de serem amigos, e do qual tanto se orgulhavam. Outras confissões se seguem, e as inevitáveis brigas entre eles, o que incomoda a prima, que termina por estabelecer para eles um novo código de regras de conduta, forçando uma relação mais “madura”. Acontece então uma nova rodada de bebedeiras, brindes, abraços e reafirmações da amizade entre os dois amigos, esta agora situada num patamar diferenciado do anterior. Quase como numa decorrência dessa nova situação, temos um terceiro conjunto de cenas, que mostra as relações sexuais da prima com os dois amigos, não mais separadamente, mas em conjunto. Esta modalidade de relação implica a aproximação física entre os dois adolescentes, e numa cena emblemática eles terminam por ficar frente a frente, enquanto a prima se ocupa em manipular seus pênis, passam a fazer carícias um no outro de forma inicialmente tímida, olham-se nos olhos, e terminam por beijar-se. A cena repete uma modalidade de relação entre homens em que a mulher está de permeio, o que funciona ao mesmo tempo como garantia da masculinidade de cada um dos dois, e pretexto para uma aproximação homoerótica.

O quarto conjunto de cenas poderia ser definido com a tradicional expressão “e durma-se com um barulho desses”, pois se refere às modificações na relação entre os dois amigos a partir daquele momento. Se antes eram os dois ruidosos amigos, agora o silêncio se impõe. Se antes se tocavam, brincavam um com o outro, agora a regra é o afastamento físico e a postura séria. Logo aparece o desejo de retornar da viagem, voltar para casa, fugir daquela situação de convivência. Eles retornam, mas a prima fica na praia. Dentre os informantes da Rede Bis-Brasil há numerosas descrições de situações semelhantes, em que a amizade, por exemplo, no tempo de quartel, terminou aproximando fisicamente dois homens, e daí tiveram uma relação afetivo-sexual intensa. A continuidade dessa modalidade de vivência apresenta-se como com-

plicada no relato de todos os informantes que a relataram, e o caso mais comum foi o afastamento, e a repetição, tempos depois, de uma situação semelhante, com outro homem.

Nestes dois filmes temos a presença da mulher, que se “intromete” na relação de amizade que havia entre os dois homens, o que traz como consequência modificações na forma como estes homens se enxergam. Nos dois casos a mulher morre, e os homens seguem seus destinos, separados no caso dos adolescentes mexicanos, juntos no caso dos irmãos do conto de Borges. Estes filmes foram citados em entrevistas, sempre no sentido de mostrar que a amizade masculina, ao ser perturbada pela presença de uma mulher, oportuniza o surgimento de desejos homoeróticos entre os homens. Para os informantes que os citaram, os filmes falam de uma espécie de “confirmação” do fato de que os homens têm desejos constantes por relacionar-se com seus amigos, o que não lhes retira nada da virilidade e da masculinidade. Por fim, foi citado o filme argentino “Plata Quemada” (2000), do diretor Marcelo Piñeyro, adaptado da novela de Ricardo Piglia publicada em 1997, que conta a história de dois bandidos que parecem irmãos, mas em realidade mantêm um caso amoroso, que se torna mais intenso e complicado após o malogro no roubo de um banco. O filme foi citado por dois informantes em entrevista, sempre se referindo ao fato dos dois bandidos serem “*tremendamente homens*”, e ao mesmo tempo manterem uma relação homoerótica.

A maioria dos informantes da Rede Bis-Brasil era composta de homens com idade média entre os 25 e os 35 anos. Um grupo de ativos correspondentes fugiu a esta média, e estava situado na faixa entre os 55 e os 70 anos, tendo sido possível entrevistar três deles, todos aposentados, e vivendo sozinhos, dois deles próximos da casa dos filhos, o terceiro bastante distante do restante da família. Em particular nas entrevistas, apareceu a demanda de encontrar um outro parceiro homem para dividir a moradia, que fosse discreto e disposto também a manter relações sexuais. A isto poderíamos denominar uma amizade da terceira idade onde, para além das características já citadas, agrega-se aquela da companhia na velhice, o que contraria algumas opiniões já citadas em seção anterior, que dão conta de que a bissexualidade é típica de uma fase inicial da vida, mas no final da vida o indivíduo se manteria com relações apenas com mulheres, eventualmente apenas com a própria esposa. É de se notar que alguns dos informantes que escreveram cartas nesta situação haviam se separado da esposa por iniciativa própria, em geral com a crítica dos filhos, e apenas um identificou-se como viúvo. A citação abaixo, extraída de longa carta de um informante que se mostrou ativo correspondente, permite conhecer melhor esta narrativa da amizade masculina:

*Caros amigos. Escrevo-lhes de tão distante, mas tudo é possível, 'longe é o lugar que não existe', assim diz um escritor. Sou bissexual, ativo-passivo, casado, mas estou separado da família, de pouco tempo e morando só. O meu desejo é encontrar um cavalheiro amigo que a situação financeira possa permitir viajar até aqui o interior da Bahia, para nos conhecermos, após conhecer melhor o meu caráter, através da correspondência. Esta pessoa pode ser jovem ou senhor de qualquer idade, se for senhor, pode ser ativo ou passivo, mas que todos tenham afinidade por senhoras cinquentões. [ . . . ] Como eu disse, resido só, mas numa simples e modesta chácara, banhada por um lindo lago de águas azuis, lindo cenário, paz e encontro com a natureza, árvores frutíferas e criatório de galinhas. Aceito também senhores aposentados para morarem comigo ou independentes que possam vir dar-me sempre assistência. Sou aposentado de poucos meses, como funcionário público estadual, calmo, educado, bom nível, não afeminado, homem sério, discreto, sigiloso, e o mesmo exijo do eventual companheiro. Não sou feio nem bonito, sou simpático, boa aparência, cinquentão, branco, cabelo liso, castanho claro, não completamente grisalhos, 1,65 m, 60 kg, descendente de europeus, com boa situação financeira. [ . . . ] Os senhores de qualquer idade terão especial carinho mesmo com pouca potência, pois não viso somente sexo, e sim uma verdadeira amizade com outro companheiro. Abraços a todos os amigos desta rede.*

Esta citação sintetiza alguns dos argumentos desta seção, a inscrição da sexualidade no terreno da amizade, como forma de recriação da vida sexual, no sentido de uma masculinidade bissexual. É uma modalidade de vida sexual não reprodutiva, não ancorada na família, mas sim em grupos de homens. Faz referência ao prazer que os homens podem sentir na relação erótica uns com os outros, seja em grupos, seja em pares. A preocupação com a amizade está presente de forma variada nas três representações já apresentadas, e pode inclusive constituir uma preocupação central na aproximação entre dois homens que mantêm relações afetivas e sexuais com mulheres, mas pretendem construir com um companheiro uma relação homoerótica.

## 16 CONCLUSÕES

---

Aquilo que pode em verdade ocupar o espaço das conclusões nesta tese já foi apresentado nas seis últimas seções, correspondendo a construção da categoria da masculinidade bissexual, e a apresentação das quatro grandes representações que lhe dão consistência. De toda forma, nesta última seção creio ser conveniente tecer algumas considerações de caráter abrangente sobre o tema da pesquisa, e avançar em algumas proposições de continuidade dos trabalhos de investigação.

Coerente com muito do que foi afirmado anteriormente, e reconhecendo mais uma vez a inexistência de uma identidade fixa, sólida e permanente, a primeira tarefa que se apresenta nesta seção é aquela de relativizar a abrangência destas conclusões. Em primeiro lugar, lembrando que tudo o que se afirmou, e as representações que se montaram, acerca de uma suposta identidade masculina bissexual, está vinculado estritamente ao grupo de homens informantes da Rede Bis-Brasil. Torna-se difícil exercer uma generalização nestas conclusões, uma vez que não temos estudos que nos permitam conhecer a população de homens bissexuais brasileira, e a partir daí estabelecer comparações viáveis com os aspectos aqui observados.

Mesmo que estes estudos existissem, haveria o problema de que a amostra de informantes que serviu de base a esta investigação não pode ser caracterizada como representativa, uma vez que não foi construída com base a critérios de representatividade de uma suposta população masculina bissexual brasileira, sobre a qual não temos idéia do tamanho e nem das características principais. Conforme já referido anteriormente, a partir de anúncios em jornais e revistas, e de uma busca ativa em classificados, os homens bissexuais interessados buscaram contato, e isto configurou uma rede de troca de informações que em momento algum se pretendeu que fosse representativa do universo maior em questão. Isto também levanta outra limitação em termos de generalização: os indivíduos que se agregaram à rede estavam, de alguma forma, acostumados a escrever cartas, se anunciar, ou a responder anúncios, o que também não constitui característica possível de encontrar em todo o universo masculino brasileiro. O que acredito seja uma originalidade desta tese seja a busca ativa dos informantes diretamente dentre os homens que se reconhecem como bissexuais, tomando um rumo diferente de muitas pesquisas até aqui, conforme comentado por Ana Luiza Liguori para o caso mexicano:



Desde los inicios de la epidemia en México se vio que los hombres con prácticas homosexuales y bisexuales eran los que concentraban el mayor número de casos. Esto los convirtió en objeto de estudio. Una de las limitaciones que tiene la mayoría de los estudios es que sistemáticamente agruparon a esos dos sectores y a los sujetos de las encuestas se les buscaba en los lugares de reunión de los varones homosexuales. (LIGUORI, 1995, p. 143)

Numa perspectiva mais propriamente teórica, estas conclusões não podem ser vistas como o momento de concluir-se a definição de algo, que se quedaria para sempre explicado, e, portanto definido. Prefiro afirmar, mais modestamente, que acredito que as idéias expostas nas seções anteriores são boas para pensar uma variedade de questões ligadas à masculinidade e sexualidade, e que podem frutificar em outros trabalhos de pesquisa:

Nesse sentido, podemos dizer que não existe qualquer fechamento em torno de uma definição única. Seus significados são, sempre, questionáveis, estando abertos à interpretação, sobretudo na medida em que as pessoas que estudam esses movimentos utilizam esses termos de forma a torná-los teoricamente produtivos. De fato, poder-se-ia argumentar que quando essas definições e significados tornam-se fixos é porque o discurso teórico esgotou-se. (PETERS, 2000, p. 16)

Um primeiro aspecto que merece consideração neste momento final refere-se à questão do sigilo e do anonimato da condição de homem bissexual. Para quase todos os informantes, indiferentemente de considerarem-se modernos, ambíguos, indefinidos, culpados, amigos, super machos, fêmeas, adiante de seu tempo, satisfeitos ou insatisfeitos com sua situação, a necessidade de sigilo acerca de suas práticas foi uma constante, e inclusive condição de sucesso na estruturação da rede. Por outro lado, a insistência no sigilo e no anonimato nos leva a pensar na dificuldade de produzir-se uma política de identidade. No já referido trabalho de Lago (1999), a autora também encontrou situação semelhante:

Em um segundo momento, quando se interroga sobre quais pessoas do meio familiar e social dos participantes estariam cientes de suas inclinações sexuais, fica patente o empenho em encobri-las e a confidencialidade sobre os parceiros homens é nítida. Esses achados são plenamente corroborados pelas entrevistas, que também mostram que nas redes sociais mais abrangentes e, principalmente, no âmbito familiar, a bissexualidade permanece no mais estrito segredo. (LAGO, 1999, p. 105)

Daqui deriva um ponto importante de ser abordado nestas conclusões, que é aquele de indagar-se se é possível à construção de uma identidade masculina bissexual na medida em que não temos nenhum movimento social a ela dedicado, nem locais de encontro, nem lideranças ou indivíduos publicamente identificados, e muito menos políticas de identidade que insistam na visibilidade. Enfim, como falar de uma identidade sem uma cultura a ela associada? Lembrando muitas declarações de informantes que implicam um esforço em não se apre-

sentar como afeminados e gays, se poderia pensar que a masculinidade bissexual se constrói mais em um regime de negação da homossexualidade masculina do que na afirmação de um estilo de vida próprio.

A questão da preservação do anonimato e a criação de uma cultura da masculinidade bissexual estão vinculadas. Pelas informações colhidas dos informantes e analisadas nas séções anteriores, a opção é quase sempre a de visibilizar a face das relações com mulheres, que enfim não é “mentirosa”, e deixar no anonimato as relações com outros homens. Desta forma, o indivíduo passa por ser um homem heterossexual. Declarar-se bissexual pode acarretar uma série de perguntas incômodas para o indivíduo, especialmente por parte dos outros homens de seu círculo de relações, e da esposa, quando é o caso. Preservar o anonimato implica em dois desdobramentos: não há elementos para a criação de uma cultura da masculinidade bissexual, com locais de encontro, publicações, elementos simbólicos presentes na cultura; e não contar aos outros implica colocar-se na posição que Goffmann (1982) nomeou como “estigmatizável”, o que gera medo, solidão, isolamento, sensação de culpa, tensão para manter o anonimato, dificuldade em ter relações de amizade mais profundas especialmente com homens, etc.

Enfim, o espaço de agência que estes homens tem frente à masculinidade hegemônica se vê reduzido na medida em que a opção pelo anonimato se mantém, mas isto não significa que esta opção não lhes traga vantagens palpáveis e diga-se mesmo que não lhes impede de manterem uma vida de relações com homens e mulheres, conforme ficou demonstrado pela correspondência citada em vários momentos. O conceito de agência dá conta da percepção de que os indivíduos se mostram ativos no processo de construção social de gênero, negociando, de forma complexa, seus desejos frente aos padrões da masculinidade hegemônica, e criando formas de viver. Desta forma, constituem-se as masculinidades, e se dá corpo às diversas representações da masculinidade bissexual.

O caminho tomado nesta tese foi de insistir na idéia de que aquilo que está nomeado como masculinidade bissexual é fruto de um esforço de homens que mantém relações afetivas e sexuais com homens e mulheres em pertencer ao universo da masculinidade, em ser considerados como homens, com todos os atributos da virilidade, embora reconhecendo a particularidade do desejo bissexual. Dito de outra forma, a mim parece que o elemento mais importante na construção identitária da maioria dos informantes é a masculinidade, e não a bissexualidade. A questão principal a ser enfrentada na construção dessa identidade é uma questão de

gênero, e não de sexualidade. Isto também significa dizer que a maioria dos informantes se auto denomina de homem, busca situar-se no terreno da masculinidade, mas em todas as narrativas existe uma espécie de deslocamento da masculinidade: na representação da masculinidade bissexual como indefinição, a masculinidade está deslocada porque é subordinada, é menor, é menos, chega a estar próxima da homossexualidade; na representação que fala em sexo do futuro, a masculinidade é adiante do seu tempo, é trans, é erotismo, fala de homens mais delicados, é o novo homem; na representação que fala de uma masculinidade bissexual como masculinidade sacana e intensificada, o deslocamento com relação à masculinidade hegemônica está situado no exagero da virilidade, na metáfora da relação entre dois homens como luta de machos; por fim, na representação que fala da masculinidade bissexual como uma modalidade de amizade o deslocamento está na idéia de que dois homens podem ter uma amizade com intensidade erótica.

Ainda pensando a questão por outro ângulo, a masculinidade bissexual aqui está tomada como uma forma de viver a masculinidade. Nesta medida, a masculinidade é o principal organizador das representações construídas, que dão conteúdo à idéia de uma masculinidade bissexual. Mais ainda, de acordo com as definições já expostas de Connell (2003), esta forma de viver a masculinidade pode experimentar situações de subordinação, cumplicidade ou marginalização frente à masculinidade hegemônica e a heteronormatividade. Ao finalizar a escrita desta tese, saio convencido de que a masculinidade não é vivida por todos como necessariamente acompanhada da heterossexualidade, há modos de viver a masculinidade que são acompanhados de uma orientação bissexual. A expressão *derivas da masculinidade*, posta no título desse trabalho, busca expressar a idéia de que os modos de viver a masculinidade são múltiplos, e, mais do que isso se encontram em regime de movimento, de fluidez, de deriva. Convém retomar também aqui uma estratégia política seguida nesta tese: exercer a desconfiança sobre a categoria da masculinidade passa por mostrar que ela é muito mais plural do que em geral se pensa. Identidade masculina, quando entendemos a identidade como posição de sujeito, implica na idéia de movimento e de abertura para a interpelação. Falar de masculinidade no plural, como masculinidades, pode nos levar a esquecer as tensões internas deste agrupamento de masculinidades. Espero ter deixado claro, nas seções precedentes, as relações de poder que existem entre cada representação possível da masculinidade bissexual com traços da masculinidade hegemônica. Por vezes, esta tensão aparece de forma difusa, ou pouco perceptível, mas sempre presente, buscando estabelecer hierarquias.

Ainda vinculado a este tema das relações entre a masculinidade bissexual e a masculinidade hegemônica, creio ter ficado claro ao longo da leitura da tese que a masculinidade bissexual não pode ser vista unicamente como uma ruptura com o modelo de sexualidade masculina dominante. A relação aqui é mais complexa, comportando continuidades, rupturas, complementações, exercidas em cada caso particular, no âmbito das quatro representações construídas. Desta forma, esta não é uma tese que aposte no caráter eventualmente redentor ou necessariamente progressista da masculinidade bissexual frente às práticas da masculinidade hegemônica. As relações da masculinidade hegemônica frente à masculinidade bissexual variam do repúdio pela suposta indefinição dos homens bissexuais até o fascínio pelas modalidades sexuais daqueles que se envolvem em relações com homens e mulheres. A atitude de condenação parece seguir na maior parte das vezes de forma paralela ao desejo de aproximação e de experimentação. A percepção de que o outro ousa atravessar a fronteira (seja esta uma fronteira de gênero ou da sexualidade) é motivo de desprezo e ao mesmo tempo de curiosidade e fascínio, o que explica que a masculinidade bissexual oscile entre a condenação por ser sinal de indefinição e a louvação por ser sinal do sexo do futuro.

Também é importante retomar nestas conclusões os interrogantes que a masculinidade bissexual propõem à idéia de monogamia e fidelidade, já discutidas. Novamente se poderia afirmar: se por um lado há muitos modos de viver a masculinidade, também há muitos modos de viver o casamento, e a eventual fidelidade do homem para com a mulher pode conviver com as relações do homem com outros homens, onde existe uma troca erótica reconhecida pela quase totalidade dos informantes como de natureza diferente daquela que ocorre com a mulher. O casamento com uma mulher e a constituição de família com filhos é um ideal buscado por boa parte dos informantes, e, uma vez estabelecido, cuida-se de mantê-lo a salvo de crises. Tudo isso reforça a idéia de que o matrimônio é uma estratégia de melhor viabilizar a vida íntima cotidiana do indivíduo:

[ . . . ] En primer lugar, sea cual sea su forma, marital o no marital, la relación se convierte en el elemento definitivo de la esfera de la intimidad que proporciona el marco para la vida cotidiana. En segundo lugar, es el foco de identidad personal en el que la narrativa personal se construye y reconstruye para proporcionar el sentido provisional de unidad del yo que es necesario en el mundo de la postmodernidad. (WEEKS, 1995, p. 177)

Mais ainda, a vida sexual feita no ambiente do casamento se associa com a idéia de família, filhos, companhia para a velhice, sociedade para a aquisição de bens, visibilidade soci-

al, etc. Para grande parte dos informantes, a vida sexual no casamento não representa a única alternativa implementada, e a vida sexual feita fora do ambiente do casamento, e mais ainda com outro homem, está acompanhada por outro conjunto de significados culturais, que podem envolver as idéias de cumplicidade masculina, sexo intensificado, amizade, exercícios de papéis sexuais diferentes daqueles designados na relação com a esposa, etc. Uma pergunta que foi feita de forma insistente em todas as vezes que tive a oportunidade de apresentar o trabalho para platéias não acadêmicas foi: é possível amar verdadeiramente, sendo um homem bissexual? A pergunta poderia ser feita desde o ponto de vista daquele que perguntou: é possível ser amado(a) verdadeiramente por um homem bissexual? Com certeza, são as questões de fidelidade e monogamia que alimentam essas perguntas, e elas constituem um tema interessante para futuras investigações.

Outro ponto importante que atravessa praticamente toda a construção da masculinidade bissexual, conforme abordado em muitas das seções desta tese, são as relações da masculinidade bissexual com a cultura da homossexualidade masculina, e de forma mais direta as relações sexuais entre homens bissexuais e homens homossexuais. Conforme tratado nas seções específicas, temos uma diversidade de relações possíveis, mas constitui um ponto de pesquisa interessante para a continuidade deste trabalho verificar até que ponto temos homens homossexuais que não compartilham dos traços principais da “cultura gay”, preferindo o envolvimento com homens casados, investindo de certa forma na relação com o mundo da masculinidade heterossexual. Em outros trabalhos de investigação este tema já foi percebido:

Em nossa experiência clínica ouvimos muitos relatos de homens homossexuais que preferem para o relacionamento sexual os homens casados. Isso acontece em todas as classes sociais e as razões são as mais variadas. De acordo com o relato desses homossexuais, os homens casados seriam menos promíscuos, não haveria o risco de envolvimento amoroso e essa relação ficaria oculta. (COSTA, 1994, p. 131)

Outro ponto que merece ser discutido nestas conclusões refere-se à suposta preferência dos homens bissexuais pelas relações com parceiros do mesmo sexo. Da forma como numerosas vezes foi feita a pergunta, o suposto é de que os homens bissexuais no fundo tem uma preferência maior pelas relações com seus parceiros homens, ficando em segundo plano a preferência pela relação com mulheres, sejam estas as esposas, namoradas, noivas, etc. A questão incide sobre esta delicada fronteira entre a homossexualidade masculina e a masculinidade bissexual, e a pergunta foi exaustivamente feita ao longo do trabalho, tanto em entrevistas na mídia quanto por amigos e outros. No trabalho de Lago (1999), a autora, nas conclu-

sões, afirma que “como se viu, no presente estudo os bissexuais revelam-se mais inclinados homoeroticamente do que interessados no sexo oposto” (LAGO, 1999, p. 104). Já no trabalho de Valdeci Gonçalves da Silva (1999), o autor busca deliberadamente investigar a relação dos homens bissexuais com parceiros do mesmo sexo, e desta forma as relações com mulheres não são comentadas.

Na presente investigação, em parte esse caminho também foi trilhado, ou seja, tratou-se mais abundantemente das relações dos homens com seus parceiros homens, esta foi a problemática mais intensamente abordada. A relação com as mulheres foi pouco problematizada pelos informantes, e para isso podem ter colaborado diversos motivos. Ensaio aqui algumas explicações. O primeiro motivo pode estar vinculado ao fato de que a maior dificuldade na vida desses homens é encontrar parceiros homens para manter relações, resguardando o sigilo e a discrição, então de certo modo seria natural pensar que isto ocupe a maior parte da correspondência. De outra parte, também o relato de fantasias e de experiências de relação sexual com homens ocupou a maior parte da correspondência enviada, o que também pode ser explicado pelo fato de que isso é a novidade, o diferente, o desvio, na vida destes homens, e especialmente esse é o tema que não podem discutir ou trocar idéias com outros, então a Rede Bis-Brasil serviu especialmente para isso. Não deve ser esquecido o fato de que a rede funcionou como um serviço de troca de idéias e aconselhamento, bem como de busca de parceiros para relações sexuais ou para conversas.

A constatação de que a relação com homens é a mais estigmatizada, e é sobre ela então que os informantes desejam comentar, creio estar correta, mas não completa. Em muitas cartas, e em citações que estão reproduzidas ao longo da tese, é possível verificar que a rede configurou-se como um espaço da masculinidade, com declarações explícitas de que mulheres e afeminados fossem excluídos ou proibidos de nela ingressar. Dessa forma, o que explica também a preferência pelos comentários da relação entre homens é uma mistura de atitude misógina com homofobia. Também para isso colabora a idéia de que a rede poderia constituir-se como um “clube de homens”, uma confraria, mas com uma diferença fundamental das outras confrarias: naquelas, a conversa sobre o desejo masculino é negada ou tratada na forma de piadas e brincadeiras; nesta, esse desejo é assumido como central para estruturação das relações, especialmente quando pensadas como relações de busca de parceiros.

Também é relevante para auxiliar a explicar a preferência pelos comentários acerca da vida sexual com homens o fato de que isto foi o mais perguntado pelos próprios pesquisadores aos seus informantes. Na pesquisa de Regina Ferro, por conta de ser feita em cima de uma coorte de homens que fazem sexo com homens; na de Valdeci Gonçalves da Silva porque estas foram às questões dirigidas pelo investigador aos seus entrevistados; e na Rede Bis-Brasil porque estávamos formando uma rede de homens bissexuais, sempre o estímulo foi para que se falasse da relação entre homens. Também os pesquisadores ficamos presos à curiosidade da relação masculina. Mas importa salientar que só é possível falar em uma masculinidade bissexual quando a relação afetiva e sexual com mulheres está pensada e problematizada, o que abre caminho para futuros projetos de pesquisa, em especial buscando saber como as mulheres percebem esta situação, questão que só marginalmente está abordada na presente tese. Isso pode ser visto como um ponto fraco da presente tese, a pouca participação da opinião das mulheres, bem como a pouca utilização dos depoimentos de casais homem e mulher, que assumem sua vida bissexual. Os estudos da masculinidade precisam ser feitos como estudos de gênero, acredito que esta seja a chave para o avanço do conhecimento nesta área, e não fazer apenas “estudos de homens”. Talvez neste trabalho se tenha exagerado um tanto o viés dos depoimentos masculinos.

Todo o esforço de construção das quatro grandes representações que dão conteúdo ao conceito de masculinidade bissexual foi feito no sentido de reforçar, do ponto de vista teórico, aquela constatação de Hall de que o conceito de identidade deve ser utilizado “sob rasura”, mas ainda não pode deixar de ser usado, especialmente pela importância que representa ainda para as políticas de identidade. Pensar a identidade da masculinidade bissexual como uma posição de sujeito foi a alternativa utilizada. A própria idéia de indecisão, presente numa das representações da masculinidade bissexual, pode ser pensada como constitutiva desse conceito de identidade como posição de sujeito, uma vez que dependente da interpelação de uma representação. Por vezes o que é tomado como sinal de indecisão de um homem frente ao desejo de manter relações com homens e com mulheres é simplesmente uma estratégia para alcançar a satisfação do desejo. Tendo-se em conta que “se a esfera pública concentra os elementos mais valorizados da sociedade de consumo (instrução, profissão e renda), a esfera privada ameaça a identidade masculina [ . . . ]” (GIFFIN; CAVALCANTI, 1999, p. 55), o que se verifica é que muitas vezes o indivíduo reforça sua imagem masculina na esfera pública, como estratégia para enfrentar a tensão de ameaça da masculinidade na esfera privada, o que parece muito mais configurar uma estratégia de sucesso do que um fator de indecisão. Se vi-

sualizarmos este assunto de outro ponto, verificamos que na sigla GLS, já apresentada, e que indica as iniciais de gays, lésbicas e simpatizantes, o que mais interessa, pensando numa identidade como sujeita a interpelação, é o S, que nos fala em fragilização da identidade, pois indica a possibilidade do sujeito estar em um lugar, por exemplo, um ambiente gay, e não ter exatamente esta identidade.

Embora esta tese trabalhe com o conceito mais amplo de identidades culturais, a ênfase foi na construção de representações acerca da masculinidade bissexual. A opção foi por investir na interpelação a que estão sujeitos homens às voltas com sua “definição” identitária. É a partir destas representações que são implementadas as identidades da masculinidade bissexual, admitindo-se também que possam ser construídas outras representações, e que os caminhos para construir identidades a partir destas representações são variáveis. Certamente não há uma correspondência entre cada representação e uma identidade específica. Prefiro pensar que estas representações podem estar presentes na vida de um mesmo indivíduo, de forma não previsível e diferente a cada momento, em função das interpelações a que está sujeito, e da forma como reage a elas. As quatro representações apresentadas não correspondem a tipos de pessoas, e sim a modos de interpelação existentes no âmbito da masculinidade bissexual. As pessoas, como já foi dito anteriormente, em geral não são isto **ou** aquilo, mas isto **e** aquilo. O que queremos evitar é a idéia de identidades definidas e concluídas:

A luta por uma subjetividade moderna passa por uma resistência às duas formas atuais de sujeição, uma que consiste em nos individualizar de acordo com as exigências do poder, outra que consiste em ligar cada indivíduo a uma identidade sabida e conhecida, bem determinada de uma vez por todas. A luta pela subjetividade se apresenta então como direito à diferença e direito à variação, à metamorfose. (DELEUZE, 1988b, p. 113)

Apoiar a idéia de que as identidades não são definidas de uma vez para sempre implica realçar o traço de que a masculinidade bissexual é causadora de desassossego no terreno dos modos de viver a masculinidade, força que não queremos esvaziar nela. Segundo Garber (1997, p. 69), “a bissexualidade é a marca da instabilidade da sexualidade e da diferença sexual”. Portanto, este trabalho, por um lado não tem a pretensão de “explicar” a masculinidade bissexual – ou a bissexualidade masculina, como em geral é conhecida – de forma a “achar um lugar” para ela no seio do pensamento classificatório. Por outro, aposta-se aqui na preservação do estranhamento e do desconforto que esta categoria causa, tanto para a masculinidade hegemônica como para a homossexualidade masculina, pois reconheço aí uma força política



importante no sentido de alargar o conceito de masculinidade, em direção à percepção de que existem masculinidades, no plural, bem como homossexualidades. Desta forma, penso em escapar da armadilha do conceito de identidade, que é aquela de agrupar sob a mesma rubrica o que lhe parece idêntico. Trabalhamos com o conceito de identidade, mas o forçamos a deslocar-se, investimos em sua fluidez, e por isso identidade foi definida sempre como posição de sujeito. Os indivíduos, enfim, não são totalidades coerentes, e desta forma não é possível agrupá-los em identidades, ou só é possível fazer isto na forma de arranjos provisórios. Sendo assim, trabalhar com o conceito de identidade como posição de sujeito permite evitar cair nesta armadilha da delimitação dos espaços de diferença. A eventual “coerência” na vida de um indivíduo é sempre instável, sujeita a um jogo de forças, a um equilíbrio um tanto imprevisível. A questão do caráter indeciso e transitório da masculinidade bissexual como indefinição, e a própria idéia de indefinição, são boas para retomar, na argumentação de que a masculinidade bissexual é uma identidade cultural que se presta ao exame da identidade como fluida e transitória. Talvez ela desfrute dessa posição por escapar ao binarismo heterossexualidade versus homossexualidade:

A masculinidade hegemônica, ‘centrada no patriarcalismo e no heterossexualismo, ajuda a construir tipos subordinados de masculinidade, tais como a masculinidade homossexual que lhe serve de contraponto e anti-paradigma’. (OLIVEIRA, 1998, p. 104, grifo do autor)

Da masculinidade bissexual não podemos dizer que se trata de contraponto e anti-paradigma da masculinidade hegemônica. Que posição ocupa então a masculinidade bissexual frente à masculinidade hegemônica? Essa questão parece-me que está respondida nas quatro categorias anteriormente traçadas: ela pode ser uma masculinidade indefinida, uma masculinidade sacana, uma masculinidade do futuro ou uma amizade masculina, e pode guardar uma relação de subordinação, cumplicidade ou marginalidade frente à masculinidade hegemônica. Ela pode exagerar traços da masculinidade hegemônica, como no caso da masculinidade sacana, e ela pode se contrapor a traços desta masculinidade hegemônica, como no caso da amizade masculina. O que temos são características da masculinidade bissexual que tanto reforçam quanto criticam a masculinidade hegemônica. Mais ainda, e concordando com Garber, podemos afirmar que a bissexualidade “é o sinal de que a masculinidade e a feminilidade não são identidades, e sim posições de desejo, com relação à qual a pessoa tem um relacionamento incerto e mutável” (GARBER, 1997, p. 69).

Sumariando muitos dos comentários aqui feitos, importa salientar que temos uma complexa e permanente negociação entre os atributos da masculinidade bissexual e os atributos da masculinidade hegemônica e também da homossexualidade masculina, negociação essa que reforça a idéia de uma identidade como posição de sujeito. As quatro grandes representações que construímos no âmbito da masculinidade bissexual correspondem a regiões de concentração de possibilidades, organizadas por alguns traços mais fortes. Elas não correspondem a tipos de pessoas, nem a estilos de vida, nem a subtipos da masculinidade bissexual. A identidade masculina bissexual não está enraizada numa cultura específica, ou está de forma muito débil, o que a faz ficar na dependência das duas grandes culturas sexuais da masculinidade, a identidade masculina heterossexual e a identidade masculina homossexual. Seja para se aproximar, seja para negar parcialmente e se afastar um tanto, seja para negar inteiramente e colocar-se noutra posição, o grande modelo de referência positiva da masculinidade bissexual é a masculinidade hegemônica, e seu grande modelo de afastamento é a masculinidade homossexual. Há, nas quatro representações apresentadas, informantes de diferentes classes sociais, raças, nível educacional, região, religião, que fazem um cultivo, de modo aberto ou velado, dos modos de ser da masculinidade hegemônica, na qual pretendem introduzir modificações que lhes façam sentir-se pertencendo a ela, num modo mais avançado, ou num modo mais intensificado.

Uma última preocupação destas conclusões é perguntar-se novamente acerca das implicações que esta pesquisa pode ter para o desenho de futuros projetos de intervenção para redução da vulnerabilidade à aids no campo da masculinidade bissexual. Embora manifestando grande simpatia pela investigação científica associada à criação de agendas para o movimento social, não foi possível neste trabalho realizar este objetivo de forma muito expressiva. Para tanto, teria sido necessário articular, de modo mais intenso e com certeza mais sistemático do que foi possível fazer, a vida pessoal dos informantes com determinadas características da estrutura social, em particular os quesitos de raça, classe, faixa etária, pertencimento religioso, localização urbana e rural, estado civil, grau de instrução, etc. O modo como os depoimentos dos informantes foram recortados e trabalhados encaminhou a análise para outro campo, não permitindo essa articulação, que fica aqui indicada como caminho futuro de pesquisa.

## 17 REFERÊNCIAS

---

ALMEIDA, M. V. de. *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995a.

ALMEIDA, M. V. de. Gênero, Masculinidade e Poder: revendo um caso no sul de Portugal. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, 1995b.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. A “Revisão da Bibliografia” em Teses e Dissertações: meus tipos inesquecíveis: o retorno. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. *A Bússola do Escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002. P. 25-44.

BENZ, V. H. *Bissexualidade: opção ou indefinição sexual?: um estudo sobre a bissexualidade com base na psicanálise*. São Paulo: PUCSP, Curso de Psicologia, 1997.

BESSA, K. A. M. Posições de Sujeito, Atuações de Gênero... *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 34-45, 1998 .

BORGES, J. L. *O Aleph*. Porto Alegre: Globo, 1997.

BRENER, B. S. Bissexualidade: opinião e prevalência em estudantes de administração. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE HUMANA, 10., 1990, Florianópolis.

BRITZMAN, D. O Que é Essa Coisa Chamada Amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996.

BRUNS, M. A. T. Bissexualidade: uma realidade indigesta. *Jornal Correio Popular de Campinas*, Campinas, p. 3, mar. 2000.

BURKE, P. A Violência das Mínimas Diferenças. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 maio 2000. Caderno Mais!, p. 16.

CÁCERES, C. Opressão Sexual e Vulnerabilidade ao HIV. *Boletim ABIA*, Rio de Janeiro, n. 44, p. 10-11, jan./mar. 2000. Boletim especial sobre violência estrutural, desigualdade social e vulnerabilidade ao HIV/AIDS.

CÁCERES, C.; PECHENY, M.; TERTO JR., V. (Org.). *SIDA y Sexo entre Hombres en América Latina: vulnerabilidades, fortalezas y propuestas para la acción: perspectivas y reflexiones desde la salud pública, las ciencias sociales y el activismo*. Lima: UPCH/ONUSIDA, 2002.

CAMPOS, M. C. C. Roberta Close e M. Butterfly: transgênero, testemunho e ficção. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 7, n. 1/2, p. 37-52, 1999.

CASTEL, P.-H. Algumas Reflexões para Estabelecer a Cronologia do “Fenômeno Transexual”: 1910-1995. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 77-111, 2001.

CASTELLS, M. O poder da Identidade. In: CASTELLS, M. *A Era da Informação: economia, Sociedade e cultura*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000a. V. 2.

CASTELLS, M. Fim de Milênio. In: CASTELLS, M. *A Era da Informação: economia, Sociedade e cultura*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000b. V. 3.

CIPRIANO, F. L. *Dinâmica das Propriedades da Sexualidade de Nove Pacientes HIV Soropositivos em Dois Anos de Investigação*. 1999. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. London: Allen & Unwin, 1995a

CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995b.

CONNELL, R. W. La Organización Social de la Masculinidad. In.: VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. *Masculinidad/es, Poder y Crisis*. Santiago de Chile: Flacso, 1997. P. 31-48.

CONNELL, R. W. *Masculinidades*. México: UNAM-PUEG, 2003.

CORAZZA, S. M. Manual Infame... mas Útil, para Escrever uma Boa Proposta de Tese ou Dissertação. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. *A Bússola do Escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002. P. 355-370.

COSTA, J. F. *A Inocência e o Vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

COSTA, R. P. da. *Os Onze Sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana*. São Paulo: Gente, 1994.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro, Graal, 1988a.

DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988b.

DOMÍNGUEZ, A. *O Sexo do Futuro...: um breve ensaio sobre a bissexualidade*. São Paulo: Projeto Etcetera e Tal... , [19--]. Texto mimeografado.

DOWSETT, G. *Practicing Desire: homosexual sex in the era of aids*. Stanford: Stanford University Press, 1996.

EAGLETON, T. *As Ilusões do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ESOPO. *Fábulas de Esopo*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FISCHER, R. M. B. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985a.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985b.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FOUCAULT, M. Verdade e Subjetividade. *Revista de Comunicação e Linguagens*, Lisboa, n. 19, p. 203-223, 1993.

FREITAS, M. A.; AZEREDO, S. M. M. “Ativo” e “Passivo”: categorias fundamentais da identidade masculina analisada a partir dos usuários do “disque-amizade” que apresentam comportamento bissexual. In: HORIZONTES Psicossociais. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Psicologia Social, 1997.

FREUD, S. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*: (1905). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1972. V. 7, p. 123-250.

FRY, P. *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GARBER, M. *Vice-Versa: bissexualidade e o erotismo na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GENET, J. *Querelle*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GIACOIA JÚNIOR, O. Entre Quatro Paredes. *Folha de São Paulo*, São Paulo, n. 538, 2 jun. 2002. Caderno Mais!, p. 16-17.

GIDDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GIFFIN, K.; CAVALCANTI, C. *Homens e Reprodução*. Florianópolis: Estudos Feministas, v. 7, n. 1/2, p. 53-71, 1999.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOLIN, C.; WEILER, L. G. (Org.). *Homossexualidades, Cultura e Política*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

GONDIM, R. C. et al. Self-Reported Sexual Behavior and HIV Risk Taking among Men who Have Sex with Men in Fortaleza, Brazil. *Revista Aids*, Londres, v. 13, p. 709-717, 1999.

GUIMARÃES, C. D. *Homossexual Visto por Entendidos*. 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

GUIMARÃES, C. D.; TERTO JR., V.; PARKER, R. G. Homossexualidade, Bissexualidade e HIV/AIDS no Brasil: uma bibliografia anotada das Ciências Sociais e afins. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 151-183, 1992.

HALL, S. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997a.

HALL, S. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997b.

HALL, S. Quem Precisa de Identidade? In.: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 103-133.

HEILBORN, M. L. Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. P. 136-145.

HOUAISS, A.; VILAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOACHIM, S. Bissexualidade Psíquica e Narratologia. In: TROCANDO idéias sobre a mulher e a literatura. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

KERR-PONTES, L. R. S.; GONDIM, R. Homo/Bissexualidade Masculina: um estudo sobre práticas sexuais desprotegidas em Fortaleza. *Revista de Epidemiologia*, Fortaleza, v. 2, p. 35-42, 2001.

LAGO, R. F. do. *Bissexualidade Masculina*: dilemas de construção de identidade sexual. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1999. Texto digitado.

LIGUORI, A. L. Las Investigaciones sobre Bissexualidad em México. *Debate Feminista*, México, v. 2, año 6, p. 132-156, abr. 1995.

LIMA, R. C. *Você Namoraria um Bissexual?* Disponível em: <[http://www.bolsademulher.com/revista/?id\\_secao=11&id\\_materia=239&id\\_pagina=355](http://www.bolsademulher.com/revista/?id_secao=11&id_materia=239&id_pagina=355)> Acesso em: 20 jun. 2002.

LOURO, G. L. Olhares Atrevidos: ensaios foucaultianos sobre Educação. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 273-280, 1996.

LOURO, G. L. *Gênero, Ssexualidade e Educação*: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O Corpo Educado*: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica, 1999. P. 33-34.

LOURO, G. L. Corpo, Escola e Identidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez. 2000.

LOURO, G. L. *Currículo, Gênero e Educação*. Porto: Porto Ed., 2001.



LYOTARD, J-F. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MARTINS, P. C. R.; MIGOTT, A. M. B.; RISSON, N. M. O Bissexual Casado e sua Vivência Familiar. *Revista Médica HSVP*, Passo Fundo, v. 8, n. 18, p. 17-19, 1996.

NOLASCO, S. *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NOVAES, C. E. *Homem, Mulher & Cia. Ltda.* São Paulo: Ática, 1987.

OLAVARRÍA, J. A. (Org.). *Hombres: identidad/es y violencia*. Santiago de Chile: Flacso, 2001.

OLIVEIRA, P. P. de. Discursos sobre a Masculinidade. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 91-112, 1998.

ORTEGA, F. *Amizade e Estética da Existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

ORTEGA, F. *Para uma Política da Amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

OVÍDIO. *As Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Ediouro Tecnoprint, 1983.

PARKER, Richard. *A construção da solidariedade: aids, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1994.

PARKER, R. *Beneath the Equator: cultures of desire, male homosexuality and emerging gay communities in Brazil*. New York: Routledge, 1999.

PARKER, R.; HERDT, G.; CARBALLO, Manuel. Cultura Sexual, Transmissão do HIV e Pesquisas sobre a Aids. In: CZERESNIA, D. et al. (Org.). *Aids: pesquisa social e educação*. São Paulo: HUCITEC, 1995.

PASSMAN, L. J. et al. Low Rates of Condom use and Male Bisexuality are Contributing to Heterosexual Transmission of HI to Women in Rio de Janeiro, Brazil. In: SOCIETY OF

GENERAL INTERNAL MEDICINE ANNUAL MEETING, 17., 1994, Washington. *Program and Abstracts*. 1994. V. 9.

PETERS, M. *Pós-Estruturalismo e Filosofia da Diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PERLONGHER, N. *O que é Aids*. São Paulo: Brasiliense, 1987a.

PERLONGHER, N. *O Negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

PERRONE-MOISÉS, L. Barthes o Mestre Artista. *Folha de São Paulo*, São Paulo, n. 562, 17 nov. 2002. Caderno Mais!, p. 4-7.

PINTO, C. R. J. Foucault e as Constituições Brasileiras: quando a lepra e a peste se encontram com os nossos excluídos. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, jul./dez. 1999. P. 33-56.

RAMÍREZ-ROA, A. De las Dicotomías y los Estigmas. *UYAM: revista sólo para nosotras*, México, D.F., v. 1, n. 2/3, p. 9-13, ene./ago. 2000 .

RAMOS, D. M. Bissexualismo. *Jornal "A Voz do Espírito"*, n. 77, jan./fev. 1996. Disponível em: <<http://www.terravista.pt/Mussulo/3088/bissex.htm>> Acesso em: 24 ago. 2001.

RISSON, N.M.; MIGOTT, A. M. B. A Visão da Bissexualidade pelo Bissexual. *Revista Médica HSPV*, Passo Fundo, v. 8, n. 19, p. 19-23, 1996.

ROBINSON, P. *A Modernização do Sexo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

ROCHA, J. C. de C. O (Des)leitor de "Raízes do Brasil". *Folha de São Paulo*, São Paulo, n. 559, 27 out. 2002. Caderno Mais!, p. 12-13.

RODRIGUES, J. C.. *O Negro Brasileiro e o Cinema*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

RODRÍGUEZ, A. H. Seminário sobre Masculinidade em el PUEG con el Doctor Robert W. Connell. *Revista de Estudios de Género La Ventana*, Guadalajara, n. 12, p. 312-315, 2000.

ROSS, M. W. A Taxonomy of Global Behavior. In: TIELMAN, R.; CARBALLO, M.; HENDRIKS, A. (Org.). *Bisexuality and HIV/AIDS: a global perspective*. Buffalo: Prometheus Books, 1991. P. 21-26.

ROUANET, S. P. A Técnica Segundo Derrida. *Folha de São Paulo*, São Paulo, n. 497, 19 ago. 2001. Caderno Mais!, 16-17.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SARAMAGO, J. *Todos os Nomes*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, R. *A Brief Dictionary of Queer Slang and Culture*. [S.l.: s.n.], 1997. Disponível em: <<http://www.geocities.com/WestHollywood/Stonewall/4219/>> Acesso em: 6 jul. 2003.

SEFFNER, F. Percepções da Noção de Risco Frente ao HIV/AIDS entre a População Masculina Bissexual na Faixa Etária de 20 a 39 Anos na Cidade de Porto Alegre. Porto Alegre, 1995. Texto digitado.

SILVA, A. P. *Caracterização das Práticas Sexuais dos Voluntários Bissexuais Acompanhados no Projeto Horizonte*. Texto digitado. Trabalho apresentado na IX Semana de Iniciação Científica da UFMG, 2000, Belo Horizonte.

SILVA, R. A. *Sexualidades na Escola em Tempos de Aids*. 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SILVA, T. T. *O Currículo como Fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999a.

SILVA, T. T. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999b.

SILVA, T. T. *Teoria Cultural e Educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000a

SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000b.

SILVA, V. G. da. *Faca de Dois Gumes: percepções da bissexualidade masculina em João Pessoa*. 1999. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999. Texto digitado.

SINGER, H. A Genealogia como Procedimento de Análise. *Escritos*: Departamento de Sociologia/FFLCH-USP, São Paulo, n. 1, p. 17-27, 2. sem. 1994.

SION, F. S. et al. Anal Intercourse: a risk factor for HIV infection in female partners of bisexual men, Rio de Janeiro, Brazil. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON AIDS, 5., 1989, Montréal. *Anais da Conferência Internacional de Aids*, Montréal: [s.n.], 1989. V.1, p. 118.

SOUZA, P. de. *Confidências da Carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

TELES, V. M. C. *Bissexualidade: identidade, identificações e comportamento sexual: um estudo de casos*. 1999. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

TREVISAN, J.S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. (Org.). *Masculinidades y Equidad de Género en América Latina*. Santiago de Chile: Flacso, 1998.

VANCE, C. S. A Antropologia Redescobre a Sexualidade: um comentário teórico. *Physis: revista de saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-31, 1995.

VERÍSSIMO, L. F. *Comédias da Vida Privada*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

VIDAL, G. *Um Momento de Louros Verdes*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

WEEKS, J. Valores Sexuales en la Era del Sida. *Debate Feminista*, México, v. 2, año 6, p. 157-182, abr. 1995.

WEEKS, J. O Corpo e a Sexualidade. In.: LOURO, G. L. (Org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P. 35-82.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 7-72.